

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**PEDAGOGIA DO TREINAMENTO: MÉTODO,
PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS E AS
MÚLTIPLAS COMPETÊNCIAS DO TÉCNICO NOS
JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS**

HERMES FERREIRA BALBINO

**Campinas
2005**

Hermes Ferreira Balbino

**Pedagogia do treinamento: método,
procedimentos pedagógicos e as múltiplas
competências do técnico nos jogos
desportivos coletivos**

**Tese de Doutorado apresentada
à Faculdade de Educação
Física da Universidade de
Campinas.**

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Campinas

2005

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

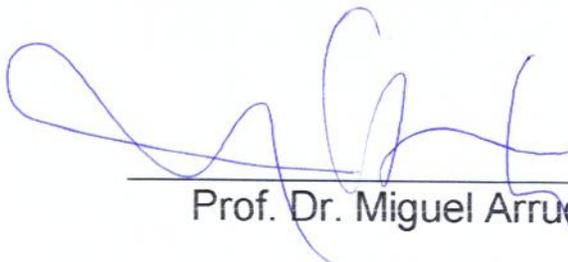
B185p Balbino, Hermes Ferreira
Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos / Hermes Ferreira Balbino. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Treinamento. 2. Jogos em grupo. 3. Esporte. 4. Teatro – técnica. 5. Formação profissional. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde
à redação final da Tese de
Doutorado apresentada por
Hermes Ferreira Balbino
e aprovada em
____/____/____.

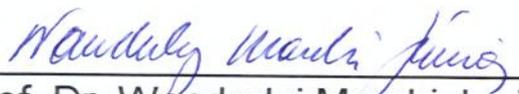
Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes



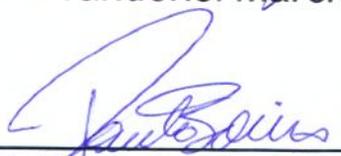
Prof. Dr. Miguel Arruda



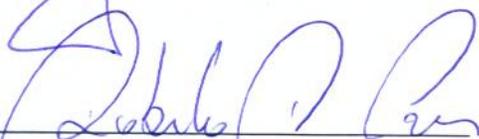
Prof. Dr. Paulo Roberto de Oliveira



Prof. Dr. Wanderlei Marchi Junior



Prof. Dr. João Paulo Borin



Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Homenagem

Aos que marcaram época no Esporte e que com seus exemplos apaixonados pelo Basquetebol, tornaram-se inesquecíveis,

Adriana Santos

Alessandra Oliveira

Cíntia Silva

Dalila Melo

Helen Luz

Hortência Marcari

Jacinto Souza

Janeth Arcain

José Pedro Felício

Leila Sobral

Maria Paula Gonçalves da Silva

Marisia Lebeis

Marly Kekorius

Marta Sobral

Miguel Ângelo da Luz

Nadia Lima

Raimundo Nonato

Renato Brito Cunha

Roseli Gustavo

Ruth de Souza

Sergio Barros

Sergio Maroneze

Silvia Luz

Simone Pontello

Waldir Pagan Peres

Dedico

À minha Família, que com gestos de amor incondicional, me ensinou como chegar até aqui.

Em especial

Mãe Nilsa, Vó Thereza e minha irmã, Kátia

Meus queridos Cléver, Fernando e Bruno

Meus tios Oswaldo, Oscar e Geraldo

Tias Mary, Maria e Pedrilha,

Primos Júnior e Silvia, Maryse e Vítor com Gabriela e Giovanna, Anelyse, Marcos, Marcelo, Beth, Carol, Adriana e Paulo

Aos meus mentores

Pessoas que com pensamentos, palavras e ação, iluminaram meus passos

Professor Padre Luis Ignacio Fernandes Bordignon

Professor Luís Reinaldo Libardi

Professor Roberto Rodrigues Paes

Agradeco

Aos amigos de sempre, para sempre no coraço

Mara, Otávio, Kátia, Cláudio, Guto, Laurindo, Bebê, Preto, Érika, Séfora, Lily, Johnny, Valquíria, Edson, Gilberto, Selma, João Braga, Marcos Frias, José Almeida, Washington Spolidorio, Edgar, Fábio Lopes, Duzinho Tavares, Fábio Ferraz, Paulinho Camargo, Felipe e Rodrigo Almeida, Jorge Gamba, Ana Paula, Daniela, Jacqueline, Cláudio Kano, Flavia Lima, Andressa Tiemi, Dri Diversi, Mabelita

Aos técnicos do esporte que pacientemente me ensinaram

Luís Libardi, Geraldo Rivaben, Fran Camargo, Maria Helena Cardoso, Maria Helena Campos, Miguel Ângelo da Luz, Sergio Maroneze, Waldir Pagan Peres, Nilcea Ravanelli, Antonio Carlos Barbosa, Paulo Bassul, Nestor Mostério, Luiz Cláudio Tarallo

Aos amigos do mergulho

Denison, Roberta, Evelyn, Valéria, Renata, Luís Guilherme, Cássio, Alexandre, Fernando, Sergio, Du Baggi, Ivo Matiello, Jô Furlan, Pereira, Sumara, Vera e Paulo Emerique, Vanessa Rubia

Aos amigos da Pedagogia do Esporte

Uhle, Larissa, Laurita, Miro, Ylane, Henrique, Raquel, Patrícia, Fabi, Camila Moura, Renato, Maurício Galdino, Giana, Ledimar, Marcos André, Gisele, July, Evelyn Lacerda

Aos amigos

Maria Tereza, Helena, Tati, Reinaldo Mythos, Dulce Inês, pelo carinho, pela ajuda, pelo tempo que dedicaram a este estudo

Aos professores e funcionários da FEF-Unicamp e do IASP, pelo carinho e consideração com que me tratam incondicionalmente, especialmente Professores Admilson, Thalita, Edison Duarte, Consolação que com seus exemplos de vida muito me inspiram em sempre seguir em frente,

Aos professores que me conduziram pelos caminhos da Educação Física
Wagner Wey Moreira, Idico Pelegrinotti, Walter Vallerini, Vagner Bergamo, Marcelo Belém, Miguel Arruda, Paulinho Oliveira, Dante De Rose Junior, Paulinho Araújo, Pedro Winterstein, José Carlos Hebling e Alcides Scaglia

Aos amigos professores e treinadores, exemplos de dedicação e competência
João Nunes, Clovis Haddad, José Francisco Daniel, Gelson Barata Gomes, José Elias Proença, João Paulo Borin e Wanderlei Marchi Jr.

Aos irmãos

Sergio Barros, José Guilherme dos Santos, Wilton Santana, Benê Crispi, Paulo César Montagner, Regina Matsui, Márcio Carçudo, Eurico de Campos, Leo Rizzo

A gênios da excelência humana, Beethoven, Mozart, Yanni, Karen Briggs, Paul Simon, Bandler, Grinder, Dilts, Einstein, Mercedes Sosa, Roger Waters e suas obras geniais... através delas experimentei o que é transcender da solidão para a solitude

A todos que me motivaram, na medida em que tiveram paciência, compreensão e respeito comigo, nestes momentos de dedicação, concentração e inspiração para a composição deste estudo, em especial meu Mentor nesta e em outras obras-primas, o querido Robertão.

Agradeço, enfim, à Vida, que me tem sido tão generosa

A vocês,

Muito Obrigado!

RESUMO

Os jogos desportivos coletivos, como parte de modalidades integrantes do fenômeno complexo Esporte, têm se manifestado significativamente no cenário esportivo nacional e sua expressividade tem se confirmado com a participação significativa das Seleções Nacionais em eventos internacionais, com destaque para diversas conquistas de posições expressivas em Jogos Panamericanos, Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos. Técnicos brasileiros de modalidades coletivas têm seus nomes ligados às conquistas das seleções nacionais e tomados como responsáveis diretos pelo sucesso das equipes. Este estudo, realizado com o método de análise de conteúdo através de entrevista semi-estruturada, contou com a participação de oito técnicos esportivos reconhecidos no contexto esportivo nacional e internacional, e teve como objetivos indicar fundamentos para a composição de um corpo teórico que abrigue a Pedagogia do Treinamento integrada à Pedagogia do Esporte e conhecer o conjunto de competências dos técnicos esportivos de seleções nacionais, de modalidades coletivas, com resultados relevantes em âmbito internacional. A proposição da pesquisa foi a de verificar os conjuntos de estratégias e procedimentos que estão além da aplicação de métodos de treinamento, compondo um contexto de ações na condução do processo de treinamento esportivo voltado para o esporte profissional. O corpo teórico, composto em dois capítulos para realizar as análises inferenciais das entrevistas dos sujeitos, abrigou no primeiro capítulo o entendimento dos jogos coletivos, na ótica da descrição de sua estrutura por autores da área, da sua compreensão na perspectiva sistêmica, dos princípios organizacionais e de treinamento. No segundo capítulo, compôs-se pela integração dos conceitos Esporte, Pedagogia e Treinamento, com a finalidade de dar base para o entendimento de estratégias e procedimentos pedagógicos do técnico esportivo. O desenvolvimento do processo de treinamento das modalidades pertencentes aos jogos desportivos coletivos exige o constante relacionamento do treinador com as informações nos mais diversos níveis, e com os conhecimentos desenvolvidos nas ciências do esporte. Concluiu-se que o ambiente do treinamento esportivo é um campo de práticas onde a educação se faz presente, podendo-se justificar a partir daí, uma pedagogia do treinamento e que a ação pedagógica do técnico esportivo transcende o método na medida em que supre as necessidades de procedimentos elaborados na flexibilidade de suas atitudes, e no entendimento de que as suas intervenções também se dirigem a níveis que um programa de treinamento não prevê, pelo padrão de imprevisibilidade dos jogos desportivos coletivos e da compreensão da multidimensionalidade do atleta.

Palavras chaves: Pedagogia do treinamento; Método; Técnico esportivo; Jogos desportivos coletivos.

ABSTRACT

The team sports games, as part of events which integrate the complex phenomenon Sport, have manifested significantly in the national sport scenario and their expressiveness has been confirmed with the significant participation of national teams in international events, with highlights on several conquests of expressive positions in Pan-American, World and Olympic Games. Brazilian coaches from team events have their names linked to the conquests of the national teams and are taken as directly responsible for the teams' success. This study, made with the content analysis method through semi structured interviews, counted with the participation of eight sports coaches recognized in the national and international sports context, and had as targets the indication of fundamentals for the composition of a theoretical body that shelters Training Pedagogy integrated to Sports Pedagogy and the knowledge of the group of competences of sports coaches from national teams, from team events, with relevant results at international level. The research's proposal was to verify the group of strategies and procedures which are beyond the application of training methods, composing a context of actions in the conduction of the sport training process turned to Professional sport. The theoretical body, composed in two chapters to perform the inferential analysis of the subjects' interviews, sheltered in chapter one the understanding of team sports, from the point of view of description of its structure by authors from this area, its comprehension in the systemic perspective, in the organizational and training principles. Chapter 2 was composed by the integration of the Sports, Pedagogy and Training concepts, aiming the base for the understanding of strategies and pedagogic procedures of the sports coach. The development of the training process of the events which belong to the team sports games requires the constant relationship between the coach and information at the most varied levels, and with knowledge developed in sports science. It was concluded that the sports training environment is a field of practices where education makes itself present, making it possible to justify, from then on, a training pedagogy and that the pedagogic action of the sports coach goes beyond the method considering that it fulfills the procedure needs elaborated in the flexibility of its attitude and in the understanding that his interventions are also driven to levels a training program doesn't foresee, by the Standard of unpredictability of the team sports games and the comprehension of the athlete's multidimensionality.

Key words: Training Pedagogy; Method; Sports coach; Team sports games.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Figura esquemática representativa do processo do método de pesquisa.	110
FIGURA 2 – Figura esquemática de círculos que representam a ação pedagógica atuando no processo de treinamento de jogo coletivo, considerando o método e transcendendo sua atuação para outros níveis do atleta ou da equipe.	173
FIGURA3 – Figura esquemática que representa a dialética do treinamento esportivo.	181

SUMÁRIO

Resumo	xvii
Abstract	xix
Lista de Figuras	xxi
APRESENTAÇÃO	01
CAPÍTULO 1	
JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS	14
1 JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS: definição	15
1.1 Características dos JDC	17
1.2 Jogos Desportivos Coletivos: os procedimentos pedagógicos como elemento da organização de um processo de treinamento	18
1.3 Jogos Desportivos Coletivos e a Caracterização de Esforços	19
1.4 Jogos Desportivos Coletivos e a Concepção de Sistema	21
1.5 A Construção de uma Meta Estrutura para Condução de Práticas de Treinamento nos JDC: elementos integrantes	27
1.5.1 O fenômeno da adaptação, segundo Weineck	27
1.5.2 Formas de adaptação	28
1.5.3 Princípios do treinamento esportivo	29
1.5.3.1 Características dos princípios de treinamento esportivo	31
1.5.4 Aspectos da modelagem nos jogos desportivos coletivos	36
1.5.4.1 Elaboração dos modelos de jogos, segundo Teodorescu	37
1.5.4.2 Elaboração dos modelos de jogo, segundo Bota e Colibaba-Evulet	38
1.5.4.3 Elaboração do modelo de jogo, segundo Garganta	40
1.5.5 Princípios organizacionais da estrutura de práticas	42
1.5.6 Meios e métodos do processo de treinamento esportivo	44
1.5.6.1 Métodos pedagógicos de preparação desportiva	45
CAPÍTULO 2	
ESPORTE, PEDAGOGIA E TREINAMENTO	48
2 ESPORTE: caminho para a contemporaneidade	49
2.1 Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo: formação de contextos do início do século XXI	54
2.2 Esporte: aspectos filosóficos	59
2.2.1 Esporte e valores humanos	61
2.2.2 O esporte e a ética	65
2.3 O Jogo: elemento essencial do contexto esportivo	65
2.4 O jogo como Recurso Pedagógico	67
2.5 Esporte: visão paradigmática	68
2.6 A Pedagogia e a Necessidade de um Campo de Conhecimento para a Sistematização das Práticas Esportivas	74
2.7 Pedagogia e Práticas esportivas	75

2.8 Pedagogia do Esporte e a Amplitude de sua Atuação	81
2.9 Perspectivas Epistemológicas para a Pedagogia do Esporte	83
2.10 A pedagogia do treinamento	90
2.10.1 Técnico esportivo: o agente da pedagogia do treinamento	96
CAPÍTULO 3	
PROCESSO, MÉTODO E PESQUISA	101
3 ESCOLHA E CONTEXTUALIZAÇÃO DE UM MÉTODO: a análise de conteúdo	102
3.1. Critérios da Pesquisa	104
3.2 Aspectos Éticos da Pesquisa	105
3.3 Elaboração do Roteiro de Perguntas	106
3.4 Roteiro Básico	106
3.5 Apresentação da Pesquisa: análise de dados coletados e discussão dos resultados	111
3.5.1 Caracterização dos entrevistados	111
3.5.2 A Pesquisa – apresentação dos conteúdos extraídos	112
3.6 Síntese da Pesquisa: considerações sobre as análises	170
3.6.1 Entendendo a hipótese	170
3.6.2 As proposições fundamentam a tese	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190
ANEXOS	199
Anexo A	200
Anexo B	201

APRESENTAÇÃO

“Será também como um homem que, tendo de viajar, reuniu seus servos e lhes confiou seus bens. A um deu cinco talentos; a outro, dois; e a outro, um, segundo a capacidade de cada um. Depois partiu. Logo em seguida, o que recebeu cinco talentos negociou com eles; fê-los produzir, e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebeu dois, ganhou outros dois. Mas, o que recebeu apenas um, foi cavar a terra e escondeu o dinheiro de seu senhor.” (MT, 25, 14-18).

Este estudo foi realizado com pessoas que, inseridas no contexto esportivo, multiplicam talentos. Apresentamos oito técnicos que participaram desta pesquisa e se dispuseram a contribuir, através das entrevistas concedidas, com as ciências do esporte e com a comunidade esportiva de uma maneira geral.

José Roberto Guimarães, como técnico da Seleção Brasileira Masculina de Voleibol conquistou a medalha de ouro na Olimpíada de Barcelona, o Top Four no Japão em novembro do mesmo ano, em 92, e foi campeão em 93 da Liga Mundial. Com a Seleção Feminina, foi vice-campeão na Copa do Mundo do Japão e do Grand Prix em 2004 e quarto colocado na Olimpíada de Atenas.

Hélio Rubens Garcia, como técnico da Seleção Brasileira Masculina de Basquetebol foi Campeão Sul americano, Vice Campeão do Pré Mundial, medalha de ouro nos Jogos Pan Americanos, Campeão do Super Four na Argentina, medalha de bronze do Goodwill Games da Austrália.

Miguel Ângelo da Luz, como técnico da Seleção Brasileira Feminina de Basquetebol conquistou o Campeonato Mundial em 1994, em Sidney, na Austrália, e a Medalha de Prata nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

Bernardo Rocha de Rezende como técnico da equipe nacional feminina foi tri campeão mundial do Grand Prix, versão feminina da Liga Mundial, Vice Campeão

Mundial, Campeão Pan Americano. E como técnico da seleção masculina, campeão em duas Ligas Mundiais, um Campeonato Mundial, uma Copa do Mundo e conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas.

René Simões, como técnico da Seleção Brasileira Feminina de Futebol conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas. Pela Seleção Masculina de Futebol sub-23, foi campeão do Torneio de Toulon, na França.

Alexandre Trevisan Schneider, técnico da Seleção Brasileira Feminina de Handebol, foi campeão dos Jogos Panamericanos de Santo Domingo e com a equipe obteve a classificação para as Olimpíadas de Atenas.

Alberto Rigolo, técnico da Seleção Brasileira Masculina de Handebol, foi campeão Panamericano nos Jogos de Santo Domingos e Tetra-campeão Sul-Americano.

Carlos Alberto Parreira, técnico da Seleção Brasileira Masculina de Futebol, foi campeão do Mundo em 94 e Campeão da Copa América em 93.

INTRODUÇÃO

O treinamento esportivo é reconhecido como um processo complexo, em que o desempenho final do atleta ou da equipe é resultado da síntese de diversos fatores. Seu entendimento e explicação são gerados do domínio das informações das Ciências do Esporte, e fundamentalmente pela habilidade e competência que o técnico esportivo tem em tratar adequadamente esse conjunto de elementos presentes no ambiente de treinamento. Existe um jogo constante e dialético entre as teorias balizadoras do Esporte, do Treinamento Esportivo, em seu relacionamento com as práticas dos técnicos. É de se considerar que o decorrer do processo de treinamento dos jogos coletivos desportivos, nosso objeto de estudo, evidencia cada vez mais o conhecimento das teorias que norteiam suas práticas, como também o desenvolvimento e estímulo constante das competências do técnico para interagir com os problemas que se apresentam.

Nesta perspectiva, nos chama a atenção o desempenho de alguns técnicos esportivos pelos resultados alcançados em competição e pelo poder de transformação que manifestam na direção de processos de treinamento. O que fez com que esses técnicos alcançassem sucesso no Esporte? O escopo de seus conhecimentos e competências, os métodos de treinamento utilizados, o contexto da competição, fatores psicológicos, condições de preparação, os relacionamentos que se formaram nas equipes? Quais são as estratégias de destacados técnicos de modalidades pertencentes aos jogos desportivos coletivos que superam as relações seqüenciais apontadas pelo método? São perguntas que impulsionam o tema desse estudo

A abordagem da pesquisa nos remeteu a escolher sujeitos significativos para o contexto nacional dos jogos desportivos coletivos e que, pelos resultados obtidos, são referências para outros profissionais dessas modalidades. O eixo norteador deste estudo aponta para o conjunto de habilidades e competências e a visão do treinador de sucesso para coordenar um processo de treinamento esportivo. Essa abordagem se justifica por três pontos estruturais do direcionamento da pesquisa, que chamamos de **meta estrutura** do estudo.

O primeiro ponto de apoio é determinado por observações do pesquisador feitas em vários anos de atividade como profissional do Esporte. Essas

observações foram focadas na utilização dos métodos de treinamento pelos treinadores com quem trabalhou, e das relações interpessoais que se estabeleciam entre os técnicos e os atletas, tendo em conta os conteúdos de treinamento, relacionamentos em grupo, poder motivador, de liderança e de convencimento do técnico, bem como a qualidade dos relacionamentos estimulados por esses treinadores e que otimizavam o desempenho de toda a equipe, incluindo-se aí a comissão técnica.

O segundo ponto de apoio está relacionado com as reflexões que Bento (1999) faz a respeito dos contextos e perspectivas da Pedagogia do Esporte, ao tomar o treinador como um agente pedagógico. O autor considera o técnico esportivo personagem importante e significativo para reflexão e investigação, devido à influência que exerce nos atletas: em atitudes, comportamentos, princípios, valores, orientações e sentido de vida. A reflexão sugere a investigação das competências que devem o técnico dispor para agir pedagogicamente, o processo de formação de tais competências, e a relação que essa formação pedagógica pode ter com o sucesso de tais treinadores. As reflexões do autor sobre o tema estão sintetizadas na pergunta: Como é a relação pedagógica entre o treinador e o atleta?

O terceiro elemento que sustenta a abordagem está ligado a estudos de dois autores que tratam do desempenho humano em diversas áreas de atuação.

Primeiro, em Maslow (1970), que pesquisou pessoas que faziam uso e a exploração plena de talentos, capacidades, potencialidades. O autor realizou seus estudos sobre a natureza humana com os melhores exemplos que pôde encontrar, pessoas que apresentavam um sistema diferente de motivação, emoção, valor, pensamento e percepção. Exemplificando, Maslow (1970) colocava que para estudar a rapidez com que os seres humanos podem correr, dever-se-ia trabalhar com os melhores atletas e corredores disponíveis para a investigação. Para ele, não teria sentido tratar com uma amostra média da população.

Outro autor a ser considerado é Gardner (1994, 1999, 1998, 2000, 2004), que tem se dedicado a estudar as competências humanas e o âmbito de suas manifestações, através da criatividade, da liderança, da inteligência, e do que

chama de gênero “mente extraordinária”. Interessante é notar, que em sua obra, Gardner demonstra acreditar que cada um de nós abriga dentro de si os ingredientes fundamentais desse tipo diferenciado de comportamento da mente. Para este autor, ter a compreensão de mentes de pessoas extraordinárias nos permitiria não só realizar mais como seres humanos como também darmos uma contribuição importante à nossa sociedade.

A partir dessas considerações iniciais, tomamos para nossos estudos técnicos esportivos nacionais que têm em sua história profissional desempenho significativo, manifesto por conquistas em competições nacionais e internacionais, e são reconhecidos internacionalmente.

Na caracterização do ambiente de ação desses técnicos, temos os jogos desportivos coletivos inseridos sistema maior Esporte que tem se mostrado como um dos maiores fenômenos da Humanidade nestas últimas décadas. Mostra-se como um fenômeno presente de forma intensa na vida de muitas pessoas, tendo implicações no campo da Saúde, da Educação, do Lazer, do Trabalho, da Política, da Cultura, do Marketing, da Moda, entre outros.

Os Jogos Desportivos Coletivos compõem-se de uma manifestação do Esporte onde várias metáforas da vida formam o seu rico potencial educativo para o desenvolvimento humano, desde a iniciação até os estágios de competição no seu âmbito profissional. Diante da plural e diversificada caracterização dos Jogos Desportivos Coletivos, os atletas que dele participam tem sido exigidos cada vez mais em seu nível de performance, nos vários aspectos de rendimento.

Sendo a atividade do técnico voltada para manifestações do atleta em sua totalidade, é importante considerar que os problemas por ele tratados no ambiente de treinamento e competição se dirigem à dimensão total do desempenho, considerada por Gallahue (1978), que traz a abordagem do Rendimento Total. Essa visão multifacetada se compõe do aspecto Físico, Mental, Emocional, Social e Espiritual. Tendo em vista essa abordagem, faz-se necessário analisar a importância da atuação e desempenho humano em cada um desses aspectos, e das possibilidades de interação do técnico esportivo com essas exigências.

No Físico, pela intensidade de estilo de jogo e número de competições em uma temporada, o que fatalmente provocou alterações significativas nos métodos de treinamento utilizados. No Mental, pelas novas concepções estratégias e táticas desenvolvidas e provocadas pela própria evolução das áreas do conhecimento que envolve os Jogos Desportivos Coletivos. No Emocional, pelas exigências do processo em seus aspectos gerais, que afetam diretamente a qualidade de vida dos envolvidos, desde os atletas até os relacionamentos com seus familiares, técnicos e outros profissionais envolvidos. No Social, pelo comprometimento com a sociedade, gerando exemplos de comportamentos e atitudes manifestas, como também do compromisso da formação de modelos para os mais jovens que se iniciam na vida esportiva. No Espiritual, pela busca do relacionamento com a essência do ser, os processos de auto-conhecimento e o próprio sentido do jogar, levando à convivência com algo a mais que está presente na vida das pessoas, mas que ainda não se pode responder pela visão do mundo concreto e judicioso da razão lógica.

Desta forma, o processo de Treinamento Esportivo passa da visão de práticas preparatórias para uma visão mais ampla e comprometida com o desenvolvimento do atleta dentro de uma abordagem que caminha para a evolução e formação do Ser Integral, através do Esporte. Nesta interface da estrutura da Metodologia do Treinamento e seus objetivos próprios de desempenho, a busca pelo desempenho no Esporte Contemporâneo sugere a integração com o objetivo de formar cidadãos através da prática esportiva, e desta maneira surge a necessidade de enriquecer os procedimentos presentes no contexto de preparação e competição dos Jogos Desportivos Coletivos com adequado tratamento pedagógico.

Como base para esse tratamento pedagógico, tem-se a metodologia do treinamento esportivo e seus indicativos de práticas, na medida em que ela valoriza, identifica e classifica as várias competências do indivíduo para a participação e desempenho esportivo, nas suas diversas manifestações. Dentro deste ambiente inicialmente voltado para leituras lógicas de causa e efeito, ou seja, determinado conjunto de tipos de treinamento corresponde a um específico

desempenho, sabe-se que nem sempre essa relação lógica é verdadeira, ou exata.

A fim de ter-se entendimento desse contexto geral, e pela própria composição do corpo teórico sugerido pelo método de pesquisa, durante o estudo serão traçadas considerações sobre os Jogos Desportivos Coletivos e os relacionamentos que dentro dele se estabelecem, em diversos níveis. Desde a Metodologia do Treinamento e seus conceitos gerais, até as exigências e intervenções pedagógicas que podem provocar o seu entendimento e compreensão pela ótica do técnico.

Diante do quadro esportivo e das necessidades e exigências que o Esporte manifesta nos dias de hoje, faz-se necessária uma reflexão sobre os processos de preparação de atletas, desde sua formação até as fases mais adiantadas de treinamento e rendimento. Assim, é coerente a busca de novas abordagens para os tratamentos pedagógicos na preparação, prática e competição dos Jogos Desportivos Coletivos, em virtude dos relacionamentos que são possíveis de se estabelecer dentro desse sistema, na medida em que constantemente processa informações dos mais variados tipos.

Podemos citar as manifestações relativas à utilização do corpo para resolver problemas motores, as relações lógicas e racionais que se estabelecem neste ambiente, a expressão de idéias através da comunicação verbal e não verbal, a localização espacial com referência às movimentações dos outros elementos do grupo durante treinamentos e jogos, o despertar de líderes e aceitação dos liderados, até os problemas que são resolvidos nos relacionamentos interpessoais, dentro da prática esportiva.

Diante deste quadro complexo e desafiador, a competência do técnico em tratar com todas essas variáveis e utilizá-las no processo de treinamento esportivo pode determinar o sucesso de um processo, bem como o seu fracasso.

Todas essas colocações se fazem necessárias pelas próprias justificativas deste estudo, enquanto provocam inquietações constantes geradas no cenário do Treinamento Esportivo, estruturado em conceitos que desde sua concepção privilegiam a aprendizagem e treinamento sistemático e metódico das

modalidades esportivas e a manifestação mensurável do desempenho e rendimento atlético. Alguns estudos já apontam para novas abordagens e conceitos que dão base à elaboração da Metodologia de Treinamento Esportivo, como entendem Bota e Colibaba-Evulet (2001), que qualquer jogo desportivo pode ser considerado como um sistema diverso e complexo, integrado por elementos ou subsistemas que atuam em sinergia com objetivos voltados para a competição.

Os Jogos Desportivos Coletivos são ambientes ricos na excelência da imprevisibilidade, sendo esta uma de suas características mais importantes. Uma situação ou conjunto de situações iguais não ocorre, sendo impossível prevê-las em treinamento. Porém, segundo Garganta (1998), existem os possíveis previsíveis, o que justifica e dá sentido aos processos de preparação e treinamento. Outra característica de relativa importância gira em torno das relações que os Jogos provocam e estabelecem, formando assim, um cenário repleto de oportunidades que apontam para a formação integral.

É inevitável dentro desse contexto diverso que se forma, que a intervenção ou o conjunto de atitudes que compõem um processo de instrução nos jogos esportivos coletivos seja um dos fatores mais importantes para alcançar os objetivos desejados no ambiente dos Jogos Desportivos Coletivos, permitindo assim resolver os constantes desafios que são oferecidos. Apontando para a necessidade de entender os processos de resolução de problemas, nessa abordagem, como um processo, Krebs et al. (1996) indicam que o conseqüente processamento de informações se relaciona diretamente com o contexto, experiências anteriores, capacidade de adaptação do indivíduo e das exigências dos desafios a que se expõe o indivíduo.

As experiências vividas em ambiente esportivo possibilitam o reconhecimento dos aspectos pedagógicos no Treinamento Esportivo. Tão importante quanto o **que** fazer, é o **como** fazer, localizando aí a atuação pedagógica sob a abordagem e consciência dos procedimentos pedagógicos que atuam em conjunto para compor um quadro desafiador para estimular o atleta a resolver problemas. Não basta somente exigir manifestações de competência. O

que valida a característica essencialmente pedagógica do treinamento é a condição primária de estimular tais manifestações de competências.

Considerar o acaso e a imprevisibilidade se constitui em bases consistentes para interagir com a complexidade do fenômeno Esporte, especialmente dos jogos desportivos coletivos, nosso objeto de estudo. Em uma compreensão inicial, o relacionamento de professores e técnicos com os procedimentos pedagógicos convergem-se para a forma lógica, linear e previsível de entender o jogo, suas constantes e variáveis. Nada mais são do que reflexo de um contexto mais amplo, articulado pelos sistemas de educação e ensino presentes na maioria dos ambientes pedagógicos. Porém, existe a perspectiva de considerar e entender as manifestações do Esporte em outras óticas, indicando para outros estímulos das competências do indivíduo em treinamento. A tomada de consciência dessa concepção possibilita ao técnico e outros profissionais do Treinamento Esportivo, alternativas para identificar e desenvolver potencialidades de atletas que participam do processo esportivo, engajado nos jogos desportivos coletivos, que em alguns momentos denominaremos, em forma abreviada, de JDC.

Outra orientação que para o melhor entendimento dos temas expostos e referentes ao fenômeno Esporte, diz respeito à semântica da utilização dos termos *desporto* ou *esporte*, e de seus derivativos *desportivo* e *esportivo*. Em seus levantamentos, Tubino (1987) aponta que em nosso país há um uso indiscriminado das palavras nesse sentido, bem como uma relativa relevância de relação entre o termo utilizado e o seu conteúdo, nas hipóteses do uso de esporte ou desporto. Conclui que qualquer uma das opções atende para a percepção da abrangência conceitual do fato esportivo, não havendo distinção de significado, conceito ou conteúdo. Então, para este estudo, fica que *Esporte e Desporto, esportivo e desportivo* se referem ao mesmo conteúdo.

A atuação da Pedagogia do Esporte, no sistema que se forma com técnico e atleta e suas conseqüentes relações no cenário dos JDC, manifesta-se desde o plano individual até o coletivo, integrando essas relações à equipe e suas ações. Os procedimentos pedagógicos buscam a sinergia entre os vários fatores, como

habilidades motoras, capacidades físicas, aspectos da estratégia tática, relacionamento interpessoal e intrapessoal dos indivíduos.

Nesta perspectiva, entende-se a relevância da abordagem Sistêmica, na medida em que no cenário dos Jogos Desportivos Coletivos existem relações entre seus elementos participantes, dentro das conexões internas e externas a esse ambiente. Em outra visão, há a diversificação de conceitos da Lógica Interna dos jogos desportivos coletivos, pela construção de meta estruturas que justificam a elaboração de práticas envolvendo a preparação para a compreensão de uma lógica baseada nos diversos relacionamentos que se formam a partir da interação dos subsistemas presentes nos jogos desportivos coletivos.

Entre os elementos construtores do contexto dos JDC, e que são significativos para sua caracterização e entendimento, destacam-se a imprevisibilidade, acaso, necessidade de flexibilidade constante para interagir com situações diversificadas e plurais neste ambiente específico. A partir daí, o técnico esportivo pode trabalhar com os pressupostos que sustentam seus procedimentos e consideram a flexibilidade dos mesmos para integrar as diversas competências do indivíduo que constantemente interagem com o complexo sistema de práticas de preparação e jogo formal e suas exigências. Com estes fundamentos, a hipótese deste estudo, que em seu desenvolvimento se apresentará como a tese, é que ação pedagógica transcende o método. A afirmativa se refere à atuação do técnico esportivo em referência aos seus procedimentos que compõem sua prática e não são previstos na aplicação dos métodos de treinamento no ambiente de treinamento.

Concordando com os temas anteriormente expostos, os objetivos gerais deste estudo direcionam-se para refletir a respeito da complexidade do fenômeno Esporte, e indicar fundamentos para a composição de um corpo teórico que abrigue, a partir destas reflexões, a Pedagogia do Treinamento integrada à Pedagogia do Esporte.

Os objetivos específicos se orientam, inicialmente, por investigar as competências dos técnicos esportivos de seleções nacionais, de modalidades coletivas, com resultados relevantes em âmbito internacional, como também

investigar os conjuntos de estratégias e procedimentos que estão além da aplicação de métodos de treinamento, compondo um contexto de ações próprias do técnico, na condução do processo de treinamento esportivo voltado para o esporte profissional.

Com o intuito de atender as questões anteriormente mencionadas, foi escolhido o método de “análise de conteúdo” (BARDIN, 1977), que é exposto com maiores detalhes no capítulo três. O método pressupõe uma análise prévia do problema, levantamento de hipóteses, objetivos, e de um corpo teórico que permita fazer análises e inferências de modo a extrair das falas dos sujeitos os temas, em uma perspectiva científica, que são aqui investigados.

Diante do exposto, a expectativa é de que as experiências dos entrevistados possam constituir um referencial de estratégias de procedimentos aplicáveis no contexto do esporte profissional, e através deste conhecimento, técnicos esportivos das modalidades coletivas, acadêmicos da Educação Física, cientistas do Esporte e membros da comunidade esportiva possam ser beneficiados com o enriquecimento do referencial teórico científico da área esportiva, com indicativos para a constituição de uma Pedagogia do Treinamento Esportivo.

O estudo se refere ao esporte profissional e tem intenção de trazer à luz do conhecimento científico, as competências e base para os procedimentos pedagógicos dos técnicos indicados como sujeitos da pesquisa, bem como sua visão do fenômeno Esporte, servindo de referência para elaboração de processos no futuro e constantemente sujeitos à condição de evolução das ciências do esporte e não tem como propósito estabelecer um rol de competências que indiquem o perfil do técnico ideal para o esporte profissional, ou mesmo indicar estratégias que sirvam para todo e qualquer tipo de situação de treinamento esportivo.

CAPÍTULO 1

JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

1 JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS: definição

Os jogos desportivos coletivos, como parte de modalidades integrantes do fenômeno complexo Esporte, têm se manifestado com destaque no cenário esportivo nacional, desde o final do século XIX com o futebol, e no decorrer do século XX, com outras modalidades como o Basquetebol, o Voleibol, o Futsal e o Handebol. No âmbito nacional, sua expressividade tem se confirmado com a participação significativa das Seleções Nacionais em eventos internacionais, com destaque para diversas conquistas de posições expressivas em Jogos Panamericanos, Campeonatos Mundiais, Jogos Olímpicos, Liga Mundial de Voleibol, para os homens e Grand Prix de Voleibol, competição para as mulheres, e outros eventos promovidos pelas federações internacionais das respectivas modalidades, como os campeonatos sul-americanos. O sucesso e a significância do processo de treinamento estabelecido é comprovado pela participação nas quatro últimas edições dos Jogos Olímpicos, pelo número de atletas brasileiros que atuam em centros significativos e relevantes do esporte mundial, bem como pelo reconhecimento dos técnicos das equipes pelas entidades internacionais, representativas das modalidades. Técnicos brasileiros de modalidades coletivas têm seus nomes ligados às conquistas das seleções nacionais e tomados como responsáveis diretos pelo sucesso das equipes, e citamos alguns exemplos, sendo do basquetebol Miguel Ângelo da Luz, Antonio Carlos Barbosa, Maria Helena Cardoso, do voleibol José Roberto Guimarães, Bernardo Rezende, do futebol Carlos Alberto Parreira, Luiz Felipe Scolari.

O jogo desportivo coletivo, segundo Bota e Colibaba-Evulet (2001, p.15), representa-se pelo:

Conjunto de exercícios físicos praticados sob a forma de jogo com um certo objeto (bola, disco) de dimensões diferentes, mediante o qual duas equipes ou dois adversários competem entre eles sob certas regras de organização e desenvolvimento.

Teodorescu (2003, p. 23) compreende que jogo desportivo coletivo significa mais que simplesmente ações voltadas para a dimensão do movimento do homem, e estabelece a analogia para o jogo de organizações representadas por sistemas sociais, e define assim jogo desportivo coletivo:

O jogo desportivo coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através da luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo), manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

A concepção de jogo desportivo coletivo, construída pelos autores, permite estruturar um primeiro plano de relações com exigências e necessidades que o seu ambiente propicia. No plano físico orienta sua compreensão para diferentes tipos de estímulos, no significado de conjunto de exercícios. O plano social remete à idéia de sistemas sociais, onde a qualidade de relacionamentos entre os companheiros de uma mesma equipe se opõe a um outro sistema de relacionamentos de adversários, em ação conjunta para formar a idéia de jogo, em relação não hostil.

A tendência desses sistemas quando se enfrentam em clima de hostilidade é terminar com a ação de jogar, pois o jogo pára, dá lugar para a violência e se estabelece um outro tipo de relacionamento, que não mais se caracteriza como jogo desportivo coletivo. Delimita-se a atuação da comunicação sócio-motriz (PARLEBAS, 1987) e de competências pessoais e interpessoais, para que os objetivos do jogo sejam atingidos, em sistemas de cooperação direta entre os membros de uma mesma equipe, e indireta, entre os adversários, no processo de contra comunicação (PARLEBAS, 1987).

A construção das estratégias e da tática do jogo, a fim de atingir a situação de finalização, seja na ofensiva como na defensiva, solicitam inteligência e cooperação, segundo Garganta (2000), e diante dos padrões de ação determinados pelo conjunto de regras preestabelecidas, provocam diversificados conjuntos de situações-problema que devem ser resolvidos por quem joga. Esses conjuntos e situações se dirigem às mais diversas competências e habilidades do indivíduo, e a sua atuação no jogo se referencia constantemente à elaboração de

ações estimuladas e exigidas pelo complexo de variáveis, imprevisível seqüência de ações e interação de sujeitos no sistema formado pelo jogo desportivo coletivo.

1.1 Características dos JDC

Os jogos desportivos coletivos caracterizam-se, entre outros fatores, pela predominância da variância técnica, por solicitações e efeitos cumulativos morfológicos funcionais e motores e por um intenso envolvimento das habilidades de estratégias mentais e manifestação das emoções (TEODORESCU, 2003). Devido a essas exigências, que estimulam processos adaptativos, influenciam diretamente o desenvolvimento multifacetado do indivíduo em variadas dimensões e níveis de adaptação (WEINECK, 1991), bem como permitem, através destas exigências e estímulos, o desenvolvimento integral do indivíduo.

Uma outra característica que o jogo desportivo coletivo comporta, diz respeito à exigência da habilidade espacial em poder movimentar um jogo único na mente do sujeito, quando tem inicialmente consigo os possíveis previsíveis (GARGANTA, 2000) construídos pelo conjunto estrutural do jogo, suas regras, orientações do técnico, e vivências anteriores. Nos JDC, aleatoriedade do contexto, somada à imprevisibilidade seqüencial de ações, provoca no atleta a constante necessidade de se projetar os possíveis momentos seguintes, nas combinações formadas pelos vários modelos de jogo possível, existentes em cada sujeito que participa do jogo. Essa condição de intersubjetividade, ou seja, a trama de experiências internas que cada indivíduo estabelece ao jogar, é um dos elementos provocadores da alternância imprevisível de situações e resultados das ações de jogo.

Em uma análise pontual, de elementos concretos, Teodorescu (2003) indica as principais características dos jogos desportivos coletivos:

- existência de um objeto de jogo (bola, bola oval, disco do hóquei sobre o gelo);
- disputa complexa, individual e coletiva, correlacionadas
- regras de jogo unitárias e obrigatórias;
- presença obrigatória de arbitragem;

- limitação da duração do jogo, em tempo ou em objetivos definidos, como pontos ou sets;
- existência de técnica e tática específicas;
- caráter organizado de competições;
- organização da atividade nacional e internacional;
- existência de teorias e práticas gerais e específicas, no que dizem respeito à técnica, tática, treinamento e suas metodologias;
- existência do espetáculo desportivo.

1.2 Jogos Desportivos Coletivos: os procedimentos pedagógicos como elemento da organização de um processo de treinamento

Um grande número de elementos intervem em um processo de preparação nos jogos coletivos esportivos, tendo em conta sua complexidade. A relevância e o foco das capacidades físicas que dão base à construção da forma específica e que permitem a manifestação ótima das habilidades específicas, a aciclicidade das ações, as execuções da técnica em diferentes posições de equilíbrio, o dinamismo da tática e suas exigências psicofísicas para o desempenho de equipe, a alternância de ritmo das ações, ora com esforços intensos, ora com períodos de pausa, conferem aos jogos desportivos coletivos características específicas que os diferenciam de outros conjuntos de modalidades esportivas.

Essas características determinam particularidades às formas de organização de treinamento dos atletas, e também caracterizam especificamente a prática que visa seu treinamento. Por conseguinte, os procedimentos que são elaborados necessitam de um tratamento adequado, na expectativa de que as adaptações conseguidas nos treinamentos atendam às exigências específicas de competição.

É de se considerar os fundamentos que regem primariamente a concepção das práticas para os jogos esportivos coletivos, a fim de se obter resultados específicos nestes procedimentos. Consideramos, então, para a compreensão e composição de um processo que determine a elaboração de práticas de treinamento, a partir de sua inserção no fenômeno Esporte, que é necessário ter

em conta a fundamentação dessas práticas em princípios que regulamentam a escolha dos exercícios, a seqüência e duração das atividades, os objetivos a serem formulados, o entendimento das relações entre os elementos presentes no sistema, os fundamentos da organização de execução dos exercícios.

Na abordagem dos pressupostos da complexidade, intersubjetividade, imprevisibilidade, a compreensão do processo de práticas de jogos desportivos coletivos se dá inicialmente pela sua concepção de Sistema, que manifesta resultados em suas relações, desenhados pelo Princípio da Modelagem, em práticas orientadas por Princípios organizacionais fundamentados nos Princípios de treinamento que são primariamente entendidos sob a ótica do Princípio da adaptação. Esses elementos, considerados de maneira processual, visando o aperfeiçoamento plural do indivíduo, promovendo interligações necessárias e, através da sua manifestação pelos exercícios físicos repetidos de maneira sistemática e padronizados, formam os Métodos de treinamento.

1.3 Jogos Desportivos Coletivos e a Caracterização de Esforços

Os Jogos Desportivos Coletivos apresentam, basicamente, a mesma caracterização de esforços, no que se refere às exigências de capacidades físicas, tanto básicas como de forma especial. Teodorescu (2003) indica que dentro dessa semelhança primária, as capacidades integram-se de forma a permitir a manifestação ótima em diferentes sucessões e com importantes diferenças, no que dizem respeito à sua proporção na composição do padrão particular de especificidade das modalidades. Assim, compõem-se de esforços específicos de intensidade e duração variáveis, de intensidade máxima e submáxima, capacidades físicas diversificadas e complexas e regime de requisição de fontes energéticas mistas.

Demonstrando caráter acíclico de ações de duração variável, os JDC manifestam as capacidades físicas em curtos intervalos de tempo, em regimes máximos e submáximos, com predominância para os regimes de velocidade/força e velocidade/resistência (KIRKOV, 1984; BAYER, 1987; FERNANDES, 1994).

De modo comum aos JDC, as capacidades físicas, exigidas de forma complexa e diversificadas em seus regimes de manifestação, são:

- resistência: média, longa e curta duração;
- força: dinâmica, explosiva, e resistência de força;
- velocidade: lançada e resistência de velocidade;
- coordenação;
- flexibilidade.

A maior parte das ações é executada sem a bola, porém em ritmos variados, o que exige as mais variadas formas de corrida, em curtas, médias e longas distâncias, podendo haver trocas bruscas na intensidade, dentro de uma movimentação tática ou em um conjunto delas, provocando, assim, exigência de processos metabólicos de liberação de energia das fontes aeróbias, anaeróbias e mistas.

A nosso ver, são importantes fatores de performance, a resistência e padrão de demonstração de técnica em regime de fadiga, em contexto que imprime também níveis consideráveis de tensão psicológica, pela precisão técnica exigida na execução de movimentos, que em algumas situações são evidenciados pela procura de correções em sua execução, quando julgada inadequada.

Alguns autores (BALBINO 1993; JABUR, 2001; VALQUER e BARROS 2004; RIZOLA NETO, 2003; HADDAD; DANIEL, 2005) estudiosos das ciências do esporte em seu modo aplicado a modalidades coletivas, têm tratado a questão do treinamento das capacidades físicas de maneira a integrar o treinamento físico aos objetivos do processo que dizem respeito especificamente ao desempenho dos aspectos da técnica e da tática. Nesta perspectiva, o treinamento físico se adapta às condições específicas do jogo, demonstrando necessidade de integração da prática da exigência e desenvolvimento das capacidades físicas que visam aumentar o desempenho técnico e da manifestação deste desempenho na tática de jogo.

Este tipo de direcionamento, que determina pressupostos para o planejamento do processo de treinamento, parte do estudo das características do jogo, bem como da aplicação de sistemas táticos, qualidade do grupo de atletas e

suas características, do estilo de jogo a ser executado e dos objetivos de treinamento que atendam a estas exigências. Os autores colocam que inicialmente existem metas a se cumprir, tendo como norteadoras a técnica e a tática, a fim de planejar o processo de treinamento ser desenvolvido nas respectivas etapas.

Nesta perspectiva, o treinamento físico não significa um enfoque fragmentado do processo ou uma dimensão separada do processo de treinamento, mas integrativo e que determinante da otimização do desempenho nos parâmetros determinados pela comissão técnica.

A diferença nas análises que os autores (BALBINO 1993, JABUR, 2001, VALQUER E BARROS 2004, RIZOLA NETO, 2003, HADDAD; DANIEL, 2005) constata em sua revisão de literatura, indica que não existe um perfil ideal e caracterização única para o modelo exato de treinamento das capacidades físicas das modalidades coletivas. Existem estilos e composições de estratégias e táticas diversificadas, definidas pelo processo de planejamento. A abordagem do treinamento físico segue a tendência de dar suporte e condições de o atleta responder às exigências do plano de jogo.

1.4 Jogos Desportivos Coletivos e a Concepção de Sistema

Diante da visão de interação entre os elementos que compõe o sistema jogo desportivo coletivo, para entendê-lo de maneira abrangente e adequada, é necessário analisarmos suas associações em visão sistêmica, como princípio paradigmático da compreensão deste contexto.

O pensamento na perspectiva sistêmica valoriza os relacionamentos entre os elementos participantes do sistema proposto. Alcançar objetivos nos sistemas de preparação significa otimizar as relações entre o pedagogo esportivo e os atletas, bem como das relações geradas partir daí, com outros subsistemas que se originam destas relações. Estes subsistemas podem se dirigir à segmentação em sistemas menores, para o foco intrapessoal, ou para sistemas maiores, focados para a interpessoalidade.

A Teoria Geral dos Sistemas surge em meados do século XX, proposta pelo cientista austríaco L. von Bertalanffy, atendendo à necessidade da abordagem unitária dos métodos e módulos utilizados em todas as ciências. Em essência, propõe a abordagem interdisciplinar da atividade em questão, no caso os jogos desportivos coletivos, e ao mesmo tempo, a abordagem inter-relacional entre os tipos de elementos (subsistema, sistema) que pertencem a alguns domínios existenciais diferentes, sejam eles relativos a pessoas ou a outros elementos do ambiente.

Para o entendimento da aplicação dos princípios da visão sistêmica nos jogos desportivos coletivos, Bota e Colibaba-Evulet (2001) procuram responder às questões que envolvem a essência e a imagem completa do sistema. O modelo proposto pode ser representado pela interação entre Elemento (exercício, jogo, tática, atleta, pedagogo), conexões internas com a dimensão total do indivíduo (físico, mental, emocional, social, espiritual) e as conexões externas com o Ambiente.

Os autores definem características do sistema como sendo um grupo de subsistemas ou elementos aparentados, ou seja, que estabelecem relações entre si. Esses subsistemas apresentam conexões internas com o Meio externo. Representa-se o sistema também como grupo de elementos semelhantes, formadores de conexões internas e externas que agem para a finalidade do sistema global. Os fins do sistema estão associados à relação global sinérgica entre o sistema, subsistemas e elementos amplificadores (BOTA; COLIBABA-EVULET, 2001).

Esta definição apresenta etapas de construção dos modelos associados ao sistema, tendo por objetivo a representação simplificada da estrutura e das funções internas do sistema, relacionando-se com sua essência. Em um segundo momento, busca ampliar essa percepção, ampliando a visão para a imagem completa do sistema.

A partir da unidade mais simples da caracterização de um sistema nos jogos desportivos coletivos, o sistema humano, estabelece-se uma série de outros elementos inter relacionados pela atividade, ação e operação humanas,

constituindo a base para análise sistêmica independente. No jogo, especificamente, a relação dominante de conexão entre seus participantes se manifesta pelas habilidades motoras, no uso de gestos e movimentos específicos da modalidade em questão e demais comportamentos verificáveis.

Pela sua própria natureza, conteúdo e características, cada jogo desportivo em parte pressupõe a utilização da concepção sistêmica, na representação do sistema predominante, que é o organismo humano, em interação com outros organismos, estabelecendo um microssistema social de ação. Teodorescu (2001, p. 24) afirma, a esse respeito:

Devido à sua organização, coordenação e racionalização das ações individuais e interações, a equipe pode ser considerada um microssistema social, complexo e dinâmico. A equipe é um sistema, uma vez que as ações dos jogadores são integradas numa determinada estrutura, segundo um determinado modelo, de acordo com certos princípios e regras. É um sistema dinâmico, uma vez que tem capacidade de auto-regulação, portanto de se adaptar às situações (ações dos adversários) sem se desorganizar com facilidade.

Assim, observa-se que os jogos coletivos, pela sua própria natureza, conteúdo e características, pressupõem a utilização da concepção de sistemas. Estabelecemos possíveis redes de relacionamentos, seus elementos integrantes, em função da visão do indivíduo que joga.

O sistema humano, através de mecanismos de auto-regulação, promove constantes adaptações aos estímulos internos e externos (DAMÁSIO, 1996, WEINECK, 1999), diante da busca de equilíbrio entre seus subsistemas internos, formados por células, tecidos, órgãos, sistemas funcionais. O sistema social pressupõe a participação de vários sujeitos para finalidade determinada de uma comunidade, por exemplo. Com ênfase no foco deste estudo, ressalta-se que os sistemas específicos à atividade esportiva são formados pelas diversas possibilidades de relacionamentos em organização do sistema específico aos jogos coletivos.

Na visão sistêmica para o esporte, o sistema institucional organizativo da atividade esportiva representado por associações, ligas, federações, confederações e federações internacionais, com suas regras, regulamentos,

princípios diretivos e todas ações que daí emanam formam um sistema possível. Em outra perspectiva, formam uma rede de relações o sistema modular de direção e de organização do processo de instrução representado pelos princípios de treinamento e aspectos metodológicos que envolvem a técnica, a tática, o físico.

O sistema de organização e gerenciamento de treinamento representado pelo pedagogo esportivo, e todas as atividades realizadas pelo grupo na atividade específica operacional de preparação, treinamento e de jogo compõem uma outra rede de relações caracterizando outro sistema possível.

Teodorescu (2003) considera a equipe esportiva como microssistema social, no estabelecimento de relações interpessoais entre os jogadores e membros do grupo de treinamento, incluindo aí técnico, seus assistentes, integrantes da área médica, psicológica, social e grupos de apoio que atuam em relação direta no cotidiano de treinamento. Em outro nível de observação, grupos de trabalho que atuam de maneira indireta no contexto de treinamento, como os responsáveis pelas atividades financeiro-administrativas, marketing, promotores de eventos compõem um sistema.

Também podemos considerar um sistema o campo de conhecimento científico e avanços das áreas diversas da Ciência do Esporte (HAAG, 1994), e as intervenções geradas a partir daí, pelos pedagogos esportivos e pelos grupos de trabalho que atuam com os sujeitos do jogo desportivo coletivo.

De maneira objetiva trazemos à ótica da compreensão da concepção sistêmica um complexo de variáveis que se auto-organizam para cumprir a finalidade do sistema, e ter essa perspectiva de entendimento permite ao condutor do processo agir adequadamente, considerando as possibilidades de interligações necessárias entre os elementos que participam do sistema, em conexões diretas ou indiretas.

Ampliando a visão para outros grupos organizados, diversos tipos de sistemas se conectam à atividade dos jogos desportivos coletivos. Os relacionamentos estabelecidos com os diversos sistemas que se organizam em redes diversas, interagem com as ações do sistema em foco, no caso, o jogo desportivo coletivo. Podem ser os naturais, compostos por outros organismos

vivos. Os sistemas criados pelo homem, voltados para questões financeiras e da vida cotidiana. Nestes sistemas que o homem produziu para facilitar processos de informação, destacam-se os que são complexos, manifestos por relações com a área da Informática, e os avanços que permitem novos tipos de análise da técnica, da tática em treinamentos e jogos, o auxílio da Tecnologia para a organização de eventos. Como reflexo deste sistema maior, um outro subsistema é gerado, colocado como diretamente controlado pelo homem, referente ao controle de tempo, cronometragem de eventos e sua associação com o desempenho das ações durante o jogo. Um outro sistema surge daí, indiretamente controlado pelo homem, que se representa pelos sistemas controlados virtualmente, como a informação pela Rede Mundial de Computadores (/Web/Internet), controle dos eventos pelo conhecimento do clima, organização do ambiente de treinamento e jogo.

Neste movimento organizado para destacar alguns sistemas formados em torno do Esporte, mais especificamente dentro dos jogos desportivos coletivos, a relação complexa estabelecida com os elementos que podem inferir em seu ambiente demonstra a necessidade de múltiplas competências exigidas, e das possibilidades de desordem existente em alguma de suas conexões, afetando inicialmente as mais próximas de forma direta e indireta na ocorrência de suas relações. Podemos citar o exemplo da influência da mídia no ambiente de competição dos jogos, da informática e tecnologia e suas possibilidades de análise de movimento, de análise estatística, representada por números expressivos de ações em jogos, das pesquisas com substâncias para melhoria de desempenho e a maneira como afetou a comunidade esportiva, permitindo aumento e estabilidade de desempenho em jogos pelos atletas em uma temporada.

A fim de compreender melhor essas relações com o sistema e suas implicações no processo de treinamento, é preciso identificá-lo. Com este objetivo, Bota e Colibaba-Evulet (2001) propõem operações.

Inicialmente, é relevante analisar, identificar e descrever o sistema, através da compreensão de sua estrutura, denominando especificamente os elementos (jogadores) e seus subsistemas (habilidades para o jogo, capacidades físicas,

conhecimentos sobre o jogo). A determinação da essência da estrutura do sistema (equipe), se dá pelas diversas interações das conexões internas e externas e a interação das mesmas com o meio exterior, sendo que as interações entre os elementos, entre estes e o meio exterior, resultam em movimento. Em outra perspectiva, a organização funcional do sistema, significando alcançar objetivos, se estabelece de maneira sinérgica, pelos elementos estruturais. Outros elementos, que são constantes no sistema, são significativos para a ação em sua essência, e se representam como invariâncias (posse de bola, marcação de pontos, tomada de posição no sistema ofensivo bem como no defensivo).

Outra característica relevante é o sinergismo, caracterizado pelo elemento cooperação, indicado por Garganta (1998), sendo que o efeito das ações sinérgicas é sempre superior ao da soma de todas as ações, como determinado por Capra (1996). Em uma situação de cooperação em um sistema ofensivo, dois ou mais jogadores atuando conjuntamente tem um maior número de situações possíveis a serem efetuadas do que um jogador atuando isoladamente neste tipo de situação. A finalidade do sistema, representada pela cadeia causal de interações, determina-se pela repetição de algumas condições de meio que levam à formação de um padrão, que se conservam de alguma forma, como Garganta (2000) cita, a respeito dos possíveis previsíveis.

Em outro momento, identificar os fatores que otimizam a atuação do sistema, inicialmente através da detecção de recursos biológicos, psicológicos e sociais dos jogadores e da equipe, bem como das relações que se estabelecem entre as diversas conexões e os subsistemas que se forma a partir daí, aumentando assim a eficiência do sistema. O conhecimento pontual dessas conexões pode levar à reestruturação ou reorganização funcional no sentido da escolha de outras prioridades introduzindo novos elementos na estrutura, ou incrementando as conexões já existentes.

A hierarquização dos subsistemas, que está relacionada à sua importância para a compreensão do fenômeno em foco que se movimenta e não como um entendimento estático e linear, indica que qualquer sistema tem na sua estrutura pelo menos um elemento próprio, distinto em relação ao sistema imediatamente

superior. Os modelos formativos no esporte de alto nível de exigência indicam sistemas hierarquizados e seus subsistemas têm pelo menos um elemento distinto em relação ao nível acima, ou seja, compõe o nível superior. A hierarquização diferencia os subsistemas, porém não os caracteriza em ordem de importância. Qualquer quebra no equilíbrio de um subsistema afeta os demais níveis. Uma virose, por exemplo, em um elemento (jogador) de uma equipe, afeta o organismo do jogador e provocará novos níveis adaptativos neste organismo, bem como nos efeitos dos subsistemas que estão conectados a ele. Se houver a impossibilidade de este indivíduo participar do jogo, existe um novo processo de relações possíveis com seu substituto, e os subsistemas que se ligam a ele, gerando outros níveis adaptativos na tática ofensiva e defensiva, por exemplo.

1.5 A Construção de uma Meta Estrutura para Condução de Práticas de Treinamento nos JDC: elementos integrantes

Tendo como base as concepções para os jogos desportivos que foram anteriormente descritas, outros elementos são tidos como referenciais para elaboração e condução de práticas, caracterizando, na conjunção de suas propostas ou as características que Barbanti (2003) aponta, como de procedimento planejado que se repete e que envolve a seleção do conteúdo de treinamento, sua organização, interações entre o atleta e o técnico, ajustes de estímulos, escolha dos meios de treinamento, estruturados em uma seqüência lógica, figurando-se como método de treinamento. Para formular tais práticas, é essencial ter em conta os conceitos relativos ao fenômeno da adaptação, dos princípios de treinamento, do processo de modelagem, dos princípios organizacionais de treinamento referente à técnica e tática, e das características de métodos existentes.

1.5.1 O fenômeno da adaptação, segundo Weineck

Compreender o fenômeno da adaptação é de importância fundamental para o entendimento e elaboração do processo de treinamento esportivo, bem como flexibilizar práticas e otimizar intervenções, sejam elas em curto prazo, como

também as de caráter longitudinal. Por adaptação, segundo Weineck (1991), compreende-se a reorganização orgânica e funcional do organismo, frente a exigências de sistemas internos e externos, representando a condição interna de uma capacidade melhorada de funcionamento, existente em todos os níveis hierárquicos do corpo. Adaptação e capacidade de adaptação pertencem à evolução e são características importantes da vida. Segundo o autor, as adaptações biológicas apresentam-se como mudanças funcionais e estruturais em quase todos os sistemas, desde elementos subcelulares até os sistemas neuromusculares e centros nervosos.

Weineck (1991) relaciona também as adaptações biológicas à presença de um processo anterior de aprendizagem, podendo assim provocar estímulos que influenciam a capacidade de desempenho do organismo, assegurando o domínio de seqüência de movimentos. Para o autor, o genótipo manifesta-se no fenótipo, onde apenas uma parte das características possíveis consegue formar-se, sob a influência de fatores do meio ambiente.

1.5.2 Formas de adaptação

Weineck (1991) apresenta e diferencia as formas de adaptação de diversas maneiras. Inicialmente quanto ao aspecto anatômico e fisiológico, que inclui adequações de estrutura e função de estruturas corporais, como massa corporal e muscular, volume cardíaco, capilarização, entre outros. Para o autor, são relevantes também os aspectos das alterações fisiológicas devido à sobrecarga, denominado-se biopositivas as adaptações referentes a estímulos apresentados qualitativa e quantitativamente de forma ótima, que levam a um bom desempenho; bionegativas as adaptações que, devido a um excesso de estímulos, indicam um prejuízo ao sistema, pela exigência exagerada. O aspecto do tempo pode indicar adaptações rápidas, referentes ao aparelho locomotor ativo (musculatura) e adaptações lentas, referentes ao aparelho locomotor passivo (ossos, cartilagem, tendões e ligamentos).

A especificidade é sugerida pelas adaptações específicas, com mudanças imediatas em relação aos estímulos e as não específicas significadas pela

manifestação em áreas orgânicas que não têm relação direta com o estímulo. As adaptações especiais, dizem respeito a adaptações que se desenvolvem em virtude de um treinamento especial em determinada modalidade esportiva e as gerais dizem respeito à resistência básica geral, exigindo um maior nível de adaptação. Na seqüência da adaptação ao estímulo, que são adaptação seguida de desadaptação, significa involução dos processos alcançados de adaptação seguida de readaptação, a tomada de novo processo de adaptação, após uma interrupção provocada ou indesejada de treinamento.

Segundo Weineck (1991), alguns fatores podem influenciar o processo de adaptação. Um dos fatores endógenos é a idade, e determina-se que o organismo em crescimento possui grande capacidade de adaptação, porém essa capacidade decresce com o avanço da idade. O sexo é um outro fator. No processo de treinamento, em cargas com estímulos específicos, alguns sistemas se mostram mais sensíveis em homens, alguns outros em mulheres. A condição de treinamento, ou a treinabilidade do indivíduo também é tomada como um fator que influencia o processo de adaptação. Para o autor, quanto menor os níveis de desempenho do sujeito, de maneira mais amplos ocorrem os mecanismos de adaptação.

Nos fatores exógenos tem-se a qualidade e quantidade de sobrecarga, indicada pela seqüência correta das normativas de sobrecarga – intensidade, duração, abrangência e densidade de estímulo, e freqüência de treinamento e sobrecarga. Um outro fator significativo é a alimentação, sendo que para Weineck (1991), a otimização do processo de adaptação só é garantida pela estrutura de suporte nutritivo ao organismo.

1.5.3 Princípios do treinamento esportivo

Para a compreensão do processo de treinamento esportivo, dirigido de forma a contemplar o entendimento da performance como o ser complexo e plural que se manifesta em múltiplas dimensões, é fundamental o apoio de autores de distintas áreas do conhecimento científico do desenvolvimento humano como Gallahue (1978), que busca compreender o desempenho total do indivíduo,

integrando os aspectos do físico, mental, emocional, social e espiritual. Os biólogos Maturana e Varela (1995) das ciências cognitivas, em suas obras focam a integração de aspectos da cognição e as ações que se manifestam para o ambiente, em implicações sociais e éticas, integrando áreas da biologia, lingüística e antroposociologia. O antropólogo Bateson (1999), da cibernética humana, projeta a perspectiva da ecologia da mente, em sentido integrativo de todas as possíveis partes, delimitadas didaticamente, porém indivisíveis, do ser humano. O neurologista Damásio (1996, 2000), que reescreve Descartes, com o novo sentido de que o indivíduo existe (e sente), logo pensa (DAMÁSIO, 1996). Também o cientista médico da psiconeuroimunologia Rossi (2003) associa a manifestação de emoções através de processos bioquímicos, e nesta compreensão integra corpo e mente. Estes autores passam do entendimento do ser humano de forma reducionista e divisória de corpo e mente, evoluindo de maneira a compreendê-lo como um ser único, integral.

São inúmeros os fatores que influenciam num processo de treinamento – biológicos, psicológicos, pedagógicos e outros relativos ao desempenho humano. Weineck (1999, p. 27) afirma que “o conhecimento destes fatores tem seu peso no estabelecimento de um treino eficaz”. Os princípios do treinamento esportivo representam a estrutura primária da organização do processo de treinamento, e servem para otimizar a escolha e execução de métodos por atletas e treinadores. Os princípios referem-se a todas as modalidades esportivas e funções de treinamento, determinam o programa e método que são utilizados, bem como a organização do treinamento, relacionando-se à utilização consciente e consideram um grande número de variáveis que interferem no processo (WEINECK, 1999). Sintetizando a idéia, os princípios representam a meta-estrutura do processo de treinamento esportivo, sustentados pelo processo de adaptação biológica.

Os diversos princípios são classificados e explicados por Weineck (1999) em quatro grupos principais:

- Princípio da Sobrecarga;
- Princípio da Ciclização;
- Princípio da Especificidade;

- Princípio da Proporcionalização.

1.5.3.1 Características dos princípios de treinamento esportivo

Identificar adequadamente os princípios de treinamento, utilizá-los para regular a construção de práticas e dar base ao técnico para combinar de maneira eficiente os estímulos direcionados ao atleta no processo são ações que sustentam a obtenção de informações manifestas nas práticas e são referentes ao desenvolvimento e aquisição da melhoria continuada do indivíduo. Ter referência nos princípios do treinamento para elaborar práticas permite a constante reorganização de exercícios, adequação de sua seqüência e intensidade, e também a localização na amplitude do processo.

O primeiro princípio geral tem significado de sobrecarga e orienta-se para a ruptura do efeito de adaptação. Este princípio estrutura a aplicação de estímulos de treinamento e estes significam a desordem no sistema representado pela quebra do equilíbrio dinâmico interno do sujeito, ou seja, a ruptura do equilíbrio determinado homeostase. Especificando suas ações, outros princípios estruturais o compõem, sendo:

- a. Princípio da sobrecarga mais efetiva para o treinamento, compreendendo a necessidade que a sobrecarga deve ultrapassar uma determinada intensidade para que haja aumento de desempenho;
- b. Princípio da sobrecarga individualizada, orientando a demanda individual de estímulos que correspondam à aceitação individual e às necessidades de cada atleta.
- c. Princípio da sobrecarga crescente, resultante da relação entre estímulo, adaptação e aumento da sobrecarga. As exigências, segundo este princípio, devem ser feitas quanto ao condicionamento, coordenação, técnica, tática, capacidades volitivas e outros relevantes referenciais de desempenho para os casos específicos de direcionamento do processo.

- d. Princípio da seqüência correta da sobrecarga, que tem sua importância dirigida a situações onde diversos componentes de capacidades são trabalhadas. A utilização deste princípio justifica a seqüência adequada para práticas onde diversas capacidades físicas devem ser estimuladas. No início de práticas ou processo, são utilizados exercícios que exigem mais energia e atenção seguidas de pausa para recuperação. Em seguida, exercícios menos intensos, onde não há tamanha necessidade relativa de recuperação. Na seqüência exercícios que se dirigem às características de resistência.
- e. Princípio da variação da sobrecarga. Regula e indica a variação e aumento descontínuo da sobrecarga, através de estímulos menos convencionais, buscando quebra de homeostase, provocando novas adaptações.
- f. Princípio da alternância da sobrecarga. Nas modalidades complexas, como é o caso dos JDC, em que vários fatores de desempenho são relevantes, existe um fator que é o heterocronismo de recuperação, representado pela idéia de que diferentes estímulos atuam diferentemente sobre o organismo, exigindo volume e tempo gasto para recuperação com diferentes referenciais, de acordo com suas exigências e características próprias. Os exercícios de desenvolvimento de velocidade, por exemplo, determinam um tempo diferente de recuperação em relação aos exercícios de resistência de longa duração.
- g. Princípio da relação ideal entre sobrecarga e recuperação. Este princípio compreende o fato de que à sobrecarga sucede-se um decréscimo transitório do desempenho esportivo, com queda do potencial energético, e finalmente uma recuperação do nível inicial, que é a fase de recuperação. A recuperação é seguida por um estado de elevada capacidade de desempenho, significando

recuperação energética, denominado supercompensação, que significa recuperação acima do nível usual.

O segundo princípio geral é o da ciclicização, que visa assegurar a adaptação, pela repetição planejada e orientada dos estímulos aplicados em treinamento. Os princípios que o compõem são:

- a. Princípio da sobrecarga progressiva, que também podem ser contínuas. Os estímulos de sobrecarga, quando inseridas em contexto de treinamento regular, promovem elevação constante de desempenho esportivo até que se atinja o desempenho individual máximo.
- b. Princípio da periodização da sobrecarga. O estímulo de treinamento não deve permanecer por um período muito longo nos limites de um atleta. Assim, deve haver uma alternância entre aumento e redução do volume e intensidade destes estímulos. Desta maneira, é possível, em momento adequado, atingir a forma ideal para uma competição, sem abandonar o princípio da sobrecarga progressiva.
- c. Princípio da regeneração periodizada, que significa um longo período de descanso sem competições, de um a dois semestres (WEINECK, 1999, GROSSER; BRUGGEMAN e ZINTL, 1989), a fim de superar uma possível fase de estagnação no desempenho, provocada por altas exigências de desempenho máximo em competições. Neste período indica-se treinamento de baixa intensidade e a procedimentos que possibilitem o reequilíbrio psicossomático, ou seja, nos níveis físicos e psíquicos.

O terceiro princípio geral é o da especialização, orientado para especificação do treinamento e atender às exigências significativas e pontuais da modalidade. Neste princípio se baseiam muitos métodos de treinamento que são utilizados no contexto atual. Weineck (1999) indica:

- a. Princípio da adequação à idade. O autor coloca que a carga de estímulos utilizada em um treinamento deve ser determinada de

acordo com a idade biológica e não de acordo com a idade cronológica, a fim de esgotar o potencial do atleta. O princípio da adequação à idade compreende também a utilização do conceito de fases sensíveis, “períodos de desenvolvimento que são favoráveis à manifestação de determinados fatores do desempenho motor-esportivo.” (WEINECK, 1999, p. 21).

- b.** Princípio do direcionamento da sobrecarga – cada modalidade esportiva tem um perfil característico quanto à coordenação e ao condicionamento. Para um processo de treinamento que visa obter alto desempenho em uma modalidade esportiva, todos os objetivos, métodos, programas e procedimentos devem estar direcionados para os requisitos exigidos por tal modalidade em todas as etapas do treinamento. A estrutura para o desempenho determina, em conjunto ou alternadamente com outros fatores, a estrutura do treinamento, implicando em uma escolha cada vez mais específica de métodos e programas de treinamento. GROSSER; BRUGGEMAN e ZINTL (1989) indicam que é importante valorizar nos programas de treinamento as capacidades e habilidades que são apoio e básicas para a especialização.

O quarto princípio geral, que é o da Proporcionalização, e descreve a relação entre uma formação geral e uma específica e a relação de diversos componentes do desempenho esportivo entre si.

- a.** Princípio da relação ideal entre formação geral e específica, determinado pela regra de que a abordagem geral sempre precede a especificidade (WEINECK, 1999). Este princípio denota que a participação da formação geral e da específica altera-se com a evolução do treinamento, sendo que é um processo dinâmico que não pode ser medido por relação percentual estatística (HAHN, 1988). O geral é sempre escolhido de acordo com as exigências específicas da modalidade

esportiva em questão e das características das competições, relativas ao tempo e sistema de disputa, seqüência de jogos, potencial de jogo dos adversários.

- b. Princípio da relação ideal entre desenvolvimento e componentes de desempenho. Este princípio abrange tópicos como o treinamento do condicionamento, técnica, cognição e tática e as dificuldades em se direcionar um treinamento, tendo em conta estas variáveis. Para (GROSSER; BRUGGEMAN e ZINTL, 1989), no que diz respeito à coordenação e à força, o significado da relação existente entre estes fatores e a organização de práticas é explicado pela existência do domínio da coordenação tanto mais cedo quanto for possível, pois assim tanto mais econômico e específico poderá ser o prosseguimento do condicionamento, sobretudo referente à técnica. Para os autores, o domínio da coordenação resulta sempre em uma influência positiva sobre o condicionamento e a técnica. Assim, (GROSSER; BRUGGEMAN e ZINTL, 1989) expressam o relacionamento ideal entre desenvolvimento e componentes de desempenho com as seguintes orientações de que os componentes de rendimento (condicionais, coordenativos, psíquicos, táticos) influenciam-se mutuamente. É possível notar, com a evolução da relação de sobrecargas aplicadas nos níveis físico, técnico e tático que uma alteração do condicionamento influencia quantitativa e qualitativamente o movimento, sugerindo-se que a técnica deve adequar-se aos requisitos do condicionamento. O treinamento de condicionamento planejado cronologicamente apresenta, na maioria das vezes, um resultado negativo sobre um subsequente treinamento técnico. Por esta razão, o treinamento técnico deve ser paralelo ao treinamento de condicionamento. Todos os exercícios específicos de uma modalidade esportiva devem corresponder à estrutura dinâmica e cinemática de exercícios de

competição, ou seja, devem levar em conta critérios funcionais, bioquímicos, anátomo-morfológicos e fisiológicos.

É de se considerar os princípios de treinamento como um dos elementos fundamentais para o entendimento do processo de melhoria do indivíduo em todas as suas dimensões de competências para a prática esportiva, aqui especificamente nos jogos desportivos coletivos. Os pressupostos gerados a partir de seu entendimento permitem a construção das práticas de maneira adequada e transferem o embasamento científico para a formulação de métodos próprios para os pedagogos esportivos. Nesta perspectiva processual, os objetivos a serem atingidos, não só de resultados relativos a vitória ou derrota, mas de aspectos relativos à atuação do sistema de forma organizada, nas possibilidades de combinação da tática, de estratégias, do que é previsível da combinação de habilidades específicas, projeta-se o desempenho determinado do sistema. Toma-se como referencial um estado futuro desejado, e os esforços de regência do pedagogo esportivo para conduzir o processo se dirigem para orientar o desempenho do sistema, de maneira flexível, com constantes retornos de informações, a esse estado desejado.

1.5.4 Aspectos da modelagem nos jogos desportivos coletivos

Nos JDC, sob as condições de aleatoriedade e imprevisibilidade, o padrão de jogo é organizado e regulamentado. É possível afirmar que condições de jogos não se repetem, devido à complexidade e incerteza dos mesmos, com inúmeras situações possíveis a serem construídas e tornando impossível prever de maneira objetiva e verdadeira tais situações em treinamento. No entanto, existem possíveis analogias que se ligam aos possíveis previsíveis, que se designam como sendo modelos (GARGANTA, 2000), a fim de se fazer sentido o processo de preparação e treinamento.

Modelos de jogo, entendidos como conjuntos de idéias e princípios sobre o modo, de jogar das equipes funcionam como referenciais importantes na construção do processo de treino da tática e da estratégia. Para os jogos desportivos, devido às condições de aleatoriedade e imprevisibilidade, construir

modelos que cumpram com os objetivos do jogo tem sido causa de sucesso e de fracasso dos técnicos esportivos, diante de um projeto de treinamento e competição.

Bota e Colibaba-Evulet (2001), tendo em vista o sistema em questão dos jogos desportivos coletivos, evidenciam o modelo a partir da representação, explicação e identificação dos fatores motrizes como uma construção de um processo de treinamento que estabelece relação análoga com seu original, ou seja, desenvolve-se de acordo com o jogo propriamente dito, identificando-se com os seus fatores técnicos e táticos, na modelagem que visa o aumento contínuo da qualidade e eficiência do processo de treino.

Teodorescu (2003) coloca que deve existir concordância, porém não identidade entre o conteúdo de treino e de jogo, apontando assim para aproximar as condições de treino para as condições de jogo. Segundo o autor, o modelo pode constar de ações individuais e coletivas específicas da modalidade, com a presença de estímulos das condições físicas, envolvendo a técnica e a tática, como também as condições psíquicas.

1.5.4.1 Elaboração dos modelos de jogo, segundo Teodorescu

Teodorescu (2003), em análise que focaliza os aspectos da técnica e da tática, propõe conteúdos de modelo onde constam o comportamento técnico e tático de cada jogador, que tem em sua base os gestos específicos integrados com a lógica da função do jogador no sistema de jogo. A partir da análise de habilidades específicas, forma-se o conjunto unitário, a ser utilizado de acordo com a situação vivida pelo jogador, em combinações por ele determinadas. Em seguida, toma-se como referencial o modelo do comportamento individual de cada jogador, que visa estabelecer, a partir de seu repertório de habilidades específicas, combinações com companheiros de equipe. No âmbito de manifestação desse potencial, atua o modelo das ações individuais e coletivas em condições de adversidade, com a oposição do adversário, seguindo-se o de esforço, na relação de exigência dos modelos técnicos táticos propostos, e que dizem respeito a volume, intensidade e complexidade do esforço.

A partir das interações desses modelos referentes aos elementos e conexões internas, parte-se para o referencial de conexões externas, com o modelo de Ambiente, que por sua vez afeta o equilíbrio do interno do sistema, na sua dimensão psíquica, no que diz respeito à reatividade e demais tensões provocadas. O modelo de ambiente se desdobra, inicialmente, em modelo das condições em que se desenvolve a atividade em correspondência às condições da competição. Como exemplos, temos: instalações e material desportivo a ser utilizado (bola, iluminação, tamanho do terreno de disputa), horário de jogo, condições e estilo de arbitragem. A outra perspectiva é a do modelo de microclima social, representado pelas possíveis reações do público, nos aspectos sonoros (barulho durante a disputa), emocionais (hostilidades), relevância do jogo para a competição, participação da imprensa, exposição da disputa na mídia. Segundo o autor, alguns processos psíquicos podem provocar desequilíbrio na percepção, atenção, concentração, combatividade.

Finalmente, tem-se o modelo integrativo, que permite aos modelos apresentados anteriormente a integração sincrônica nas práticas do processo de treinamento.

O processo de modelagem pode significar a meta a ser atingida, como ponto culminante de um processo de treinamento esportivo, e deve em todo momento ter seus referenciais retomados e estabelecidos, em processo dinâmico do exercício da teoria e da prática, nos diversos níveis de sua análise, das diversas disciplinas que o compõem, e significam a superação da visão das multidisciplinas de seu sistema, exigindo a integração de seus sujeitos e conhecimentos gerados pelo entendimento do seu objeto de estudo, gerando a interação desses conhecimentos e provocando a composição de um conhecimento uno e múltiplo, em sinergia complexa, tendência apontada por Medina (1992).

1.5.4.2 Elaboração dos modelos de jogo, segundo Bota e Colibaba-Evulet

A modelagem é de fundamental importância no processo de treinamento esportivo, pois significa a meta, o objetivo de onde se deseja chegar, ainda que de

maneira virtual, do desempenho final da equipe ou do indivíduo em uma competição. Bompá (2002, p. 44) define modelação como sendo:

Uma simulação da realidade baseada em elementos específicos do fenômeno que observamos ou investigamos, [...] tratando-se de uma forma análoga à competição, obtida por abstração de um processo mental de generalização a partir de exemplos concretos. Estabelecer um modelo é representar, de modo abstrato, as ações que alguém está interessado em cumprir. Por meio dos treinamentos, o técnico dirige e organiza as sessões de treinamento de forma que os objetivos, métodos e conteúdos sejam semelhantes aos da competição.

Bota e Colibaba-Evulet (2001) identificam estruturas específicas que compõem o modelo maior para os jogos desportivos coletivos. Esse modelo é composto por:

Modelo integrante de jogo. A partir da visão sistêmica, em que as relações entre os elementos e suas conexões internas e externas têm relevância nos resultados obtidos para a finalidade do sistema, elaborase um modelo composto de uma série de outros modelos em nível de menor complexidade, que atuam sinergicamente, podendo cada modelo integrante ser tratado de forma independente, segundo os autores. Os modelos componentes se referem a equipe, ao jogador, aos componentes fundamentais do jogo sendo a tática, técnica, capacidades físicas e psíquicas e conhecimentos teóricos, e ao ambiente.

Modelo de orientação e seleção. Desta categoria de aptidões fazem parte as características herdadas por via hereditária (somáticas, motrizes, funcionais), como também as particularidades individuais que dizem respeito às exigências psíquicas do jogo original (tipos de estratégias e comportamentos na ação tática, em grupo, em relação ao adversário). Seus modelos componentes são orientados pelas predisposições vocacionais e aptidões favorecedoras para a prática do jogo desportivo e pelo comportamento de competição, de nível formativo. As competições constantes com níveis diferentes de desempenho de adversários podem direcionar esse modelo.

Modelo de preparação. Este modelo diz respeito à escolha e definição dos processos que permitem a obtenção dos resultados esperados pelo modelo de jogo integrante. Compõe este modelo objetivos da instrução, resultados mínimos esperados, recursos necessários, o programa de preparação, as estratégias de instrução, o planejamento ou programas de treinamento, aplicação na prática do programa e avaliação dos resultados obtidos pela equipe, com posições do jogador e do treinador.

Modelo de investigação científica. Este modelo visa o suporte científico dos processos que estão sendo desenvolvidos pelos outros modelos, possibilitando a alimentação com novas informações de nível científico que serão base para novas operações dos procedimentos, para otimização e melhoria de qualidade constante do treino. As operações básicas deste modelo são a análise do modelo integrante (concepção) de jogo da temporada anterior, verificação das melhorias manifestas com a aplicação dos procedimentos e a perspectiva de competências que estão por serem otimizadas. Após análise nesta perspectiva, as abordagens dos próximos pontos para a pesquisa científica, segundo Bota e Colibaba-Evulet (2001) sintetizam-se em estabelecer procedimentos científicos de pesquisa, obtendo daí conclusões e a correlação final do modelo.

1.5.4.3 Elaboração do modelo de jogo, segundo Garganta

Garganta (2000) propõe a modelação do jogo a partir da modelação do treino, não só na perspectiva de movimentos dos sistemas implicados, sejam eles individuais ou coletivos, mas levando em conta também fatores cognitivos, tornando assim a visualização de resultados e o controle da assimilação de adaptações aos estímulos referenciais importantes para o pedagogo esportivo no processo de otimização do treino.

A compreensão do desenvolvimento do jogo e do treino passa, invariavelmente, pela identificação de comportamentos que testemunham a eficiência e eficácia dos jogadores e das equipas. Neste contexto, a modelação do jogo permite fazer emergir problemas, determinar os objetivos de aprendizagem e de treino e constatar os

progressos dos praticantes, em relação aos modelos de referência. (GARGANTA, 2000, p. 54).

O autor aponta para a estrutura do modelo, que em sua compreensão deve se relacionar com as ações mais representativas da atividade do sistema. Assim, fica claro que o pedagogo esportivo tem como principal desafio estabelecer analogias conectadas com os objetivos traçados para a execução pelos jogadores, interpretando em todos os níveis sistêmicos, na participação do todo, de outros subsistemas correlacionados com determinada estratégia e individualmente.

Desta maneira, definir conteúdo, exigências e características específicas da competição e de estilo de jogo, norteia a elaboração do processo de treinamento, estimulando competência e desenvolvendo habilidades relevantes para o comportamento pretendido no jogo.

Garganta (2000) considera de elevada importância os fatores cognitivos, na medida em que os jogadores organizam suas ações como sistema de produção de conhecimentos e se apóia na teoria de Marina (1995) a respeito da relação entre inteligência e criatividade. Para o autor, o sujeito percebe o jogo e suas possibilidades de acordo com sua história vivida e da situação do presente. Garganta (2000, p. 55) afirma, com apoio em Damásio (1996) que:

Perante o fenômeno jogo, o observador constrói uma paisagem de observação, ou seja, retém o que se lhe afigura pertinente, interpreta os dados dispersos e organiza-os conferindo-lhes um sentido próprio, o que quer dizer que o sentido do jogo é construído e depende de um modelo de referência.

Tratando de problemas específicos da técnica e da tática, o autor valoriza a questão conceitual, que envolve a capacidade de leitura e entendimento do jogo, relacionando esse tema com o nível da informação e os significados obtidos a partir do processo informativo. Garganta (2000) denota a superação do nível de comportamentos pelos jogadores, sendo que o nível de preparação exige competências que envolvem a compreensão do sujeito diante dos desafios que o jogo propõe. Cita algumas características, de nível cognitivo, de atletas que se diferenciam no ambiente de jogos coletivos, que vão desde o conhecimento da lógica do processo, captam informações de maneira mais eficiente, manifestam

processo decisional e conhecimento de padrão de jogo mais rápido e preciso, demonstram superior conhecimento tático e maior capacidade de antecipação dos eventos do jogo, e também superior conhecimento das probabilidades situacionais.

Bompa (2002) afirma que a modelação do treinamento deve simular a especificidade das competições, incorporando parâmetros de treinamento de alta magnitude, em referência a volume e intensidade. Para o autor, os meios e métodos de treinamento a serem escolhidos devem seguir a orientação das exigências do modelo maior de jogo.

1.5.5 Princípios organizacionais da estrutura de práticas

A organização de práticas de treinamento, sob o foco específico metodológico da prática em si, de acordo com objetivos pré-determinados, deve se dar pela utilização de pilares que sustentam esses procedimentos.

Dietrich; Durrwachter e Schaller (1984, p. 31) colocam que alguns princípios norteiam a organização de práticas, sob o ponto de vista metodológico. Nesta concepção, princípios são:

A expressão de diferentes teorias e objetivos pedagógicos e psicológicos que os transformam em fundamentos de organização para se chegar aos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento. Na discussão da metodologia do jogo, dois procedimentos pedagógicos, apoiados em diferentes teorias psicológicas fundamentalmente divergentes, comprovaram-se relativamente resistentes e expressivos: o princípio analítico-sintético e o princípio global-funcional.

O segundo está apoiado nos pressupostos da teoria psicológica da Gestalt, que expressa, em síntese, que o todo é maior que a soma das partes. A função do método é, em suma, proporcionar ao indivíduo a facilitação para obtenção de novos e melhorados níveis de rendimento. Para Greco (1998), o método busca não só a facilitação da ação pedagógica, mas também a elaboração de significados pelo indivíduo que participa das práticas, permitindo assim a formação de conceitos de jogo e da prática em si.

O princípio analítico sintético origina-se nos pilares da teoria behaviorista, sendo que o processo de treinamento se dá pela divisão do jogo em partes, em etapas. Seus pressupostos determinam que a organização de práticas se faz pela elaboração e execução de exercícios que apresentam divisão dos gestos, técnicas do movimento em componentes mínimos. O sujeito conhece, inicialmente, os componentes técnicos do jogo através da repetição de exercícios de cada habilidade específica da modalidade a ser treinada, sendo estes acoplados a outras séries de exercícios, com nível de dificuldade e complexidade crescentes. Os movimentos com determinado domínio passam a ser integrados em um contexto maior, com referência na situação de modelo ideal, orientado ao gesto dos atletas que demonstram maestria.

Na perspectiva do treinamento, o direcionamento das práticas pode estar dirigido para a dimensão da tática do jogo, por exemplo. Dietrich; Durrwachter e Schaller (1984) colocam que o princípio analítico-sintético caracteriza-se por apresentar práticas que partem de elementos técnicos, táticos ou condicionais dos jogos, reunindo-os por etapas em conexões maiores (síntese), agregando, em seguida as partes, em conjuntos lógicos. Segundo Greco (1998), regem seus princípios metodológicos:

- Do conhecido ao desconhecido, indo das partes para o todo;
- Do fácil para o difícil;
- Do simples para o complexo, aumentando-se gradativamente; o número de variáveis relevantes e em foco nas práticas;
- Divisão do movimento em fases funcionais.

O princípio global funcional caracteriza-se pelo objetivo de integrar toda a complexidade do jogo esportivo (técnica, regras, tática, capacidades físicas) através da apresentação de jogos preparatórios correspondentes às capacidades do indivíduo. Dietrich; Durrwachter e Schaller (1984) explicam que o princípio global-funcional se caracteriza pela criação de cursos de jogos que partem da simplificação de jogos esportivos formais, mantendo seus elementos operacionais de ação, ou seja, seu padrão fundamental, e através do aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo formal.

1.5.6 Meios e métodos do processo de treinamento esportivo

O exercício físico constitui a base da preparação do atleta como processo pedagógico (GOMES, 2002), sendo a principal forma de utilização das ações motoras no processo de treinamento desportivo. Aqui, segundo as colocações do autor, processo pedagógico assume função de facilitação e estímulo específico orientado para a solução de tarefas nas práticas de preparação da modalidade desportiva. Gomes (2002) afirma que o exercício físico está obrigatoriamente ligado ao método, estabelecendo interligações necessárias para a solução de tarefas propostas, com características de repetição, de forma definida e objetiva. Convenciona-se aqui que *meio*, na terminologia do treinamento, se refere ao que se utiliza (por exemplo, exercícios com peso), e *método* como se utiliza (por exemplo, número de séries, número de repetições de determinado exercício) o meio no processo de evolução da performance durante treinamento.

Gomes (2002) considera alguns meios utilizados:

- Equipamentos especiais: material desportivo, instalações, aparelhos de treino, aparelhagem de avaliação, etc.
- Fatores da natureza: influência do ar e da água, radiação solar, condições climáticas especiais.
- Condições sociais e ecológicas de vida dos atletas: condições de vida cotidiana, regime de sono, estudos, trabalho, fator social, econômico, etc.
- Alimentação do atleta: adequação de quantidades necessárias de nutrientes.
- Fatores de recuperação: massagem, fisioterapia, suplementação alimentar, sauna, etc.
- Influências informativas: sistemas de informação a fim de se obter maior variedade possível de dados.

Como forma de aplicação de exercícios, na perspectiva de que possam atender às exigências especiais da modalidade em questão, Matveev (1997) classifica os exercícios em:

Competitivo: atividade motora integral, dirigida no sentido da solução da tarefa motora específica de competição, realizada de acordo com as regras da modalidade.

Preparatório especial: Análogo aos competitivos, porém sem características contextuais da competição, representam de forma mais intensa com ênfase na modelagem seletiva.

Preparatório geral: Pode ser ou não análogo ao competitivo, porém tem características referenciadas à modalidade, de desenvolvimento multilateral.

1.5.6.1 Métodos pedagógicos de preparação desportiva

Os métodos de influência pedagógica têm relativa importância para a composição de práticas no treinamento esportivo. Autores especializados (MATVEEV, 1980, 1997; WEINECK, 1999; BOMPA, 2002; GOMES, 2002) buscam sistematizar e classificar os métodos, a fim de que se possa ter um entendimento de sua estrutura funcional e aplicada à preparação de atletas, com fins determinados de melhoria em sua modalidade específica. Matveev (1997) classifica os métodos em três grupos: influência prática, verbal e demonstrativa. É válido ressaltar que, embora esta visão se revele aplicada e com ênfase nas capacidades de condicionamento, existe um processo de aprendizagem na execução de sua prática, na medida em que algum problema a ser resolvido significa um desafio a ser vencido, mesmo que se subtraia daí, aparentemente, a resolução que envolve a lógica e sua verbalização (BALBINO, 2001).

Matveev (1980) e Gomes (2002) propõem a caracterização dos métodos, organizados a fim de estimular as várias dimensões de desempenho.

- **Métodos de Influência prática ou programada:** podem ter seqüência e intensidade em variadas combinações, e se justificam pelos métodos orientados para o ensino da técnica das ações motoras, onde se destacam os enfoques do método de ensino integral, que pressupõe o estudo da técnica das ações motoras de uma só vez e em caráter integral e método de ensino

dividido, que pressupõe a divisão da atividade motora em elementos ou fases relativamente independentes. No treinamento das capacidades motoras os referenciais do exercício são externos, podendo ser executado no regime de caráter contínuo (permanente) ou intervalado.

- **Método de Jogo:** realiza-se através das modalidades esportivas habituais e através dos diversos tipos de jogos existentes, buscando criar analogias com situações vividas na competição, exigindo desempenho conjugado à emotividade, com ausência de rígida programação. Pela diversidade das situações de jogo e independência criadora na escolha de soluções mais eficazes de tarefas motoras, o complexo de diversas habilidades e capacidades motoras exigidas e manifestas torna o método de jogo de elevado valor no processo de treinamento tanto para iniciação como no alto nível de exigência.
- **Métodos de Influência verbal:** manifestam-se através da comunicação verbal entre o técnico e o atleta. Explicação, diálogo, comando, indicação corretiva, análise verbal, avaliação e outras manifestações através da verbalização, pautadas pelo conteúdo emocional e o sentido lógico da informação, podem ser citados neste método.
- **Métodos de Influência demonstrativa:** utilizam as possibilidades de diferentes sistemas sensoriais do homem, relativos aos sistemas visual, auditivo e cinetésico. Matveev (1980) e Gomes (2002) indicam possibilidades deste tipo de estimulação, através dos métodos que se utilizam desses sistemas. Os demonstrativos visuais são orientados pela *apresentação* da atividade motora, demonstrando-se o que deve ser feito, provocando a imitação. Podem se dar pela *demonstração* de materiais didáticos, permitindo ao atleta perceber a possível solução de uma tarefa motora através de

vídeos, fotos, cartazes, desenhos, esquemas gráficos, etc. Uma outra maneira de aplicá-lo é através da *orientação visual* que auxilia a executar corretamente o movimento no espaço e no tempo, utilizando pontos visuais de referência, com objetos para marcações, auxiliando o atleta na execução de uma tarefa motora.

Os métodos demonstrativos auditivos indicam a criação de pontos de referência necessários ao fim ou ao começo de determinados movimentos, ou a marcação de alguma variação de intensidade na ação motora que seja significativa, indicando o esforço principal, por exemplo. A demonstração sonora pode auxiliar na assimilação do ritmo de execução das ações motoras.

Os métodos demonstrativos cinestésicos têm como objetivo estimular a organização pelo atleta das sensações vindas do aparelho motor, que pode ser feita com a intervenção do técnico, em ajuda dirigente, na condução do segmento corporal na ação motora.

CAPÍTULO 2

ESPORTE, PEDAGOGIA E TREINAMENTO

2 ESPORTE: caminho para a contemporaneidade

O Esporte é reconhecido como um fenômeno que cresce universalmente, em suas múltiplas dimensões. Para compreendê-lo em sua complexidade no tempo presente, sua história pode dar base de sustentação à crescente evolução dos temas relativos ao seu desenvolvimento e aceitação pelas mais diversas culturas nos cinco continentes. Para se ter uma idéia do alcance e aceitação do esporte pelo mundo, como também de sua relevância na cultura dos povos, o Comitê Olímpico Internacional (COI), através do Movimento Olímpico, agrega 202 Comitês Olímpicos Nacionais. A ONU (Organização das Nações Unidas), órgão internacional de cunho político institucional, tem 200 filiados. Nos meios de informação, relativos à Mídia, existem canais televisivos exclusivos de esporte, bem como publicações de jornais diários que tratam exclusivamente da temática esporte. As Ciências Jurídicas e Políticas criaram uma linha de estudos aplicados pelas necessidades que o Esporte gerou, em virtude de seu alcance na geração de emprego, no surgimento de questões trabalhistas, culminando, no Brasil, com a elaboração de leis federais que orientam e normatizam relações dos atletas profissionais, casos da Lei Zico, em 1993, da Lei Pelé, em 1998 e a aplicação do Estatuto do Torcedor a partir de 2003, mostrando a relevância e o alcance do fenômeno Esporte para além dos locais de treino e competição, e dirigindo-se à vida do cidadão.

Alguns campos de conhecimento científico também tiveram ramos dedicados à especialização em questões do Esporte, como é o caso da Psicologia, da Medicina, da Sociologia, da Informática, da Engenharia e Arquitetura, da Economia, da História e da Filosofia.

O Esporte, de diversas maneiras, esteve ligado ao modo de vida do indivíduo desde a Antigüidade. No resgate descritivo de sua história, Tubino (1987, 1992) narra que sua trajetória pelas civilizações antigas passa por diversas evidências importantes, porém com registros imprecisos. Várias civilizações antigas deixaram vestígios de jogos praticados com características esportivas, o que permitiu especulações sobre a origem do esporte. No entanto, na Grécia já se dava muita importância para essas atividades na Educação e em celebrações e

festas da comunidade. Atinge sua posição mais importante, tendo em vista um marco para seu histórico início, nos Jogos Olímpicos que se realizaram de 884 a.C., a 394 d.C., de quatro em quatro anos, provocando tréguas entre guerras durante o período das disputas. Os Jogos entraram em decadência após a conquista da Grécia pelos romanos, até o seu encerramento pelo imperador romano Teodósio.

Em sua forma institucionalizada, o esporte, agora moderno, surge novamente na Inglaterra, entre o fim do século XIX e o começo do século XX, através de Thomas Arnold (TUBINO, 1987), que identificou dois aspectos diferentes, porém inseparáveis para utilização do esporte: o fornecimento do prazer para quem joga e para os espectadores, e a oportunidade da formação moral. Arnold, segundo Tubino (1987), caracteriza o esporte moderno como sendo: um jogo, uma competição, uma formação. Para Tubino (1987), a visão de Arnold do esporte voltado ao serviço da moralidade diferencia-se da visão dos gregos antigos notadamente voltada para o alinhamento da expressão única da beleza de corpo e alma.

Vivenciar o esporte provoca no indivíduo experiências das várias dimensões de humanidade. Segundo Bento (1991, p. 17), sua imagem atual de pluralidade se dirige à sua caracterização como:

um fenômeno sociocultural que representa, promove e disponibiliza formas muito distintas, mas todas especificamente socioculturais e historicamente datadas, de lidar com a corporalidade.

Significa, primariamente, dotar o sujeito da percepção de sua presença no mundo, em relações que o envolvem com outros sujeitos, com os limites físicos e a conseqüente exploração destes pelos desafios que o esporte contém, bem como remete esses indivíduos à superação de simples significados de existência biológica.

Em diferente compreensão do fenômeno Esporte, Tubino (1987) coloca que a motivação pelo seu contexto se origina em duas vertentes: a natureza e a cultura. Identifica sua origem como fenômeno biológico e não histórico, entendido na combinação resultante dos instintos do lúdico, do movimento e da luta, a gênese da criação do instinto esportivo. Em uma outra análise, concebe o fato

esportivo como um problema e possibilidade pedagógica desde as épocas primitivas, se ligando aos fins educacionais do homem naquele tempo, que se ocupavam de estimular a consciência e solidariedade de grupo para resolução de problemas da comunidade. De acordo com seus levantamentos, Tubino (1987) sintetiza as características do esporte moderno:

- o componente psicossocial fundamental do esporte é o caráter competitivo;
- o esporte, desde o início colocado sempre na perspectiva do progresso do homem, necessita de uma visão interdisciplinar;
- o esporte moderno, ao delimitar-se pelas regulamentações e codificações, supõe um autocontrole, que se constitui um dos princípios básicos da convivência humana.

Outro marco importante na história do esporte moderno se dá com o francês Pierre de Coubertain, na instauração dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no final do século XIX. Trazia consigo a idéia de reformar o sistema educativo francês, utilizando-se do esporte. Resolve ampliar sua proposta para dimensões internacionais, com o resgate do ideal olímpico, em consonância com a modernidade daquele determinado momento histórico.

O movimento esportivo se amplia com competições criadas pelo Comitê Olímpico Internacional, através também das federações internacionais de algumas modalidades esportivas que se organizavam institucionalmente desde o começo do século XX. Com o crescimento do Movimento Olímpico, desde a perspectiva de rendimento dos atletas nos campos de disputa, até a organização dos Jogos e sua relevância para o país organizador dos Jogos, a utilização do cenário olímpico tem nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, o início de seu ciclo de uso para fins políticos, passando pelos atentados terroristas nos Jogos de Munique em 1972, atingido seu ponto culminante nos Jogos de 1980, em Moscou e em 1984, em Los Angeles, marcados pelo boicote de países que se juntavam com os seguidores político ideológico da União Soviética ou dos Estados Unidos.

Esses significados de partidarismo ideológico que se apregoavam com o esporte pelos seus diretivos em parceria com a Política de Estado, em diversos

momentos foram manifestamente negados pelos atletas, verdadeiros agentes do fenômeno esportivo. Como exemplo, um fato conhecido na História do Esporte (HOLMES, 1974). Na final da prova de salto em extensão, nos Jogos de Berlim, em 1936, Jesse Owens, atleta negro americano, depois de ter alguns de seus saltos invalidados pelos árbitros, por erros do próprio Owens, recebe de seu principal adversário, uma orientação para corrigir um movimento específico. Esse adversário era o atleta alemão Lutz Long, destaque da equipe de atletismo de seu país, e participava da competição para vencer as provas clássicas da modalidade, a fim de promover a superioridade da raça ariana, como era o objetivo do Estado alemão naquele momento. Jesse Owens venceu a prova do salto em distância, e o alemão foi o segundo colocado.

Os significados do Esporte se ampliaram e tornaram-se mais complexos oriundos da História da humanidade, desde a Grécia antiga dos filósofos esportistas Platão, Sócrates, Aristóteles (TUBINO, 1992), até o surgimento do Esporte Moderno, em fins do século XIX, com Thomas Arnold. Os contextos gerados a partir daí incrementaram-se ao longo do século XX, com a participação cada vez mais intensa de praticantes, surgimento de modalidades, organização de instituições de organização e controle, e também de disciplinas científicas e exploração de novos conhecimentos para ampliar sua prática de diversas maneiras, desde a iniciação e o processo de ensino e aprendizagem, passando pela participação em ambientes informais, até os ambientes de treinamento e prática profissional.

O fenômeno Esporte mostra-se intensamente vivenciado neste início de século XXI, tendo como exemplos de sua ampla manifestação o Campeonato Mundial de Futebol em 2002 e os últimos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, e as questões que estão sendo geradas pela investigação dos problemas ali presentes. É notória a complexidade de informações e variáveis que a amplitude de contexto do fenômeno Esporte gerou, pela busca do melhor desempenho, nas suas diversas manifestações, sejam elas voltadas para o espetáculo, para a educação ou para a participação. Como exemplo, tratamos aqui do esporte profissional, ou espetáculo. O sucesso aponta para fatores que vão desde

metodologia de prática adequada, exaltação de condições psicológicas no enfrentamento de desafios, investimentos de patrocinadores, atletas e comissão técnica em trabalho de tempo integral na modalidade, identificando aí a questão do profissionalismo, exposição de equipes e modalidades na Mídia, fortalecendo o relacionamento com patrocinadores.

No contra ponto, as freqüentes causas apontadas de fracassos ou resultados inadequados se dirigem a problemas como falta de trabalhos de base, com distintas situações que vão desde o reduzido número de praticantes da modalidade até o problema da formação de profissionais que cuidam do ensino e aprendizagem esportiva. Outros problemas, como ausência do interesse de investimentos da iniciativa privada ou mesmo do suporte do Poder Público pelo fomento da prática de crianças e jovens merecem destaque nas causas. Em síntese, na sua compreensão histórica e de sua relevância para a humanidade, o Esporte, em meio à sua amplitude e complexidade compreendidas ao longo de sua existência, exige competências de quem joga, de quem organiza, de quem ensina, de quem promove práticas de treinamento. É uma das intenções deste estudo afirmar a necessidade de saber tratar com sua complexidade, seu ambiente de situações aleatórias e constantemente imprevisíveis (quem poderia imaginar que o maratonista brasileiro Vanderlei de Lima seria abordado por um manifestante na maratona dos jogos Olímpicos de Atenas, prejudicando visivelmente o atleta, na obtenção do resultado final?), e a constante relação de sujeitos para resolução de problemas, de dimensões variadas.

O Esporte sempre esteve ligado à dimensão da formação, seja com os gregos, ou no seu resgate para o surgimento do Esporte Moderno. Na continuidade para o Esporte Contemporâneo a evolução de seu contexto exigiu manifestação de diversas competências de jogadores, professores e técnicos, de organizadores e promotores, de profissionais de diversas áreas relativas ao fenômeno, e de aplicação em sua prática, sendo o pedagogo esportivo o agente direto e regente dessas informações e variáveis, sustentado pela ampla atuação da Pedagogia do Esporte, na dimensão compreensiva do ambiente formativo em que se sustentam suas ações.

2.1 Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo: formação de contextos do início do século XXI

Tomando como fato que o fenômeno esportivo é um acontecimento sociocultural verificado pela humanidade durante o século XX, Tubino (1992) aponta tendências em sua perspectiva de transição para o século XXI, em abordagem referenciada nas relações que o esporte estabelece com a sociedade. Para embasar suas proposições e análise para tendências do fenômeno esporte para o século XXI, considera a predominância de elementos que levam à compreensão do mundo, relevando a necessidade desta perspectiva ser referenciada em paradigmas, que estão a se formar.

Tubino (1992) considera as expectativas de tendências mundiais, baseadas na tendência da globalização, voltadas para a perspectiva da totalidade do indivíduo dentro da prática esportiva, clamando para si um campo específico de estudos científicos, centrado na Ciência do Esporte. Daí surgem paradigmas distintos do entendimento do fenômeno esportivo, sendo o primeiro focado na idéia de esporte rendimento e o segundo dirigido às perspectivas de participação e formação, com caráter educacional. Para o esporte rendimento, surge a interpretação de outros três paradigmas, referenciados pelo esporte como ideário olímpico, como uso político ideológico, e como negócio, provocando conflitos entre a lógica do mercantilismo e a ética esportiva. Observa que as atividades físicas são manifestações de uma cultura física, pela necessidade que o homem tem em se relacionar com o mundo através de seu corpo, tendo no homem em movimento o foco de suas relações antropológicas.

Em suas projeções, na análise feita na última década do século XX, Tubino (1992) reconhece a tendência que o esporte tem em assumir sua condição para o início deste século, demonstrando a tendência de aumentar o número de modalidades ligadas à natureza, aparecimento de modalidades relacionadas à aventura do homem, proliferação de modalidades derivadas das artes marciais no mundo ocidental, incremento da organização internacional para o esporte, bem como da profissionalização de seus dirigentes, conflitos de instituições esportiva

com o objetivo de controle das modalidades, a influência da mídia sobre o contexto esportivo quando da valorização do espetáculo que signifique retorno financeiro para suas ações em congruência com o interesse popular, determinado pelas modalidades coletivas, modalidades de convívio aproximado com o perigo de morte, e de grande valorização financeira, redução do papel do Estado no esporte profissional, indicando sua atuação para fomento no esporte do bem estar social, esporte participação e esporte educação. Indica também para o surgimento de uma nova ética esportiva, comprometida com as novas dimensões sociais do esporte.

No exercício de apontar tendências para o esporte no século XXI, Tubino (1992) toma como base, dentro de seus estudos e vivência na esfera esportiva, elementos pontuais que se referiam à complexidade do fenômeno esportivo pelas variáveis que se apresentaram durante sua evolução, globalidade de sua infiltração pelas mais diversas culturas mundiais, integralidade do indivíduo que participa em suas formas passivas ou ativas. Os apontamentos de Lovisolo (2000), Otañez (2000) e Paes (2000), no início do século XXI, exibem relações com as tendências apontadas por Tubino (1992) na última década do século XX.

Lovisolo (2000) caracteriza o perfil do esporte competitivo e espetáculo esportivo como de grande atração para a mídia, sendo um importante elemento para a indústria do lazer e entretenimento. Na sua evolução, passa pela dimensão da racionalização, especialização, tecnificação e organização empresarial para atender as exigências do contexto atual, incrementado com a sua condição de integrante do mundo dos negócios. É sabido que o esporte e muitos ramos a ele ligados movimentam somas de grande importância referentes a ganhos de atletas em contratos com suas equipes, com patrocinadores pessoais, transferências de equipe. Também é grande o volume financeiro referente à organização de eventos e seus respectivos patrocinadores, bem como em investimentos em estrutura logística, para citar alguns exemplos.

Lovisolo (2000) coloca que o esporte na mídia significa a sua utilização pela indústria do lazer, que se opõe ao tédio em sociedades caracterizadas pelo pouco tempo de trabalho, permitindo às pessoas passar o tempo, significando também a

possibilidade de fazer parte da programação das empresas de televisão, em caracterização de lazer e entretenimento. Para o autor, a mídia encara o esporte, em sua condição de espetáculo, como produto para as relações que no Ocidente se criaram com as questões do trabalho, pois nesse momento do lazer o sujeito pode preencher seu tempo livre com o espetáculo esportivo, levando-o a viver emoções.

Otañez (2000) caracteriza o esporte pós-moderno pela presença do marketing e dos patrocínios, que modificou o perfil da modernidade do esporte determinada por Thomas Arnold. O produto esporte toma a frente das investidas do marketing pela sua possibilidade do êxito esportivo, que significa a transcendência das competições esportivas. Transforma-se em uma necessidade existencial derivada da artificialidade, da tecnificação e do sedentarismo da vida atual, cumprindo função social, na medida em que promove o encontro de pessoas, durante os eventos, mostrando o valor humano do esporte. Para o autor, é um autêntico fenômeno social, pois mobiliza cidades, países, continentes. Tem importância política, manifesta pela existência de leis e órgãos que o regulam, e também revela sua importância através de seu controle por secretarias municipais e estaduais e ministérios federais. Para Otañez, o esporte pode produzir elementos negativos para a sociedade, ou coisas boas, reforçando que os indivíduos negativos podem manifestar-se também no esporte. Por isso, o esporte tem uma função educacional, e o treinador esportivo assume uma missão fundamental, que é a de educar não para o esporte, mas através do esporte (OTAÑEZ, 2000).

Paes (2000) considera o esporte como profissional visto do ângulo de competição e espetáculo esportivo, e nas suas observações, destaca, em meio à amplitude de possíveis análises, as dimensões de profissionalismo, a questão das regras e as suas modificações, o marketing esportivo, bem como as contribuições da ciência e da tecnologia.

Segundo o autor, o esporte profissional nos remete a vários significados sendo este um termo utilizado para identificar o esporte na dimensão profissional, entre vários outros que são utilizados, como alto nível, alto rendimento, preferindo

ficar o autor com a denominação que se refere ao seu profissionalismo, onde torna-se uma mercadoria, criando formas para seu consumo, fomentando a indústria esportiva, e também um grande gerador de empregos diretos e indiretos. Para o autor, preservadas sua essência, legitimidade e dignidade, o esporte profissional consiste em um negócio.

Em uma outra perspectiva de análise e significado Paes (2000) aborda as mudanças de regras. A fim de atender as exigências da televisão, referenciadas pela visualização, promoção de incertezas sobre o resultado e redução do tempo de jogo, as mudanças de regras no esporte profissional têm ocorrido de tempos em tempos, e tem como o principal objetivo tornar o espetáculo esportivo cada vez mais imprevisível quanto ao resultado. Tem-se como exemplo as modalidades voleibol, com a mudança do sistema de pontuação que diminui o tempo de jogo, e o basquetebol, com a alteração dos tempos de posse de bola de trinta segundos para vinte e quatro segundos, e do tempo de passagem da quadra defensiva para a quadra ofensiva, de dez segundos para segundos. Segundo Paes (2000), essas alterações visam promover um espetáculo que nunca se repita.

Para Paes (2000), uma outra dimensão do Esporte se dirige ao marketing esportivo. As intervenções do marketing no esporte profissional provocaram em seu contexto adaptações para torná-lo mais atraente e desejado, na ótica de seus conceitos de negócio. Superou a posição inicial de busca por patrocinadores, e se colocou na mediação das relações entre o meio esportivo e o meio empresarial, facilitando o consumo do produto esporte pelo público. A partir daí, toma-se como gerador e impulsionador principal da difusão e geração de recursos para o esporte. É de se notar o impacto do esporte profissional na vida do brasileiro, como gerador de riquezas, empregos e entretenimento, elementos associados, na visão de Paes (2000), que afirma ser essa relação centralizadora de interesses mútuos, na medida em que o marketing identifica no esporte profissional um produto rentável e um veículo para difundir idéias. De um outro lado, o esporte profissional deve solicitar os conhecimentos e experiências do marketing na captação de recursos e disseminação de desejos e interesses do fato esportivo (PAES, 2000).

O tema Esporte, com os avanços da humanidade, solicita para si o auxílio da Ciência e Tecnologia. Na busca do melhor desempenho, sustentado pela otimização do processo de treinamento esportivo, um dos fatores que tem permitido a constante evolução da exploração dos limites dos níveis de performance e exigência é a aplicação de conhecimentos desenvolvidos pela ciência e o suporte e incremento da tecnologia. Entre os fatores que contribuíram para aumentar o desempenho atlético, estão o aumento do número de praticantes, e a organização esportiva de maneira geral. Porém, para Paes (2000), os avanços científicos e tecnológicos se mostraram relevantes para compor esse quadro evolutivo de desempenho no esporte profissional. Áreas da ciência aplicada ao esporte, como a Medicina, Nutrição, Engenharia, Psicologia, Informática e também os conhecimentos desenvolvidos na Educação Física influenciaram diretamente o esporte profissional e se confirmam como obrigatório ponto de apoio na perspectiva de sua manutenção e renovação como espetáculo (PAES, 2000).

Coloca o autor também que a relação entre esporte competitivo e espetáculo esportivo se fortalece pela presença da mídia, envolvimento de comunidades, mobilização de estruturas de grande porte em várias dimensões logísticas para organização de eventos como provas de automobilismo da categoria Formula Um, de Campeonatos Mundiais das diversas modalidades, de Jogos Olímpicos. Para Paes (2000), o fenômeno esportivo se amplia de maneira consistente devido a alguns pontos fundamentais:

- pela linguagem universal do esporte;
- renovação constante e permanente do jogo como espetáculo;
- imprevisibilidade do resultado;
- beleza plástica da prática esportiva;
- aumento de praticantes do esporte em suas diversas modalidades;
- eficiência do esporte como facilitador de campanhas de marketing;
- o significativo espaço da programação esportiva na televisão.

2.2 Esporte: aspectos filosóficos

O Esporte no século XX tomou várias faces. A respeito dessa variedade de interpretações, usos e significados, seu entendimento é cada vez mais pautado na complexidade, agregando um grande número de interpretações decorrentes dessa visão. Bento (1991, p.14), com o propósito de estabelecer conexões para este nível complexo de sua compreensão, explora alguns de seus significados e o interpreta como:

O desporto no plural, que nos surge como domínio tecnológico, como atividade profissional, como comércio e negócio, como artigo de consumo, como indústria de entretenimento, como empreendimento da saúde, como campo e fator de socialização, educação e formação.

Saber das características descritas funcionalmente e entender das técnicas de gestos, descrições biomecânicas dos movimentos ótimos e indicados para uma excelente performance, as marcas conquistadas, número de praticantes, o campo de conhecimentos gerados pelas disciplinas biológicas na análise esportiva, ou seja, de seu entendimento linear, marcadamente cartesiano, representa um campo inicial de conhecimentos nas ciências do esporte. Para melhor entender o fenômeno Esporte e dar suporte ao seu tratamento nas mais diversas ocorrências desde o alto nível de exigências até o ensino de suas práticas iniciais em ambiente de aprendizagem, Bento (1991, p.17) amplia sua concepção, e continua:

É um desporto no plural que rompeu com a unidade de sentidos do desporto no singular assente no modelo tradicional da pirâmide com o desporto de alto rendimento no topo e com o desporto de massa na base [...]. Tudo isto pertence à imagem atual e à complexidade do fenômeno desporto. O seu denominador comum não se encontra mais apenas nos sentidos tradicionais da exercitação, do treino, da competição, do jogo, do rendimento, do recorde; reside, sobretudo, no elemento constitutivo fundamental: técnica ou tecnologia do movimento e do corpo.

Para Bento (1991), o esporte compreende um sistema de comportamento corporal que tem regras próprias e é orientado por normas e convenções culturais, a respeito do contexto formado pela comunidade que dele participa. Sua resolução se dá pelas condições funcionais do indivíduo, na conjunção de sua anatomo-

fisiologia, bem como do quadro de suas percepções, permitindo ao sujeito ir além de prescrições e parâmetros externos, conjugando percepções internas e exigências de comportamentos ditadas pela otimização de gestos, corroborando para o aperfeiçoamento corporal humano.

Este posicionamento demonstrado por Bento (1991) abre a compreensão do Esporte numa perspectiva filosófica, demonstrada por Lenk (1974) ao colocar que, historicamente, esta visão é fundamentada pela participação de filósofos gregos, na Antigüidade, em práticas esportivas. Relata-se que Platão, Pitágoras, Aristóteles, entre outros, foram praticantes de atividades esportivas e atribuíram grande importância às atividades corporais, assim como Sócrates, ligado à valorização e ensino dentro de ambientes específicos da atividade física. Consideravam aqueles filósofos os exercícios físicos um meio para a formação integral do indivíduo, de fundo pedagógico, sem ali se importarem com questões relativas à interpretação de mundo ou o levantamento de teorias que pudessem explicar o Esporte praticado naquele contexto. Suas idéias se desenvolveram como componentes do culto em antigas festas e aos deuses ou os mortos. É uma das relevantes diferenças de análise das atividades esportivas praticadas naquele tempo para o que veio a ser o esporte moderno, saindo daquele tipo de significação cultural para a autonomia das análises que as ciências do esporte fazem no contexto atual (LENK, 1974).

Nesta perspectiva filosófica, estabelece-se um eixo central que sustenta a natureza do esporte, ou seja, os valores do jogo, a ética, a vivência da corporeidade através das percepções e sensações geradas pela sua prática intensa. Também é de se destacar o aspecto da convivência, ligada a valores como respeito, solidariedade, participação do indivíduo em um sistema social, ética de comportamentos, permitindo ao indivíduo o exercício de igualdade em um sistema de regras e leis únicas.

Para Lenk (1974), o esporte pode significar um meio de se atingir a perfeição pessoal e existencial, através dos esforços que realiza, mediante o domínio disciplinado de seu corpo, da constante possibilidade de ultrapassar o rendimento anterior. Essa prova de superação também se dá pela existência da

competição na presença de adversários, pois, na medida em que se nota determinado desempenho em relação a outros, mede-se também com relação a si mesmo, e a partir desta unidade subjetiva de comparações, se oferece um elemento de superação (LENK, 1974).

Pautado pelas percepções, sensações e provas físicas de sua existência, tanto o atleta que explora seus limites constantemente, como o indivíduo que pratica uma modalidade esportiva por valores ligados ao prazer de jogar, de conviver em uma comunidade, aceitam-se e a seu corpo como a si mesmo e através dos desafios que surgem. Têm no próprio corpo o referencial de vida, superando esta percepção inicial da presença do corpo no mundo para a dimensão espiritual, como busca entender Lenk (1974). Os êxitos alcançados em ambientes esportivos compõem a natureza poderosa e implacável do atleta. A composição de tensão e estímulo têm como sustentação a felicidade, o inesperado, o momentâneo, o transitório. O contexto realístico da competição remete ao detalhe, à disciplina, às normas gerais do jogo esportivo, que exigem constante intencionalidade e tensão, provocando um intenso exercício de autodescoberta. Assim, oferecem-se situações em que o ser autêntico e sua existência verdadeira se configuram pela decisão livre de atitudes espontâneas e intencionais regidas pelo autodomínio e aperfeiçoamento progressivo e o consciente enfrentamento de situações de resultados incertos de vitória ou derrota, em diferentes magnitudes, desde o esporte profissional ao esporte educacional e ao participativo, revelando a existência humana fundamental, não se permitindo abandonar ou enganar-se (LENK, 1974).

2.2.1 Esporte e valores humanos

O esporte pode também, através de suas práticas, promover a vivência de valores humanos. Sanmartín (2003) e Comte-Sponville (2003) consideram a definição de valores humanos pertencente ao campo da experiência subjetiva, pois são entidades não objetivas e relativas. Sanmartín (2003) reforça essa afirmativa indicando que seu conceito se dirige a critérios mediante os quais as pessoas selecionam e conferem valor a uma conduta.

Para Martinelli (1996) são fundamentos morais e espirituais da consciência humana. Aranha e Martins (1998) colocam valor como sendo uma relação entre o sujeito que valora e o objeto valorado, ou seja, atribuir valor a alguma coisa é estar sensível a ela. Martinelli (1996) considera que a vivência dos valores alicerça o caráter e reflete-se na conduta do sujeito como uma conquista de aspectos intrapessoais, essencialmente, e a aquisição de tais valores se projeta nos relacionamentos humanos. Para a autora, as relações de poder mudam na medida em que os valores criam novos significados e maneiras de conceber a vida.

Tendo como pressuposto que os valores educacionais estão presentes no cenário do esporte, especificamente no ambiente dos jogos desportivos coletivos, que para Garganta (1998) têm caráter de formação por excelência, os valores estão presentes intensamente na vida do sujeito que joga, pois são tidos como princípios que governam todos os aspectos de nossas vidas, e para Sanmartín (2003) devem governar também a participação esportiva. Para o autor os valores são metas que estão além da percepção da situação, e avançam no seu significado e relação com outros elementos de determinada situação, sendo, pois, variáveis em importância e podem servir de interesse a uma pessoa ou a um grupo. Desta maneira, os valores motivam a ação proporcionando direção e intensidade, funcionam como padrões da evolução da conduta pessoal e são aprendidos pelas pessoas através das vivências em grupos a que pertencem e também mediante suas próprias experiências individuais (MARTINELLI, 1996; ARANHA e MARTINS, 1998; SANMARTÍN, 2003).

Desde muito tempo o esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos próprios limites, auto-estima, criatividade, respeito aos demais, tolerância, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, justiça, trabalho em equipe, integridade. Todos estes e muitas outras qualidades socialmente desejáveis que o esporte pode facilitar não tem tido sempre a mesma interpretação e hierarquia ao longo da história, de tal modo que cada época tem ressaltado uns sobre os outros e tem considerado como positivos certos valores que em outros momentos seria negados. Para Cagigal (1979), o esporte, além das exigências físicas que lhe são

próprias, contém valores de descobrimento de si mesmo, de desenvolvimento pessoal, de educação social que o indivíduo deve levar consigo para toda sua vida.

Sanmartín (2003), em seus estudos, relata que no esporte a conduta desejável e as atitudes morais têm sido consideradas habitualmente representativas de bom caráter, a esportividade e o jogo limpo, *o fair play*, o que é significativo, pois crianças e adolescentes tendem a imitar seus ídolos, além de imitar suas habilidades, em acordo com Cagigal (1981). O esporte prepara para futuras situações da vida cotidiana, fazendo do esporte uma via para a educação da vida real, apontam os autores, ao enfatizar que os valores educativos do esporte não são somente aqueles que se atribuem valor de forma perceptível, como saúde, companheirismo, respeito às normas. São significativos também outros que de forma interna se vão configurando no indivíduo graças às condições em que praticou uma determinada especialidade esportiva, como autocontrole, justiça, humildade, auto realização, honestidade, controle emocional, responsabilidade, entre outros.

Em suas observações sobre a questão dos valores humanos no esporte, Sanmartín (2003), analisa que o esporte, a respeito desse ponto de vista, separa-se por pólos distantes, um em que pessoas crêem que ele educa e não há nada que ser modificado, e outro, que aponta para os que querem vencer a qualquer custo. Nesta ótica, reflete que para muitos autores, o esporte não é bom nem mau, é o contexto que determina seu caráter, que pode desenvolver tanto o espírito coletivo, quanto o espírito individualista. Aí consiste a necessidade de determinar as condições pedagógicas, para que se converta o esporte em uma atividade educativa autêntica. O esporte bem utilizado pode promover valores como disciplina, respeito aos adversários e companheiros, a persistência e ensinar o sentimento de jogo limpo, o respeito pelas normas, em esforço coordenado de subordinação dos interesses pessoais aos do grupo.

Em um outro momento, mal utilizado, pode promover a vaidade pessoal e a do grupo, o desejo doentio pela vitória e o ódio entre os rivais, um espírito corporativo de intolerância e desprezo pelos demais (SANMARTÍN, 2003). Nesta

visão, o autor considera que a educação física e o esporte juvenil deveriam ser um terreno de preparação para o esporte adulto, tanto para quem joga como para quem se entretém com ele, preparando a todos para se integrar ao contexto e vivenciar os valores aprendidos, seja em campos de disputa ou como integrante de seus outros cenários de participação e entretenimento.

No entendimento do esporte e seus valores educacionais, pelas colocações dos autores aqui apontados, especificamente Cagigal (1981), é relevante a compreensão do efeito que o Esporte provoca nas pessoas que se relacionam com ele de diversas formas, e podemos considerar que o fenômeno Esporte atua de forma indireta através do ídolo esportivo, tornando essa relação significativa pelo poder de influência que têm sobre jovens e crianças, transformando-se em verdadeiros heróis e agentes da transmissão de valores humanos, e só podem tê-lo pela vivência em seu ambiente específico.

Sanmartín (2003) cita, de acordo com seus estudos, conjuntos de valores presentes na prática esportiva. Em dimensão geral, aponta: justiça e honestidade, auto-sacrifício, lealdade, respeito aos demais, respeito pelas diferenças culturais, jogo limpo, comportamento ético, autocontrole, justiça, humildade, perfeição da execução, verdade, intercâmbio cultural, auto-realização máxima.

Em dimensão psicossocial, considera: alegria, auto-estima, auto-respeito, lealdade, integridade, honestidade, esportividade, respeito aos pontos de vista diferentes aos próprios, respeito aos adversários, valor, respeito às decisões dos árbitros, controle emocional, autodisciplina, jogando com limites próprios, tolerância, paciência, humildade, liderança, responsabilidade, determinação, saúde e bem estar físico, empatia, cooperação.

O esporte pode fomentar inúmeras qualidades positivas, de dimensão interpessoal, como lealdade, cooperação, convivência, respeito, entre outras, e as relativas à dimensão intrapessoal, como responsabilidade, perseverança, força de vontade, determinação, espírito de sacrifício, entre outras mais. É de se considerar também que o cenário esportivo prescinde desses valores e boas qualidades, para que se equilibrem outras manifestações do comportamento dos sujeitos, que o desejo intenso de vitória pode trazer (SANMARTÍN, 2003).

2.2.2 O esporte e a ética

O esporte permite também a criação de ambientes para a vivência de princípios ligados à ética. Para Lenk (1974), o esporte ensina e cria a identificação com grupo, adaptação social, a lealdade, a modéstia na apresentação das próprias possibilidades, noção e valor de sacrifício, qualidades de liderança e a vivência dos aspectos morais relativos. Assim, os valores, normas e ideais vividos no campo do esporte, e também as finalidades morais a que os esportistas se propõem, constituem um complexo ético desportivo completo, variável de indivíduo para indivíduo, de acordo com seu sistema de princípios e valores.

Entendida como a realização de conjuntos de comportamentos, aceitos e determinados para determinado sistema social, a ética significa o eixo central que sustenta a natureza do esporte, ou seja, os valores do jogo, e permite a vivência da corporeidade através das percepções e sensações geradas pela prática intensa do jogo. Na medida em que se formam elementos para interagir com o imprevisível desde referenciais de movimentos adequados à regra do jogo, criam-se comportamentos que são exigidos para poder jogar convivendo com outros indivíduos, em dado sistema de costumes e valores.

O jogo, através de suas características estruturais e formativas, torna-se um elemento básico para a compreensão das conexões internas e externas e as possibilidades pedagógicas que os sujeitos estabelecem ao interagir segundo critérios e hierarquia de valores.

2.3 O jogo: elemento essencial do contexto esportivo

O conceito de jogo, como um subsistema do esporte, se faz presente para entender as conexões que dão sentido à extensão pouco usual de suas dimensões filosóficas.

O jogo, uma atividade voluntária para Huizinga (2000), é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um

determinado sentido. Para o autor, “o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência”.

Para Callois (1990), o jogo é demonstração de superioridade, e o prazer de jogar advém do desafio, implicando perigo, trazendo as idéias de facilidade, risco ou habilidade. Para o autor jogar envolve risco e prudência, inteligência, acaso e o constante exercício do limite entre prudência e audácia.

Segundo Huizinga (2000), o puro e simples jogo constitui uma das principais bases da civilização, sendo uma função da vida, não sendo receptivo a uma definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. Brougère (1998) afirma que o jogo é cultural, e exige regras geradas pelas circunstâncias. Essas regras, para Callois, (1990), tem caráter arbitrário, imperativo e inapelável. Muitos significados permeiam seu entendimento, e valorizam o exercício da criatividade, dando-lhe um sentido primário, criador, necessário para resolver problemas, estimular capacidades. Huizinga (2000) aponta importantes e fundamentais características do jogo: o fato de ser livre, ser ele próprio, liberdade, remetendo seu significado a um sentido único, de não ser vida “corrente” nem vida “real”, evadindo-se daí para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Callois (1990) reforça essa idéia quando coloca que o jogo opõe-se ao caráter sério da vida, na medida em que brinca com o real. Huizinga destaca que toda criança sabe perfeitamente quando “só está fazendo de conta” ou quando está “só brincando”.

Delimitado por regras próprias, o jogo inicia-se. Brougère (1998) coloca que o jogo exige regras geradas pelas próprias circunstâncias, sendo flexíveis e construídas coletivamente, seu padrão tem uma dimensão aleatória. E em um determinado momento, na combinação prévia e única de seus participantes, chega ao fim.

Distingue-se da vida comum tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. Significa o isolamento da realidade externa, a ocupação de seu terreno próprio, onde comportamentos motores singulares e específicos são assumidos. Joga-se até que se chegue a um certo fim. Reina dentro do domínio do jogo uma ordem específica e absoluta das manifestações de complexidade. O jogo cria

ordem e é ordem. Constantemente parte da ordem, sofre rupturas em sua organização, indo para a desordem.

Diante deste quadro, nas ações de perguntas e respostas que seguem ao jogo, imediatamente os subsistemas ali formados buscam se auto-organizar, formando nova ordem, que será desfeita pela sua própria condição desafiadora de ordens pré-estabelecidas. Transferindo para os aprendizados da vida cotidiana, Huizinga (2000) afirma que o jogo relaciona estética, organização na confusão da vida com a perfeição temporária na imperfeição do mundo, sendo que todo jogo existe e se processa no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, e tem para si um “lugar sagrado”, lugares fechados, isolados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Para Huizinga (2000), são mundos temporários dentro de um mundo habitual. Para Callois (1990), além de trazer noções de totalidade, e liberdade, o jogo é ocasião de gasto total de tempo, energia, engenho, destreza.

2.4 O Jogo como Recurso Pedagógico

Teodorescu (2003), ao se posicionar para sua definição, retrata o jogo como sendo “um fenômeno elaborado num sentido tipicamente humano, como conseqüência da organização de um sistema – cada vez mais estável – de interesses, cada vez mais humanos”. Ressalta a característica de atividade lúdica que possui o jogo, bem como de preparar o sujeito para o trabalho. Segundo o autor, é possível concebê-lo como um fenômeno social, como forma de atividade humana específica, atrativa e recreativa e ao mesmo tempo educativa, pois se constitui como meio de integração social através da atividade lúdica. Para Teodorescu, todos os jogos educam, desde que de acordo com as exigências da sociedade em que o indivíduo se integra.

Surge, então, a necessidade de se dar a essa atividade um tratamento pedagógico, com a presença do educador, e a presença de um ambiente educativo em suas práticas, ambiente este que pode ser representado pela família, escola, clube e outras formas associativas institucionalizadas, formando microssistemas sociais (TEODORESCU, 2003).

Nesta proposição é necessário compreender o jogo como elemento fundamental do esporte, bem como sua essencial conexão com o sentido de jogar. Essa posição remete-nos à visão de sua aplicação e interface com o esporte, no ato de jogar. Paes (2002) integra jogo e esporte, na tomada do jogo possível como um recurso pedagógico possuidor de caráter lúdico e da lógica interna, da técnica e da tática dos jogos coletivos, permitindo ao pedagogo esportivo promover intervenções nas práticas de quem joga, interagindo com habilidades específicas e regras. Assim, para Paes (2002), o jogo possível permite a quem joga conhecer, utilizar e aprender o esporte de acordo com os objetivos de quem joga, bem como vivenciar valores e modos de comportamentos diversos.

Paes (2002) justifica a importância do jogo como recurso educacional, pois para o autor o indivíduo mostra-se de forma verdadeira quando joga. Nesta perspectiva, o jogo progride em sua relevância, sendo um meio de manifestação das dimensões múltiplas do sujeito, e também um substrato para estímulos possíveis do desenvolvimento de competências e habilidades do indivíduo, ligadas aos aspectos da técnica, das estratégias, dos relacionamentos e do sentido de jogar.

2.5 Esporte: visão paradigmática

Alguns autores, reconhecidos pela comunidade científica ligada à área da Educação Física e do Esporte no âmbito internacional, publicaram, a partir da década de 60 do século passado, ensaios que buscavam desenvolver compreensão e justificativas deste contexto específico. Embora esses autores não procurassem configurar uma teoria com caráter epistemológico relacionada com as atividades físicas, contribuíram para que esse campo de conhecimentos tivesse uma melhor interpretação pelos cientistas da área, permitindo a partir dali estabelecer, com o tempo, novos estudos e a ampliação deste campo de conhecimento. Segundo Tubino (2002), Ommo Gruppe, Jean Marie Brohm, Jose Maria Cagigal, Herbert Haag são autores relevantes e indicados para se tomar em estudos numa perspectiva epistemológica.

Ommo Gruppe (1976), através de sua Teoria Pedagógica da Educação Física, considera o Esporte como um dos conteúdos da Educação Física, não aceitando, pela condição ainda primária deste tipo de abordagem no início da década de 70, o uso da expressão “Ciência do Esporte”. Assim, confere ao esporte um caráter pedagógico, enquadrando-o na pedagogia. Para o autor será a pedagogia a Ciência que melhor abriga a atividade físico-esportiva. Na fundamentação de sua teoria, utiliza-se do princípio filosófico de que no jogo está a origem de toda cultura, valorizando também o jogo como forma de existência humana, tendo sentido em si mesmo, reconhecendo e justificando aí o seu valor pedagógico. Para Gruppe (1976), através do jogo cria-se um meio possível de atuação da a educação e bem como da formação, juntando-se para entender-se como instauração e afirmação do caráter humano do homem no meio do mundo. Assim concebendo a educação, valoriza a participação dos indivíduos no ambiente esportivo dos mais diversos níveis de exigência, bem como nos aspectos formativos nas mais diversas dimensões. Em síntese, considera a pedagogia como elemento unificador das tendências da atividade física, incluindo-se aí o esporte.

Jean-Marie Brohm (1978), de maneira generalista, sem diferenciar o esporte de rendimento do esporte escolar, em posição radical e com o foco no sistema político, apresenta sua visão paradigmática sobre o Corpo e o Esporte em consequência de um movimento cultural ocorrido na França em maio/junho de 1968, com embasamento marxista. O autor considera o esporte como um meio de alienação ideológica e de repressão das sociedades, apresenta suas idéias de maneira pontual a fim de denunciar o que chama da dominação do corpo e do esporte. Assim, defende a idéia de que o corpo tem um papel subordinado na hierarquização intelectualista, o que é caracterizado pela sua desvalorização permanente, e o esporte serve como meio para que esse tipo de domínio ocorra. Brohm discorre em suas análises em meio a uma crise de valores esportivos, onde a escravidão do atleta, a obsessão pela vitória a qualquer preço, a utilização política dos eventos, a prioridade para a formação de campeões, a comercialização predatória e a influência crescente da publicidade dominavam o

contexto esportivo mundial naquele momento, ou seja, década de 70. Brohm aponta a utilização de maneira organizada do contexto esportivo em torno do capital industrial (ênfase no máximo rendimento, especialização do trabalho, movimento corporal robotizado) e o uso do esporte como aparelho político ideológico do Estado (que se manifesta na transformação do espetáculo em meio de distração das massas, desviando os homens adultos de uma participação política consciente). Ataca o movimento olímpico, rotulando-o como uma instituição altamente conservadora, um gigantesco empreendimento de despolitização, baseado numa ideologia imperialista reacionária.

O autor define o esporte como sendo sistema institucionalizado de práticas competitivas regulamentadas convencionalmente, a fim de indicar o melhor concorrente, contendo competições físicas universalizadas aberto a todos, com o objetivo de medir e comparar o rendimento humano. Incentivador de superação de façanhas, que tem em sua meta estrutura o espírito novo, industrial e carrega consigo a mentalidade do rendimento e do êxito. Em conseqüência, refuta o esporte na escola, pois observa que é uma forma de preservar o sistema educativo das idéias das federações esportivas, que representam o poder capitalista. Também defende a idéia de que o espetáculo esportivo de massas é um fato capitalista na indústria do espetáculo e reforça a idéia de mercadoria humana.

Em síntese, para Brohm, a organização do Esporte mundial se desenvolve paralelamente à consolidação do imperialismo, onde as instituições esportivas estão compreendidas no próprio sistema capitalista e o atleta de competição vende a sua força de trabalho.

José Maria Cagigal (1972, 1979, 1981) configura uma teoria com base antropológica e cultural sobre a Educação Física e o Esporte, sugerindo inclusive o nome Cineantropologia para compreender os fenômenos aí manifestos. Observa que a Educação Física e o Esporte têm origem no mesmo eixo, ou seja, o movimento, e em uma análise mais profunda, ambos vêm de uma mesma realidade antropológica, que é o homem em movimento. Para o autor, o Esporte, uma realidade genuína e exclusiva do tempo em que vivemos, ajuda as pessoas a

conhecerem a realidade e se adaptarem a ela quando o desenvolvimento cognitivo, em uma perspectiva piagetiana, tem uma fundamentação motriz, o que justifica o estímulo da inteligência através do jogo. Com base nos conceitos desenvolvidos por Huizinga, Diem e Callois (LÓPEZ, 2003), considera os elementos constitutivos do Esporte como sendo o jogo, o exercício físico e a competição, estabelecendo relação direta com seu caráter filosófico e histórico.

Na perspectiva de uma Cultura Física, explicada como o aspecto do desenvolvimento humano e de enriquecimento social, considera o esporte como uma de suas manifestações. Considera o Esporte Moderno (desenvolvido por clubes e federações, possui regulamentos e códigos, tem como valores o jogo limpo, cavalheirismo e respeito ao adversário), concebido pelos ingleses no século XIX, diferente do Esporte Espetáculo (que possui todas as características do Esporte Moderno, acrescidas de exigências sistemáticas de espetáculo, política, negócio, técnica, ciência e profissionalismo).

A partir desta diferenciação, marca também o Esporte Contemporâneo, que têm no jogo competitivo a sua essência em forma de exercício, com duas direções distintas e respectivas características:

- O Esporte Espetáculo
 - ✓ Alta competição
 - ✓ Movido pela mídia
 - ✓ Tendência ao profissionalismo
 - ✓ Exige sensacionalismo
 - ✓ Esporte dos heróis
 - ✓ Determinado pela Ciência e Tecnologia

- Esporte Práxis
 - ✓ Prática consciente e equilibrada para as pessoas comuns.
 - ✓ Praticado em qualquer espaço
 - ✓ Aberto a todos.

Nas teses levantadas pelos seus estudos, Cagigal valoriza o esporte, colocando-o como a atividade do homem completo, pois supera a atividade corporal ao acrescentar aspectos éticos e intelectuais, além de enriquecer intelectualmente as pessoas que o praticam, o que ocorre pelo conhecimento do mundo, da sua própria realidade e dos outros. O Esporte, para Cagigal, é a maior extensão cultural organizada do homem contemporâneo em movimento, envolvendo rivalidade, confrontos e desejos de vitória, fortalecendo o vínculo entre motricidade e inteligência. O autor indica a influência que os ídolos do esporte exercem sobre o aumento da procura das práticas, em um fenômeno chamado de “efeito-imitação”, justificando, na medida em que os ídolos são colocados como modelos, o tratamento pedagógico que deve ser dado a toda prática esportiva, tanto de formação como de preparação para competição e os eventos profissionais competitivos.

Herbert Haag (1994) em discussões geradas na comunidade esportiva científica internacional a partir de 1983, organizou inicialmente sete áreas de relação direta com o fenômeno Esporte, na tentativa de solidificar a Ciência do Esporte, com base na pesquisa científica, com fundamentos da teoria científica, métodos de pesquisa, técnicas de coleta de dados, análise e transferência dos conhecimentos desenvolvidos para as áreas de aplicação específica. Fundamenta-se nos pressupostos de que o Esporte é uma expressão de performance cultural do homem que tem tendências a relações fechadas para a ideologia, profissão, organização e ciência, fazendo o Esporte parte da cultura com um caráter internacional e uma diversidade sócio-cultural relacionada a condições geográficas que compreendem a variabilidade do fenômeno esportivo.

Medicina, Biomecânica, Psicologia, Pedagogia, Sociologia, História, Filosofia estão integradas ao Esporte, representando áreas específicas de aplicação, bem como outras áreas, Ciência da Informação, Política, Economia, Ciência Jurídica e Teoria das Facilidades e Equipamentos também se integram, na visão do autor.

Autores alemães (Baitsch et al., 1972), em consonância com a realização dos Jogos Olímpicos de Munique, já apontavam para a sistematização de um

corpo de conhecimentos científicos que permitissem a compreensão do fenômeno complexo Esporte em uma perspectiva multidimensional, já que para Haag o Esporte é uma forma específica do comportamento do movimento humano, caracterizado por suas finalidades e seus objetivos, participações, tempo e locais, que comprovam sua relevância social central. Assim, para Haag, a Ciência do Esporte representa um sistema de pesquisa científica, ensino e prática, para o qual o conhecimento de outras disciplinas é integrado.

Uma das finalidades da sistematização da Ciência do Esporte, de seu corpo de conhecimentos, das projeções científicas na medida em que se identificam problemas e desenvolvem-se possíveis soluções através dos métodos científicos, é de se dar ao fenômeno Esporte possibilidades de intervenções com base na Ciência, buscando assim soluções para mudar as próprias práticas esportivas com a ótica da especificidade para o Esporte das disciplinas relacionadas.

Nesta visão paradigmática do Esporte, muitos estudos e pesquisas foram gerados, porém não se compõem como epistemologia para uma teoria definitiva e única a respeito do Esporte, pela condição de sua amplitude e geradora de um sistema complexo composto por um grande número de variáveis. A visão fragmentada, manifestação do paradigma da racionalidade científica, provoca ainda o entendimento por partes de um sistema que é único e plural. O seu tratamento, em perspectiva evolutiva, está ligado à compreensão de sua totalidade e a do indivíduo que participa deste sistema. Desde o surgimento da proposta de Haag em 1983, e seu conseqüente desenvolvimento, nenhum outro conjunto de teses ou teorias surgiu com semelhantes características, que tivessem a finalidade de estabelecer uma visão paradigmática do fenômeno Esporte, configurando-se em uma perspectiva epistemológica para compreensão deste fenômeno. O que se nota é a aceitação das idéias desenvolvidas por Haag, e o desenvolvimento de um campo de conhecimento que se volte para as disciplinas pertencentes à Ciência do Esporte.

2.6 A Pedagogia e a Necessidade de um Campo de Conhecimento para Sistematização das Práticas Esportivas

Como foi visto anteriormente, em uma perspectiva filosófica o jogo constitui-se em uma célula básica do fenômeno esporte, representando um subsistema para a compreensão de sua natureza. O seu tratamento pedagógico caracteriza-se como componente que estimula desenvolvimento de competências específicas ao seu contexto. Desta maneira, reclama-se a presença de um processo constituído intencionalmente, dando conta de sua condução na possibilidade do desenvolvimento integral do indivíduo. Tornar a prática do jogo - campo potencial de formação por excelência - um veículo de significados múltiplos e construtivos de valores na compreensão de quem joga, indica a necessidade de entendê-lo em seu caráter educativo, no sentido mais amplo de seu entendimento, nos mais diversos contextos em que é utilizado, auxiliando no auto-conhecimento de quem joga, na exploração de seus potenciais diversos.

A respeito dessa colocação, Paes (2002, p. 91) afirma:

Restringir a pedagogia do esporte somente a questões metodológicas significa limitar as possibilidades do esporte, reduzindo-o a uma prática singular e antiga. A modernidade exige que o profissional de educação física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, transformando-os em facilitadores no processo de educação de crianças e jovens.

É momento de aproximar os conceitos de pedagogia e esporte, através do jogo, da unidade elementar de qualquer prática esportiva. Teodorescu (2003) reforça essa prerrogativa, ao se posicionar para a definição de jogo, retratando-o como sendo um fenômeno elaborado num sentido tipicamente humano, como conseqüência da organização de um sistema – cada vez mais estável – de interesses, cada vez mais representativo da natureza humana. Ressalta a característica de atividade lúdica que possui o jogo, como também coloca Huizinga (2000), bem como de preparar o sujeito para o trabalho, enfatizando, sobretudo, sua condição social quando significado de metáfora para a vida. Segundo o autor, é possível concebê-lo como um fenômeno social, como forma de atividade humana específica, atrativa e recreativa e ao mesmo tempo educativa,

pois se constitui como meio de integração social através da atividade lúdica. Para Teodorescu, todos os jogos educam, desde que de acordo com as exigências da sociedade em que o indivíduo se integra. O sistema Esporte é constituído por uma comunidade de praticantes e demais elementos participantes, representados por dirigentes, espectadores, e outros profissionais pertencentes às diversas disciplinas conectadas ao contexto esportivo. Dentro dos princípios filosóficos e éticos presentes no Esporte Moderno, como afirmam Lenk (1974), Gruppe (1974), Cagigal (1982), Haag (2000), Tubino (2002), forma-se o caráter educativo de toda prática esportiva, seja ela voltada para o ensino e aprendizagem das modalidades esportivas, ou direcionada ao esporte nos seus altos níveis de exigência.

Surge, então, a necessidade de se dar a essa atividade um tratamento pedagógico, com a presença do educador esportivo, ou mais especificamente o pedagogo esportivo, especialista responsável pela compreensão, estudo e aplicação das prerrogativas da ciência da educação, a Pedagogia, dentro das manifestações do fenômeno Esporte, estabelecendo a presença de um ambiente educativo em suas práticas, ambiente este que pode ser representado, de acordo com Teodorescu (2003), pela família, escola, clube e outras formas associativas institucionalizadas, formando microssistemas sociais.

2.7 Pedagogia e Práticas Esportivas

Com a finalidade de avançar na compreensão da essência do Esporte e seu caráter educativo nas suas mais diversas práticas, tornam relevante conectar as possibilidades formativas por excelência que o esporte possui com práticas pedagógicas devidamente fundamentadas na ciência aplicada da Educação.

Nos tempos idos da Grécia antiga, o *paidagogo*, condutor da criança, era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças a ambientes educativos. *Paidagogia* significava, então, acompanhamento e vigilância do jovem (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1996). Este conceito de acompanhamento e vigilância de jovens se expandiu com o avanço da Humanidade pela sua própria história. Preparar o indivíduo para a vida tornou-se a essência de processos educativos, e

ampliar os conceitos de educação passou a ser um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos (LIBÂNEO, 2002)

Brandão (1981) argumenta sobre os contextos de educação. Para o autor, ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. E existiria um modelo único educacional, um único tipo de educação? Para Brandão (1981), não há uma forma única nem um modelo único de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez, para o autor, nem seja o melhor.

É um dos intuitos deste estudo estabelecer a transferência da prática educativa para outros contextos, no caso específico, o Esporte. Esta intenção sustenta-se com a posição de Libâneo (2002), quando afirma ser evidente que as transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizados ou não, sob várias modalidades. Diante desta posição do autor e de acordo com o desenvolvimento das proposições deste estudo, estabelece-se para o ambiente de treinamento esportivo um contexto de caráter educativo do indivíduo que participa deste processo, em sua dimensão total, tendo como um de seus princípios básicos o estímulo de competências e habilidades do sujeito.

Segundo Libâneo (2002), é senso comum de que a Pedagogia é o modo como se ensina, o uso de técnicas de ensino, sendo que para o autor, o pedagógico aí se referencia ao metodológico, aos procedimentos, tratando-se de uma idéia simplista e reducionista. Podemos associar, na dimensão esportiva, à idéia da simples aplicação de programas de conteúdos, da obediência disciplinada aos métodos de ensino e aprendizagem, bem como aos métodos de treinamento, o que teoricamente resolveria os problemas de desempenho da performance humana, nos seus mais diversos níveis.

Franco (2003) considera que a pedagogia perdeu muito de sua identidade, no decorrer do processo histórico quando ao seu conceito foram associadas práticas que eram pautadas em planos articulados, métodos e técnicas. Para a

autora, é preciso estabelecer novos conceitos adequados à concepção do padrão, do todo, dos problemas. Superando a representação inicial de uma ordem lógica de acontecimentos, a prática pedagógica necessita de tratamentos sustentados pelo reconhecimento do imprevisível, do aleatório, da conexão do ato pedagógico com fatos que não constam de um programa pré-estabelecido, embora contem com o que Garganta (2000), em referência ao ambiente de jogos desportivos coletivos, chama de “possíveis previsíveis”. Os programas e técnicas dão lugar às estratégias.

Diante dessa visão, não se deve abandonar o pressuposto de que a pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa com finalidades sócio políticas, configurando-se em uma atividade transformadora da realidade educativa (LIBÂNEO, 2002). Esse conceito permite sustentar a pedagogia dentro do contexto formado pelo esporte. As situações e possibilidades de exigências do ambiente e estímulos referentes às situações problema, em suas dimensões lógicas, corporais, espaciais, pessoais, rítmicas, verbais, biológicas delimitam e promovem o Esporte a um campo potencialmente formativo por excelência, como visto em Balbino (2001), e clama para si o auxílio de um campo de conhecimento científico que promova de maneira efetiva a prática da educação. É possível, assim, reconhecer definitivamente a pedagogia como mediadora, tendo no pedagogo esportivo, sustentado pelos conhecimentos da pedagogia do esporte, o mentor deste processo.

Vejamos a identidade que a pedagogia assume, em suas raízes, com as manifestações do fenômeno Esporte.

Libâneo (2002, p. 30) define pedagogia como:

O campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento

humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

É notório que o Esporte é a manifestação de uma atividade humana, possuidor de rico contexto de relações entre pessoas, através da convivência no ambiente de prática, bem como nas relações estabelecidas em jogo, através das conexões via habilidades abertas entre os companheiros de uma mesma equipe ou de relações do indivíduo com o contexto de competição ou prática de treinamento, seus processos de comunicação e contra comunicação entre adversários (PARLEBAS, 1987).

A partir da definição de Libâneo, podemos conceber que o pedagogo promove intervenções em determinados processos, em jogo constante com o ambiente e os fenômenos ali observados, e o campo de conhecimentos que sustentam e orientam sua prática, determinando a dinâmica da práxis educativa. Estabelecer intencionalidade, que orienta a ação, conhecer o objeto que se quer transformar na direção de sua intencionalidade e intervir de acordo com planos embasados pelo conhecimento científico com direção a um processo de transformação do sistema, caracterizam a práxis educativa.

É necessário reconhecer, nos propósitos e justificativas apresentadas em definições e conceitos desenvolvidos pelos autores da ciência da educação, a existência e transferência destas práticas pedagógicas no ambiente esportivo. Nesta perspectiva, de acordo com as proposições de Franco (2003), que inicialmente busca privilegiar o estudo, a compreensão e a transformação da práxis educativa, faz-se uma leitura voltada para a ação pedagógica dentro do Esporte.

Reconhece-se, a partir destas colocações, que no sistema amplo e complexo determinado pelas relações entre o fenômeno esporte e a prática educativa em ambientes formais, informais e não formais, que:

- O Esporte é uma prática social humana, um processo histórico transformador, na dimensão cronológica e evolutiva de seu processo integrado à história da humanidade, como visto em Elias (1986) e Tubino (1987);

- Na sua perspectiva educativa, as transformações se dão de formas subjetivas, referentes às experiências internas do sujeito, a partir dos estímulos que promovem a quebra das adaptações ou de modelos de mundo devidamente organizados. De acordo com Morin (2001), vão da ordem, desordem e caos, partindo para a auto-organização, em evidente processo de aprendizagem.
- Estabelece-se em ambiente esportivo, um caráter dialético, e pelo ciclo de transformações provocadas pelas experiências vividas, nas dimensões do físico, emocional, mental, social e espiritual (GALLAHUE, 1976) em seus mais diversos ambientes, produzindo a partir daí novos significados, referentes aos desafios que foram superados, dando ao sujeito um novo referencial de sua presença no mundo (LENK, 1974).
- Na perspectiva da pedagogia das intenções Bayer (1994), manifesta-se pelo embasamento em valores presentes em sua prática, rica de significados, a partir de situações que envolvem vitória e derrota, sucesso e fracasso, perdas e ganhos, planejamento em grupo para resolver problemas de um determinado microsistema social (TEODORESCU, 2003).
- As manifestações do Esporte são sujeitas à imprevisibilidade (GARGANTA, 1998).
- Nas ações esportivas, há por parte de quem dele participa uma implícita busca constante do ganho coletivo, das ações que provocam transformações perceptíveis na comunidade, nas questões da excelência humana, que devem ser sustentados pelos princípios da ética (GARDNER; CSIKSZENTMIHALYI e DAMON, 2004).
- A prática pedagógica esportiva requer procedimentos que permitam que se adentre na dinâmica e significado do constante movimento entre teoria e prática, estabelecendo a práxis

educativa dentro do fenômeno Esporte, compreendendo as teorias que permeiam as ações do coletivo.

- Estabelece-se uma intencionalidade ao atingir objetivos nas esferas do comportamento, das estratégias de pensamento com a elaboração de situações problema, da construção de sistemas de crenças e valores, voltados para a solidariedade, cooperação, “*fair play*”, respeito ao adversário e às regras da competição, bem como aos princípios de prática em treinamento, valorização das próprias capacidades.
- O conhecimento do objeto que quer se transformar, seja ele referente às capacidades físicas, habilidades técnicas, estratégias táticas ou mesmo, na visão global, a evolução das aptidões do indivíduo em sua dimensão integral.
- Existe um complexo de estratégias referentes à intervenção do pedagogo esportivo, planejada e de acordo com um campo de conhecimentos referente às ciências do esporte.
- A finalidade das intervenções do pedagogo esportivo se refere a estimular o conjunto de habilidades e competências dos atletas, seja para vencer desafios em práticas de treinamento, ou para vencer os desafios do jogo, da competição. O atleta acumula em sua história de vida um vasto e complexo conjunto de experiências motoras, que se manifestam pela sua inteligência corporal cinestésica (Gardner, 1994). Demonstra a capacidade de resolver situações problema encontradas em ambiente de jogo, especificamente, com o corpo todo ou partes dele. Arremessar a bola para o cesto, saltar barreiras, finalizar uma jogada, chutar a bola para marcar o gol, são situações que representam a manifestação de tal competência, um conjunto complexo de habilidades que, somadas, produzem o ato global em si. Para isso, o pedagogo elabora estratégias, determinadas pelo próprio

contexto da exigência de utilização do corpo, do domínio, do campo de ação, enfim, das referências complexas dessa prática.

2.8 Pedagogia do Esporte e a Amplitude de sua Atuação

A Pedagogia do Esporte era tida, em sua concepção inicial, como uma série de técnicas, métodos, exercícios para o ensino de modalidades esportivas elaboradas para o processo de iniciação esportiva.

Barbanti (2003, p. 222) apresenta aspectos da evolução deste conceito, explorando a dimensão de relacionamentos possíveis na prática esportiva, dos níveis atingidos, na iniciação, treinamento, práticas esportivas democratizadas, e dirige sua compreensão para o tratamento do fenômeno esporte com suas diversas disciplinas:

É um campo de conhecimento que trata do relacionamento entre o Esporte e a Educação. A Pedagogia do Esporte é direcionada para dar os fundamentos teóricos para a prática dos esportes com o objetivo de melhorar o desenvolvimento do homem enriquecer a qualidade de vida. Área acadêmica de estudo que focaliza as intervenções educacionais no domínio do Esporte e do movimento humano

Barbanti relata que nas últimas décadas (segundo o autor o termo foi introduzido em 1970), o foco da Pedagogia do Esporte se expandiu das crianças para todas as idades e capacidades (pré-escola até velhice, incapacitadas até a elite) e do ambiente escolar para outras instituições nas comunidades que oferecem esportes e movimentos. Segundo o autor, muitos concordam que a Pedagogia do Esporte é um conjunto de conhecimentos voltados para a investigação com diferentes perspectivas e disciplinas do ensino da Educação Física e do Treinamento Esportivo. Hoje em dia ela se relaciona a todas as formas de atividade física para todas as capacidades, gêneros e idades em lugares formais e não formais, buscando organizar e integrar os conhecimentos gerados pela prática referentes ao Esporte. Tendo em vista essa justificativa, Barbanti (2003, p. 217) afirma:

A Pedagogia do Esporte é uma disciplina integrativa. Enquanto única no estudo do ato de aprendizagem/ensino atua também em outras formas de comunicação educacional (teoria de currículo, estrutura e conteúdos).

A Pedagogia do Esporte pode formar um campo de conhecimentos estruturado, inicialmente, por pressupostos filosóficos, históricos, sociológicos, antropológicos, relações com a ética e o *fair play*, síntese essa direcionada para o sentido último das vivências na prática esportiva. É inegável a relevância dessa visão. Porém, de acordo com Bento (1999) a Pedagogia do Esporte também deve estar voltada para a resolução de problemas que se manifestam no campo de jogo, e dizem respeito a aspectos inter e intrapessoais do sujeito. Paes (2002) coloca que o indivíduo se mostra verdadeiramente quando joga. Evitar a fuga do enfrentamento de problemas encontrados com elementos presentes nas competições pode significar perda de oportunidades de ampliar o poder de formação do ambiente esportivo, pois questões de vitória e derrota, perdas e ganhos, sucessos e fracassos, são inerentes à vida cotidiana, e o contexto esportivo é repleto desses elementos. Nesta perspectiva, para Bento (1991, p. 77), a pedagogia do esporte:

Deve estar atenta para não resvalar para uma euforia antropológica, responsável pela projeção de ilusões, de fantasias e ingenuidades, em que o homem apenas é visto à luz de uma ficção, pouco interessando as suas fraquezas, mazelas e fragilidades, as contradições e contrariedades dos fatos.

Bento (1991) manifesta a problematização do contexto pedagógico gerado pelo ambiente esportivo, na medida em que o treinador torna-se responsável pela influência exercida sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida dos atletas.

Com a evolução dos estudos no campo esportivo, das exigências de competição e da utilização do Esporte, essa ampliação do seu próprio conceito, das áreas humanas que têm afetado, decorrente do incremento de níveis de complexidade em seu entendimento e da diversificação das atividades que o envolvem, não poderia deixar de afetar também seu aspecto pedagógico, transcendendo dos conceitos iniciais de facilitar somente a aprendizagem esportiva, mas atingindo esferas dos mais variados níveis de relacionamentos, a fim de otimizar as conexões dos conhecimentos gerados nas dimensões biológicas, filosóficas, psicológicas, históricas, antropológicas, tecnológicas e

outras que ainda estão por ser exploradas e devidamente problematizadas. Ampliar esse conceito e atuação da pedagogia do esporte significa a internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes) que se refletem nas condutas pedagógicas do esporte.

2.9 Perspectivas Epistemológicas para a Pedagogia do Esporte

Este estudo procura desenvolver pressuposições e proposições em Pedagogia do Esporte, a fim de estabelecer a amplitude de sua atuação, que, na nossa compreensão, trata das questões da totalidade do sujeito tendo como substrato a interface com o fenômeno Esporte. Nesta compreensão de totalidade, é relevante direcionar os pilares que envolvem os princípios e concepções das práticas e estratégias elaboradas pelos pedagogos esportivos, na visão do pensamento sistêmico. Vasconcellos (2002) sintetiza o movimento paradigmático que se estabeleceu a partir das publicações de Bertalanffy, culminando com as interpretações de Capra (1996) deste momento científico da comunidade acadêmica mundial. Nas proposições deste pensamento a respeito dos fenômenos, manifestou-se evidente a abordagem unitária dos métodos e dos módulos utilizados em todas as ciências, sendo que a visão apontada pela compreensão dos fenômenos como um complexo de tramas estabelecidas, exige a abordagem interdisciplinar de seus elementos, relacionando-os em um padrão único de sua compreensão. Em seus estudos sobre os Jogos Coletivos, Bota e Colibaba-Evulet (2001) integram a visão sistêmica na abordagem do contexto próprio desta manifestação esportiva.

O fenômeno Esporte reclama uma nova visão paradigmática (paradigma vem do grego *parádeigma*, que significa *modelo, padrão*). O conjunto de regras e comportamentos gerados pela compreensão inicial, ou tradicional (VASCONCELLOS, 2002), de característica linear, reducionista, cartesiana, que Bento (1999) aponta como o paradigma da modernidade, necessita de reparos, bem como de novos referenciais evolutivos, no que se refere ao sistema de crenças e valores que têm regido seu contexto, gerados pelas necessidades

daquela primeira abordagem, que fragmentou o fenômeno e buscou soluções que se mostravam fracionadas também. Desta maneira torna-se possível assumir um novo sistema de compreensão para o Esporte.

Segundo Vasconcellos (2002), as mudanças de paradigmas e valores só podem ocorrer por meio de experiências, vivências que nos coloquem frente a frente com os limites de nosso paradigma atual. A partir das proposições da autora, é possível determinar três dimensões do paradigma tradicional e sua contextualização no Esporte, nos métodos de treinamento, aplicação da tática, da técnica.

- **Simplicidade:** o pressuposto de que, separando-se o mundo complexo em partes, encontram-se elementos simples, em que é preciso separar as partes para entender o todo, ou seja, o pressuposto de que “o microscópico” é simples. Daí decorrem, entre outras coisas, a atitude e a busca de relações causais lineares. Significa a análise, a redução, fragmentação do saber e de fenômenos. Deste pensamento, origina-se o princípio analítico sintético, que propõe repetição de gestos para melhor desenvolver ou aprender uma determinada técnica esportiva, ou buscar a excelência na performance do alto nível de exigência, a leitura disciplinada e reducionista das estatísticas de jogo, ao isolar os eventos ali relatados, ignorando suas relações com outras ocorrências no jogo.
- **Estabilidade:** o pressuposto de que o mundo é estável, ou seja, em que o “mundo já é”. Ligados a esse pressuposto estão a crença na determinação – com a conseqüente previsibilidade dos fenômenos – e a crença na reversibilidade – com a conseqüente controlabilidade (onde conhecer é confundido com “saber manipular”) dos fenômenos. Esta dimensão propõe a sensação de que o sujeito tem o controle do contexto, e se baseia na busca de leis universais que possam reger o Universo. Composto pelos pressupostos da *determinação* (intervenção para dirigir o resultado

das operações em um fenômeno para um estado predeterminado) e da previsibilidade (se conseguirmos conhecer seu estado inicial e sua evolução de trajetória, conseguimos conhecer sua evolução, ou seja, seu estado final ou desejado). Aqui existe a indicação de que um ambiente poderá ser controlado e previsível (o que acontece nos sistemas artificiais, preparados em laboratório, por exemplo). Trazendo para a esfera esportiva, representa-se pela busca de leis e regras para determinado comportamento tático, como “decorar jogadas”, ou treinar insistentemente “jogadas ensaiadas”, tentativa de previsibilidade do jogo na seqüência de ações ou de resultados, jogar imitando determinado jogador, imitar as combinações táticas de determinada equipe, fixar previsão de desempenho relativo às capacidades físicas, técnicas, táticas, estabelecer “favoritismo”, certeza de poder modificar comportamentos do indivíduo com aplicação de métodos.

- **Objetividade:** o pressuposto de que “é possível conhecer objetivamente o mundo tal como ele é na realidade” e a exigência da objetividade como critério de cientificidade. Daí decorrem os esforços para colocar entre parênteses a subjetividade do cientista, para atingir o universo, ou versão única do conhecimento. O cientista fica em uma posição privilegiada com visão abrangente, a discriminar o que é objetivo do que é ilusório, conectado à sua subjetividade, às suas opiniões. A descrição científica será tanto mais objetiva quanto mais se conseguir eliminar o observador e obter um nível fundamental de descrição, isento de aspectos subjetivos, o que possibilitaria um melhor acesso à realidade. Na leitura de um sistema esportivo em funcionamento, refere-se ao desprezo dos modelos de compreensão que cada sujeito tem dentro de si, a respeito de possíveis interações com os estímulos que ali se apresentam. É ignorar as diferentes leituras que cada indivíduo pode fazer diante de uma situação problema, ao mesmo

tempo em que se imaginam regras e leis únicas de comportamento e interação com os eventos, bem como de fins previsíveis da combinação de ações, isentos das dimensões emocionais, mentais, sociais e espirituais de cada indivíduo.

Na síntese da autora, a ciência tradicional, clássica ou moderna:

- simplifica o universo (dimensão da simplicidade);
- para conhecê-lo ou saber como funciona (dimensão da estabilidade);
- tal como ele é na realidade (dimensão da objetividade).

É notável o nível de complexidade que o Esporte atingiu, paralelamente às inovações provocadas pela tecnologia, seja no campo das comunicações, das informações, dos equipamentos. Elevado para o nível de entretenimento não só para quem joga, mas também para quem assiste, o rótulo de espetáculo passou a exigir do sujeito que joga estímulos em seus sistemas de preparação cada vez mais voltados para alcançar objetivos de elevados níveis de performance, atingindo dimensões multifacetadas. A condução deste processo necessita também de uma meta-estrutura de conhecimentos que dê suporte às estratégias de intervenção e elaboração de processo de preparação, com determinado propósito de autêntica profundidade.

Propostas de visões inovadoras sempre existem, marcadas pela insatisfação, da possibilidade de novas leituras do fenômeno, da observação orientada por novas posições científicas. E é de se aceitar que os responsáveis pela ciência da educação aplicada ao esporte, os pedagogos esportivos, refutem muitas vezes novas perspectivas renovadoras da Pedagogia. Estariam marcados pela desconfiança ou por posições conservadoras do controle e domínio do ambiente, pelos conhecimentos que já possuem. Uma crítica de Bento (1991, p. 20) a esta posição: “a mentalidade conservadora e a dificuldade ou falta de disponibilidade para a mudança constituem obstáculos de monta para participação na construção e projeção das realidades educativas e pedagógicas”.

Bento (1991) justifica sua posição, através da análise da visão reducionista praticada pela racionalidade epistemológica da modernidade, que para o autor

reduziu problemas e projeções, auxiliando nessa falta de coragem para a constante reinvenção dos sistemas de ensino e aprendizagem, do desenvolvimento do homem. Para Bento (1991, p. 23), o Esporte também foi atingido por esta posição científica e racional, afastando-se de outras possibilidades de interpretação das suas manifestações.

Trata-se de acabar com a ideologia de uma racionalidade que impôs a ciência como a única forma de conhecimento válido e que criou um ambiente de hostilização e desvalorização de outras formas de pensar e conhecer. [...] manter uma distância lúdica em relação às verdades adquiridas. E de aceitar que a pluralidade dos mundos e das práticas sociais gera e sustenta outras tantas formas de conhecimento válidas e plenas de fascínio e que há que aproximá-las.

A racionalidade científica, pela sua própria necessidade de justificar constantemente a manifestação de fenômenos, respondendo aos porquês, fechou-se em seu conjunto de regras, traçadas pela simplicidade, estabilidade e objetividade, como afirma Vasconcellos (2002). E o reflexo também se fez sentir na Pedagogia do Esporte. A partir dessa insatisfação, Bento (1991, p. 28) coloca:

Em vez da hermética precisamos da hermenêutica. Em vez do monolitismo das fórmulas prescritivas e fundamentalistas, que levaram a educação e as suas ciências para o banco de urgência da crise de orientação, precisamos de nos abrir ao entendimento da pluralidade de perspectivas dos fenômenos e dos sujeitos.

Entender a pluralidade de perspectivas dos fenômenos e dos sujeitos é uma das prerrogativas para orientar este novo momento da Pedagogia do Esporte, que é pautada pela questão do entendimento e compreensão do fenômeno Esporte, desnudando o significado e o valor para aqueles que dele participam, permitindo a geração de conhecimentos que organizem as práticas para que ali se realizem os valores humanos desejados (BENTO, 1991). Nesta perspectiva, é necessário avançar para a visão do todo, das conexões que se estabelecem nos sistemas e os níveis profundos dos relacionamentos que validam a totalidade, as múltiplas competências do constante desenvolvimento que se referem ao físico, ao mental, ao social, ao emocional e ao espiritual, como coloca Gallahue (1978, 2001). Vasconcellos (2002) aponta para uma visão de novo paradigma emergente,

um sistema de crenças e valores que permitem este entendimento plural e complexo.

Os avanços das três dimensões do paradigma tradicional significam:

- Do pressuposto da simplicidade para o pressuposto da **complexidade**: o reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações de fato existentes entre todos os fenômenos do universo e de seu entendimento. Assim, é imprescindível ver e lidar com a complexidade do mundo em todos os seus níveis, entendida como a inseparável integração e associação dos constituintes heterogêneos de um conjunto, sendo ao mesmo tempo uno e múltiplo (MORIN, 2001). Daí decorrem, entre outras, uma atitude de contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva, que é o processo de retroalimentação do sistema. Integrando essa dimensão ao ambiente do Esporte, todos os elementos que se manifestam em um sistema são considerados, impedindo se sua exclusão. Temos que os erros cometidos em um gesto técnico, em uma finalização, na execução de uma formação tática, são considerados pela essência de sua própria condição de validação como manifestação da possibilidade do sujeito, naquele momento. Em outra perspectiva, é de se considerar o número de variáveis que inferem nos sistemas Jogo, Jogo Desportivo Coletivo, Esporte, revelando características de sistema complexo e a inadequação em se ter um foco fragmentado para análise. Um método que dê conta dessa amplitude complexa se faz necessário. Sistema complexo é aquele constituído de um grande número de unidades, com uma enorme quantidade de interações, com comportamentos de difícil previsão.
- Do pressuposto da estabilidade para o pressuposto da **instabilidade** do mundo: o reconhecimento de que “o mundo está em processo de tornar-se”. Daí decorre necessariamente a

consideração da indeterminação, com a conseqüente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e da sua irreversibilidade, com a conseqüente incontrolabilidade dos mesmos. A visão do instável ambiente da prática do Esporte é reconhecida em sua aleatoriedade e imprevisibilidade, como aponta Garganta (2000), para os jogos desportivos coletivos. Em um jogo ou em uma sucessão deles, situações iguais não ocorrem e existem inúmeras possibilidades de combinações das ações dos sujeitos, integrados à dimensão da complexidade, na ação das muitas variáveis que inferem no sistema.

- Do pressuposto da objetividade para o pressuposto da **intersubjetividade** na constituição do conhecimento do mundo: o reconhecimento de que “não existe uma realidade independente de um observador” e de que o conhecimento científico do mundo é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos observadores. Como conseqüência, o cientista valoriza a subjetividade e trabalha admitindo múltiplas versões de realidade, em diferentes domínios lingüísticos de explicações. No contexto esportivo, revela-se a manifestação da intersubjetividade na tática do jogo, pois a interpretação dos jogadores das situações referentes ao modelo estratégico da equipe diante da oposição do adversário se orienta pela perspectiva global, setorial e individual. Cada indivíduo possui um modelo particular de tratamento das informações, e esses modelos se combinam em uma dinâmica final, determinada pela interação entre os sujeitos que jogam, o técnico e as informações de agentes externos do jogo.

Perceber um sistema complexo significa que suas partes constitutivas se comportam umas em relação às outras, de tal modo e que não podemos nem imaginar um objeto a não ser em conexão com outros objetos (VASCONCELLOS, 2002). Em um ambiente de prática esportiva, seja de treinamento ou de

competição, as respostas a estímulos, referentes qualquer dimensão do indivíduo, dentro do seu próprio sistema individual, provoca adaptações do sistema a esse estímulo. Por sua vez, essas manifestações de respostas aos estímulos afetam o ambiente, com respostas motoras, lingüísticas, interpessoais.

Para pensar complexamente precisamos mudar crenças muito básicas: em vez de acreditar que vamos ter como objeto de estudo ou receptor da intervenção o elemento, ou o indivíduo, e que teremos de delimitá-lo muito bem, é preciso passar a acreditar que tem-se o objeto posicionado em contexto. Como é possível ver esse objeto relacionado com outros elementos do sistema? É necessário tirar o foco do elemento e colocar o foco nas relações, na qualidade das conexões que elas estabelecem. As conexões que os sistemas de comunicação e contra comunicação oferecem respondem a esse ponto. As interações entre quem joga e as habilidades específicas da modalidade, junto aos movimentos referenciados ao implemento do jogo são exemplo de contexto que se refere às relações entre todos os elementos envolvidos. Contextualizar é ver o objeto existindo no sistema, e assim é possível observar as conexões interativas entre diversos elementos, subsistemas, formando tramas de redes.

2.10 A Pedagogia do Treinamento

O treinamento esportivo é um processo complexo. Nesta concepção, é determinado pela interação de múltiplos fatores, processo este sustentado não só pelo domínio e conhecimento da metodologia do treinamento por parte dos pedagogos esportivos, mas, também, na capacidade do treinador em realizar intervenções imediatas ou no processo de longo prazo que superam o simples conhecimento de teorias e rígida disciplina aplicação de métodos. Paes e Balbino (2005) consideram que, seja este processo voltado para iniciação ou para o treinamento, torna-se alvo de discussão permanente, permitindo o surgimento de novas teorias e visões acerca das possibilidades de procedimentos pedagógicos para as práticas esportivas. Desta maneira, para os autores, o processo estabelecido deve ter como foco o desenvolvimento do ser humano, dando ao esporte um tratamento pedagógico e um enfoque essencialmente educativo.

Desta forma, é adequado ter em conta que o desenvolvimento do processo de treinamento das modalidades pertencentes aos jogos desportivos coletivos exige o constante relacionamento do treinador com as informações nos mais diversos níveis, e cada vez mais com os conhecimentos desenvolvidos nas ciências do esporte.

O conhecimento teórico e metodológico na especificidade da área do treinamento esportivo tem estimulado nos treinadores o desenvolvimento de princípios de condução de práticas, revelando-se como um conhecimento empírico da logística de treino, bem como na condução do processo, em virtude dos calendários elaborados pelas instituições esportivas oficiais, e no controle da preparação esportiva em si, no que se refere às capacidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas.

Verkhoshanski (1992), no início da década de 90, apontava para aspectos daquele momento de desenvolvimento do esporte, que já significavam problemas e desafios a serem superados, e que deram origem a novas compreensões de processos de preparação, culminando com procedimentos apoiados pela precisão do acompanhamento tecnológico e de métodos de alta exigência:

- O constante aumento dos níveis de resultados desportivos, que obriga a técnicos e atletas a explorarem cada vez mais os limites de rendimento do alto nível de exigência, refletindo no processo metodológico-organizativo;
- A tensão provocada pela obtenção dos resultados e o aumento do número de atletas que conseguem resultados de altíssimo nível, aumentando a qualidade, estabilidade e desempenho nos aspectos da técnica e da tática, bem como das capacidades inter e intrapessoais;
- A dificuldade de aumentar o nível de intensidade das preparações, exigindo exploração constante dos itens que podem significar o aumento da eficácia do treinamento físico especial;
- O incremento constante do volume de treinamento, provocando o aparecimento do problema da investigação das relações mais

eficazes entre as cargas de diferente orientação fisiologia especial, e das combinações nos ciclos de preparação, dessas cargas;

- A importância da ciência nos processos de treinamento, pois devido ao elevado nível de exigência em treinamentos e seqüência de competições, em alto nível de qualidade de desempenho de seus participantes, os atletas estão sendo exigidos em seus sistemas funcionais de alta relevância, necessitando de conhecimentos científicos.

A visão do autor se volta especialmente para os aspectos biológicos do treinamento esportivo. São significativas essas observações de Verkhoshanski (1992), e indicam complexidade, pois são problemas pontuais da dimensão corporal cinestésica do atleta, e se refletem nas outras dimensões de sua totalidade, o que afeta outros elementos em um sistema processual de preparação.

Como uma área específica de conhecimento, a pedagogia do esporte tem contribuído com estudos desenvolvidos para a elaboração de práticas que buscam não tão somente situações ótimas de aprendizagem ou melhoria no nível de relacionamento treinador e atleta, mas também com o desenvolvimento de estratégias que objetivam a otimização constante do processo de treinamento. Pelas tendências atuais, denotadas nas disciplinas sugeridas por Herbert Haag (1994), de áreas de conhecimento específico responsáveis por manifestações particulares do fenômeno Esporte, sugere-se a construção de um processo complexo, determinado pela interação de variáveis que se completam de maneira dinâmica.

É, pois, o treinamento um campo de práticas onde a educação se faz presente, podendo-se justificar a partir daí, uma pedagogia do treinamento? Bompa (2002, p. 5) afirma que através do treinamento desportivo, “um treinador lidera, organiza, planeja o treinamento e educa o atleta.” A dimensão educativa do treinamento está presente pelas necessidades de se adaptar aos estímulos provocados pelo complexo jogo, competição, treinamento, relacionamentos com

companheiros de equipe, adversários, técnicos, mídia, dirigentes, familiares. Educar através do treinamento significa formular bem objetivos, ter opções para vencer desafios, flexibilidade ao analisar e tratar com os problemas do contexto. Nos fundamentos do processo educativo, coloca Libâneo (2002, p. 32), autor da Pedagogia, que:

A educação associa-se, pois, a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores, etc.

Matveev (1997, p.11), autor das Ciências do Esporte, aponta:

O treino desportivo, como fenômeno pedagógico, é o processo especializado da educação física orientado diretamente para a obtenção de elevados resultados desportivos. Trata-se do processo de educação física “através do esporte”, por meio do esporte. [...] O treino dos desportistas é um dos componentes do sistema geral de educação, incluído nos ideais do desenvolvimento integral do homem. Nisto consiste, em definitivo, a essência social e pedagógica do treino desportivo.

Bompa (2002, p. 5), autor das Ciências do Esporte, afirma:

Aspirar aos resultados mais expressivos em competições é função direta da excelência física, que combina, harmoniosamente, três fatores: o refinamento espiritual, a pureza moral e a perfeição física.

Reforçando essa posição de Bompa (2002) e Matveev (1997), no que diz respeito à condução do processo de treinamento sob a ótica das múltiplas dimensões e da totalidade do atleta, Jackson e Delehanty (1997) relata a liderança de um grupo de atletas do esporte profissional na NBA, campeonato profissional de basquetebol dos Estados Unidos da América, conhecido internacionalmente pelos seus participantes e pela alta competitividade. Neste relato, o autor, técnico da equipe, descreve muitos detalhes do processo, em que organiza, além das práticas conhecidas ligadas aos aspectos da técnica, da tática e da preparação física, a exploração de aspectos relativos à inter e intrapessoalidade dos atletas, em níveis de sua espiritualidade, dos relacionamentos entre os membros da equipe, de utilização das técnicas que estimulam a compreensão da utilização de

espaços no jogo, usando imagens mentais, para execução de projetos de ação. Fica clara também sua atuação com dirigentes esportivos, relacionamento com a mídia e os efeitos no rendimento da equipe.

Matveev (1980), afirma que o esporte passou da época da esfera empírica da cultura, necessitando da integralidade em sua investigação e indicam para o extenso caráter teórico, aplicado, humanitário e científico natural. O esporte, para o autor, é somente um meio de se alcançar outros fins mais substanciais, que dizem respeito à formação harmônica da personalidade e de educação de acordo com o interesse da sociedade. Para Matveev (1980) essa meta se alcança com atitudes espirituais e físicas do desportista, e através do processo de treinamento esportivo, estas características podem ser mantidas e ampliadas, conservando o esporte seu caráter social e pedagógico. Afirma o autor:

Por consiguiente, en el entrenamiento deportivo se deben plantear y resolver en conjunto tareas generales, determinadas por la tendencia de todo el sistema social de educación, y tareas específicas que surgen en forma directa de los requerimientos de la actividad deportiva.
(MATVEEV, 1980, p. 17).

Na visão do autor, o sistema de preparação esportiva, aliado à dimensão social do Esporte, reflete sistemas sociais e os influencia. Em sua meta-estrutura, o treinamento esportivo se transforma em um braço da Pedagogia do Esporte, que tem a incumbência de organizar todo o processo e seus componentes, pela relevância das informações que cada área específica pode fornecer, e tornar sua integração otimizada a fim de obter resultados desejados não só com placares favoráveis, mas também com a perspectiva de que o indivíduo transfira os aprendizados no campo esportivo para sua vida em sociedade, nos microssistemas sociais em que estiver atuando, para se fixar os propósitos consistentes do Esporte, que estão ligados ao sentido essencial da vida do indivíduo, como visto em Lenk (1974) e Huizinga (2000).

A evolução do Esporte, e sua conseqüente complexidade sinalizam para outras necessidades no processo de treinamento, relacionado-se com a totalidade do indivíduo e suas interações com o ambiente, seja de jogo ou os pertencentes a sistemas mais amplos e abrangentes.

Este estudo pretende contribuir com reflexões geradas a partir da valorização da pedagogia do esporte dentro do ambiente de treinamento, e indicar aspectos multifacetados possíveis de serem estimulados, com adequação de práticas, voltados para as relações geradas pelo fenômeno esporte e os elementos participantes deste sistema. Para isto, é preciso ter alguns pressupostos indicadores deste contexto:

- O fenômeno Esporte é plural, e a partir desta visão invoca a concepção sistêmica em seu entendimento;
- O tratamento dado ao fenômeno em si deve conter os princípios do pensamento sistêmico;
- Para se harmonizar com essas características do Esporte, seu processo de treinamento e preparação se relaciona na dimensão de que as práticas possuem a estrutura e o padrão característicos da imprevisibilidade, complexidade e intersubjetividade;
- O treinamento é um processo educativo, pois constantemente objetiva desenvolver em seus participantes diversas competências relativas às exigências da modalidade envolvida;
- É de se considerar, que para atender às exigências do fenômeno Esporte, bem como ao caráter formativo de sua essência, que o processo de treinamento busque desenvolver a totalidade do sujeito;
- O atleta possui múltiplas dimensões, ou seja, físico, emocional, mental, social, espiritual;
- O pedagogo esportivo é responsável pela organização do processo de treinamento, e da aplicação dos princípios referentes à práxis educativa do esporte, teorizando as práticas e colocando em prática os conhecimentos desenvolvidos em estudos das manifestações do fenômeno esporte.

Seguindo a temática proposta de verificar a atuação processual de técnicos nos jogos desportivos coletivos, trataremos na seqüência da caracterização

comum desta modalidade desportiva, de suas exigências evidenciadas pela estrutura de regras e ações possíveis deste ambiente específico, bem como dos fundamentos que compõem a elaboração de suas práticas instrucionais, que visam melhoria de desempenho de seus praticantes.

2.10.1 Técnico esportivo: o agente da pedagogia do treinamento

Bota e Colibaba-Evulet (2001) conferem à posição de técnico esportivo particular importância para construção da capacidade esportiva. Associam os conhecimentos e hábitos dos treinadores às conquistas que os grupos que dirigem podem obter. Consideram que há um grande rol de exigências para poder exercer tal função. Mesquita (2000) entende que a atividade do técnico abrange um conjunto de conhecimentos que se referem a áreas bastante diversificadas. Para Filin (1996) é importante o técnico esportivo ter uma boa formação para garantir organização e conteúdo no processo de treinamento, e ainda estimular no atleta o desenvolvimento motor e intelectual. Este autor considera o técnico um agente de práticas que envolvem não somente os aspectos e exigências físicas e biológicas do atleta, mas também suas capacidades intelectuais e volitivas, através de desafios constantes.

Mesquita (2000) aponta para outras capacidades que o técnico deve manifestar em sua atividade, que sintetiza nos domínios: **conceitual**, que diz respeito ao domínio e conhecimento das questões das ciências do esporte e da modalidade em que trabalha; **comunicativo**, que se refere à verbalização adequada de idéias, ao saber escutar e às capacidades de comunicação não-verbal; e **capacidade técnica** que diz respeito à organização e condução do processo de treinamento.

Verkhoshanski (2001) fundamenta a idéia da autora na medida em que considera de grande importância o conhecimento de áreas referentes às ciências biológicas para que o treinamento seja objetivo e construtivo para o atleta, bem como a capacidade que o técnico deve manifestar no que se refere à condução e organização do treino, ao tomar decisões e fazer as escolhas corretas de objetivos e metas a serem atingidos. Verkhoshanski (2001) acrescenta aí a habilidade de

obter argumentação objetiva e segura para tomar a decisão adequada e prognosticar o resultado, com alta probabilidade, ou seja, ter claro o que se deseja do processo de treinamento. O autor afirma que o treinador deve dominar a fisiologia e a bioenergética da atividade muscular, a anatomia e a biomecânica bem como conhecer a especificidade e a relação dos vários conteúdos e carga de treino, no que se refere a volume, intensidade e organização dos mesmos.

Bota e Colibava-Evulet (2001) julgam que o técnico deve possuir uma série de aptidões para a função, como capacidade de motivar, boa conduta moral, conhecimentos de educador, aptidões de psicólogo, inteligência verbal, raciocínio lógico, aptidões de dirigente e organizador, capacidade de gestão de pessoas, conhecimento profundo das ciências do esporte.

Em síntese, pelas colocações dos autores (MESQUITA, 2000; BOTA e COLIBABA-EVULET, 2001; VERKHOSHANSKI, 2001) o técnico esportivo, nesta visão da complexidade do processo de treinamento, envolve um conjunto diversificado de habilidades para interagir com os elementos que compõem o ambiente do esporte profissional, o que exige o desenvolvimento de um amplo espectro de competências. A fim de entender seu significado, Machado (2002) coloca que competência compreende pessoalidade, pois só as pessoas a possuem; relaciona-se com o âmbito de sua manifestação, pois a competência sempre se refere a um contexto no qual ela se materializa; operacionalização de capacidades, conhecimentos. Para Machado (2002, p. 145) competências constituem, portanto:

Padrões de articulação do conhecimento a serviço da inteligência. Podem ser associadas aos esquemas de ação, desde os mais simples até às formas mais elaboradas de mobilização do conhecimento, como a capacidade de expressão nas mais diversas linguagens, a capacidade de argumentação na defesa de um ponto de vista, a capacidade de tomar decisões, de enfrentar situações problema, de pensar sobre e elaborar propostas de intervenção na realidade.

É de se notar então que competência envolve conhecimento específico, ou seja, uma habilidade, que é aplicada em algum lugar, o que evoca relacionar-se com algum contexto. Recorremos aqui Gardner (2000), que menciona em sua

teoria das inteligências múltiplas, as competências relativas a processamento de informações em determinado ambiente. Em sua definição de inteligência, Gardner (1996, 1998, 2000) coloca que habilidade, competência e inteligência se confundem conceitualmente, porém significam um potencial biopsicológico, que processa informações a fim de resolver problemas ou criar novos contextos de problemas ou produtos que sirvam para uma comunidade. Podemos entender essas aptidões que o técnico esportivo deve ter e sua capacidade de atuar com apoio de seu conjunto de conhecimentos, como indicam os autores anteriormente citados (MESQUITA, 2000; BOMPA, 2002; VERKHOSHANSKI, 2001) como referentes aos domínios das oito inteligências, competências ou habilidades determinadas por Gardner (1998, 2000) e estudadas por Balbino (2001) e Paes e Balbino (2005):

- **Corporal cinestésica:** capacidade para usar e controlar o corpo ou partes dele para resolver problemas, como meio de expressão ou manipulação de objetos. Exemplo: execução de movimentos relativos ao jogo e soluções de problemas através das habilidades específicas do jogo, como arremesso, passe, finta, drible ou combinação destes movimentos nas diversas situações de jogo.
- **Verbal lingüística:** utilização do idioma e da linguagem como meio de comunicação, e seu conseqüente uso para atingir determinados objetivos. Exemplo: explicação e interpretação das instruções de maneira eficiente, comunicação de maneira adequada com atletas na transmissão de instruções, utilização da linguagem para explicar as próprias atividades, como movimentações pelas estratégias táticas ou a execução dos exercícios e tarefas.
- **Lógico-matemática:** envolve a capacidade de analisar problemas com pensamento lógico; de realizar operações matemáticas. Exemplo: familiaridade com as situações de tempo de jogo, entendimento e aplicação de regras e regulamentos de

competição, entendimento da lógica do jogo, das combinações e utilização de figuras táticas em situações específicas de jogo, relacionamento das táticas da defensiva em função da movimentação ofensiva ou vice versa.

- **Espacial:** é a capacidade de orientar-se apropriadamente em espaços determinados, amplos ou restritos, bem como de transformar e movimentar espacialmente objetos na mente. Exemplo: entendimento de situações e sistemas táticos diversos e suas possíveis projeções na mente, movimentação do seu “eu” pelos espaços possíveis em uma situação tática de jogo, visualização das imagens mentais de orientações de técnica, tática e estratégias de situações treinadas, explicação de situações de jogo ou treinamento através da linguagem de espaços ou utilização de objetos em espaço tridimensional para tal.
- **Musical:** envolve a atuação, sensibilidade, composição e apreciação de padrões musicais. Exemplo: percepção de ritmos variados na execução de fundamentos ou deslocamentos variados, ou aplicação de ritmo e cadência de jogo; utilização de metáforas musicais ou ritmos para acelerar ou diminuir a frequência de jogo de uma equipe.
- **Intrapessoal:** determina a capacidade de a pessoa se conhecer e de ter o seu modelo individual de trabalho eficiente, bem como o entendimento da manifestação das emoções, ou das habilidades de autoconhecimento. Exemplo: tentativa de compreensão das suas experiências internas diante de vitórias e derrotas; consciência e controle das emoções presentes durante o jogo ou em treinamentos; motivação para estabelecer e atingir objetivos pessoais específicos e bem formulados; equilíbrio de emoções em momentos de pressão psicológica, como na tomada de atitude em momento decisivo de uma partida.

- **Interpessoal:** compreende a capacidade de entender as intenções, motivações e desejos de terceiros. É a capacidade de relacionar-se e maneira adequada com outras pessoas. Exemplo: interação positiva com companheiros da equipe, exercício da liderança, habilidade na mediação de conflitos internos de grupo, participação nas ações coletivas da equipe, tornando o espírito coletivo um conceito de jogo.
- **Naturalista:** envolve o conhecimento do mundo vivo. Exemplo: conhecimento dos efeitos que o exercício pode provocar no organismo, entendimento do funcionamento do organismo nas atividades de treinamentos e jogos, entendimento do ciclo de transformações que o processo de treinamento provoca no organismo.

Ter conhecimentos e capacidades, aptidões e habilidades, pode auxiliar o técnico esportivo em sua função de estimular constantemente as competências dos atletas, e também a desenvolver as suas próprias, na busca da otimização do processo de treinamento esportivo. O desenvolvimento dessas capacidades passa pela aquisição de competências pedagógicas, o que pressupõe atualização constante de conhecimentos que se prendem com a gestão e a organização do processo de treino.

CAPÍTULO 3

PROCESSO, MÉTODO E PESQUISA

3 ESCOLHA E CONTEXTUALIZAÇÃO DE UM MÉTODO: a análise de conteúdo

Pela característica do tema a ser pesquisado, este estudo busca verificar as competências do técnico esportivo para se relacionar adequadamente com os participantes do processo de melhoria de desempenho do atleta e da equipe nos jogos desportivos coletivos, e também os fundamentos e princípios de suas ações em um ambiente específico, combinando-se para formar um todo. Nas características do tema, com base em Thomas e Nelson (2002), caracterizamos a pesquisa como sendo qualitativa, a partir do tratamento indutivo da hipótese, com amostra pequena, em um ambiente natural, organizado no mundo real, sendo que a análise dos dados se dará pela interpretação do pesquisador.

Entre os métodos existentes para a investigação proposta, é de se considerar adequado o método da análise de conteúdo, que Triviños (1987) afirma ser possível aplicar tanto na pesquisa qualitativa como na pesquisa quantitativa, porém com aplicações diferentes. Segundo o autor, esse método tem uma história que remonta às primeiras tentativas que os homens realizaram para interpretar os textos sagrados, passando por sistematizações mais refinadas nos séculos XVII e XIX, na Suécia e na França, respectivamente. O método atinge sua maturidade quando, em 1948, Berelson e Lazarsfeldt publicam uma obra sobre a análise de conteúdo, estabelecendo regras e os princípios da análise (TRIVIÑOS, 1987). A configuração em detalhes do método ocorre em 1977, através da publicação de Bardin, *L'analyse de contenu*, no qual se fundamenta o processo de investigação deste estudo, a fim de validar sua investigação.

É de se considerar como referência para este processo de investigação a utilização e adequação do método para a pesquisa qualitativa em educação física por Montagner (1999), em sua tese de doutoramento, bem como de Scaglia (1999, 2003), na elaboração de dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente. Originariamente o método da Análise de Conteúdo se destina às pesquisas em ciência sociais.

Na sua proposição, Bardin (1977, p. 32) coloca que a análise de conteúdo não significa apenas uma técnica de pesquisa, mas a sistematização científica de princípios e conceitos, e que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria ser por escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.” Franco (2003) dimensiona e analisa a aplicação do método de pesquisa em questão, e traz nesta análise a relevância da mensagem, seja ela verbal, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada, manifestando e provocando esta mensagem um significado e um sentido, revelando representações internas que o sujeito tem de si mesmo e dos processos discursivos textuais com que trata. Para Franco (2003, p. 13), é:

[...] indispensável considerar que a relação que vincula a emissão de mensagens (que podem ser uma palavra, um texto, um enunciado ou até mesmo um discurso) está, necessariamente, vinculada às condições contextuais de seus produtores.

É necessário, então, compreender o conceito do método em questão. Como define Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Pela análise de conteúdo das entrevistas, o objetivo diz respeito a descobrir “o que está por trás” dos conteúdos explicitamente manifestos, significando os conteúdos latentes, que interessam para a pesquisa. As latências podem ser entendidas como os aspectos que permanecem escondidos nas falas, que não se manifestam, estão ocultos, subentendidos, ou ainda, dissimulados nas respostas. Busca-se, assim, selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessa para melhor compreender a tema problematizado a ser pesquisado.

Triviños (1987) afirma que o método de análise de conteúdo segue três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Pré-análise: constitui a organização do material, com o objetivo de determinar com quais estratégias serão coletados e recolhidos os dados e como as informações seriam compostas para a posterior análise com vistas a confirmar ou negar as hipóteses previamente estabelecidas.

Descrição analítica: tem seu início juntamente com a pré-análise, com destaque para os estudos aprofundados dos documentos que constituíram as partes essenciais e relevantes da investigação, orientados pelos objetivos e referenciais teóricos. Bardin (1977) reafirma que a descrição analítica funciona “segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Estes procedimentos, aplicados no campo da pesquisa qualitativa em Educação Física e utilizados em estudos anteriores por Montagner (1999) e Scaglia (1999, 2003) possibilitam avançar no interior das mensagens captadas, as análises na “busca de sínteses coincidentes e divergentes de idéias, ou na expressão de concepções, isto é, que não estejam especificamente unidas a alguma teoria” (TRIVIÑOS, 1987, p. 161-162).

Na terceira etapa, mencionada como a fase de “interpretação inferencial”, as reflexões devem ser elaboradas com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes de informação (TRIVIÑOS, 1987, p.162). O objetivo do estudo é focar sua análise nos conteúdos latentes apresentados pelos documentos, no caso, as entrevistas dos sujeitos.

O método análise de conteúdo foi escolhido porque possibilitou, de maneira sistemática, coletar dados e organizá-los tendo como base experiências dos sujeitos no cenário do esporte profissional, manifestas pela linguagem verbal.

3.1 Critérios da Pesquisa

A relevância da coleta de dados para a pesquisa sobre estratégias nos processos de modelagem em treinamento nos jogos coletivos, que considera a participação do sujeito, o pedagogo esportivo, como um dos principais elementos para esta construção científica, implica na elaboração de um instrumento onde

relatos orais constituem de maneira significativa a fonte central deste estudo, apoiadas por observações feitas ao longo da carreira do pesquisador.

O principal objetivo é reunir, em forma de entrevistas semi-estruturadas, relatos e histórias que possam representar uma determinada coletividade, e que possam, ainda, a partir do método proposto, transformar as linguagens manifestas pelos entrevistados, deslocados dos conceitos teóricos que envolvem a pesquisa, mas conhecedores de seu ambiente, em linguagem acadêmica e que dialoguem com concordâncias ou contraposições com as teorias que compõem o escopo teórico deste estudo.

3.2 Aspectos Éticos da Pesquisa

Os procedimentos de pesquisa se deram através de entrevista semi-estruturada, ou seja, perguntas previamente elaboradas com respostas abertas e contaram com a participação de oito sujeitos, nomes relevantes do contexto esportivo nacional e internacional. As entrevistas foram gravadas e as perguntas apresentadas com antecedência ao entrevistado, não contendo caráter de invasão de privacidade, dizendo respeito somente a conceitos gerais do Esporte, situações específicas da prática de treinamento e estratégias utilizadas para resolver problemas comuns ao contexto dos jogos desportivos coletivos, bem como de fatos ligados à sua vida esportiva e que são de conhecimento público. Foi mantido o sigilo da autoria específica das respostas referentes às perguntas, com a possibilidade de que os nomes dos sujeitos constem como participantes da pesquisa, com autorização por escrito dos mesmos, sob condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecido aos sujeitos. O texto na íntegra do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra no Anexo A.

As entrevistas, depois de gravadas, foram cuidadosamente transcritas na íntegra para posterior análise, o que se constituiu em poderoso recurso metodológico, pois foi possível contar com todo o material fornecido pelo sujeito, e com esse procedimento, de acordo com Triviños (1987), permitiu-se a ajuda, a informação, destaque, e aperfeiçoamento das idéias por eles expostas, com suas próprias palavras gravadas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos, no período de 18 de setembro a 5 de dezembro de 2004, período posterior à realização dos Jogos Olímpicos de Atenas.

3.3 Elaboração do Roteiro de Perguntas

As perguntas do pesquisador são, bem como seu problema, orientadas pelo seu modo de ver as coisas, pelas teorias de que dispõe (LAVILLE; DIONNE, 1999). Em referência ao desenvolvimento teórico dos conceitos que envolvem o fenômeno Esporte, da possibilidade e necessidade de tratamento pedagógico ao fenômeno, especificamente aos jogos desportivos coletivos, dentro das suas características e de acordo com a elaboração de métodos aplicáveis na experiência do técnico, bem como de outras intervenções que superam a questão metodológica, a problemática situa-se na maneira de condução e instruções pertencentes ao processo de treinamento esportivo. Neta fase da pesquisa, o objetivo é trazer o problema na forma de pergunta, permitindo assim ao pesquisador objetivar e racionalizar a problemática, formulando perguntas claras e significativas, fazendo com que a pesquisa seja exequível (LAVILLE; DIONNE, 1999).

As questões formuladas inicialmente para a entrevista, em forma de perguntas avaliativas, seguem a seguinte organização.

3.4 Roteiro Básico

Categorias de perguntas para análise:

Identificação geral

Nome, apelido, profissão, formação, clubes por onde passou, conquistas relevantes, convocações para seleção nacional, conquistas relevantes.

Formação

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil? Isso teve influência em sua formação? Em que medida?

Conhecimento acerca do fenômeno Esporte

- a. Dentro de sua vivência e experiência, qual sua compreensão sobre o fenômeno Esporte?
- b. Como você vê a evolução do Esporte?

Função de técnico

- c. Na sua compreensão, o que é ser técnico de _____ (citar a modalidade)?
- d. Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Função de atleta

- e. Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?
- f. Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Relacionamentos

- g. Como você entende que deve ser a relação do técnico e atleta?
- h. Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?
- i. Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros da comissão técnica?
- j. Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?
- k. Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema e subsistemas do Marketing Esportivo?

- I. As equipes de jogos coletivos têm conseguido resultados expressivos em nível internacional. Na sua opinião, que se deve?

Em síntese, o processo de pesquisa, esquematicamente representado na Figura 1 que segue, obedeceu os seguintes passos:

Pré-análise: Organização do material, levantamento do problema, formulação de hipóteses amplas, objetivos gerais e específicos e construção do corpo teórico que será o balizador das análises inferências.

Descrição analítica:

- Transcrição na íntegra das informações obtidas nas entrevistas. A organização do texto seguiu a seqüência definida pelas perguntas do roteiro básico, com destaque para os conteúdos manifestos que respondem às perguntas.
- Análise inicial das entrevistas, sendo feito um estudo aprofundado dos dados coletados, em que há reconstrução dos conteúdos ainda em forma de perguntas e respostas e organização de texto básico resultado do processo de descrição analítica para realizar as análises inferenciais, norteadas pelas hipóteses e as teorias que compõe o corpo teórico, com o objetivo de retratar na forma de síntese os conteúdos das falas.

Entendemos como saudável a consideração em excesso dos destaques para a descrição analítica, pela riqueza de informações e o risco a ser corrido de minimizar as falas, perdendo informações significativas ou em julgamento inadequado das informações, em seu grau de importância.

Análise inferencial:

- As inferências foram feitas a partir do corpo teórico, desenvolvido nos capítulos um e dois, a partir da possibilidade concreta de transformar em linguagem científica as falas dos sujeitos, em interpretar as informações tendo por base a apresentação dos conhecimentos teóricos em ciências do esporte;

- Foram realizadas inferências individuais, e em seguida inferências diante das informações analisadas do grupo, resultado das perguntas específicas;
- Em seguida, diante de uma primeira fase de discussão diante das interpretações das informações coletadas, individual e coletivamente, trabalhamos com as proposições, conclusões demarcadas pela subcategoria analisada, que tem o objetivo de compor a conclusão final, ou seja, dar base para discorrer sobre as proposições, em discussão dos resultados das análises e afirmar conclusivamente que a hipótese inicial proposta se comprova como tese.

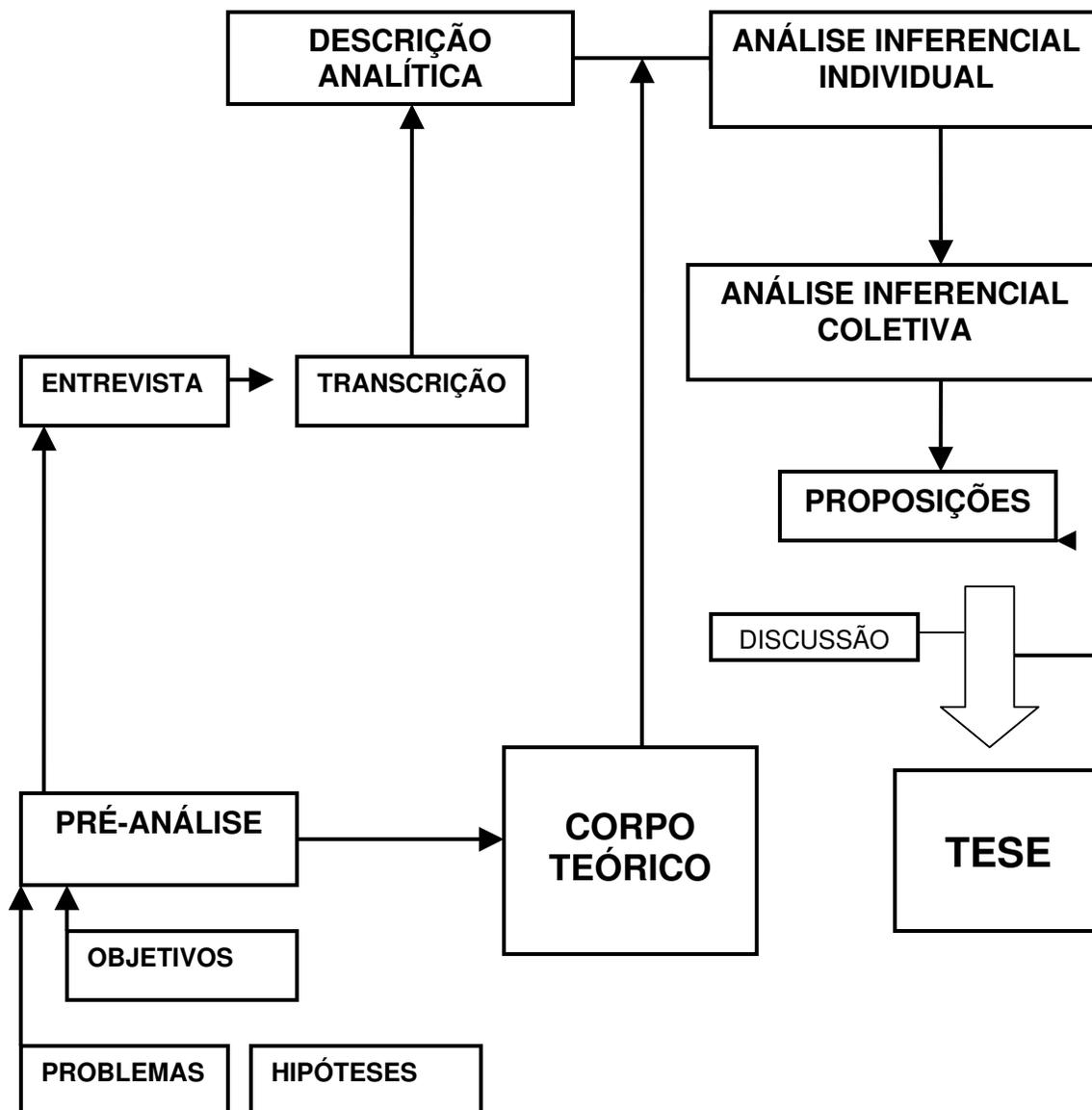


Figura 1 – Figura esquemática representativa do processo do método de pesquisa

Antes de prosseguir nas análises minuciosas do problema pesquisado, torna-se oportuno esclarecer e apontar algumas advertências quanto à realização de estudos que utilizam entrevistas em seus procedimentos metodológicos. Embora exista um rigor de método de pesquisa, é evidente a natureza subjetiva da técnica utilizada. Não se pode, pelas próprias características do método, mensurar

ou afirmar as intenções do seu pensamento, mas sim do que foi enunciado a partir da sua manifestação verbal.

3.5 Apresentação da Pesquisa: análise de dados coletados e discussão dos resultados

3.5.1 Caracterização dos entrevistados

Entrevistado 1

Técnico esportivo, com formação superior em Educação Física, foi atleta da modalidade em que atua como técnico; sua equipe disputa o campeonato nacional da modalidade. Tem passagens pela Seleção nacional da modalidade como atleta e técnico, tem várias conquistas internacionais nas duas funções. Participou de campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

Entrevistado 2

Técnico esportivo com formação em Educação Física e pós-graduação na área de treinamento esportivo; foi atleta da modalidade. Sua equipe disputa o campeonato nacional da modalidade. Tem passagem pela Seleção nacional como técnico e conquistas internacionais na função, em campeonato mundial e Jogos Olímpicos.

Entrevistado 3

Técnico esportivo com formação em Educação Física e pós-graduação na modalidade; tem especializações em cursos específicos para técnicos da modalidade no exterior. Foi atleta da modalidade, tem passagens por vários clubes e pela Seleção Nacional nas duas funções. Como técnico dirigiu a Seleção do Brasil em Mundiais e Jogos Olímpicos; tem conquistas nacionais e internacionais nas duas funções.

Entrevistado 4

É técnico esportivo, com formação superior em Educação Física, tem especialização e atualmente é mestrando na área. Foi atleta de clubes e seleção brasileira da modalidade, técnico de equipes e seleções nacionais; como técnico, tem conquistas internacionais e participação em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

Entrevistado 5

Técnico esportivo, com graduação em Educação Física, dirigiu equipes brasileiras e do exterior, bem como a Seleção Brasileira da modalidade e seleções estrangeiras. Tem participações e conquistas internacionais com a Seleção Brasileira da modalidade.

Entrevistado 6

Técnico esportivo com graduação em Educação Física, tem pós-graduação na modalidade. Foi atleta, tem participação em vários clubes da modalidade; como técnico esportivo tem atuação em clubes e seleções nacionais e estrangeiras, com passagens e conquistas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

Entrevistado 7

Técnico esportivo, com graduação em Economia e especialização na modalidade em que atua. Foi atleta da modalidade e tem atuações em clubes e Seleção Brasileira; tem participação e conquistas em Campeonatos mundiais e Olimpíadas. Na função de técnico, trabalhou em equipes nacionais e estrangeiras; nesta função, pela Seleção Brasileira, tem participação e conquistas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

Entrevistado 8

Técnico esportivo, com graduação em Educação Física, foi atleta da modalidade em que atua na função de técnico. Participou nas duas funções de equipes nacionais e Seleção Brasileira da modalidade, em diversas categorias. Tem participações e conquistas em Campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

3.5.2 A Pesquisa – Apresentação dos conteúdos extraídos**3.5.2.1 Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil? Isso teve influência em sua formação? Em que medida?****3.5.2.1.1 Descrição analítica individual**

Entrevistado 1	Afirma que não dirigiu categorias de iniciação e não considera isso de importância para sua formação.
Entrevistado 2	Afirma que dirigiu categorias de iniciação e considera de relevância para sua formação de técnico, por passar por todas as fases de formação que o

	indivíduo passa até chegar a ser atleta profissional.
Entrevistado 3	Começou a carreira de técnico com a categoria mirim, passou por todas as outras categorias até adulto e ao mesmo tempo participava de equipe de competição adulta, como jogador. Diz que o fato de participar como técnico de categorias de formação ajudou-o a perceber a necessidade de estar preparado para dirigir uma equipe de adultos. Afirma que buscou ocupar o cargo de técnico para poder ser o responsável por tomar decisões. Diz que em um momento passado de sua carreira recusou um convite para dirigir a Seleção Adulta por não se julgar preparado ainda para exercer tal função.
Entrevistado 4	Participou como técnico de equipes de formação até adulto e considera isso de muita importância em sua formação, pois na oportunidade muitos atletas que hoje participam na Seleção Brasileira de Adultos passaram por este trabalho de especialização na modalidade. Considera isso de relevância, pois essa experiência ajuda a entender o processo de formação de atletas e passar essa experiência para outros profissionais, na medida em que seja possível criar uma escola nacional de técnicos e conceber uma metodologia específica para o atleta brasileiro, de cada região do país.
Entrevistado 5	Não teve em sua carreira participação em categoria de formação.
Entrevistado 6	Participou de categorias de formação no início da carreira, e considera isso relevante na medida em que permite ao técnico conhecer e tratar de detalhes no processo de formação de atleta, ao considerar sua formação geral, com foco nos progressos de ensino de gestos da modalidade e respeito a fases que contribuem para a formação completa do atleta.
Entrevistado 7	Afirma que no início da carreira de técnico teve que conjugar a participação em uma equipe de competição e outras de formação de menores, porém sem dirigi-las em competição. Coordenou e colaborou na elaboração de processos de formação, porém, novamente, sem nunca dirigir as equipes de iniciação e formação em competições.
Entrevistado 8	Diz que participou de equipes de formação, que isso influencia sua carreira como técnico até hoje. Considera uma experiência rica, pois coloca o técnico em desafios diversos, que envolvem as capacidades físicas por serem estimuladas e desenvolvidas, configurando a projeção de desafios que o indivíduo vai passar pela sua vida de atleta.

3.5.2.1.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado afirma que o fato de não haver dirigido categorias de formação não é relevante para sua formação como técnico. É possível inferir aqui que considera suficientes seus conhecimentos e sua vivência dentro da modalidade, pois participou como atleta de todas as categorias de formação até ser profissional, para dirigir grupos de atletas profissionais, sem ter passado pelas categorias de iniciação e formação como técnico.

Entrevistado 2

O entrevistado atribui grande importância à sua formação de técnico o fato de ter dirigido grupos de iniciação e formação na modalidade. É possível inferir que considera significativo ter em suas experiências as vivências de comando de grupos e elaboração de processos para alcançar objetivos, bem como o desenvolvimento da competência corporal cinestésica.

Entrevistado 3

O entrevistado considera importante o fato de ter passado por experiências anteriores em equipes de formação de sua modalidade, na medida em que essas experiências provocaram a percepção dos desafios a serem enfrentados com conhecimentos para estabelecer um processo de desenvolvimento da técnica, da tática e das capacidades físicas, como também de outros tipos de habilidades necessárias em uma equipe de jogo coletivo. Atribui à falta desses conhecimentos e

preparação a não aceitação de um convite para dirigir a Seleção Adulta Brasileira, em determinada época. Como veio a ser técnico da Seleção anos depois, podemos inferir que adquiriu conhecimentos necessários e passou por experiências significativas que fizeram com que desenvolvesse as competências necessárias para a função.

Entrevistado 4

O entrevistado coloca aqui a importância que a participação no processo de formação em categorias de base traz para o técnico de adulto, pois ajuda a entender a visão que é processual, e os elementos que constituem a construção do processo.

Entrevistado 5

Este entrevistado não considera importante o fato de não ter dirigido categorias de base. Acredita que os conhecimentos que possuía eram suficientes para exercer a função de técnico de profissionais.

Entrevistado 6

O entrevistado teve em sua formação de técnico diversas experiências com as categorias de formação e considera de muita importância, pelos conhecimentos obtidos na construção do processo. Demonstra conhecimento processual de treinamento, direciona o foco para os múltiplos aspectos da formação do indivíduo através do esporte e o conhecimento de fases de treinamento, relativos a períodos onde o indivíduo se adapta com mais adequação a determinados estímulos orientados em treinamento, e a composição diversificada destes estímulos que se referem à técnica e às capacidades físicas.

Entrevistado 7

Ao afirmar que passou da condição de jogador para técnico, e daí a dirigir equipe de competição sem nunca ter dirigido jogos de categorias menores, pois somente coordenou processos de formação, o entrevistado mostra que detectava as necessidades para a formação de jogadores, conhecimento de como ensinar determinados elementos da técnica e tática, porém sem participação de competições.

Entrevistado 8

O entrevistado aponta a importância de sua participação em categorias de base e isso torna-se significativo na medida em que compreendeu procedimentos necessários para desenvolver capacidades físicas necessárias à participação na modalidade e a compreensão de dificuldade que os atletas passam pela sua vida esportiva. Inferimos que isso deu ao técnico entrevistado referenciais de problemas que enfrentaria em outros momentos, o que desenvolveu e estimulou competências que se manifestam em seus procedimentos e atitudes com atletas profissionais.

3.5.2.1.3 Análise inferencial coletiva

O técnico esportivo em categorias de formação é um pedagogo. Em relação à formação de técnico, percebemos que não é consenso que o técnico do esporte profissional deva passar pelas outras categorias para chegar a dirigir equipes de adultos. Consideramos importante destacar que todos que passaram pelas etapas anteriores ressaltaram a importância, riqueza da experiência, o sentido de preparação para trabalhar com adultos, o aprendizado de tratar com possíveis problemas e desafios futuros na modalidade, a visão e percepção dos elementos constitutivos do processo de treinamento. Dos sujeitos que não acham relevante, nenhum participou da formação de categorias de base, ou seja, não passaram pela experiência e foram subtraídos de referências a esse respeito em sua história

de vida para comparar os contextos e o tipo de formação que se deve ter para chegar até técnico esportivo profissional de adultos. É possível afirmar que esse fato indica a importância de ter o contato com as categorias de formação, pois todos que passaram pela experiência consideram-na significativa para a carreira de técnico. Porém, nota-se que não é opinião de consenso, fica claro que há divergência de opiniões.

Em um outro ponto, dos oito sujeitos entrevistados, há sete sujeitos que foram atletas e um sujeito que não foi atleta, em níveis diferenciados. Há ex-atletas de seleções nacionais e também atletas que chegaram a participar em competições do esporte profissional apenas por clubes. Verifica-se que não se constitui em fator significativo para o desempenho como técnico de equipes do esporte profissional. Quanto à formação específica na área, verificou-se que é importante, pois todos têm. De sete, um não tem graduação, porém é especialista. É possível inferir que existe a necessidade da formação específica nesta área de conhecimento. Outro ponto a se considerar é a importância do professor ou técnico no processo de formação, daí podemos afirmar que o técnico esportivo é um pedagogo.

3.5.2.2 Dentro de sua vivência e experiência, qual sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

3.5.2.2.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Considera o esporte agente da educação, determinante na formação da personalidade do indivíduo, e no desenvolvimento de virtudes que, segundo o entrevistado, muitas vezes não vivencia na sua casa e também não vivencia na escola, como respeito, disciplina, convivência, tomada de decisões, cultivo da liderança. Afirma que o esporte prepara melhor o indivíduo para a vida.
Entrevistado 2	Menciona que o esporte faz parte de sua vida desde criança, cotidianamente, e que vivenciou exercícios de liderança pelos grupos que passou, construindo uma visão ampla e relacionada ao respeito pelo fenômeno esporte em suas diversas dimensões, o que o levou a seguir carreira na área da Educação Física.
Entrevistado 3	Coloca que sua compreensão de esporte mudou depois que começou a participar efetivamente de seu contexto, ampliando seu entendimento para significados que envolvem negócio e aspectos políticos. Entende que existem dois significados básicos para o Esporte, o que busca a saúde, qualidade de vida e o que promove a competição, ligada à idéia de lucro, de negócio. O entrevistado afirma que busca em seus ambientes de atividades promover e

	aliar competição e saúde. Diz que não considera válido o uso de drogas para melhoria de performance.
Entrevistado 4	Entende o esporte como fator de inclusão e de promoção social, através da massificação da prática, bem como de possibilidade de melhoria da condição de vida, através da condição financeira e de sua perspectiva integrativa através das competições e prática esportiva.
Entrevistado 5	Afirma que o esporte tem significância social e cultural, abrangente de segmentos da sociedade, atividade que permite a manifestação de cultura de um povo, e compara o esporte com a música e a dança, neste aspecto de relevância cultural.
Entrevistado 6	Entende o esporte em três segmentos, ou seja, educação, socialização e alto nível. No segmento educação, associa as regras do esporte com a idéia de obediência às regras e leis de uma sociedade, na busca de preservar os direitos do cidadão. No segmento socialização, do esporte para todos, responsabilidade do poder público, o fator é a convivência com mesmas dificuldades das pessoas que praticam a modalidade e tentam resolver juntas os problemas. No segmento competição e alto nível, identifica aí como exceções os talentos como seus elementos significativos e sendo responsável por eles instituições esportivas não formais.
Entrevistado 7	Identifica o esporte, além de seu aspecto de exigência física, como promotor de valores, e valoriza seu aspecto educativo a partir dessa análise. Considera de menor importância em sua análise o fato de perder ou ganhar, e diz que o esporte é significativo para a vivência de liderança, respeito às normas que um trabalho de equipe requer, comprometimento com o grupo de trabalho, empenho em harmonia dos esforços dedicados ao trabalho, a disciplina que o processo exige, de dedicação, de perseverança. Diz que é possível vencer não tendo uma boa equipe mas tendo talentos. Porém, para ganhar com consistência é essencial ter grupos de trabalhos totalmente comprometidos, em que as pessoas têm que estar comprometidas e sentindo-se cúmplices de um projeto. Considera que o fenômeno esporte transmite a quem dele participa disciplina e trabalho, e afirma que ninguém é bem sucedido se não tiver uma base de disciplina e trabalho, que os vencedores são dedicados, perseverantes e trabalham muito. Para o entrevistado, o esporte está passando em todo momento essas lições.
Entrevistado 8	Considera o alcance mundial do fenômeno, e da presença na vida das pessoas. Lembra de que dizia em seu começo de estudante de Educação Física da projeção que fazia para dali vinte anos, de como seria importante no cotidiano das pessoas, considerando a importância da prática esportiva. Afirma que as pessoas se identificam, se transformam, se dão quando praticam esporte. Acredita que as pessoas não saberiam viver sem a prática esportiva.

3.5.2.2.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

Inferimos que o entrevistado tem uma compreensão do esporte em seus múltiplos aspectos, referentes à educação, e aqui reforça a premissa de que a pedagogia se dá nos mais variados ambientes. A própria condição de formação por excelência do esporte, das situações de vida que o esporte traz como análogas a diversas situações cotidianas e à formação quer seja nos aspectos psicológicos, no aspecto da formação de valores, ao mencionar disciplina, tomada de decisões, traz a possibilidade de aqui inferirmos, pelas condições de preparação do indivíduo em seu ambiente, que o esporte é uma metáfora da vida.

Entrevistado 2

O entrevistado relata a visão ampla do esporte em suas variadas dimensões, trazendo as possibilidades que o esporte proporcionou em sua história de vida para o prolongamento em sua vida pessoal, pela escolha da carreira em Educação Física.

Entrevistado 3

O entrevistado compara suas concepções de esporte quando começou a participar efetivamente do esporte profissional, e enfatiza que o esporte que vê hoje, além de ter como um de seus pilares a saúde, se liga também às questões de política e negócios. Na sua fala, coloca a insatisfação com o tratamento que se dá ao esporte, e à sua modalidade especificamente, no desrespeito ao conhecimento científico e específico que trata do esporte. Ao destacar a existência de dois rótulos para o Esporte, embora em um primeiro momento traga a dicotomia entre esporte saúde e esporte competição, mostra que eles podem jogar juntos ao reforçar a condição transformadora da pedagogia do esporte promove através de seus agentes, ou seja, a de transformar ambientes, pois o entrevistado afirma que busca em suas atividades promover e aliar competição e saúde.

Entrevistado 4

O entrevistado compreende o esporte na sua ótica de promoção social, através da participação em atividades esportivas voltadas para práticas educativas, inicialmente e com possibilidade de prosseguir pelas próprias chances que o ambiente esportivo vai oferecendo, na conexão que a cultura esportiva pode oferecer de se enxergar a continuidade do processo que inclui iniciação, formação, especialização, esporte profissional, que pode ser a vida profissional do sujeito. Manifesta a visão de que a competição integra, com as chances de vida que cria, e através disso vê fortalecida a visão educativa do esporte em suas mais variadas manifestações.

Entrevistado 5

Ao afirmar que o esporte tem significância social e cultural, o entrevistado demonstra metaversão do fenômeno esporte, que não se prende a um significado exclusivo de sua prática física, mas também dentro de aspectos plurais e de significados que envolvem outros níveis de compreensão do próprio indivíduo em sua dimensão antropológica ao comparar o fenômeno esporte com a música e a dança. É possível inferir também o entendimento do esporte pelo entrevistado 5 como manifestação da compreensão dos ritmos e sintonia com eles através do corpo e sua manifestação através das habilidades motoras específicas para a cultura corporal de um povo.

Entrevistado 6

O entrevistado compreende o esporte como um fenômeno de múltiplos significados que se referem em sua opinião à educação, socialização e alto nível de exigência. É possível inferir que para este técnico o esporte como meio formativo é uma metáfora da vida, pois o entrevistado utiliza analogias para entender o fenômeno em sua dimensão educacional e social e remete a responsabilidade de cuidar desse segmento às instituições governamentais. Coloca como de responsabilidade das instituições não formais o desenvolvimento do indivíduo que segue o esporte profissional, inclusive sendo responsáveis pela adequação da metodologia de treinamento, sem interferência do poder público. Nesta visão, vê-se como dissociada a idéia de que os órgãos governamentais, e suas políticas públicas devem dirigir-se ao comando do esporte profissional e o desenvolvimento de atletas para sua prática profissional.

Entrevistado 7

É possível inferir que o entrevistado considera o esporte em suas múltiplas dimensões, desde a dimensão física de suas exigências até o aspecto da educação de valores, como promotor das habilidades intra e interpessoais, entendimento e compreensão dos aspectos relevantes para o bom funcionamento e harmonia de um sistema. Reforça que o esporte estimula valores que se referem à conquista de objetivos, sendo um processo de formação e exigência contínua.

Entrevistado 8

Encontramos no entendimento do entrevistado o esporte como um fenômeno cultural mundial, e que faz parte da vida das pessoas. Inferimos que desde a prática pelo indivíduo, da presença de alguém na família que pratique, da ligação e afinidade do sujeito por alguma equipe de determinada modalidade, de alguma maneira o esporte faz parte da vida das pessoas em todo o mundo, configurando-se verdadeiramente como um fenômeno mundial. Encontramos ressonância na afirmativa de que o indivíduo se mostra quando joga, quando o entrevistado diz que as pessoas se identificam e se transformam quando praticam esporte.

3.5.2.2.3 Análise inferencial coletiva

O Esporte é um fenômeno de múltiplas dimensões e diversos significados.

Inferimos que é consenso entre todos os entrevistados o entendimento do Esporte como um fenômeno de diversos significados e múltiplas dimensões. Entre os significados, encontramos que o fenômeno Esporte estimula a convivência entre as pessoas, tem em suas situações metáforas da vida, viabiliza manifestação cultural de um povo, integra comunidades, educa através dos valores vividos, desenvolve o físico através das exigências próprias, prepara o sujeito para a vida.

O Esporte é essencialmente educativo. Em uma outra perspectiva de análise, os discurso dos técnicos/pedagogos aproximam-se dos discursos acadêmicos. Da mesma maneira que encontramos ênfase nos aspectos educacionais do esporte que autores do contexto científico promovem, os sujeitos entrevistados também compreendem o esporte nesta ótica. É possível inferir que a teoria e a prática estão na mesma direção. Os acadêmicos são pedagogos porque exercem sua profissão no meio universitário. O técnico também é, porque exerce sua função no esporte. Verifica-se que os discursos têm princípios comuns, são semelhantes, porém são falas colocadas de formas diferentes. Termos como educação, valores, aspectos formativos, cidadania, integração, inclusão, socialização, estão presentes nos discursos tanto da academia como dos sujeitos entrevistados. Basicamente, há o grupo de pedagogos que trata com o fenômeno esporte na universidade, na escola, e o grupo de pedagogos que trata com o fenômeno esporte em seu aspecto profissional. Inferimos que há uma aproximação dos discursos, não há distância.

O Esporte é uma metáfora da vida. O Esporte exhibe, pelas condições de preparação do indivíduo em seu ambiente, situações que são análogas à vida do indivíduo no que se refere à tomada de decisões, viver em grupo, tomar decisões em equipe, ter atitudes que vão ter interferência no resultado de ação de um grupo, exercer a liderança, respeitar regras e posições hierárquicas, traçar planos para alcançar objetivos, participar de um processo de preparação, estar sujeito às situações de errar e acertar e ter punições ou prêmios por isso, convivência com fracasso e sucesso, trabalhar com os significados que tais situações geram, estão

como exemplos das metáforas que o esporte estabelece com a vida, entre tantas outras que cabem neste tipo de observação.

3.5.2.3 Como você vê a evolução do Esporte?

3.5.2.3.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Coloca que o esporte tem evoluído em todo o mundo na medida em que atende às pessoas que não se profissionalizaram dentro dele, e afirma que a maioria das pessoas tira proveito de seu aspecto educacional e formativo.
Entrevistado 2	Ressalta o aspecto científico da evolução do esporte, em áreas diversas, desde a análise estatística de fundamentos ao aspecto físico, que o entrevistado diz nivelar os aspectos de técnica e tática. Também a área de eletrônica, que para o entrevistado neste caso envolve computadores e máquinas de filmar, o que permite aos técnicos desenvolver um bom trabalho.
Entrevistado 3	Afirma que a evolução do esporte, no Brasil, não significa a evolução de um de seus ambientes promotores, que é a Educação Física, que para o entrevistado está sendo tratada de forma inadequada, ao ter seu contexto envolvido por questões acadêmicas e políticas não resolvidas e indefinidas, sendo que o maior prejudicado é a população brasileira. Coloca que muitos dirigentes que chegam a cargos públicos não seguem sua ideologia de esportista por apego a cargos e vaidades pessoais, o que na opinião do entrevistado prejudica o contexto da educação física e do esporte. Acredita que seria adequado o uso do esporte como método de educação complementar para jovens, como meio de se chegar ao esporte profissional, sendo que a construção deste contexto específico traria resultados proveitosos ao esporte de rendimento.
Entrevistado 4	Menciona que o esporte de uma maneira geral e específica para sua modalidade evolui devido à proximidade da ciência através de seus pesquisadores, bem como dos aspectos profissionais de técnicos especialistas. Ressalta a importância da área administrativa em acompanhar essa evolução e da necessidade de lei de incentivo fiscal ao esporte, o que transformaria o Brasil em uma potência esportiva.
Entrevistado 5	Afirma que, nos últimos vinte anos, a evolução do esporte acompanha a evolução da humanidade, integrado às atividades técnica, científica, de criatividade, de gestão, mais especificamente nas áreas científica, financeira, física, técnica, tática, na medicina esportiva, materiais. A evolução do esporte é paralela ao aumento de investimentos na área e perde, segundo o entrevistado, somente para o turismo. Reforça também a presença do marketing esportivo como fator de evolução.
Entrevistado 6	Manifesta preocupação na evolução do esporte, pela precoce definição da modalidade em que a criança se especializa, deixando-se de lado a sua formação geral. Diz que existe preocupação exagerada com a exceção, ou talento, e que os dois segmentos apontados anteriormente, nos aspectos social e educacional, estão esquecidos. Desta maneira, aponta a definição de política pública esportiva do país como o mecanismo organizador deste processo de adequação do contexto esportivo.

Entrevistado 7	Considera que o esporte de alto rendimento se tornou mercantil pela própria condição de envolvimento do dinheiro, o que, segundo o entrevistado, afastou as pessoas de seus valores essenciais. Analisa que estes valores devem ser mantidos, pois o ganhar dinheiro não é para sempre e perde-se assim a essência que leva a pessoa àquela condição. A questão da remuneração deve ser mantida, porém considera que trabalhar os valores essenciais e as pessoas é fundamental. Para o entrevistado o esporte permite que se trabalhe as pessoas de maneira intensa como nenhuma outra atividade, pelo esforço físico, pelo tempo de convivência que as pessoas tem em grupos de trabalho.
Entrevistado 8	Diz que a evolução é um fato e se dá em todo momento, constantemente, promovida pelas pessoas que participam de uma comissão técnica e estudam detalhes que permitem que as performances dos atletas de alto nível sejam melhores e mais adequadas.

3.5.2.3.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado, em sua afirmativa de que o esporte tem evoluído no mundo todo considera sua relevância não pelo significado do esporte profissional e seus elementos competitivos, mas sim pela significativa dimensão da participação e de seus aspectos formativos e educacionais, que é uma visão característica que o entrevistado manifesta em seu discurso.

Entrevistado 2

O entrevistado aponta para os avanços tecnológicos que envolveram o esporte e colaboram para que o técnico esportivo incremente seu trabalho com o auxílio das ciências pertencentes a este campo. Essa abordagem torna-se complementar à abordagem feita pelo entrevistado na pergunta anterior, em que manifesta visão ampla e ligada a aspectos humanísticos no fenômeno esporte; é possível inferir daí que o esporte envolve várias disciplinas científicas, e exige em seu tratamento e compreensão a multidisciplinaridade.

Entrevistado 3

O entrevistado 3, em seu discurso, analisa o desnível da evolução do esporte no Brasil e da Educação Física, seu meio promotor. Considera, aqui, o Esporte um dos conteúdos da Educação Física, e não um fenômeno em si. Em sua visão contextual, evidencia a interdependência do esporte e seus significados relacionados ao tratamento adequado que deve ser dado à Educação Física. É possível inferir que na análise do entrevistado há uma indicação de que a postura política de dirigentes esportivos e políticos, responsáveis pela Educação Física e Esporte, prejudica seu desenvolvimento, devido ao tratamento inadequado e a incongruência de discurso, feitos antes de assumirem esses cargos e das suas atitudes enquanto estão exercendo as funções políticas. Fica evidenciada a conexão entre o fenômeno Esporte e a Política.

Entrevistado 4

O entrevistado enfatiza a importância da evolução científica do esporte, e os benefícios que a aproximação de disciplinas científicas trouxe ao fenômeno Esporte; destaca o aspecto profissional que veio com elas e seus técnicos. Coloca que essa mesma evolução deveria acontecer com os administradores do esporte. Em seu discurso fica evidente que o tratamento dado à área administrativa do esporte necessita de ações alinhadas com a evolução do contexto que as ciências do esporte construíram com sua utilização pelos técnicos esportivos e demais profissionais ligados à área do desempenho esportivo. A reclamação pela lei de incentivo fiscal ao esporte exemplifica a crescente profissionalização do esporte e a dependência que o esporte espetáculo tem em relação ao aspecto financeiro.

Entrevistado 5

O entrevistado reconhece o significado do Esporte como um fenômeno da humanidade e a sintonia com o desenvolvimento humano, nas diversas áreas do conhecimento. É possível inferir que, devido ao seu grau de importância como área de investimento direto e indireto, das áreas de conhecimento específico e dos países que o reconhecem publicamente como manifestação

cultural evidenciada pelo número de países inscritos no Comitê Olímpico Internacional, traz a constante necessidade de tratamento como área da manifestação humana, e de suas possibilidades pedagógicas. Alia-se a isso o fato de o marketing usá-lo para divulgação de marcas e os investimentos realizados pra aumento de consumo do esporte e de seus valores agregados.

Entrevistado 6

A abordagem do entrevistado se dirige ao processo de iniciação e a conseqüente especialização precoce decorrente do direcionamento da criança a determinada modalidade. É inegável que a divulgação do fenômeno esporte cria nas pessoas a admiração pelos atletas que são bem sucedidos e que fazem a diferença no espetáculo esportivo. Em sua fase de desenvolvimento, a criança está conectada em modelos que apresentam a ela os modos de se fazer algo bem feito. Como afirmado anteriormente, o esporte promove a identificação e a transformação da pessoa em seu ambiente. Na área do marketing esportivo, também torna-se necessário o envolvimento da pedagogia do esporte, bem como de orientação da política pública, para a devida utilização do fenômeno Esporte como educação de jovens, e não simplesmente instrumento para venda de produtos e divulgação de marcas.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 procura apontar o significado mercantilista que se deu ao esporte profissional e procura em seu discurso apontar a importância do resgate de seus valores essenciais, que na sua opinião deve ser mantido, assim como o aspecto profissional do esporte. Na visão do entrevistado fica evidenciada a abordagem educacional que traz em seu contexto de prática, conectando o ambiente competitivo às possibilidades de formação pessoal, com elementos de convivência, de relacionamentos pessoais, pela maneira verdadeira com que as pessoas se mostram verdadeiramente quando jogam, que para o entrevistado deve ser única e que outras atividades não conseguem fazê-lo. É de se notar que em seu discurso o entrevistado coloca e evidencia a importância do agente da prática, que tem procedimentos, que tem atitudes, e não transfere a responsabilidade da ação a outra entidade ou que aconteça de forma a depender do atleta que participa da prática, evidenciando a importância da pedagogia do treinamento e de seu agente.

Entrevistado 8

Na fala do entrevistado, coloca-se a relevante participação do grupo de trabalho que participa de uma equipe e de se abordar com ciência os fenômenos que se manifestam no ambiente do esporte profissional. Isso demonstra a necessidade de que essas práticas elaboradas pelos profissionais do esporte estejam referenciadas no aspecto científico e da mesma maneira sejam transmitidas a outros profissionais, para que assim se dê a evolução científica no contexto esportivo específico, por aqueles que promovem a prática e tem em seu ambiente de atividades o laboratório cotidiano, com feed backs constantes e intensos.

3.5.2.3.3 Análise inferencial coletiva

Esporte evolui na ação da Ciência. É consenso entre os entrevistados que o Esporte envolve em seus diversos significados a possibilidade de intervenção de diversas áreas do conhecimento científico, exigindo para a compreensão de seu contexto a perspectiva multidisciplinar. Também fica evidente, pelas posições dos entrevistados, que a evolução do Esporte se deu em virtude da evolução da Ciência. E à medida que houve a evolução do Esporte, cresceu também a dependência do esporte espetáculo com o aspecto de investimentos financeiros. Fica evidente a necessidade de adequação do tratamento científico a seus aspectos diversos, nas várias disciplinas que compõe seu campo de

conhecimento, pelas situações geradas na prática esportiva que exigem soluções com base científica. Devido ao alcance do fenômeno esporte e de suas possibilidades formativas, faz-se necessário o tratamento adequado da política educacional para a Educação Física, que tem no Esporte um de seus conteúdos.

3.5.2.4 Na sua compreensão, o que é ser técnico de sua modalidade?

3.5.2.4.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Afirma que o técnico faz com que os jogadores produzam o máximo, devido às exigências do esporte de alto rendimento, e desta maneira a busca do aperfeiçoamento, da excelência, provoca a necessidade de se ter relacionamentos autênticos. Diz que é necessário que se estimule nos grupos em que trabalha os aspectos motivacionais com o objetivo de dar a esse grupo uma personalidade coletiva. Para o entrevistado, o técnico valoriza aspectos individuais pelo poder de o atleta decidir um jogo, e também os aspectos coletivos pela sua constância, o que na opinião do entrevistado provoca a situação em que se emana da coletividade a superação do indivíduo em buscar o melhor resultado.
Entrevistado 2	Diz que ser técnico da modalidade agrega muita emoção, o tempo todo. Coloca que as dificuldades em dirigir equipes são geradas pela indevida atuação de dirigentes que tem comportamentos inadequados em determinadas equipes.
Entrevistado 3	Compõe a função de técnico em três momentos que estão interligados, ou seja, professor para os aspectos de formação, treinador para práticas em quadra e técnico para comando em jogos e líder do processo. Inicialmente coloca o professor que trabalha a modalidade como instrumento de formação, desenvolvendo as qualidades físicas, o desenvolvimento físico equilibrado do organismo, associado a aspectos educacionais e valores como respeito à hierarquia, deveres e interdependência de funções em um grupo. Cita situações de jogo da modalidade para exemplificar. Separando as funções de treinador e técnico, coloca que o treinador tem sua função ligada à execução de práticas na quadra cotidianamente, responsável pela execução de atividades que desenvolvam aspectos de técnica e tática, ofensivas e defensivas, em práticas pedagógicas de treinamento, a fim de exigir dos jogadores a melhor performance individual na busca da melhor performance coletiva. Neste processo, diz que se busca o desenvolvimento de uma “coreografia” que joga constantemente com o adversário buscando envolvê-lo na ofensiva e não se deixar envolver por ele na defensiva. O terceiro momento, de técnico, diz respeito àquele que dirige a equipe em jogo, respeitando o que foi treinado e fazendo com que se execute no jogo, através de suas orientações e permitindo-se colocar informações novas, desde que não confundam os atletas pela ausência destas informações no treinamento dirigido pelo treinador.
Entrevistado 4	Afirma que ser técnico da modalidade é trabalhar em um contexto que sente a falta de respaldo da mídia e conseqüentemente da iniciativa privada. Ao mesmo tempo diz que promove a oportunidade de trabalhar com a modalidade que é muito praticada no nível escolar, e sente falta de estrutura para continuidade do trabalho, para divulgação à população brasileira. Afirma que sente sua importância por estar trabalhando no aspecto educacional do jovem

	cidadão, na integração, interação e inclusão social.
Entrevistado 5	Menciona que a função de técnico das várias modalidades coletivas tem aspectos muito semelhantes e para o entrevistado o importante é que exista uma equipe, e que todos estejam direcionados para o mesmo objetivo. Para o entrevistado ser técnico da modalidade significa extrair o máximo de cada jogador, através da visão de equipe, de coletividade, do direcionamento de talentos diferenciados para os mesmos objetivos. Afirma que o talento individual só aparece quando existe um bom trabalho de equipe.
Entrevistado 6	Diz que, em sua própria definição, técnico é a pessoa que faz o atleta produzir cem por cento do que tem para produzir para determinada modalidade, sendo que ele sabe que tem, mas não consegue produzir os cem por cento, como também através da projeção de desempenho que o técnico faz para o atleta e este não imagina de que é capaz de manifestar tal desempenho, e o técnico conduz o atleta a tal performance. Afirma que através de estímulos, o técnico faz o atleta produzir o que ele já sabia que podia produzir e o que não sabia que poderia produzir.
Entrevistado 7	Diz que a função de técnico é extrair dos atletas o que de melhor eles têm a dar. Da maneira de trabalhar, diz que verifica os que são mais capazes e menos capazes e busca adequar estratégias que sejam adequadas como instrumentos de trabalho, denotando a capacidade de gestão do técnico, ao propiciar condições para extrair dos atletas o melhor possível. Para o entrevistado, a posição do treinador “ser duro” e exigente está ligada às condições de trabalho e saúde oferecidas ao atleta. Reafirma que o técnico de esporte faz com que as pessoas usem todo o seu potencial no âmbito esportivo e também no âmbito humano. O entrevistado não quer em seu grupo um atleta que quer ganhar, mas não se importa com as outras pessoas, pois, para o entrevistado, este atleta não vai fazer parte muito tempo do grupo se não cultivar valores humanos dentro de uma equipe. Considera esses valores importantes na formação de um grande time.
Entrevistado 8	Afirma que ser técnico da modalidade é um estado de espírito, é uma coisa que está no sangue. Refere-se, a respeito de ser técnico como uma paixão que nasceu quando descobriu a modalidade ou, segundo suas palavras, “quando me conheci por gente”. Diz que ser técnico é amor, é dedicação, é se dar sempre, é estar o tempo todo sintonizado nas atitudes, na postura e na conduta das pessoas, como também ensinar a praticar o esporte e juntamente socializar e tornar os praticantes melhores cidadãos.

3.5.2.4.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado considera que o técnico é um agente que estimula nos atletas tanto as competências que indicam habilidades para ações individuais como as que indicam relacionamentos e conexões dentro das ações de jogo, e através disso, estimula no atleta seu desempenho ótimo. Para ele, o técnico é um motivador das atitudes que são manifestações destas competências e arquiteto da personalidade coletiva da equipe, ou seja, é o líder que elabora estratégias para o bom funcionamento do sistema, através das boas relações que as partes estabelecem entre si.

Entrevistado 2

O entrevistado realça os aspectos emocionais como sendo os mais importantes componentes da identidade do técnico de uma modalidade. Considera-se aqui que ele pode fazer leituras constantes que emanam da própria modalidade e que exigem comportamentos intra e interpessoais do técnico, ligados às emoções para praticar suas habilidades de técnico, como também ler nos atletas que participam deste ambiente e interagir com as emoções deles. Para ele

é de se considerar essas emoções no tratamento com outras partes do sistema, e cita no caso os dirigentes, que tem atuação inadequada, o que indica a instabilidade emocional do sistema liderado pelo técnico, que prioriza as emoções como principal componente da identidade do técnico de sua modalidade.

Entrevistado 3

Para o entrevistado ser técnico de sua modalidade compreende possuir conhecimentos relativos à área de educação física e treinamento, na medida em que trata de grupos variados pelos níveis de formação, especialização, treinamento em quadra e direção de equipe de competição. O entrevistado foi jogador de todas as categorias da modalidade, e também técnico de todas as categorias de formação até adulto. A partir disto, é possível inferir que ele nota a interdependência dos elementos dentro de uma visão de processo. Para ele, o técnico é um pedagogo, pois trata de valores educacionais em seu ambiente de atividades, é o líder que coordena o processo, bem como, em seu caso particular, demonstra ser conhecedor da modalidade em duas posições distintas; a de jogador, pois passou pelas vivências de quadra, e de técnico. É também o técnico um estrategista, organizador da tática, que exige elementos de conhecimento e deslocamentos pelo espaço de jogo, e agente do desempenho ótimo do atleta.

Entrevistado 4

Para entrevistado 4, ser técnico da modalidade é ser agente da inclusão, integração e interação social, o que demonstra o perfil educacional de seu trabalho, voltado para formação de valores de cidadania na pedagogia do treinamento. Foca a importância de sua atuação com os níveis de formação e iniciação, pelas próprias características de prática profissional, que é restrita a poucos clubes e um pequeno número de instituições que organizam os eventos da modalidade.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 entende que ser técnico de modalidades coletivas compreende habilidades semelhantes, e que o técnico é o condutor dos objetivos para uma mesma meta. Para ele, ser técnico da modalidade é ser agente do desempenho ótimo do atleta, através de práticas que estimulam e desenvolvem a visão de coletividade. Valoriza também os talentos diferenciados, que, para ele, são importantes e se manifestam quando se dirigem ao desempenho do grupo. Coloca o desempenho do grupo acima do desempenho individual, que para ele, só aparece quando a equipe trabalha com sintonia de coletividade.

Entrevistado 6

Para o entrevistado 6, ser técnico de sua modalidade significa ser o agente que faz o atleta produzir o máximo que ele atleta sabe que pode produzir, embora fique aquém de seu desempenho, e também o agente do desempenho ótimo que ele desconhece que poderia manifestar, como capacidades latentes para algo, porém não manifestas; e o técnico, agente deste desempenho ótimo, conduz o atleta até tal performance. Para o entrevistado 6, ser técnico de sua modalidade significa ser um agente de estímulos de desempenho ótimo do atleta.

Entrevistado 7

Para o entrevistado 7 ser técnico de sua modalidade significa extrair dos atletas o máximo que eles têm a dar. Desta forma, respeita o princípio da individualidade e especificidade pela adequação de estratégias que são relativas às capacidades dos atletas. Aqui, fica evidente que o técnico é um agente da gestão de pessoas, na medida em que organiza o ambiente para estimular competências dos atletas com instrumentos adequados para suas capacidades e de acordo com as condições de prática que são oferecidas; é o agente de desenvolvimento de potencial esportivo e humano do atleta. Daí pode-se inferir que releva em sua prática os aspectos emocionais, sociais, mentais e espirituais do indivíduo. Ao afirmar que dá valor ao atleta que está conectado com o grupo em suas ações, destaca a leitura sistêmica que faz para elaborar estratégias de ação ou ter atitudes e procedimentos pedagógicos, na medida em que valoriza as relações que o indivíduo estabelece com o sistema.

Entrevistado 8

Para o entrevistado 8, ser técnico está ligado à dimensão espiritual do sujeito, quando afirma ser “um estado de espírito”, ou conecta essa afirmativa à época em que se conheceu “por gente”; bem como à sua identidade, quando diz que “está no sangue”. Para ele, transcende de simplesmente manifestar conhecimentos ou ter atitudes em quadra, o que ficou claro pela citação ao aspecto espiritual; envolve aspectos da emoção, pois para ele “ser técnico é amor”. O entrevistado 8 valoriza aspectos da sintonia pessoal do técnico em atitudes de outros componentes do grupo,

revelando o aspecto da intersubjetividade, da ação entre modelos de mundo dos sujeitos que fazem parte da equipe, do sistema, incrementados pela prática que é pedagógica, na medida em que busca tornar seus atletas cidadãos.

3.5.2.4.3 Análise inferencial coletiva

O técnico é agente estimulador do desempenho ótimo das múltiplas competências do atleta. É consenso entre os sujeitos entrevistados que o técnico das modalidades coletivas tem por objetivo estimular e desenvolver o desempenho ótimo individual do atleta em função do desempenho coletivo da equipe. Para eles, o agente da prática de treinamento trabalha não somente com a dimensão física das exigências do jogo coletivo, mas também com as exigências que são de ordem intrapessoal, que dizem respeito aos recursos internos que o indivíduo possui e são ainda latentes, não se manifestaram e são desconhecidas do indivíduo. Em outra perspectiva, o técnico interage também com as questões de coletividade, relacionamentos em grupo, que caracterizam o perfil das modalidades coletivas. Para alguns, o técnico é o condutor de vários objetivos que podem momentaneamente ser diferentes, para o ponto em comum, que significa o desempenho do grupo diante dos desafios que o jogo oferece, de maneira geral, na trama íntima de conexões que os elementos participantes do sistema jogo coletivo formam.

Ser técnico é ser pedagogo. Ser técnico, também significa avançar nas percepções de ambiente, como simplesmente fazer parte dele. Ser técnico avança para além dos comportamentos e atitudes. Todos os entrevistados apontam para outros aspectos que se determinam pela elaboração de estratégias de pensamento para conduzir práticas, estimular em seus atletas crenças e valores que sejam suporte para o desempenho ótimo, e agregam à sua identidade e à dimensão espiritual a condição de “ser técnico”. É possível inferir daí que não basta ter somente o conhecimento prático e teórico das habilidades motoras específicas da modalidade, ou dos métodos adequados para oferecer ao atleta condições de desenvolver suas capacidades até o desempenho ótimo de suas potencialidades. O técnico precisa avançar em suas competências e habilidades. O tratamento com as questões do desempenho humano envolve outros níveis de

habilidades que somente o conhecimento metodológico ou de teorias do treinamento é insuficiente para que a atuação do técnico esportivo.

Podemos inferir, neste quadro que se forma, e considerando as funções atribuídas aos técnicos pelos próprios técnicos, que ser técnico é ser pedagogo.

3.5.2.5 Quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

3.5.2.5.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Menciona conhecimentos técnicos, seus fundamentos, exercícios educativos, embasamento de pedagogia e didática, como também a psicologia para promover relacionamentos que motivem a equipe na busca dos objetivos a serem alcançados, promovendo relacionamentos de companheirismo e parceria, pois quando houver desentendimentos, pensa que se tiver estes conhecimentos as soluções sejam conseguidas com mais facilidade.
Entrevistado 2	Coloca como conhecimentos os conteúdos básicos da modalidade, sendo desnecessário ser um bom praticante, porém com noção do que está falando e mostrando para os atletas. Menciona como conhecimento que o técnico deve ter noções de didática, seqüência pedagógica, conhecimento de psicologia e acesso a todos conteúdos técnicos e táticos a fim de se fazer um bom trabalho.
Entrevistado 3	Afirma que é significativo o conhecimento do próprio esporte, a fim de que se saiba os caminhos percorridos para a evolução até o presente momento da modalidade. Diz que é importante o conhecimento das capacidades físicas exigidas para realização dos movimentos que o técnico/treinador propõe, e ressalta aqui a necessidade do trabalho em conjunto com o preparador físico. Destaca a presença de outros representantes de áreas de conhecimento aplicado ao esporte, bem como conhecimento básico de medicina esportiva, fisiologia, nutrição, psicologia, que para o entrevistado é de grande importância, pois ajuda a promover a sintonia de relacionamento entre todas as pessoas envolvidas no processo de treinamento, entre atletas, comissão técnica, patrocinadores, dirigentes, pessoas que limpam a quadra, a fim de desenvolver um trabalho onde seja possível conviver com as diferenças de pensamento e ação destas pessoas, podendo estar juntos em prol de um mesmo objetivo.
Entrevistado 4	Para o entrevistado, os conhecimentos que devem estar ligados à função de técnico se dirigem a todos os aspectos que ligam ao esporte, os aspectos táticos, técnicos, físicos na área da fisiologia, psicológicos, estes importantes não só para atletas, mas para crianças também. Coloca também os conhecimentos do aspecto social, que busca integrar a criança cada vez mais neste contexto.
Entrevistado 5	Afirma que o conhecimento empírico da atividade é fundamental, como experiência de vida e o acompanhamento da evolução que houve no esporte. Coloca os conhecimentos técnicos, relativos à fisiologia, ao treinamento, velocidade, parâmetros da parte física, aspectos de evolução da medicina esportiva, psicologia, nutrição, e outros conhecimentos que agregam valor como elementos que precisam ser considerados. Diz que é importante que o

	treinador conheça a atividade específica, ou seja, a modalidade, sendo o líder, o motivador, e reafirma a importância da vivência dessa modalidade, sua evolução no mundo, o contexto que ocupa e da atualização de conhecimentos nessas áreas citadas.
Entrevistado 6	Afirma que deve ter experiência e noção no esporte que vai ensinar. Defende que ex-atletas podem ser treinadores, e não concorda com que saiam da prática sem passar pelo processo de teorização da prática que vão executar. Coloca-se como sendo um treinador de muita teorização, importando também, além da prática, o contato com estudos acadêmicos.
Entrevistado 7	Coloca a gestão de pessoas como o conhecimento fundamental, e diz que mesmo com leituras a respeito, é preciso avaliar-se constantemente, ver experiências que estão próximas, com as pessoas que estão à volta do treinador. Cita exemplos de treinadores que tratam com atletas que manifestam mais segurança, ou menos segurança, ou atletas que gostam de ser desafiados, que precisam melhorar a auto-estima, e coloca todos esses elementos em uma avaliação constante e como um estudo permanente que o treinador deve fazer. Classifica esse conjunto de conhecimentos como essencial. Depois, cita os conhecimentos de instrumentos técnicos da profissão, como os fundamentos, estratégias táticas possíveis de se aplicar em treinamentos ou não, para poder extrair dos atletas o melhor que tenham a manifestar. Reafirma a importância de trabalhar os fundamentos que possibilitarão sua utilização em estratégias táticas para a equipe, entre as possíveis que se encaixam para determinado grupo, sem eleger uma como a única e melhor a ser utilizada. Diz que não existe uma melhor para todos os times.
Entrevistado 8	Considera-se um técnico “muito sensível”. Afirma ser relevante o conhecimento técnico da modalidade, os fundamentos, a parte física, enfim, técnica, tática, psicológica. Coloca como um outro fator acima destes o entendimento de pessoas, afirmando ser esse conhecimento como o principal para o técnico de alto nível. Diz que os relacionamentos, percepções, sensibilidade, estão o tempo todo “falando mais alto”. Menciona que hoje o atleta de alto nível sabe praticar a modalidade, o técnico promove somente uma “lapidação” e em seguida coloca suas idéias, e da mesma forma diz que é importante saber colocar essas pessoas juntas para o objetivo único de vencer. Para o entrevistado a atuação do técnico de alto nível é participar da situação de aglutinar, de tentar unir, de tentar melhorar a condição do grupo, além de outras coisas que considera como “lógicas”.

3.5.2.5.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 menciona inicialmente os conhecimentos da técnica, os fundamentos. Inferimos aqui que para ele, o técnico deve conhecer a modalidade e seus elementos de técnica e tática, os princípios metodológicos para desenvolver tais fundamentos e aspectos da tática, que ele nomeia aqui como “exercícios educativos”, e estratégias para melhor fazê-lo, através da pedagogia e da aplicação de técnicas de ensino e aprendizagem. Para ele, os conhecimentos da psicologia permitem elaborar procedimentos que levam à atuação otimizada do grupo e a resolução de problemas com mais facilidades. As competências do técnico se dirigem aos conhecimentos corporais cinestésicos, inter e intrapessoais, da lógica do jogo e de sua ocupação espacial, do conhecimento ao funcionamento de sistemas e sua otimização.

Entrevistado 2

Para o entrevistado 2, o técnico deve ter conhecimento da modalidade e realça que é desnecessário ser um bom praticante, que deve saber do que está falando e mostrando para os

atletas, ou seja deve verbalizar, ser eloqüente, e demonstrar com eficiência o que deseja para os atletas, bem como ter o conhecimento do assunto; demonstra assim que deve manifestar habilidade corporal cinestésica e verbal lingüística, bem como de orientação espacial, no que se refere à técnica, tática e explicação destes ao “saber o que está falando” e aos seus conteúdos para fazer um bom trabalho. Considera importantes as técnicas pedagógicas e os conhecimentos que pertencem à pedagogia, bem como conhecimentos referentes à psicologia, o que significa que deve desenvolver competências intra e inter pessoais, e as estratégias da lógica para transmitir essas informações. Entender os conteúdos técnicos, táticos e de pessoas “para fazer um bom trabalho” nos remete a inferir que, mesmo de maneira indireta, o técnico releva os elementos sistêmicos em sua prática.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 afirma que é importante o conhecimento histórico e os específicos relativos à técnica, tática e capacidades físicas da modalidade a ser trabalhada, a fim de se conhecer a evolução de seu contexto mais antigo até o que se vê hoje. Pelas outras colocações que fez, o entrevistado 3 valoriza o conhecimento que é processual, da lógica evolutiva, da relação causa e efeito que existe em um processo, da conexão desses fatos que promovem outros fatos.

Quanto aos outros conhecimentos presentes nas ciências do esporte, destaca que é relevante a presença de especialistas e transfere a responsabilidade deste conhecimento específico aos especialistas, mas como vai afirmar em outro momento, o técnico necessita ter conhecimento básico de todas essas áreas, pois é o líder do processo e necessita saber tratar com todas as informações possíveis. É possível inferir que, ao destacar a importância da presença dos especialistas, de ser o técnico o líder do grupo e ter conhecimento básico dessas áreas pela própria experiência, deve o técnico ter conhecimento de aspectos corporais cinestésicos, inter e intrapessoais, de orientação espacial, da lógica do processo e as relações de causa e efeito ali presentes, da eficiência verbal lingüística no tratamento de informações.

Entrevistado 4

Para o entrevistado 4, os conhecimentos presentes na função de técnico são os referentes a aspectos corporais cinestésicos, na referência à técnica e às capacidades físicas, de orientação espacial, da lógica do jogo através da tática, dos aspectos inter e intrapessoais na importância dos conhecimentos de psicologia e de aspectos sociais. É possível inferir que os conhecimentos relativos à boa comunicação desses aspectos também sejam importantes, no que se refere à manifestação do conhecimento de como verbalizar ou usar da linguagem a fim de transmitir instruções e estabelecer comunicação, ou fazer-se entender. Integrar um elemento em um grupo significa trabalhar com relações, que é a condição básica para o bom funcionamento de um sistema sendo, portanto, necessário conhecimento sistêmico para o técnico esportivo.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 coloca que o conhecimento baseado na experiência vivida na modalidade é fundamental, bem como o conhecimento da evolução da modalidade no que se refere à presença das ciências do esporte e também dos conhecimentos que foram gerados a partir de sua aplicação no processo esportivo. Aponta os conhecimentos da área biológica, da tecnologia do movimento, ou seja, relativos à dimensão corporal cinestésica, da área de relacionamentos pessoais e intrapessoais, aspectos motivacionais e de liderança, e o conhecimento gerado pela vivência na modalidade e do que ocorre com pelo mundo. Aqui fica evidente a relação com a compreensão do fenômeno Esporte a sua evolução histórica, e conseqüentemente a importância da atualização constante do técnico das informações geradas no seu contexto específico. Pode-se inferir a partir desta colocação a importância de publicações específicas geradas do esporte profissional, a fim de oferecer aos técnicos esportivos essa constante atualização.

Entrevistado 6

O entrevistado 6 coloca que o técnico deve ter experiência vivida e pontos de referência na modalidade de trabalho. Dá destaque ao conhecimento teórico como ponto de referência para seu trabalho, como também a experiência de ter vivenciado a modalidade. Vivenciar a modalidade significa ter passado pelas experiências básicas do jogo coletivo, que dizem respeito às experiências corporais cinestésicas, intrapessoais e interpessoais, de orientação espacial e do pensamento lógico, pela vivência da tática do jogo.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 cita vários tipos de conhecimentos que o técnico da modalidade deve possuir,

entre os que mais se destacam estão os que se referem à gestão de pessoas. Avaliar-se, ter “feed back”, ou seja, retorno de suas atitudes e procedimentos e os efeitos provocados no sistema a fim de avaliar e flexibilizar seus procedimentos; o conjunto de conhecimentos que se referem ao grupo, informações de aspectos inter e intrapessoais de seus atletas que se referem ao contexto das práticas da modalidade e de jogo; os conhecimentos específicos da modalidade, e das estratégias de treinamento para poder ser o agente do desempenho ótimo do atleta em treinamento e em jogo. Para ele, não basta ter os conhecimentos técnicos da modalidade, relativos aos fundamentos, aos aspectos táticos, de estratégias táticas, que são necessários. Na suas colocações ficam evidentes os procedimentos de otimização do sistema, se valendo das relações interpessoais, com base em referenciais intrapessoais que se manifestam nas atitudes dos elementos do grupo.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 valoriza, tendo como base o conhecimento da técnica, da tática, das referências às manifestações das capacidades físicas e da área psicológica, também às competências que se referem à percepção, sensibilidade, ou seja, de leitura sensível das relações que se estabelecem no grupo de trabalho. O técnico do esporte profissional recebe o jogador para trabalhar consigo que já sabe praticar a modalidade, e promove a partir deste pressuposto, práticas que levam a estados de desempenho para os altos níveis de exigência, e assim ele afirma que o comando, atitudes e procedimentos se valem para otimizar relações e a condição do grupo. O entrevistado deixa claro que antes de tudo, deve ter conhecimentos para tratar o nível técnico, tático e físico. Em seguida em um outro nível, os relacionamentos, para atingir o objetivo de vencer.

3.5.2.5.3 Análise inferencial coletiva

Para tratar dos problemas no treinamento dos jogos coletivos, o técnico e pedagogo manifesta múltiplas competências. É possível inferir e destacar alguns conhecimentos básicos que os entrevistados apontam para a função de técnico. Podemos dividi-los em dois aspectos: o conhecimento do jogo e de quem joga.

Destaca-se inicialmente o reconhecimento da equipe como um sistema, que opera pelas relações estabelecidas em seu contexto. Conseguir atingir objetivos significa operar com eficiência as relações que surgem entre seus elementos. Para isso, deve ter conhecimento da modalidade, ou seja, dos elementos relativos ao próprio jogo, às ações possíveis, tanto individuais como coletivas, relativas à técnica e à tática, e ao campo teórico que dá sustentação e justifica suas práticas. Quando se referem à evolução da modalidade, à necessidade da experiência em sua história de vida, e ao convívio com as informações que são referentes a este contexto, os entrevistados procuram “saber do que está falando”, como diz o entrevistado 2. Saber transmitir informações é competência verbal lingüística, ou seja fazer-se entender, em linguagem adequada a quem aprende, que faz parte do ambiente de ensino-aprendizagem-treinamento. Saber se comunicar usando alterações de

intensidade e volume de voz é manifestar esta competência, como coloca o entrevistado 6 em outra questão. Os entrevistados também se referem ao conhecimento empírico da modalidade, ou seja, da vivência cinestésica das possibilidades de movimento. Outra competência apontada é a do tratamento dos problemas da tática, que exige competência e entendimento do espaço do jogo, do deslocamento corporal por esse espaço, e da lógica dos deslocamentos, ou seja, dos princípios que compõem o conhecimento do técnico a respeito das ações e estratégias coletivas de jogo. Outro campo apresentado pelos entrevistados é o dos relacionamentos. Para eles, o técnico trabalha com a motivação, a facilitação de estímulos para alcançar objetivos na prática esportiva, a otimização do ambiente com base nas relações interpessoais. Antes de poder estabelecer essa conexão com os atletas, pelas colocações dos sujeitos, é possível inferir também que o técnico deve saber tratar com seus recursos e limites internos, na medida em que é significativa a emoção, como o entrevistado 2 coloca, que “ser técnico é emoção, muita emoção”, ou como aponta o entrevistado 8, “ser técnico é estado de espírito”.

Diante destas colocações, percebemos que só o conhecimento específico da modalidade para o técnico não basta. Os entrevistados colocam que é preciso acompanhar a evolução dos conhecimentos, da aplicação da ciência ao contexto esportivo. É preciso ter um outro conjunto de competências desenvolvidas para resolver desafios que têm significado múltiplo no treinamento, ou seja, atende às dimensões do físico, mental, social, emocional e espiritual. Essas competências são as de domínio corporal cinestésico, verbal lingüística, espacial, lógico, interpessoal e intrapessoal. Essas seis competências são fundamentais para o técnico esportivo tratar com os problemas inerentes ao ambiente dos jogos desportivos coletivos. O momento presente exige o conhecimento global, pois o conhecimento específico pertence ao passado. A partir dessa proposição, como podemos pensar o pedagogo para o futuro?

3.5.2.6 Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

3.5.2.6.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Como competência que o atleta da modalidade deve manifestar o entrevistado cita os cuidados consigo que se deve ter dentro e fora da quadra, a disciplina, o respeito e a dedicação em intensidade total para seu melhor aperfeiçoamento.
Entrevistado 2	Menciona a vontade de querer crescer dentro do esporte, gerando daí, o sacrifício e dedicação para alcançar objetivos, citando a meta da participação em Seleção Brasileira, participação em competições internacionais. Coloca também a auto estima elevada e a vontade de querer fazer algum tipo de mudança em sua vida como competências para o atleta da modalidade.
Entrevistado 3	Coloca como competências do atleta da modalidade a disciplina, em sentido de disciplina técnica, tática e respeito ao comando do treinador como também uma “base” física, condicionamento físico de longo prazo, desde sua infância, uma formação corporal e física adequada, que para o entrevistado vem antes do condicionamento físico. Diz ser importante também que o condicionamento físico de competição esteja no máximo de sua capacidade, em virtude dos dois últimos ciclos serem bem feitos. Cita a condição clínica perfeita, sem lesões que limitem as ações. Menciona também como competência que o atleta da modalidade deve manifestar a compreensão do esporte, seu conhecimento teórico, embora não necessite ser “tão” grande, que possibilite compreender o vocabulário específico, a fim de entender o que o treinador transmite, mesmo que tenha o treinador que usar linguagem adequada, sendo para o atleta fundamental conhecer todas as suas ações e o que vai ser exigido dele em toda a competição.
Entrevistado 4	Pontua a dedicação como competência para atingir determinados objetivos e conquistar “grandes” sonhos. Das variáveis da modalidade, cita a coordenação, agilidade, força, velocidade, capacidade psíquica e social. Menciona o talento para que a partir daí, através do trabalho de um profissional continue o processo de desenvolvimento dentro da modalidade.
Entrevistado 5	Como competência fundamental o entrevistado afirma ser a qualidade técnica. Coloca também as partes: física, emocional, psicológica, como importantíssimas, por fazerem parte do treinamento total, que determina como integrantes os aspectos de físico, técnico, tático, psicológico. Reafirma como sendo o mais importante o domínio das qualidades técnicas.
Entrevistado 6	Diz ser o “talento” a primeira e básica competência. Depois, coloca que o atleta deve saber tratar com uma série de fatores, como competência de saber tratar com os seus medos; capacidade de “pagar o preço” o que a modalidade pede. Cita o futebol, o atleta vai perder sábados domingos e feriados. Coloca que “nós” temos que ter a capacidade de “pagar esse preço”. Menciona também a condição de ter objetivos e traçar o que se quer da vida a partir deste objetivo, e estar consciente de que existe um sacrifício ali. Afirma ser o sonho o oxigênio e que se queira aquilo. Coloca essas competências como o perfil de um campeão.

Entrevistado 7	Uma “certa” destreza motora, suficiente para o alto nível, algumas valências especiais, não só físicas, não só técnicas, mas de trato com a bola. Considera desnecessário ser “super” talento, com biótipo “super” especial, porém considera que é importante ter uma “certa” base, pois diz que do contrário o técnico vai ter que fazer milagre e afirma que o técnico não faz milagre algum. O entrevistado afirma que o técnico simplesmente desenvolve o que a pessoa tem e a partir daí começa a avaliar o que julga como mais importante a ser desenvolvido. Realça que deseja ter em seu time o jogador de equipe, pois considera que se o atleta tiver talento e eventualmente possa decidir uma partida, porém no processo ele atrapalha a dinâmica do grupo. Afirma que o grande jogador é aquele que faz com que o grupo jogue bem e esse jogador é o que quer ter, que faça com que o time jogue. Define com tendo personalidade forte, marcante, e exige dos outros postura de autoconfiança e personalidade. Afirma que o atleta tem que ter auto-confiança, auto-estima, não somente capacidade de ter adaptações biológicas, deve ter a capacidade de avaliar mentalmente o jogo, ou seja, capacidade de percepção, avaliação e análise.
Entrevistado 8	Para o entrevistado, o atleta vai ser tão bom dependendo do tamanho do seu coração. Coloca que quando se faz “a coisa” com paixão, com amor, com dedicação, não há como dar errado, e diz que isso depende do sentimento do atleta, da vontade de “querer ser alguma coisa” e de querer aprender. Afirma sua admiração pelo atleta que além de “predestinado” é corajoso. Menciona que essa é uma condição fundamental nos dias de hoje para conseguir ter um grande atleta, como também uma grande equipe que reúna atletas com esse perfil. Reafirma que, além de outras, essa competência é fundamental.

3.5.2.6.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 aponta as competências corporais cinestésicas, ao manifestar as competências necessárias para o atleta da modalidade, em sentido de cuidados com o corpo, ao dizer “cuidar-se dentro e fora da quadra”. É possível inferir que o entrevistado tenha a visão do estado de saúde global para o atleta, e que através dela possa cumprir com as exigências da modalidade; valores de disciplina, respeito, dedicação; aponta a necessidade de o atleta se dedicar em intensidade total para o aperfeiçoamento. Podemos inferir que nessas competências corporais cinestésicas estejam as capacidades físicas, técnicas e táticas, que também se referem às de orientação espacial, específicas do atleta da modalidade; as competências inter e intrapessoal se conectam ao significado de intensidade total, que requer um grande nível motivacional, assim como se aperfeiçoar indica para que se entenda que existe um sentido de se fazer o que está fazendo, ir de um ponto a outro em um desempenho, que ele entenda o processo de aperfeiçoamento, de relações lógicas de treinamento, de causa e efeito.

Entrevistado 2

Para o entrevistado 2 o atleta deve manifestar a capacidade de formular objetivos a longo prazo, e destaca que juntamente com essa capacidade deve também ter os recursos internos pra poder dedicar-se intensamente ao esporte. Ele associa essa trajetória às mudanças na vida do indivíduo, o que indica avaliar o que está em sintonia ou não com as exigências que o esporte pede, e também a auto-estima para superar os desafios próprios do contexto.

Entrevistado 3

Para o entrevistado 3 a disciplina é fundamental, bem como o respeito ao treinador. Isso demonstra a necessidade que ele aponta para o conhecimento e respeito à hierarquia do sistema. Aponta também como competências as que são referentes às capacidades físicas, desenvolvidas em fases anteriores da formação atlética até chegar ao esporte profissional e o estado de saúde do momento. Considera importante também o conjunto de habilidades específicas para a

modalidade, que o atleta deve ter desenvolvido nos ciclos anteriores. Isso demonstra a importância que o entrevistado 3 confere ao processo de formação. Destaca também o conhecimento da modalidade, e da importância da linguagem que ela compreende, ou seja, ao atleta cabe também saber expressar-se na terminologia específica de sua modalidade, a fim de facilitar o processo de comunicação, bem como ao técnico oferecer tal tipo de possibilidade de aprendizagem e compreensão. Quando diz que ao atleta compete compreender o jogo, infere-se que existe a compreensão da técnica e do jogo e da tática, o que nos remete à manifestação da competência referente à orientação espacial, bem como da compreensão da lógica do jogo e das competências corporais cinestésicas.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 aponta como competências dedicação, coordenação, força, agilidade, velocidade, capacidade psíquica e social e o talento. Para o entrevistado 4 a dedicação ao processo é competência fundamental para a modalidade, na medida em que o atleta deseja atingir objetivos a curto e longo prazo. Especificamente, cita capacidades físicas, psíquicas e sociais, e aqui se destaca a visão multidimensional que se deve ter do atleta. Cita o talento como competência que se deve manifestar, e nesse entendimento, que se demonstre habilidades e capacidades específicas para a modalidade, como potencial biopsicológico, a ser estimulado por um profissional.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 aponta como mais importantes as qualidades técnicas, e ressalta também outras que fazem parte do treinamento total. Destaca, desta maneira, competências referentes a aspectos corporais cinestésicos, de orientação espacial, intra e inter pessoais, da lógica do jogo.

Entrevistado 6

O entrevistado 5 aponta a competência técnica, do talento, que o atleta deve manifestar, ou seja saber resolver problemas com a competência corporal cinestésica. Nas demais, competências que são inter e intrapessoais, para saber administrar os medos, traçar objetivos e recursos internos para atingi-los, bem como competência da lógica de pensamento para elaborar estratégias.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 considera que o atleta deve manifestar a competência corporal cinestésica, no domínio de corpo, nas capacidades de adaptação biológica. Como pedagogo do esporte, toma a posição de estimular o potencial que a pessoa tem. Manifesta a visão de que sempre pode melhorar o potencial que a pessoa manifesta, valoriza o atleta que é jogador de equipe, em sintonia com a característica da modalidade, que é coletiva. Desta maneira, valoriza também as competências inter e intra pessoais, bem como as de orientação espacial e do entendimento da lógica do jogo.

Entrevistado 8

Para o entrevistado 8, supõe-se que o indivíduo já manifeste suas competências corporais cinestésicas por se caracterizar como atleta, e a partir daí, ele aponta competências inter e intrapessoais, como as mais significativas, o que nos permite inferir que para o entrevistado 8 o contexto esportivo é de grandes desafios que não são somente físicos, mas também emocionais e que dizem respeito a dar sentido ao que está fazendo, dar sentido à sua vida de atleta, com ressonância para sua história de vida.

3.5.2.6.3 Análise inferencial coletiva

O atleta deve manifestar múltiplas competências. O atleta dos jogos desportivos coletivos deve manifestar um conjunto de competências, responsáveis pela sua interação com os desafios presentes neste contexto. É consenso que esse conjunto de competências tem como base as competências corporais

cinestésicas, que se representam pelas capacidades físicas específicas da modalidade, as ações possíveis no jogo, manifestação da técnica e da tática; ou como colocaram alguns, pelo talento. E é consenso também que outras competências compõem um conjunto maior delas. Todos apontam outros tipos de competências necessárias; entre elas estão a capacidade de compreender o jogo em si, seu conjunto de regras, a lógica de ações corporais possíveis ou a lógica coletiva de ofensiva e defensiva que se forma a partir disto, culminando com a compreensão das estratégias que compõem a tática de jogo; a capacidade entender a tática do jogo, que é referência à orientação espacial, ou seja, a competência que o indivíduo tem trabalhar com figuras tridimensionais em sua mente, de imaginar-se deslocando pelo espaço do jogo, com referência ao seu próprio deslocamento ou ao deslocamento dos sujeitos pelo jogo; a capacidade de comunicação, seja ela para entender e transmitir informações ou mesmo de se utilizar adequadamente da terminologia específica da modalidade; a competência interpessoal, que representa-se pela capacidade de estabelecer relacionamentos produtivos e construtivos com os membros da equipe, quer sejam os participantes diretos do jogo ou os membros da comissão técnica; a competência intrapessoal, que é a capacidade de relacionar-se com seus recursos e limitações internas, como também de saber tratar com suas próprias emoções, e de ter um modelo eficiente de si mesmo.

Enfatizam os entrevistados que os atletas devem manifestar também valores relativos à disciplina, respeito, dedicação, e sentimento de auto-estima, para vencer os deságios do contexto esportivo. É possível inferir que os técnicos esportivos valorizam os atletas que manifestam essas competências, e na mesma medida se sentem competentes em interagir com elas.

3.5.2.7 Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

3.5.2.7.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Afirma que essas competências devem ser desenvolvidas na prática cotidiana, juntamente com os companheiros, na obediência ao técnico, e considera que deve ser praticada na repetição constante dos fundamentos, ao afirmar que a repetição é a “mãe da perfeição”, em um processo de avaliações constantes
-----------------------	---

	que permitem ter noção do deve ser incrementado, do que tem que ser mudado e do que tem que ser mantido.
Entrevistado 2	Coloca que professores e técnicos, principalmente da categoria de base devem se voltar para formar o ser humano, além de formar um bom atleta. Afirma que o treinador deve passar para esse atleta, a indicação e a compreensão básica do que é esporte a fim de ter-se formação educacional em estudo suficiente, podendo manifestar empenho e performance excelente.
Entrevistado 3	Afirma que a criança, desde que nasce, antes de ser atleta, tem-se a certeza de que ela vai ser cidadão adulto e assim através da educação física pode-se ter um desenvolvimento natural das capacidades físicas. A partir disso, ela pode ter acesso ao conhecimento de esportes e atividades diversas, com atividades próprias para sua faixa etária, diferentemente de ter-se somente o esporte, de maneira específica, com possíveis estímulos às necessidades cognitivas, ou de algum conhecimento precoce que o próprio esporte exige. Reafirma que para se ter uma melhor performance de adulto é preciso respeitar essas faixas etárias e o período de aprendizado para que depois tenha início a fase de treinamento e aperfeiçoamento. Coloca o respeito à idade do adolescente, da criança e do adulto para que quando chegue no alto nível o atleta esteja “bem” equilibrado, “bem” formado e ainda continue interessado em continuar seu aprendizado, pois em seu entendimento o atleta só pára de aprender quando pára de jogar. Afirma que o aprendizado continua de forma teórica. Nota que muitas vezes no alto nível o atleta deixa de aprender na forma prática, de querer aprender movimentos novos e de fazer coisas novas. Relata que no Brasil é comum ensinar e desenvolver de forma precoce. Cita exemplos de sua modalidade, de atletas com quinze, dezesseis, dezessete anos que já tem formação que atletas de outros países ainda não tem. Afirma que aparecem resultados internacionais bons, com atletas dessa idade, mas quando chega a idade adulta, os resultados são fracos e tem esses fatores como causa.
Entrevistado 4	O entrevistado afirma que as competências que os atletas da modalidade devem manifestar devem ser detectadas por profissionais da área e a partir daí existam condições para que essas competências sejam desenvolvidas. Coloca que não é importante somente detectar o talento através das competências, mas que se possa ter condições de trabalho para desenvolvê-las. Afirma que no Brasil não existem tais condições. Acredita que o Brasil é um grande “celeiro”, aponta que tem múltiplos talentos nas modalidades, mas que infelizmente não possui ainda estrutura que possa dar condição de continuidade para esse trabalho. Afirma que a partir da detecção de talento, com a criação de centros de excelência seja possível dar continuidade ao trabalho e que a partir daí os indivíduos sejam direcionados para as modalidades esportivas em função de seu talento.
Entrevistado 5	O entrevistado afirma que as competências que o atleta deve manifestar devem ser desenvolvidas através do treinamento. Justifica colocando que o treinamento é uma repetição sistemática de uma atividade visando o desenvolvimento das qualidades físicas, morais e técnicas. Reafirma que deve ser através do treinamento.
Entrevistado 6	Para o entrevistado, as competências devem ser direcionadas; relata a importância de alguém para direcionar o desenvolvimento das tais competências. Coloca o treinador, o diretor técnico de um projeto de treinamento a pessoa que “põe ordem na casa”. Para o entrevistado 6, essa “figura” do treinador ou diretor do projeto traça a filosofia, o planejamento, cobra as metas a serem atingidas. Reafirma que essa potencialidade do atleta deve ser direcionada, porque por si só o atleta não vai saber conduzir o processo. Coloca que o atleta pode aprender a conduzir esse processo, e indica que o treinador pode mostrar a ela o caminho, o atleta vai se auto-descobrir e neste processo é possível que comece a fazer coisas por si

	<p>mesmo. Afirma que em sua modalidade é “meio difícil” o atleta “fazer por si mesmo” e o treinador deve estar sempre conduzindo, estimulando. Cita exemplo de sua modalidade em que não existe a situação de o treinador propor tarefas simplesmente, é necessário que esteja constantemente interagindo com os atletas, estimulando-os, e coloca isso como cultura da modalidade. Menciona que na sua modalidade, os atletas e a comissão técnica necessitam de grande interação, pois os atletas estão recebendo estímulo constante. Considera que é necessário estar interagindo o tempo todo.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>Afirma que as competências devem ser desenvolvidas fundamentalmente com exercícios. Considera que é importante falar e conversar com o atleta, porém, para o entrevistado, o “divã” do técnico é a quadra, a sala de musculação, ou seja, o habitat de trabalho, onde se conhece o atleta. Coloca que ali é realmente que vai se conhecer as pessoas, onde elas vão “dar mais” ou “dar menos”, onde elas podem chegar ou não. Afirma que é nesse “habitat” que se vai desenvolver isso tudo, e é através das dinâmicas de trabalho que essas valências são desenvolvidas. Menciona que se é necessário criar exercícios para desenvolver a concentração das pessoas, faz-se uma seqüência de trabalho para desenvolver tal capacidade de concentração, pois em sua modalidade, existem seqüências de jogadas longas, e a concentração elevada é importante. Diz que nesta seqüência o treinador continua avaliando para que não se “desligue” depois de uma fração de jogada. Considera que é importante desenvolver essa concentração através de exercícios. Relata a possibilidade de uma jogadora estar com a auto-estima baixa, e o treinador faz exercícios que propiciem à atleta a execução da tarefa com sucesso, propiciando-lhe a confiança. Cita como exemplo um atleta que está com excesso de autoconfiança, e coloca a esse atleta exercícios em que não tenha muito sucesso para que se sinta insegura e assim possa ver que tenha que passar por barreiras. Relata que quando o atleta diz “não preciso mais porque já cheguei”, isso, para o entrevistado 7, demonstra o excesso de confiança. Diz que essas coisas devem ser avaliadas e trabalhadas no dia-a-dia. Relata que desconhece outra forma de desenvolver as pessoas que não seja através de um trabalho metódico, diário, insistente. Reafirma que não há outra forma de fazer com que as pessoas se desenvolvam.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>Afirma que essas competências, muitas delas já vêm “do interior” do indivíduo, como algo que já nasce com ele, e vão melhorando e se desenvolvendo com a atuação dos professores e pessoas que “encontra pelo caminho”, como também os técnicos que ajudam a desenvolver determinadas situações. Coloca que desenvolver velocidade, flexibilidade, alongamento, tem “meio que uma receita” para se construir, e diz que o preparador, que tem essa “receita”, tem que ter sensibilidade a respeito da maneira de trabalhar as individualidades. Menciona que esse trabalho existe normalmente, porém as competências que mais o preocupam, em seu desenvolvimento, são as competências fora da quadra que são relativas ao comportamento, à conduta, à postura. Diz que aí é que o técnico tem que agir e que o Brasil está muito “carente” neste sentido. Relaciona a conquista de títulos à medida que se apresentam tais posturas, principalmente fora das quadras, com vida pessoal, de cuidados pessoais, com a própria imagem, com dedicação. Afirma que vida de atleta de alto nível não combina com noite. Coloca essa situação como sendo de sacrifício constante e que isso tudo depende muito do técnico, das pessoas que estão ao redor, da comissão técnica e da “cabeça” do atleta, e reafirma que essa parte é fundamental. Relembra que o desenvolvimento do esporte em si ou da preparação física é possível construir, mas que essas competências “de fora” é que são mais difíceis e mais complicadas.</p>

3.5.2.7.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 aponta a prática cotidiana, ou o treinamento em equipe para desenvolver tais competências, sendo que tal processo é liderado pelo técnico. Para ele é importante a repetição dos fundamentos, associado à avaliação constante do processo, sendo que indica para as possibilidades de flexibilização da prática, próprio do tratamento com ambientes que são imprevisíveis, não lineares, instáveis, em que muitos fatores determinam o desempenho do indivíduo ou de grupo.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 aponta para a formação integral do ser humano, e considera que, além de atleta, que se pressupõe ter a formação clássica das capacidades físicas, técnicas e táticas, forme-se também o ser humano, com o estímulo de várias competências. Para ele, essa formação deve ser realizada em processos anteriores ao treinamento dentro do esporte profissional, com técnicos e professores capacitados.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 indica que este desenvolvimento é fruto de um processo, que se origina nas categorias de formação, específico da modalidade, e deve buscar equilíbrio na formação corporal do atleta, com respeito às características específicas de cada fase do indivíduo.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 coloca que essas competências, dos múltiplos talentos para o esporte, devem ser desenvolvidas em centros de excelência, por profissionais competentes. Para ele, esses profissionais, atuantes em centros de excelência, devem entender do treinamento esportivo, quando se refere à competência dos mesmos, o que nos remete a inferir que tenham conhecimento da metodologia de treinamento de maneira generalista, pois em seguida indica que a partir dista sejam indicados para as modalidades, especificamente.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 aponta o treinamento como a forma de desenvolver tais competências. Desta maneira, ele valoriza a prática que estimula no indivíduo o desenvolvimento das competências, e não simplesmente exige do indivíduo que as tenha para sua manifestação.

Entrevistado 6

Para o entrevistado 6, tais competências devem ser direcionadas em um processo que estimula o atleta a cumprir tarefas. É possível concluir que este processo seja o treinamento, em processo interativo sendo que o foco mais importante diz respeito a aspectos motivacionais, em interações constantes com as capacidades volitivas do atleta, com técnicas e desafios diferenciados, com o acompanhamento constante da comissão técnica. Para o entrevistado 6, em sua modalidade o atleta não executa as tarefas se for a ele solicitado que faça, sem acompanhamento; pode-se concluir daí que o entrevistado tem como uma de suas estratégias o controle pela observação das ações dos atletas no treinamento.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 utiliza diversas estratégias para tratar com os diferentes problemas, ou desafios, que surgem no contexto de treinamento. É possível inferir que essas estratégias envolvem a especificidade da modalidade e interage com a complexa diversidade de situações das variadas competências que se deseja estimular. Para ele, a visão de treinamento como processo é bem clara, pois considera o princípio da adaptação para o sucesso do desenvolvimento dos objetivos. Usa com propriedade a premissa de que o estímulo específico corresponde a uma adaptação específica, nos diversos aspectos do treinamento total.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 considera que profissionais e professores desenvolvem as competências relativas aos aspectos físicos, táticos e técnicos através do que inferimos ser o método, que para ele “já está pronto”, que é “meio que uma receita”. Infere-se também que essas pessoas devem possuir sensibilidade para adequar a aplicação do método, ou seja, devem fazer a leitura de contexto para a necessidade do momento. Para o entrevistado, as outras competências pessoais que necessitam também ser desenvolvidas necessitam de atitudes e procedimentos, que ainda

não estão prontos e precisam ser construídos, que se infere ser estruturado no momento de sua necessidade.

3.5.2.7.3 Análise inferencial coletiva

O condutor do processo de treinamento é o técnico/pedagogo. É consenso entre os entrevistados que quem conduz o processo de treinamento é o técnico esportivo, e que ele interage com a imprevisibilidade do contexto, e a complexidade de desafios que ali existem. Neste processo apontado por eles, caracterizou-se de diversas maneiras como sendo: de preparação ao longo dos anos, com a formação do atleta em vários ciclos de preparação, feita em prática cotidiana, comandada por profissionais competentes em centros de excelência, através do treinamento, em processo a cumprir tarefas, utilização de diversas estratégias, como processo metódico, persistente, que se repete, específico, interage com a diversidade de situações, pautado no método, com adequações referenciadas na sensibilidade, com leitura do contexto para o que é mais importante no momento, e com o foco em outras competências que precisam ser estimuladas nessas práticas. Se a caracterização do desenvolvimento das competências do atleta se dirige em um primeiro instante à idéia de método, de aplicação de tarefas sistematizadas, é de se destacar que a execução do processo se dá pelo agente técnico esportivo, através de suas competências, para interagir com desafios do ambiente do jogo coletivo. Nesta perspectiva, interage com os elementos básicos de preparação para o jogo, com os elementos imprevisíveis do contexto e a complexidade das variáveis intervenientes ali presentes. A importância se dá na medida que é o técnico o agente pedagógico que organiza e comanda as atividades, faz a leitura das necessidades para a elaboração de práticas que dêem conta de provocar o processo de desenvolvimento e preparação para o desempenho desejado, bem como perceber em seus atletas a receptividade às atividades e a reprogramação constante das estratégias para que o sistema atinja seus objetivos em treinamento, em preparação para o desempenho em competição. Organizar as práticas, ter em conta o tipo de atividades que são específicas ao que se deseja estimular e

desenvolver, avaliar o desempenho nestas práticas, são atitudes que o técnico manifesta ao tratar do método e utilizar dele para compor o processo de treinamento. Fazer a leitura das necessidades que o momento específico da prática exige, estabelecer estratégias que tem em conta o aspecto invisível do treinamento, ou seja, as dimensões do emocional, social, mental e espiritual do atleta, exigem do técnico a atuação com base nos princípios pedagógicos, a fim de conduzir o atleta a interagir com o maior número de variáveis, de múltiplas dimensões, e que estão presentes no ambiente de treinamento e jogo, que o leva a manifestar o desempenho da excelência.

3.5.2.8 Como você entende que deve ser a relação do técnico e atleta?

3.5.2.8.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	Entende que a relação de técnico e atleta deve ser pautada pelo companheirismo, respeito, sinceridade, pelo programa de trabalho coletivo visando os mesmos objetivos e acima de tudo pela consciência de que o time está acima de qualquer individualidade, porque o time depende de todos para ser beneficiado.
Entrevistado 2	Para o entrevistado, a relação entre técnico e atleta deve ser “praticamente” como a relação de um pai para um filho. Diz que tem que ter sinceridade, honestidade nos princípios, no caráter e principalmente os valores de um ser humano, para que o atleta tenha a performance ideal.
Entrevistado 3	Inicialmente, perguntado sobre como dever ser a relação entre técnico e atleta, o entrevistado afirma ser democrata. Coloca que a esse respeito a relação tem que ter duas posições geográficas distintas, em momentos distintos. Coloca que fora da quadra, fora do momento da ação prática a democracia “fala um pouco mais baixo”, assim fica mais nítida a liderança e a organização do treino, diz que é o treinador quem decide. Continua e afirma que fora da quadra nas reuniões teóricas, nas conversas informais, não necessariamente em reunião com o grupo todo, mas em reuniões individuais, como em um almoço, ou em uma carona, o entrevistado entende que o atleta tem o direito de se expressar, de falar a respeito de suas dificuldades para que o técnico e a comissão técnica possam avaliar e verificar as possibilidades de mudança de atitude para que seja possível atingir o melhor nível de performance do atleta ou do grupo de atletas. Afirma que a democracia “exagerada” vira “bagunça”. Acredita que desta forma a liderança fica indeterminada, e lembra, como disse em outro momento, que a principal qualidade do atleta é a disciplina e quem impõe a disciplina, reforçando que não pela definição da palavra impor e sim pelas suas próprias atitudes e métodos de trabalho, é o respeito, é a disciplina, é a liderança e a obediência àquilo que foi determinado.

Entrevistado 4	Afirma que a relação entre técnico e atleta deve ser uma relação de confiança dentro das capacidades de cada um, para que se possa ter condição de trabalho. Acredita e reforça que o importante é que o atleta possa ter confiança no profissional e o profissional possa ter confiança no atleta. Coloca que possa existir o respeito para que a partir daí seja possível buscar os melhores resultados e a performance individual de cada um dos atletas.
Entrevistado 5	Diz que a relação entre técnico e atleta deve ser de respeito, sobretudo. Nega que tenha que ser na base do temor, da intimidação. Reafirma que tem ser na base do respeito, de um clima de harmonia, de equilíbrio. Acredita que assim treinador e atleta podem render muito mais, com a existência de um clima de harmonia, de satisfação, de amizade, e afirma mais uma vez que a relação tem que ser de respeito, sobretudo. É contra a intimidação e diz que a intimidação funciona por um período muito curto.
Entrevistado 6	Ao responder à pergunta, compara a relação entre técnico e atleta com a relação entre pai e filho. Diz que deve ser como o pai que faz um reforço do aprendizado quando o filho cumpre com o seu dever, que estimula, parabeniza e tem palavras de elogio e também que cobra quando o filho é reincidente, ou seja, que pune também. Continuando, o pai não tem que ser aquele que grita o tempo todo, não tem que falar baixinho o tempo todo. Tem que ter uma forma variada de falar com o filho para que o filho não “caia na rotina”, no seu entender o filho pensa que “sempre levo bronca do meu pai” ou “sempre escuto elogio do meu pai”. Considera que a alternância do tom de voz, da “força” na cobrança, faz com que o atleta faça distinção entre cobrança e elogio e assim identifique se está certo ou errado, se está “no caminho”.
Entrevistado 7	Para o entrevistado a relação entre técnico e atleta está pautada, antes de tudo, na confiança. Diz que o técnico pode ser exigente, se não houver confiança a relação não há como frutificar, florescer, dar em alguma coisa. Afirma que o treinador deve ser entendido através dessa confiança, pois a função do treinador diz respeito à exigência, e muitas vezes o treinador pode ser mal compreendido, porque, para o entrevistado, o treinador vê no atleta mais potencial no seu atleta do que ele, o próprio atleta, imagina que tenha, especificando se no caso o treinador quiser tirar mais do atleta. Considera que essa relação nem sempre será tranqüila, terá seus altos e baixos, porém para o entrevistado não se deve perder nunca essa base da confiança. Afirma que tem que ser uma relação de transparência, pois se o atleta acredita que o treinador fez de mais e o treinador sente que fez de menos, indica que deve se chegar a um denominador comum, para que se possa dar continuidade ao trabalho. Diz que em um dia em que o atleta nota que o treinador mostra uma superficialidade qualquer, alguma coisa, que não seja essencialmente natural sua, o atleta vai perder a confiança, que entrevistado afirma ser a base da relação. Diz que é possível ter “mil” formas de se relacionar com o atleta, mas que deve haver confiança, parceria. Coloca a situação em que o treinador afirma para si mesmo “já que sabemos tudo então vamos injetar informações”, e que, diante desta possibilidade, considera que é preciso ouvir o atleta também. Considera tais situações como “barricadas”, pois ao se realizar coisas que o treinador propõe, afirma que ao treinador é preciso aprender com essas situações, se adaptar, moldar novas estratégias, na medida em que dá confiança e credibilidade ao trabalho que executa.
Entrevistado 8	Ao responder à pergunta, afirma a relação entre técnico e atleta deve ser “muito” “muito” franca, “muito” aberta, “muito” direta. Diz que infelizmente muitos atletas ainda não entendem esse tipo de relação, afirmando que não são diretos. Coloca ainda que alguns técnicos também não têm uma relação franca, observando que esses técnicos falam uma “coisa” por trás e outra

<p>“coisa” diferente na frente do atleta e as “coisas” acabam terminando mal. Acredita que para se ter um time vencedor, o técnico tem que ter com o atleta uma relação muito franca, aberta, direta, rápida e objetiva, e enfatiza como principalmente rápida, justificando que no alto nível não se pode perder tempo.</p>
--

3.5.2.8.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

Ao entrevistado 1 importa uma relação entre técnico e atleta que tenha base valores interpessoais como companheirismo, sinceridade, aceitação do modelo de mundo um do outro, e que esses valores estejam voltados para o resultados do sistema equipe; para ele, o indivíduo é um subsistema da equipe.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 considera o atleta como um filho. Ao fazer tal afirmativa, é possível inferir que os valores que considera importantes na relação sejam os de família, e que considere sua equipe uma família, pelas próprias características do esporte profissional, da longa convivência, de regimes de concentração, da necessidade do tratamento adequado de problemas quando surgem. Pode-se inferir que as relações no sistema são mais consistentes quando os valores sinceridade, honestidade em princípios, ou a congruência em vivê-los, beneficiam o sistema bem como o indivíduo que dele participa.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 considera que a democracia seja a característica principal da relação do técnico e atleta. Porém coloca que ela deve ser praticada em alguns momentos, em outros determinados momentos o que prevalece é o comando do técnico. Ele flexibiliza seu comando de acordo com a situação, sem ter um modelo de relacionamento definido. Deixa claro que ele é o líder, e impõe sua maneira de trabalhar através de atitudes diversas, e tem como base os valores respeito, liderança, em um sistema de hierarquia, com elementos de democracia, em que os atletas têm seu momento de opinar.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 considera a confiança como valor significativo na relação técnico e atleta, dentro das capacidades de cada um, que se infere sejam capacidades relativas ao desempenho na modalidade, tanto de conhecimento, comando e outras competências do técnico como da competência de jogar do atleta.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 aponta o respeito como o valor mais importante na relação do técnico e atleta, sendo que nega o temor, a intimidação. É possível inferir que para o entrevistado, em seus procedimentos pedagógicos busca elementos como o respeito para conseguir ter bom relacionamento com os atletas, e daí surge o equilíbrio entre os elementos participantes do sistema, relatados como harmonia, satisfação, amizade, condições para haver sinergia no grupo, ou seja, todos participam no processo de trabalhar para atingir objetivos propostos. Para ele a intimidação e o temor, são elementos que não conseguem promover relações de harmonia entre elementos de um sistema. Intimidar significa ameaçar, de diversas maneiras, diferenciar posições, estabelecer o poder para quem manda e o medo para quem obedece. Em posição antagônica está o tratamento que o entrevistado 5 diz praticar em seu grupo de trabalho, ao se referenciar a valores como a harmonia e a amizade. É possível inferir daí que se coloca em posição de igualdade com as pessoas com quem trabalha, embora exercendo funções diferentes.

Entrevistado 6

O entrevistado 6 afirma que a relação tem que ser de pai para filho, com punições e validação da ação do atleta. Cita, como indicador para punição ou elogio, a alternância de tom ou volume de voz; acredita que deve se dar atenção constante ao atleta. É possível inferir daí que o entrevistado 6 busca ter o controle a todo momento da situação, como líder do processo e como detentor do maior número de informações possíveis do que ocorre em seu grupo de trabalho, como afirma em

outra colocação. As suas falas a respeito focam muito o aspecto motivacional, de onde podemos inferir que para o entrevistado 6, o treinador é um grande motivador no treinamento.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 considera a confiança a base do relacionamento entre o técnico e o atleta. Elege outros elementos significativos, como percepção das exigências dos atletas, parceria nas ações, diálogo, e a posição de aprendiz que o técnico deve ter em tratar com situações novas, bem como moldar novas estratégias para se adaptar a novas situações. Aplica constantemente suas competências interpessoais, ao valorizar o indivíduo e “buscar um denominador comum” para resolver os problemas. O entrevistado 7 demonstra flexibilidade na resolução de situações, adequando as estratégias para encontrar soluções, e valoriza as opiniões dos atletas, considerando-as como parte para moldar estratégias de treinamento. É possível inferir que considera que os procedimentos de treinamento existem para incrementar o desempenho do atleta, e não a relação contrária, em que o atleta deve cumprir a qualquer custo as tarefas exigidas.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 coloca a relação com o atleta de uma maneira ao mesmo tempo objetiva, que busca soluções com velocidade, “rápida”, como afirma e subjetiva, por ser franca e aberta, na interação entre sujeitos e seus modelos de percepção. É possível inferir que valoriza a congruência e a sinceridade, ao declarar que muitos não entendem essa relação, falando algo “pela frente” e algo diferente “por trás”. A dinâmica das ações do alto nível de exigência, segundo o entrevistado 8, torna necessária a rapidez nestas relações e isto significa que os sujeitos precisam manifestar adaptação a este ambiente, e isto é também uma habilidade e competência de ambas as partes, ou seja, adaptar-se à velocidade e rapidez da relação e da apresentação de soluções para os problemas, bem como na lógica das ações, ao se referir à objetividade de atitudes.

3.5.2.8.3 Análise inferencial coletiva

A relação entre técnico e atleta é pautada em valores humanos. Ao tratar da questão do relacionamento entre técnico e atleta, ficou evidente a importância dada por eles a esta dimensão do treinamento esportivo. É consenso que a relação deve ter como base valores humanos como sinceridade, companheirismo, respeito, confiança, que o atleta apresente princípios e caráter nas suas atitudes. Nesta perspectiva, é uma relação que envolve sentimentos, como o relato do entrevistado 8, que para ele é uma relação “de amor”, tem sua representação na metáfora da família e como consequência a vivência de valores familiares. É possível inferir que o relacionamento entre técnico e atleta está além da cobrança de desempenho. É pautada na relação entre sujeitos, em que os modelos de mundo tanto do técnico como do atleta se interpõem. Ou seja, o relacionamento está além do simples cumprimento de tarefas, ou das respostas físicas aos métodos de treinamento. O entrevistado 5 busca, nesta relação, harmonia, amizade, para ele a relação manifesta, se assim for vivida, satisfação no trabalho

em conjunto. Fica evidente que nesta ótica o foco da hierarquia está na função, no comando, na capacidade de orientação, e não no poder que lhe é conferido ou mesmo em estratégias de temor ou intimidação, que para o entrevistado 5 representam-se como sendo inadequadas. Para o entrevistado 6, em seu modelo de relação pai e filho, existe o prêmio e a punição, que são dadas pelo exercício da entonação de voz, que manifesta sentimento de que determinado comportamento do atleta se faz adequado ou não, e o retorno do técnico é dado pela sua alternância do volume de voz. De certa maneira os entrevistados se colocam como na posição de aprendiz com os eventos de treinamento, pois estão dispostos a dialogar com o atleta, a chegar em um denominador comum a respeito de determinadas situações, trabalham com “feed backs”, estão dispostos a vencer desafios juntos com os atletas, em parceria com eles, ao mesmo tempo em que buscam ser verdadeiros e transparentes. Ou seja, a relação entre técnico e atleta, para os entrevistados, respeita os procedimentos que o processo de treinamento exige, e também considera que as duas partes interagem tendo como suporte os valores humanos.

3.5.2.9. Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

3.5.2.9.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	O entrevistado diz que a relação entre técnico e dirigente deve ser estabelecida com a maior transparência, sendo que as partes devem estar conscientes de um planejamento pré-existente, e devem realizar avaliações na execução desse planejamento, visando sempre o melhor para o grupo.
Entrevistado 2	Ao responder à pergunta, o entrevistado considera que a relação deve ser extremamente profissional. Lembra ter citado em uma resposta anterior que alguns dirigentes não tem capacidade e condições de executar tal função. Conclui que esses são geralmente atletas frustrados ou treinadores frustrados e se aproveitam do poder que o cargo proporciona para tentar exercer a função que ele não conseguiu na sua carreira como treinador ou atleta.
Entrevistado 3	Considera a relação complicada. Inicialmente pondera que a resposta é “meio” simples, devido à idéia de respeito à hierarquia, mas reafirma que é “complicado”. Diz que trabalha em um clube que pertence a uma universidade em parceria com a prefeitura da cidade, e afirma que tem bastante liberdade e tranqüilidade na relação com os dirigentes. Coloca, que, entretanto, de uma forma global, no Brasil, a relação entre técnico e dirigente no Brasil é bastante difícil e “complicada”. Diz que tanto técnicos como dirigentes confundem suas funções e seus limites. Afirma que existem

	<p>treinadores querendo ocupar as funções de dirigentes e dirigentes ocupar as funções de treinador. Reafirma que é uma relação difícil. Afirma que trabalha no clube atual há treze anos, porém antes nunca tinha dirigido uma equipe por mais de dez anos, e todas as vezes que começaram a acontecer interferências, desligou-se do grupo. Não entende a relação de técnicos e dirigentes como sendo fácil.</p>
Entrevistado 4	<p>O entrevistado afirma que a relação entre técnico e dirigente, lembrando a relação entre técnico e atleta, deve ser pautada na mesma situação pela confiança e respeito. Considera que, não somente na área técnica deverá haver uma profissionalização e capacitação cada vez maior, mas também por parte dos dirigentes esportivos. Considera que o esporte amador tem carência de pessoas que possam trabalhar na área da administração esportiva. Reforça que, primeiramente, existe a confiança, respeito, como também capacidade profissional a fim de que cada um, técnico ou dirigente, possa estar atuando dentro da sua área.</p>
Entrevistado 5	<p>Diz que a relação entre técnico e dirigente tem que ser transparente, não pode ser de temor, tem que ser transparente. Coloca que o dirigente tem a função dele, que é dar o apoio, dar recursos necessários para que o treinador desenvolva a sua atividade. Considera que deve, então, ser de respeito, de apoio. Reafirma que o dirigente tem que apoiar e dar recursos, dar o material. Afirma que o dirigente tem que estar junto, tem que estar “remando” para o mesmo lado. Reafirma que tem que ser uma relação “muito” transparente.</p>
Entrevistado 6	<p>Afirma que é uma relação muito complicada, justificando que no Brasil existem projetos de início e fim, porém não existe “meio”. Diz que no país são lançados vários projetos maravilhosos, referindo-se à sua modalidade, com o objetivo de se construir uma geração de “ouro”, para quatro ou cinco anos, e afirma que na quarta ou quinta derrota demite-se o técnico. Considera o relacionamento com dirigente difícil, pois não sabe se está com o técnico nas derrotas. A partir disto, considera que o treinador é uma “figura solitária”, considera que deixa de existir a “cumplicidade” e afirma que o treinador fica cada vez mais sozinho, na medida em que as vitórias são de todos e as derrotas somente do treinador e assistente que assumiram. Acredita que essa falta de cumplicidade transmite insegurança ao treinador, pois, segundo o entrevistado, alguns dirigentes se utilizam dessa estruturação e segurança para integrantes da comissão técnica com o objetivo de conseguir mais informações do que ocorre e afirma que utilizam tal tipo de procedimento de forma negativa.</p>
Entrevistado 7	<p>Diz que a relação entre técnico e dirigente deve ser, como colocou a respeito da relação técnico e atleta, pautada na confiança. Aponta que os dirigentes têm que ser, assim como o treinador, o instrumento, o viabilizador. Coloca que a relação entre técnico e dirigente é um pouco diferente, em que o técnico mostra ao dirigente quais são suas necessidades básicas para desenvolver o trabalho técnico, indica aquilo de que necessita. Afirma que cabe ao dirigente viabilizar os meios para que o trabalho técnico seja feito. Considera que essa é a função do dirigente, a de viabilizador da estrutura para que o trabalho técnico seja feito. Diz que é comum, em torno das carências que nós temos, que o técnico assuma as funções de dirigente, tornando-se o que faz tudo, exemplificando pelas equipes de base e relata que até na seleção brasileira acontece. Diz que a relação essencial se dá quando o técnico mostra suas necessidades para que o trabalho técnico seja feito e o dirigente viabiliza determinadas condições para que isso aconteça.</p>
Entrevistado 8	<p>O entrevistado afirma que deve ser franca, direta e de diálogo a respeito do trabalho que está sendo feito. Considera que o grande problema do dirigente no Brasil é que muitos deles não entendem da modalidade, não conhecem “a fundo”, citando a situação de como preparar um atleta, participar de uma</p>

	<p>comissão técnica, de uma competição de alto nível. Afirma que “clarear” a cabeça dos dirigentes e integrá-lo no contexto do grupo, auxilia no entendimento por parte do dirigente dos porquês de se fazer determinadas coisas dentro do trabalho. Tendo isso em conta, o entrevistado reafirma que a relação tem que ser direta e considera importante o dirigente dizer aquilo que pensa, que está vendo, e participar direta e efetivamente do trabalho.</p>
--	---

3.5.2.9.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 coloca a transparência como valor fundamental na relação com o dirigente, pautada por planejamento e de adequações constantes do plano, com o objetivo de apresentar ao grupo ações eficientes e efetivas na execução deste plano. É possível inferir que a relação tem base no aspecto profissional, do cumprimento de funções, de maneira lógica, racional, com o suporte de um bom nível de relacionamento interpessoal, pautado pela transparência e atitudes que visam o melhor para o grupo, em respeito à visão de sistema que aqui se coloca.

Entrevistado 2

O entrevistado considera que a relação com o dirigente deve ser extremamente profissional. É possível inferir que o entrevistado 2 usa de muita competência intrapessoal, na medida em que está constantemente diante de uma situação indesejada, e interpessoal, para se relacionar com um grupo de profissionais que considera formado por pessoas frustradas e que usam da função para manifestar poder e compensar insucessos anteriores.

Entrevistado 3

Para o entrevistado 3 a resposta é complicada. Aparentemente, para ele, seria simples responder, devido à hierarquia, mas afirma que a relação é complicada. Em nosso entendimento, a complicação se dá na medida em que, de acordo com a fala do entrevistado 3, os dirigentes querem ocupar a função do técnico, quando não respeitam os limites das funções de cada um, e o dirigente começa a intervir no trabalho do técnico, com opiniões sobre a presença ou não de atletas e intervenções em decisões sobre as ações dos atletas no funcionamento da equipe. Para o entrevistado, a relação funciona se for tranqüila e o técnico tiver liberdade de ação; coloca, porém, que técnico e dirigente confundem funções e limites. Fica claro também que em determinadas ocasiões o técnico intervêm na área de atuação do dirigente, segundo o entrevistado 3. Como princípio, coloca que não invade a área do dirigente e não permite que o dirigente invada a sua área. É de se considerar, que diante das posições do entrevistado 3, a relação deve ser distante, e o entrevistado não considera o dirigente como parte integrante da comissão técnica, em que os seus membros participam do grupo de trabalho.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 aponta que a relação deve ser pautada pela confiança e respeito. De acordo com sua colocação, em sua experiência esportiva indica que o dirigente deve ser formalmente capacitado; é possível inferir que em sua experiência esportiva houvesse necessidade em determinados momentos da necessidade deste tipo de formação para o dirigente, pois aponta que deve haver capacitação profissional, pois considera o esporte “amador” carente destes profissionais. É possível inferir que no atual contexto de evolução do esporte, os dirigentes precisam acompanhar tal evolução, com a capacitação profissional. A partir desta nova posição que o dirigente pode ocupar, indica-se para a confiança nos aspectos profissionais que a relação envolve, bem como o respeito como valor humano, o que na visão do entrevistado contribui para o sucesso do grupo de trabalho.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 afirma que a relação deve ser transparente. Refuta que ela deva ser de temor, e coloca que deve ser de respeito, de apoio. O entrevistado 5 valoriza as relações que promovem a construção de um grupo de trabalho, e considera que o medo, o temor, provocam distância e não atuam para que as relações se estabeleçam de maneira positiva e provoquem harmonia de grupo. Diz que o dirigente deve estar “remando para o mesmo lado”; através desta metáfora, é possível

inferir que considera o dirigente membro de um mesmo time. Para ele, o dirigente é ponto de sustentação de um trabalho, pois “tem que apoiar”, sentir-se participante do grupo, “tem que estar junto”. Para o entrevistado 5, o dirigente tem que estar próximo ao time e sentir suas necessidades, “tem que dar os recursos”. Ao considerar esta proximidade, valoriza a transparência como valor fundamental para que se faça parte do grupo e que estabeleça ali boa qualidade nas relações, esteja junto e contribua para que o sistema alcance seus objetivos.

Entrevistado 6

O entrevistado 6 considera a relação entre técnico e dirigente complicada, pois em muitos momentos não são cumpridos os acordos a respeito dos objetivos propostos inicialmente; cita exemplos onde projetos são lançados com entusiasmo em referência ao objetivo final, porém não se concretizam pela falta de atuação adequada para a realização de seu processo, em virtude da cultura da modalidade em obter resultados de curto prazo. Isso torna a relação difícil, de desconfiança, em que o treinador é “figura solitária”; a partir disto, a cumplicidade na realização dos projetos é inexistente, torna a relação insegura. É possível inferir que a visão do entrevistado 6 em torno desta relação seja de que ela se estabeleça de maneira a aproximar-se da não complicação e que os acordos para a realização dos projetos se cumpram. Ou seja, a realização do processo ocorra, independente dos resultados intermediários, pois busca-se o resultado final, podendo surgir a confiança na relação, como consequência a cumplicidade na realização dos projetos e o treinador sinta-se, desta maneira, seguro e apoiado.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 afirma que a relação deve ser baseada na confiança, pois o dirigente é o viabilizador das práticas para o técnico e o atleta. Afirma que é muito comum o técnico assumir esta função. Afirma que a relação essencial se dá quando o técnico mostra suas necessidades e o dirigente viabiliza as condições para que isso aconteça. O entrevistado 7 determina o dirigente como o profissional que facilita as vias para a realização de seu trabalho. Viabilizar significa tornar algo viável, que por sua vez significa, entre outras coisas, que pode ser percorrido, exequível (Ferreira, 1999). Aqui, o entrevistado 7 confere ao dirigente a uma posição de muita importância em seu trabalho, como o elemento de apoio que otimiza o ambiente de treinamento, em sua estrutura logística. Infere-se que entre outros valores, a confiança nas ações do dirigente faz com que ao treinador seja possível desenvolver seu trabalho, projetar suas necessidades e a confiança que o dirigente viabilize a estrutura logística para tal.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 afirma que deve ser muito franca, muito direta e de muito diálogo a respeito do trabalho que está sendo feito. O dirigente tem que estar ciente do que é feito, pois os problemas surgem quando o dirigente não sabe o que é feito, e dos motivos de se fazer determinadas atividades. É importante contextualizá-los, para que entendam o trabalho, ou seja, é possível inferir que os dirigentes necessitam de formação continuada, em conhecimentos relativos às ciências do esporte, para facilitar a execução do plano de trabalho da comissão técnica e a elaboração do ambiente adequado para tal, na utilização dos meios e métodos de treinamento. O entrevistado afirma que o dirigente tem que dizer o que pensa, pois participa diretamente do trabalho; inferimos que nesta posição o entrevistado considera o dirigente como participante e elemento próximo ao grupo de trabalho, por isso a colocação de a relação ser franca, direta e de diálogo a respeito das ações em treinamento.

3.5.2.9.3 Análise inferencial coletiva

A relação com o dirigente tem por base a funcionalidade. A relação com o dirigente, segundo os entrevistados, se dá pela interação funcional, não tem por base valores afetivos, e sim a busca do cumprimento de deveres das funções em um sistema esportivo. Alguns sintetizam como sendo profissional. É interessante notar que o dirigente não pertence ao ambiente interno do sistema de competição

e treinamento. Seu foco dirige-se ao jogo e seus resultados. É possível inferir que desconhece o processo de treinamento, e outros elementos internos deste processo. Ou seja, o dirigente não é um pedagogo. Os entrevistados associaram o relacionamento com o dirigente nas questões organizacionais e logísticas, como planejamento de trabalho, viabilizador da estrutura logística de treinamento, de apoio no material necessário às práticas. Fala-se em limites de atuação, evitar confundir funções, respeito, confiança. É possível inferir que o dirigente ainda está distante do contexto específico do treinamento, embora o entrevistado 8 busque contextualizar o dirigente no processo de treinamento, para que a estrutura se justifique sob a perspectiva do dirigente, e que assim seu apoio ao trabalho se amplie. Essa posição é fortalecida pelo entrevistado 7, que coloca a relação como sendo essencial quando o dirigente viabiliza aquilo que o treinador pede. O entrevistado 2 tem um conceito negativo a respeito de alguns dirigentes, e isso o coloca em posição de ser extremamente profissional neste tipo de relação, o que o entrevistado 5 aponta como sendo de temor, ou até de intimidação, em exemplo trazido pelo entrevistado 6, que classifica o técnico, neste caso, como “figura solitária”. Podemos inferir, pelas colocações dos entrevistados, que a relação entre técnico e dirigente deve ser funcional, relativa ao cumprimento de determinações de forma eficiente para as funções, ora de técnico, ora de dirigente.

3.5.2.10 Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma comissão técnica?

3.5.2.10.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	Afirma que uma comissão técnica deve ser estruturada de pessoas competentes, com formação na área, para que eles possam desenvolver da melhor maneira possível o seu trabalho.
Entrevistado 2	Diz que a estrutura da comissão técnica deve contar com um bom supervisor, que na opinião do entrevistado poderá ter sido atleta ou ex-treinador, pois conta com “bagagem” suficiente para dar tranquilidade à equipe em momentos adversos, um treinador, dois assistentes técnicos, um preparador físico, um psicólogo, um nutricionista, uma comissão médica, com médico e fisioterapeuta, massagistas e roupeiro. Lembra ainda a importância da

	presença de um especialista em estatística, que considera ideal para a comissão técnica.
Entrevistado 3	O entrevistado 3 cita como exemplo a comissão técnica que formou para ir aos Jogos Olímpicos de Atenas, pois considera o que mais se aproxima das funções que esses profissionais têm no clube onde trabalha. Menciona as funções de treinador, primeiro assistente, preparador físico, médico fisiologista, ortopedista, nutricionista, equipe de fisioterapia, psicóloga e supervisor técnico. Cita que teve problemas na área da supervisão técnica, por interferência da Confederação da modalidade, culminando com troca de supervisor. Relata também a importância do trabalho da área de psicologia do esporte, que em muito contribuiu com o trabalho, e na sua opinião ajudou o grupo durante período de preparação para competição.
Entrevistado 4	O entrevistado afirma que hoje há uma grande necessidade de um trabalho multidisciplinar. Coloca que uma comissão técnica deve ser formada por um diretor, um técnico, um auxiliar técnico, um preparador físico, um profissional da psicologia esportiva, um nutricionista, por profissionais que componham uma estrutura de avaliação na área da fisiologia do exercício. Reafirma que é um trabalho multidisciplinar.
Entrevistado 5	Recordando respostas que forneceu no início da entrevista, afirma que hoje é importante atender o atleta em competências diferentes. Cita a parte física, a parte médica, a parte de alimentação, a parte psicológica, o treinamento específico de força, de velocidade, da técnica, como atividades afins específicas e coloca a necessidade de se ter um responsável de bom nível para cada área citada.
Entrevistado 6	Para o entrevistado, a estrutura da comissão técnica tem que ser multidisciplinar e cita um trabalho recente que acabou de concluir, para os Jogos Olímpicos de Atenas, em que o atleta era tratado como uma estrutura com três pilares, sendo físico, psíquico e espiritual. No aspecto físico relata que compunham várias áreas da Medicina, fisioterapeuta, uma de recuperação e outra de estruturação postural, fisiologista, preparador físico, técnico, assistente, roupeiro, massagista. Considera essa comissão “completa”, o que possibilita, segundo o entrevistado, que o atleta seja cercado de todos os cuidados e todas as observações. Isso, segundo o entrevistado permite que o atleta entre em campo e possa produzir, e que ele não tem que pensar em mais nada, pois ao sentir que nada ficou faltando, o atleta pode ir com confiança. Afirma que diante desta situação de estabilidade, o atleta só pensa em jogar bem.
Entrevistado 7	Para o entrevistado 7, a comissão se compõe de um dirigente que cuida da parte administrativa, burocrática, viagens, horários, material, um dirigente ajudante que “faz tudo”, que monitora os materiais de trabalho, um treinador principal, o “head coach”, que para o entrevistado é o “chefe da história”, que é o que vai comandar a equipe multidisciplinar e que pensa a estratégia, que delega funções em termos de treinamentos técnicos e estratégicos. Menciona que utiliza dois técnicos, como auxiliares na comissão técnica, e que diante de um impasse, todos se colocam e quem decide é o “head coach”. Afirma que buscam trabalhar em consenso nas diversas situações. Coloca que o ideal seria se existisse um técnico para cada função específica de jogo e que cada técnico pudesse focar seu trabalho ali, pois assim o treinador principal pode focar sua atenção mais especificamente na administração do jogo. Cita o exemplo das comissões técnicas do futebol americano, com vários especialistas que se colocam em situação de passar as informações para o treinador principal. Afirma ser importante a presença de um preparador físico que entende o trabalho físico específico coligado à parte técnica, e desenvolve trabalhos voltados para a melhoria do desempenho técnico. Coloca também a presença de um fisioterapeuta em tempo total, pelas exigências da modalidade, a fim de providenciar trabalhos de prevenção e recuperação. Cita

	ainda o médico do esporte, um estatístico ou uma equipe de filmagem para se ter o máximo de dados do adversário e dos programas de desenvolvimento de sua própria equipe. Aponta atualmente a necessidade de um massagista, que é reivindicação dos jogadores, pela situação de seqüência de jogos em competições, a fim de facilitar o relaxamento e descanso.
Entrevistado 8	Afirma que a presença de pessoas dirigindo a modalidade que entendem a importância de uma comissão, mesmo que seja grande, favorece a formação de tais comissões, em que cada um tem seu trabalho pré-estabelecido em sua especialidade para o bem comum. Acredita que é fundamental ter um preparador físico, um assistente de preparação física, pelo número de atletas em um grupo; nutricionista, psicólogo, pessoal da estatística, médico, fisioterapeuta, dois assistentes técnicos, além do técnico. Considera importantes as pessoas que auxiliam na movimentação e retaguarda do treinamento, bem como as pessoas que fazem parte da limpeza e considera que todos têm importância no contexto da performance de um time.

3.5.2.10.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 afirma que a comissão deve ser formada por profissionais competentes, especialistas graduados. Considera relevante a formação acadêmica, e podemos inferir daí que o entrevistado 1 valoriza atitudes e ações no treinamento que sejam embasadas por conhecimento científico, em relação às áreas da ciência do esporte. Não determinou as especialidades, porém inferimos que ao citar “pessoas competentes, formados na área, com curso superior na área”, fica evidente a sua visão de que o profissional deve estar integrado ao contexto, e colher conhecimentos para melhor solucionar os problemas próprios deste ambiente, bem como considera que os fenômenos observados em treinamento sejam tratados em uma perspectiva com base no conhecimento científico.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 afirma que a comissão deve ser estruturada com um bom supervisor, que tenha sido atleta ou treinador, por conhece o contexto; treinador, assistentes, preparador físico, psicólogo, nutricionista, médico e fisioterapeuta, que formam a comissão médica, estatístico, massagista e roupeiro. O entrevistado 2, em sua visão de estrutura de comissão técnica procura dar suporte científico, ao se referenciar às suas disciplinas, para as áreas de conhecimentos referentes às várias dimensões de desempenho. Inferimos que o entrevistado compreende o treinamento esportivo em uma perspectiva multidimensional, a partir das especialidades e também do desempenho multifacetado de quem joga.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 coloca funções que devem estar presentes na comissão técnica, entre elas, as de treinador, primeiro assistente, preparador físico, médico fisiologista, médico ortopedista, nutricionista, equipe de fisioterapia, psicólogo e supervisor técnico. Inferimos daí que o entrevistado 3 considera as diferentes áreas de conhecimento das ciências do esporte, e que os conhecimentos ali produzidos são aplicados em práticas de treinamento, representados pelos profissionais que constituem a comissão técnica, em caráter multidisciplinar. Inferimos também que essa atuação é interdisciplinar, pelos relatos de interação que o entrevistado faz, na dimensão de que as ações de alguns profissionais se ligam a de outros.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 afirma que a relação deve ser em caráter de trabalho multidisciplinar. Aponta como integrantes em diferentes áreas de conhecimento, a presença de diretor, técnico, auxiliar técnico, preparador físico, psicólogo esportivo, nutricionista, profissionais de avaliação em fisiologia do exercício. Inferimos que seu entendimento a respeito do treinamento esportivo é de caráter multidimensional de desempenho do atleta e que diferentes áreas das ciências do esporte podem permitir intervenções com base em um campo científico de informações, de caráter

multidisciplinar.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 afirma que a estrutura da comissão deve atender o atleta em competências diferentes, que coloca como sendo referentes às dimensões biológicas, ou seja, parte física, médica, alimentação, especialistas em capacidades físicas específicas da modalidade, parte técnica, bem como dimensões psicológicas, e outras partes específicas do desempenho na modalidade. Inferimos que o entrevistado 5 considera que a comissão seja formada por profissionais que dêem conta das áreas diversas do treinamento esportivo, e daí fica claro que sua visão a respeito da estrutura da comissão é multidisciplinar, em disciplinas relativas às ciências do esporte, pois aponta que devem ser dirigidas por responsáveis “de bom nível”.

Entrevistado 6

Para o entrevistado 6, a comissão técnica tem que ser multidisciplinar. No tratamento com os atletas, coloca que tem como princípios, as dimensões do físico, psíquico e espiritual. Inferimos que nesta abordagem, considera o atleta na sua perspectiva multidimensional. Ao mesmo tempo, tem na estrutura de sua comissão técnica, profissionais de diferentes áreas de conhecimento das ciências do esporte, ou seja, profissionais de diversas áreas médicas, nutricionista, fisioterapeuta de recuperação e de reestruturação postural, fisiologista, preparador físico, técnico, assistente, roupeiro, massagista, e estrutura administrativa institucional. Inferimos que na sua visão, o entrevistado 6 busca sistematizar as informações fornecidas pelos profissionais, para elaborar ações no treinamento e oferecer segurança para o desempenho do atleta.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 afirma que a comissão deve ser estruturada por um dirigente da parte burocrática, um dirigente ajudante, um treinador principal, o “head coach”, dois técnicos auxiliares, e diz que o ideal seria que existisse um técnico para cada função específica de jogo; preparador físico que entende do trabalho específico ligado à parte técnica, fisioterapeuta, médico esportivo, estatístico, equipe de filmagem, massagista. Inferimos que considera relevante o aspecto multidisciplinar formado por especialistas nas áreas, bem como a necessidade de maiores especializações em funções específicas para situações de jogo, e aponta a necessidade de envolvimento e comprometimento dos profissionais, bem como de sua constante atualização, para a execução dos treinamentos. Fica claro compreender que para o entrevistado 7 é relevante o aspecto multidisciplinar em sua comissão, bem como a interdisciplinaridade, quando valoriza o envolvimento e comprometimento do profissional com o trabalho técnico. Inferimos também que, para ele, a abordagem plural das várias áreas de conhecimento das ciências do esporte contribui para o sucesso de um trabalho.

Entrevistado 8

Para o entrevistado 8, a estrutura da comissão técnica deve ser formada por preparador físico, assistente de preparação física, nutricionista, psicólogo, estatístico, médico, fisioterapeuta, dois assistentes técnicos e o técnico. Destaca pessoas que auxiliam na dinâmica, movimentação e retaguarda do treinamento. O entrevistado aponta diversas áreas de conhecimento das ciências do esporte e sua importância com a presença de seus profissionais especialistas, em caráter multidisciplinar, na abordagem plural do atleta. Valoriza as pessoas que dão movimentação e dinâmica ao treinamento, e que não estão nestas terminologias de especialidades.

3.5.2.10.3 Análise inferencial coletiva

A comissão técnica tem caráter multi e interdisciplinar. Para atender às exigências do esporte, em constante evolução, associado aos desafios inerentes ao seu contexto, cada vez mais profissional, competitivo e intenso, os técnicos esportivos estão se cercado de profissionais de diversas áreas para otimizar o desempenho dos atletas nas várias dimensões da performance humana. O

esporte, em seu caráter formativo por excelência, exige exigências físicas, na manifestação da técnica e nos deslocamentos pelas estratégias da tática. Para otimizar essas ações de jogo, outros subsistemas são considerados, que se voltam para os aspectos biológicos dos atletas, aos aspectos da alimentação específica e adequada para a prática esportiva, das avaliações físicas que fornecem dados específicos para a intervenção dos treinadores nos planos de treinamento individuais e coletivos, dos aspectos preventivos das lesões comuns à modalidade, e das questões clínicas da saúde, em geral. Exige a manifestação da capacidade de compreender e elaborar ações que ora tem seu foco voltado para o aspecto da individualidade, nas tomadas de decisões, ora tem sua compreensão conectada à movimentação de conjunto de elementos do sistema. Ao enfrentar desafios, os atletas se deparam com as manifestações das emoções e sentimentos, bem como da capacidade de se relacionar com os companheiros para resolver problemas. A composição de uma comissão técnica se volta para atender a todas essas exigências diretas e específicas do ambiente interno dos jogos desportivos coletivos. Como colocaram os entrevistados, essa atuação deve estar diretamente integrada aos objetivos específicos do treinamento, como também à parte da técnica e tática. Os entrevistados reforçam o nível de competência que estes profissionais devem manifestar, e que devem ter o suporte da formação científica e especialista nas áreas referidas.

3.5.2.11 Como você entende que dever ser a relação do técnico e os demais membros destas diferentes áreas de especialidade da comissão técnica?

3.5.2.11.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	A respeito do relacionamento do técnico com os membros da comissão técnica, o entrevistado afirma que deve ser um relacionamento sempre produtivo, confere importância ao respeito da autonomia de cada profissional de sua área e aponta para a elaboração conjunta de um planejamento que visa o melhor rendimento da equipe.
Entrevistado 2	O entrevistado afirma que esse técnico tem que ter visão ampla das pessoas que farão parte da comissão técnica. Diz que o técnico deve escutar cada integrante da comissão sem vaidades, não se julgar o dono da verdade e buscar manter a união da comissão técnica, tarefa conjunta com o

	<p>supervisor. Afirma também ser necessário “falar a mesma linguagem” e coloca a necessidade de unidade do grupo através da atuação de um líder, que para o entrevistado é o treinador.</p>
Entrevistado 3	<p>O entrevistado 3 diz que o técnico é o líder da comissão, conhece as diversas áreas sem ser especialista. Para ele, deve ser sempre bem informado das ocorrências, saber do que ocorre e conhecer o contexto do ocorrido. Afirma ser importante conhecer o perfil psicológico de cada integrante do grupo para otimizar a comunicação dentro da equipe de trabalho, bem como que tipo de interferência cada integrante pode provocar no grupo. A relação deve ser pautada no respeito, trabalho, união, conjunto e na liberdade dentro da comissão.</p>
Entrevistado 4	<p>Afirma o entrevistado 4 que a relação deve se manifestar na medida em que cada um sabe o seu papel dentro da comissão técnica e que cada integrante possa contribuir para a melhor performance de todos. Acredita que com a realização de reuniões cada membro da comissão define sua estratégia de ação dentro de um planejamento maior e que a partir daí cada um possa trabalhar e contribuir para o resultado expressivo do trabalho de uma comissão técnica, dentro do ano.</p>
Entrevistado 5	<p>O entrevistado considera que os integrantes da comissão técnica são interdependentes, porém todos devem estar subordinados ao treinador. Afirma que o treinador tem que ter o controle de tudo. Coloca que o treinador não deve ser centralizador, entretanto para poder definir, agir, decidir, considera que até mudar, aumentar, intensificar, mexer na estrutura, no treinamento, no planejamento, dar prioridade a uma área de determinada situação, em relação a determinado evento ou competição, o treinador tem que ser a figura principal de uma comissão técnica.</p>
Entrevistado 6	<p>O entrevistado 6 coloca que os integrantes da comissão técnica precisam entender que, entre os membros da comissão, a “cabeça que rola primeiro” é a do treinador. Afirma que em virtude disto, em sua opinião, quem manda é o treinador, porém, para o entrevistado, isto não significa que sempre o treinador está correto. Considera que o treinador não pode entender de tudo e não sabe de tudo. Menciona que o “grande segredo” é, que apesar de não entender de tudo, o treinador deve saber escolher as pessoas e administrar as diferenças de personalidades, a multiplicidade de conhecimentos dentro da comissão. Considera que quem sabe “lidar” com a informação tem o poder. Coloca então que o grande segredo do treinador é saber “lidar” com essas informações todas.</p>
Entrevistado 7	<p>O entrevistado considera que a relação do técnico com os demais membros da comissão deve ser um contato estreito, em que informações devem ser trocadas a todo momento, a fim de que se saiba o que ocorre naquele momento, com reprogramações constantes das “coisas” em função das informações das diversas áreas de análise. Coloca também que as carências da equipe são consideradas, os pontos de evolução ou não, no sentido individual ou coletivo. Considera que o treinador não ocupa apenas a posição de comando, comparando a “subir uma montanha e ficar assistindo tudo”. Afirma que o treinador deve estar envolvido em todas as diversas áreas de atuação e suas ações, com troca de idéias e informações, fornecer referências e contando com essas informações pode traçar o aspecto macro, o quadro inteiro da situação e da equipe toda.</p>
Entrevistado 8	<p>O entrevistado afirma que o técnico deve coordenar as áreas de especialidades, ao mesmo tempo em que afirma que o técnico deve dar abertura para que cada profissional desenvolva seu trabalho. Menciona que deve coordenar com reuniões “rápidas”, pois as pessoas estão próximas, o que facilita essa ação. Pondera que desta forma todos podem dar seu “<i>feedback</i>”, todos os membros da comissão podem trocar opiniões a respeito dos que acontece dentro do contexto da equipe, nos aspectos individuais e</p>

	coletivos. Considera esse tipo de ação como abertura total e afirma que gosta de trabalhar assim. Afirma que não se envolve nas especialidades, permite que cada integrante desenvolva seu trabalho, porém diz que se pedem sua opinião, ele opina. No entanto considera importante que cada um possa se colocar, mostrar o seu valor, atender as reivindicações da comissão técnica e dos atletas, “dando o seu melhor”. Considera também importante também que nas reuniões periódicas esses membros integrantes da comissão técnica possam se ajudar mutuamente.
--	---

3.5.2.11.2 Análise Inferencial Individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 afirma que o relacionamento deve ser sempre produtivo; inferimos aqui a perspectiva de que essa relação traz solução para os problemas de treinamento da equipe, na medida em que existe respeito à autonomia de cada um, como diz o entrevistado 1. É possível inferir que o entrevistado confere aos membros de sua comissão as resoluções específicas de sua área de trabalho, desde que atendam ao planejamento conjunto que provocam o melhor rendimento da equipe.

Entrevistado 2

O entrevistado considera que o técnico deve ter visão ampla das pessoas que fazem parte da comissão; é possível inferir que deve conhecê-las, da forma como trabalham, e estabelecer relações interpessoais que permitam conhecê-las sob diversos aspectos. O entrevistado aponta que o técnico deve escutar cada integrante da comissão, manter união, não se julgar dono da verdade, falar a mesma linguagem; evidencia o uso de estratégias para otimizar as relações entre os membros da comissão; ao afirmar que o líder é o treinador, ele demonstra que é o coordenador das ações dos outros profissionais, o que justifica sua necessidade de visão ampla dos componentes de seu grupo de trabalho.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 afirma que o técnico deve ser o líder da comissão; inferimos aqui que para ele, o técnico deve ter o comando e sendo assim deve ser sempre bem informado das ocorrências, ter acesso às informações das áreas diversas e conhecer o contexto do ocorrido. Daí o seu objetivo de conhecer as áreas diversas, para tomar as melhores decisões. Para ele é importante conhecer cada elemento que compõe o sistema formado pela comissão técnica e as possíveis interferências que cada um provoca no ambiente de treinamento, o que demonstra o objetivo de buscar equilíbrio constante na equipe. O entrevistado 3 coloca que a relação deve ser pautada no respeito, trabalho, união, conjunto e na liberdade dentro da comissão; inferimos que busca ao mesmo tempo ações efetivas para resolver problemas na equipe, com o trabalho e liberdade, e elementos que construam harmonia para o trabalho, como a união e conjunto. Isso demonstra o caráter interdisciplinar do trabalho da comissão.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 fundamenta as relações na comissão com a consciência que cada um tem de seu papel, e na eficiência e eficácia de cada um dos integrantes para o desempenho de todos da comissão. Fica evidente o caráter interdisciplinar de trabalho com vários especialistas de áreas diferentes. Inferimos que o relacionamento se dá na medida em que o grupo realiza reuniões; atuam com estratégias em virtude de um plano maior, que visa o conjunto de ações na figura de um todo, e na atuação individual. Os membros trabalham em função do resultado do conjunto da comissão em uma temporada.

Entrevistado 5

A relação deve ser de interdependência entre os membros da comissão, e o treinador deve ter controle de tudo; inferimos que em seu caráter multi e interdisciplinar, o treinador é o coordenador das atividades e informações produzidas por cada especialista de área de treinamento. Deixa claro que comanda o processo de treinamento conjuntamente com os companheiros de comissão. Em sua opinião, o treinador não deve ser centralizador, porém deve ser a figura principal dentro

da comissão, para comandar as ações no plano e execução do treinamento. Isso demonstra que o técnico esportivo requer conhecimento nas áreas de especialidade das ciências do esporte, a fim de ter subsídios para coordenar o processo de treinamento.

Entrevistado 6

Para o entrevistado 6, quem manda é o treinador, por ser o grande responsável pelos resultados, na cultura da modalidade. Afirma que o técnico não pode e não entende de tudo, porém deve saber escolher as pessoas e administrar as diferenças de personalidade e a multiplicidade de conhecimentos dentro da comissão. Diz que o segredo é saber tratar as informações e escolher as pessoas que fazem parte do grupo. É possível inferir a partir disso que o treinador deve conhecer as áreas de especialidades nas ciências do esporte; também deve estar em processo de atualização contínua, para poder trabalhar com as informações fornecidas pelos integrantes da comissão técnica, ter um bom nível de relacionamento com as pessoas escolhidas, pois são as que fornecem as informações de que o técnico precisa, bem como gerenciar as pessoas que fazem parte desta comissão. Para o entrevistado 6 é necessário saber tratar essas informações de maneira adequada, ou seja o treinador, no processo de treinamento esportivo, deve manifestar a habilidade de gerenciar a rede de informações provenientes das mais diversas áreas do treinamento.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 afirma que a relação deve ser de contato estreito, em que informações devem ser trocadas a todo momento para que as reprogramações das atividades de treinamento aconteçam constantemente. Inferimos que, para o entrevistado, seja possível, assim, tratar com a imprevisibilidade das ocorrências do sistema, e com um número considerável de elementos que estão presentes no processo. Fica evidente que, partindo da multidisciplinaridade, ao trocar informações com os especialistas pra determinar planos de ação, pratica a interdisciplinaridade. Coloca também que o técnico se envolve com as demais áreas e é quem traça o quadro da equipe toda, o que demonstra que coordena todo processo e trabalha com o conjunto de informações das demais áreas de conhecimento.

Entrevistado 8

Inferimos que o entrevistado 8 pratica a interdisciplinaridade com as várias áreas de especialidades, na medida em que realiza reuniões para trocas de “feed backs” e considera que o técnico é o líder dessas áreas. Coloca nos membros da comissão confiança no trabalho a ser executado, pois dá abertura a eles, permite que desenvolvam seu trabalho e não opina sem ser solicitado. Demonstra que a dimensão interpessoal com seu grupo de trabalho se dá pelo trabalho em equipe, pois considera importante que os membros de sua comissão se ajudem mutuamente e que todos atendam aos pedidos dos companheiros e de atletas.

3.5.2.11.3 Análise inferencial coletiva

O técnico é o líder e coordena as ações e informações provenientes dos demais membros da comissão técnica. Os entrevistados realçam nesta relação o respeito à autonomia de cada profissional. Fica evidente que, para eles, o técnico é o líder e elabora estratégias para otimizar as relações entre os membros da comissão técnica. Neste processo de gestão de pessoas, como alguns colocam, levam em consideração os fatos e informações de outras áreas para tomar as melhores decisões, daí que o técnico precisa ter acesso às informações, reconhecendo ser necessária a relação ter por base outros valores humanos, como lealdade e confiança. Da mesma maneira, para poder tomar decisões e

otimizar as ações, o técnico precisa ter o conhecimento das áreas de especialidade das ciências do esporte, e saber administrar a multiplicidade de conhecimentos, ter a habilidade de gerenciar as pessoas que fazem parte da comissão e também a rede de informações provenientes das diversas áreas do treinamento. Não basta tão somente ter profissionais competentes nas diversas áreas do conhecimento se a qualidade das relações prejudica o fluxo das informações no sistema. Em uma outra perspectiva, o desempenho do trabalho da comissão depende diretamente da qualidade dos relacionamentos existentes entre seus componentes. Para eles, condições como manter a união e falar a mesma linguagem significam que as ações dentro do plano de treinamento são de responsabilidade do grupo de trabalho, que manifesta harmonia em suas estratégias pedagógicas, caracterizando uma relação de interdependência entre seus membros.

O técnico é um líder sistêmico. De outra maneira, os entrevistados realçam que as relações entre os membros da comissão dão suporte à ação específica no contexto esportivo, e que o bom desempenho de cada integrante significa o desempenho da comissão toda. A partir daí o técnico administra também as diferentes personalidades dos membros da comissão técnica. Em um outro ponto abordado, os técnicos entrevistados citam o trabalho com base em planejamento, sendo um dos norteadores do processo de treinamento. No respeito pelo plano macro do trabalho, o técnico comanda o trabalho em conjunto com os demais membros, e caracteriza-se como líder do grupo, pois é o responsável pelas ações do plano e execução do treinamento. Faz-se necessário então o contato estreito entre os componentes da comissão técnica, para que as informações possam ser trocadas a todo momento, no tratamento pedagógico do treinamento com a imprevisibilidade do contexto, e também com a flexibilização das práticas, o que permite a efetividade das ações. Em uma outra perspectiva, alguns entrevistados citam a importância de se ter visão ampla das pessoas que estão e uma comissão técnica, e levam em consideração outros aspectos que não somente os profissionais. Dão importância ao fato de conhecer os componentes e saber de seu grau de interferência no grupo. É consenso entre os entrevistados que o

técnico coordena todo o processo, é o líder do grupo, e caracterizam essa ação de liderança com base no respeito pelos limites de ação de cada componente, confiança no comprometimento com o trabalho de equipe e na responsabilidade voltada para a coletividade, em que as ações dos profissionais refletem resultados que são do grupo de trabalho, e não do indivíduo somente.

3.5.2.12 Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

3.5.2.12.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	O entrevistado diz que o técnico deve manifestar disponibilidade para dar as melhores informações, que sejam reais, concretas, com interpretação bem clara a fim de que a imprensa não faça uma outra interpretação daquilo que foi dito. Afirma que a imprensa deve transmitir com clareza a interpretação do bem estar.
Entrevistado 2	A respeito da relação do técnico com a imprensa, o entrevistado considera que deve ser totalmente aberta, sem que se esconda nada, e afirma que o técnico não deve dar preferência para nenhum tipo de instituição da imprensa e não se envolver com amizades relativas às pessoas da imprensa.
Entrevistado 3	Ao ser perguntado sobre a relação do técnico com a imprensa, o entrevistado diz que deve ser igual à de um cidadão com outro cidadão. Acredita que tem que ser feita na base da verdade e lembra que na sua vida nunca colocou à imprensa algo que não fosse verdadeiro. Considera também que a imprensa tem coisas que não deve fazer e as pessoas têm o direito de preservar a sua individualidade, nas questões de foro íntimo. Afirma que se alguém da imprensa pergunta algo que, na sua análise, não é o momento adequado de se falar daquilo, coloca que simplesmente não responde e comunica à pessoa que aquele não é o momento de se tratar de determinado assunto. Reafirma que não mente e acredita que a imprensa gosta de pessoas que falam a verdade, que não tentam enganar ou iludir com as informações. Justifica que buscar na imprensa um adversário é estar fadado a ter um inimigo muito poderoso. Considera que falar a verdade pode descontentar alguém da imprensa, mas não vai fazer dele um inimigo, e afirma que o único inimigo que não quer ter enquanto treinador é a imprensa.
Entrevistado 4	O entrevistado 4 considera que no esporte a imprensa contribui muito, principalmente na questão do retorno de marketing, da mídia da modalidade. Coloca que em um outro lado, a imprensa se preocupa em dar notícias em cima de fatos que provocam atrito e coloca que a imprensa ainda trabalha no aspecto negativo do esporte. Diz que é possível à imprensa dar ênfase maior na modalidade, ao que o esporte vem trazer de positivo à sociedade, especificamente aos praticantes da modalidade. O entrevistado afirma que vê uma relação perigosa no aspecto de que a imprensa procura deturpar em alguns momentos as informações que são passadas a ela.
Entrevistado 5	O entrevistado coloca que a relação deve ser transparente e profissional. Considera que a imprensa tem deveres a cumprir, como a obrigação de informar e afirma que o treinador e os próprios jogadores tem que prestar esclarecimentos, sem obrigatoriedade, porém devem fazer com que essa relação seja transparente, respeitosa, em uma convivência sadia.

<p>Entrevistado 6</p>	<p>O entrevistado afirma que a relação deve ser a mais séria possível e profissional, e justifica com o fato de que tanto o treinador como a imprensa são importantes, pois para o entrevistado quem possui a informação é o treinador e considera que a imprensa precisa do treinador. Coloca que de uma outra forma é a imprensa que promove e valoriza o treinador, seus contratos e suas possibilidades. Considera que a partir disso, tem que ser uma troca com respeito e profissionalismo.</p> <p>O entrevistado diz que no Brasil a imprensa quer fazer dos esportistas melhores do que são quando ganham e piores do que são quando perdem. Acredita que os esportistas não são tão bons e nem tão ruins assim como a imprensa quer fazer com que sejam; crê que os esportistas estão “no meio do caminho”. Faz uma referência sobre esta postura da imprensa à cultura. Em sua opinião, coloca que a imprensa foi contagiada pelo vírus capitalista do dinheiro. Diz que precisam vender seu produto, então criam mitos com uma velocidade espantosa e, para o entrevistado, destroem esse mito com uma velocidade duplamente espantosa. Coloca que foi essa função que a imprensa tomou para si e considera que deveria ser de outra maneira, mais investigativa, informativa, com pesquisas, no sentido de entender o trabalho como um todo e diz que infelizmente não vê desta maneira. Relata que nunca vê alguém da imprensa durante um treinamento, porém, segundo o entrevistado, no dia de jogo eles estão ali para ver o resultado final, e independente de tudo o que foi feito, a avaliação a ser feita será em cima do que é visto ali. Considera que desta maneira a relação fica na defensiva e acredita que isto está errado. Lembra que deve tomar cuidado com as informações geradas em sua equipe, para que a imprensa não use de maneira indevida fatos distorcidos e outra equipe se utilize daquilo. Acredita ser errado esse comportamento da imprensa, no entanto, segundo o entrevistado, pessoas da imprensa acreditam ser isto o que vende. Coloca que ao mesmo tempo tem que ter uma relação de respeito porque a imprensa é que promove a visibilidade do esporte, e expõe o trabalho, permitindo assim a vinda de patrocinadores, e devido a isso considera a relação complicada. Pondera que deveria ser uma relação mais interessante e sincera, pois parte da imprensa vive do esporte e os esportistas querem um esporte melhor, mais maduro. Coloca que deveria ser uma relação em que os esportistas e a imprensa deveriam construir situações para promover o esporte. Diz que é uma relação que precisa ser trabalhada, acredita que ainda é muito imatura, ao examinar que os técnicos ficam na defensiva e o pessoal da imprensa fica buscando temas polêmicos que possam vender.</p>
<p>Entrevistado 7</p>	<p>O entrevistado afirma que a relação deve ser a mais séria possível e profissional, e justifica com o fato de que tanto o treinador como a imprensa são importantes, pois para o entrevistado quem possui a informação é o treinador e considera que a imprensa precisa do treinador. Coloca que de uma outra forma é a imprensa que promove e valoriza o treinador, seus contratos e suas possibilidades. Considera que a partir disso, tem que ser uma troca com respeito e profissionalismo.</p> <p>O entrevistado diz que no Brasil a imprensa quer fazer dos esportistas melhores do que são quando ganham e piores do que são quando perdem. Acredita que os esportistas não são tão bons e nem tão ruins assim como a imprensa quer fazer com que sejam; crê que os esportistas estão “no meio do caminho”. Faz uma referência sobre esta postura da imprensa à cultura. Em sua opinião, coloca que a imprensa foi contagiada pelo vírus capitalista do dinheiro. Diz que precisam vender seu produto, então criam mitos com uma velocidade espantosa e, para o entrevistado, destroem esse mito com uma velocidade duplamente espantosa. Coloca que foi essa função que a imprensa tomou para si e considera que deveria ser de outra maneira, mais investigativa, informativa, com pesquisas, no sentido de entender o trabalho como um todo e diz que infelizmente não vê desta maneira. Relata que nunca vê alguém da imprensa durante um treinamento, porém, segundo o entrevistado, no dia de jogo eles estão ali para ver o resultado final, e independente de tudo o que foi feito, a avaliação a ser feita será em cima do que é visto ali. Considera que desta maneira a relação fica na defensiva e acredita que isto está errado. Lembra que deve tomar cuidado com as informações geradas em sua equipe, para que a imprensa não use de maneira indevida fatos distorcidos e outra equipe se utilize daquilo. Acredita ser errado esse comportamento da imprensa, no entanto, segundo o entrevistado, pessoas da imprensa acreditam ser isto o que vende. Coloca que ao mesmo tempo tem que ter uma relação de respeito porque a imprensa é que promove a visibilidade do esporte, e expõe o trabalho, permitindo assim a vinda de patrocinadores, e devido a isso considera a relação complicada. Pondera que deveria ser uma relação mais interessante e sincera, pois parte da imprensa vive do esporte e os esportistas querem um esporte melhor, mais maduro. Coloca que deveria ser uma relação em que os esportistas e a imprensa deveriam construir situações para promover o esporte. Diz que é uma relação que precisa ser trabalhada, acredita que ainda é muito imatura, ao examinar que os técnicos ficam na defensiva e o pessoal da imprensa fica buscando temas polêmicos que possam vender.</p>
<p>Entrevistado 8</p>	<p>O entrevistado considera que a relação com a imprensa deve ser de confiança “grande”. Diz que a respeito desta relação que a imprensa deve ter “exatamente” o perfil do técnico e o técnico o perfil da imprensa. Coloca que com o tempo de trabalho ambos aprendem a se conhecer. Acredita que com o tempo a relação fica direta e o técnico responde às perguntas da imprensa de uma forma direta, aí considera que a relação fica “muito legal”. Considera isso difícil, pois para o entrevistado quem se expõe nessa relação é quem assume todas as conseqüências ou toda a carga. Considera, no entanto, isso importante, pois em alguns momentos o entrevistado relata que consegue que a imprensa ajude no contexto da própria equipe. Acredita que importante também é que a imprensa ocupa o seu espaço para fazer o seu trabalho e o técnico da mesma forma, diz que quando os limites são reconhecidos e respeitados a relação é muito boa.</p>

3.5.2.12.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 afirma que a relação deve ser de disponibilidade para dar as melhores informações, que sejam reais, concretas e interpretação bem clara, e assim deve a imprensa transmitir a informação. Inferimos que as boas relações em um sistema de equipe esportiva estão ligadas diretamente às informações que o técnico fornece à imprensa, pois existe a interpretação da interpretação, como aponta o entrevistado 1, ao afirmar que as interpretações do técnico devem ser bem claras, com informações reais e concretas e que na ressonância dessas informações o bem estar geral possa prevalecer. Desta maneira, fica clara a interferência na equipe esportiva da imprensa como um elemento do sistema. Em uma outra perspectiva inferimos também a necessidade do técnico manifestar a competência verbal lingüística, a fim de se fazer entender.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 afirma que a relação deve ser totalmente aberta, os assuntos não precisam ser escondidos, e para o entrevistado 2 deve dar-se o mesmo valor para as instituições da imprensa, sem preferências; considera que não se deve envolver com amizades; inferimos daí que o relacionamento tem caráter exclusivamente profissional e a imprensa é tratada como um outro subsistema.

Entrevistado 3

O entrevistado 3 aponta que a relação deve ser como a de um cidadão com outro cidadão, com base na verdade. Para ele a imprensa tem restrições de ação, com relação às questões de foro íntimo do atleta, e também para perguntas inadequadas; se feita pergunta com esta característica, o entrevistado 3 diz que não responde a este tipo de pergunta e pede ao representante da imprensa que trate do assunto em outro momento. Em sua opinião considera que a imprensa gosta de pessoas que falam a verdade e não iludem com informações. Coloca que ter a imprensa como adversário é ter um inimigo poderoso. Inferimos daí que o entrevistado 3 considera a imprensa um elemento importante no sistema, na medida em que não deseja a imprensa como inimigo, da mesma forma que coloca limites no relacionamento, que invadido, pode ser prejudicial. Isso reflete a dimensão que tem em um sistema esportivo. Da mesma forma que os dirigentes, inferimos que os membros da imprensa necessitam de passar por formação continuada e atualização em esporte para acompanhar a evolução do fenômeno esporte.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 considera a relação com a imprensa de contribuição para a divulgação da modalidade, juntamente com o marketing. De outro lado, segundo o entrevistado, procura noticiar fatos polêmicos, e afirma que ainda trabalha no aspecto negativo do esporte. Assim, o entrevistado vê uma relação perigosa, pois a imprensa deturpa informações. Inferimos que a relação continua sendo de importância e significativa para o sistema, pois através da informação, seja ela adequada ou não, promove a divulgação da imagem dos participantes do sistema.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 aponta que deve ser transparente e profissional, pois coloca que a imprensa tem a obrigação de informar, de outro lado, o técnico e os jogadores têm que prestar esclarecimentos. Assim, pontua que a relação deve ser transparente, respeitosa e de convivência sadia. Inferimos que a imprensa, para o entrevistado 5, desde que manifeste respeito pelos esportistas, permite-se a ela a convivência no meio esportivo, fazendo parte como elemento do entendimento sistêmico do esporte e de uma equipe esportiva e tendo assim uma convivência sadia.

Entrevistado 6

Para o entrevistado 6 a relação deve ser a mais séria possível e profissional, pois considera os dois, treinador e imprensa, importantes, um precisa do outro. Em sua opinião, a imprensa promove e valoriza o treinador; o treinador tem a informação, e a partir daí, para ele, estabelece-se uma troca com respeito e profissionalismo. Inferimos que o entrevistado 6 considera a imprensa como elemento do sistema de equipe esportiva, e que tem interferência na imagem do treinador, bem como nas conexões que este faz no sistema maior do esporte.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 aponta que a relação é na defensiva por parte dos técnicos, diante das distorções que a imprensa faz para atingir objetivos de venda, buscando temas polêmicos; de

outra maneira, para o entrevistado 7 a relação tem que ser de respeito à imprensa, pela visibilidade que dá ao time. Coloca que a relação deveria ser mais interessante e sincera, pois parte da imprensa vive do esporte; inferimos daí que os membros da imprensa deveriam participar de formação continuada em ciências do esporte, pois se colocariam para pesquisar assuntos específicos ao esporte, pois também divulgam a imagem do esporte e são responsáveis pela construção de contexto. Na opinião do entrevistado, tanto os esportistas como a imprensa, querem um esporte melhor. Para o entrevistado 7, a relação precisa ser trabalhada, ainda é muito imatura. Inferimos daí que mesmo sendo a imprensa significativa para o esporte, a relação precisa ter perfil definido pela investigação de fatos esportivos, e não de fatos referentes à polêmicas que estão fora de assuntos esportivos.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 diz que a relação deve ser de confiança, que um deve ter o perfil do outro. Inferimos que, para o entrevistado 8, deve ser uma relação onde há sinergia. Afirma que com o tempo a relação fica direta. De outro lado, na visão do técnico, é uma relação difícil, pois quem está à frente de passar as informações é quem assume toda a carga. Diz que quando a relação otimiza-se, a imprensa ajuda no contexto da própria equipe. Inferimos daí que o entrevistado considera a imprensa como um elemento significativo no sistema de equipe esportiva, pois sua atuação tem ressonância no contexto da própria equipe. Coloca que, na relação, os limites devem ser reconhecidos e respeitados, assim a relação torna-se produtiva. Inferimos que o entrevistado usa de competência interpessoal para estabelecer relações construtivas com a imprensa.

3.5.2.12.3 Análise inferencial coletiva

A relação com a imprensa deve ser pautada pela transparência, em busca da interpretação fidedigna dos fatos e da informação correta. Para a maioria dos entrevistados, a imprensa usa as informações de maneira inadequada. Devido a isso, como coloca o entrevistado 7, a relação fica na defensiva, em que o esportista, técnico ou atleta estão a manter os limites da relação bem definidos pela possibilidade do mau uso de um fato, do aumento de suas proporções ou das distorções que ocorrem a partir daí, ou seja, da ressonância que este fato tem ao ser noticiado de maneira indevida. Existem situações diferentes na imprensa esportiva, em que uma grande parcela dos noticiários reportam fatos, notícias, comentários da modalidade futebol. É de conhecimento geral que muitos profissionais da imprensa têm ligação a determinadas equipes de futebol, cotidianamente, e se aproximam estreitamente daquele grupo. Para outras modalidades, a intensidade e volume de notícias nos veículos de imprensa não têm o mesmo espaço de divulgação, e a pesquisa de fatos se dirige a resultados de jogos ou mesmo a fatos e eventos de grande repercussão. Mas de qualquer maneira, é consenso entre os entrevistados que a relação deve ser pautada em limites e pelo respeito entre os elementos. Todos concordam que a imprensa tem

interferência na equipe, na relação que os elementos do ambiente interno da equipe têm entre si, ou seja, entre a comissão técnica e os atletas, e também entre as equipes, pelas notícias divulgadas que interferem diretamente nos desafios competitivos entre elas. É possível inferir que a imprensa precisa se preparar de maneira diferente para atuar no contexto esportivo, com a ampliação de seu campo de conhecimentos para tratar do fenômeno esporte, na medida em que deve ter acesso ao conhecimento básico das ciências do esporte, a fim de transmitir elementos que tem relação direta com o desempenho do atleta, e possam informar às pessoas aspectos construtivos e significativos do esporte, que também dizem respeito ao cidadão. A imprensa, pelas colocações dos entrevistados, tem importância no sistema esportivo, e pode evoluir paralelamente ao fenômeno esporte.

3.5.2.13 Como você entende que dever ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

3.2.5.13.1 Descrição analítica individual

Entrevistado 1	O entrevistado acredita que o técnico deve se envolver com as empresas do marketing e com as empresas patrocinadoras; justifica que essas empresas são a razão de ser na estrutura administrativa e financeira, porém esse envolvimento deve acontecer com respeito à autonomia de cada um em sua área.
Entrevistado 2	O entrevistado afirma que o marketing é também uma função fundamental, na dependência do estágio em que está a equipe. Considera que na situação que se desenha hoje, por conta da transformação de clubes em empresas, acredita que é uma “parte” que poderá fazer parte da equipe de trabalho. O entrevistado utiliza a metáfora do “cada macaco no seu galho” para opinar sobre a posição do marketing no grupo de trabalho e considera que tudo que se passa no contexto da equipe em que o marketing tem ações efetivas, o treinador tem que ficar ciente.
Entrevistado 3	O entrevistado considera que o marketing esportivo é uma outra especialidade no sistema esportivo. Considera também que o marketing é o responsável por conquistar apoiadores. A partir destas considerações, o entrevistado afirma que o relacionamento deve ser muito franco, muito sincero e diz que se deve abrir o que se faz dentro do departamento técnico para o departamento de marketing, que seleciona o que e como deve ser utilizado. Diz que deve ser um trabalho em conjunto, em que as pessoas se mantêm próximas umas das outras, com a utilização de diálogo, a fim de evitar mal-entendidos.
Entrevistado 4	O entrevistado afirma que o técnico é fator importante na questão do marketing e o retorno para a modalidade. Lembra que na estrutura de equipe multidisciplinar citada em questão anterior, deve haver uma pessoa

	especialista na área de marketing, para que as diversas camadas institucionais da modalidade possam ter retorno significativo. Considera que o técnico é importante porque é o responsável pelos resultados alcançados em competição e nos aspectos referentes ao relacionamento com a comunidade de maneira geral.
Entrevistado 5	O entrevistado afirma que o sistema de marketing esportivo deve receber a colaboração do técnico, pois o marketing é o responsável pela alavancagem financeira que é proveniente das atividades do time, dos jogadores, das participações em eventos, de festividades. Considera que desde que o marketing não atrapalhe nem provoque intervenções nas atividades diárias, deve receber a colaboração do técnico afim de que essa colaboração seja feita com entrosamento tal que todos saiam beneficiados, em que o grupo mostre rendimento dentro do campo e o marketing o rendimento fora do campo. Afirma que se houver um bom entrosamento, o treinador pode colaborar para que o sistema de marketing seja cada vez mais eficiente e traga mais publicidade, divulgação e recursos para o clube.
Entrevistado 6	O entrevistado coloca que nos dias de hoje o sistema profissional esportivo exige a atuação do marketing. Desta maneira, diz que deve se entender que tanto o jogador profissional como o treinador tem obrigações com a isso. Afirma que nos dias de hoje o esportista não vive somente do trabalho que realiza, é fruto da sua imagem. A partir disso, considera que a imagem é importante e para que essa imagem seja mais valorizada, existe a atuação do marketing. Da mesma maneira, diz que não se deve viver somente do marketing, é necessário viver do trabalho que realiza e não deve haver confusão com isso. Para o entrevistado 6, trabalho e marketing não devem se sobrepor em graus de importância, e devem “viver” pacificamente.
Entrevistado 7	O entrevistado considera essa relação complicada, pois muitas vezes o técnico, que está preocupado somente com a performance da equipe, não quer ceder espaço para os eventos que expõe a marca do patrocinador, no entanto considera que com o tempo o técnico percebe que essas atuações do marketing são fundamentais porque vão permitindo que o esporte de alto nível aconteça e coloca que tem que haver interação do marketing com a equipe esportiva. Diz que a visibilidade através do marketing é importante, sem que se prejudique a performance da equipe, o que, segundo o entrevistado é o essencial. Afirma que não devem acontecer atividades paralelas de marketing que prejudiquem a performance da equipe, e por ser a performance a base de tudo e o que vai dar mais visibilidade é ao trabalho e aos astros que fazem parte da equipe é o resultado esportivo, assim eles podem ser vistos, usar e dar testemunha de determinada marca, e considera que isto deve ser bem visto. Afirma que os técnicos devem aceitar essa situação, embora muitas vezes contrariados. Porém, devem estar conscientes que se respeite o espaço dos patrocinadores que são os viabilizadores da atividade do esporte profissional.
Entrevistado 8	O entrevistado afirma que a relação com o marketing esportivo é fundamental. Diz que o marketing trabalha paralelamente com a equipe. Desta maneira, considera normal haver confrontos entre a parte técnica, que programa e é responsável por organizar treinamentos, descansos, alimentação e a do marketing, que promove eventos do patrocinador. Considera que isso tem que acontecer de forma programada e de comum acordo, justificando que hoje um não vive sem o outro. Diz que é fundamental ter essa área de marketing atuando diretamente junto à promoção da equipe e da empresa, através dos profissionais da empresa e da equipe, e coloca que essa é a vida que hoje move o mundo esportivo.

3.5.2.13.2 Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 afirma que o técnico deve se envolver com as empresas do marketing, com respeito à autonomia de cada um em sua área. Inferimos que o sistema do marketing também pertence ao sistema esportivo de uma equipe e necessita conhecer o contexto da equipe, bem como as ações de seus elementos, em relação de respeito à atuação de cada um desses elementos.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 coloca que o marketing poderá fazer parte do trabalho, e para ele deve respeitar a atuação dos outros elementos do sistema e atuar dentro de seu contexto próprio, bem como manter o técnico informado de suas ações. Inferimos que o marketing é de importância no sistema esportivo, tem função fundamental, e tem que respeitar a atuação de elementos específicos do contexto esportivo, bem como conhecer as propriedades desses elementos.

Entrevistado 3

Para o entrevistado 3, o marketing é responsável por conquistar apoiadores; desta maneira, coloca que o relacionamento deve ser franco, sincero. Para ele, o marketing deve ter em conta as ocorrências do departamento técnico para poder utilizar-se de maneira adequada dos fatos e das informações. O entrevistado afirma que o trabalho deve ser realizado em conjunto. Inferimos que o entrevistado considera o marketing integrante do sistema esportivo de uma equipe, em que utiliza ocorrências internas do sistema para divulgar a imagem da equipe. Neste relacionamento, o entrevistado considera que o diálogo constante evita mal-entendidos, evidenciando a competência interpessoal e a verbal lingüística nas relações.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 coloca que o técnico é o eixo central nessa relação, é quem permite ao marketing a atuação dentro da equipe. Para ele, o marketing faz parte da área de conhecimentos específicos nas ciências do esporte. Inferimos que o marketing é considerado como elemento em um sistema esportivo.

Entrevistado 5

Para o entrevistado 5, o marketing deve receber a colaboração do técnico, com entrosamento para que todos saiam beneficiados, sem que o marketing atrapalhe as atividades da comissão técnica. Inferimos daí que o marketing é considerado elemento integrante do sistema esportivo, como área de conhecimento nas ciências do esporte, e deve atuar com delimitação de ações, na medida em que deve otimizar o sistema e não prejudicá-lo. Para o entrevistado 5, o marketing tem seu rendimento fora do campo, na medida em que agrega recursos, promove a imagem da equipe e divulga o sistema, em harmonia com o desempenho da equipe. Inferimos que são fatores interdependentes, o bom desempenho esportivo leva à maior divulgação da imagem. O entrevistado considera que o técnico deve ter um bom entrosamento com o marketing. Inferimos que nesta relação o técnico usa de sua competência interpessoal.

Entrevistado 6

O entrevistado 6 aponta que devem viver pacificamente, pela importância que o marketing tem na vida do esportista, já que promove a visibilidade de sua imagem, que é a propaganda do seu trabalho. Inferimos que a competência interpessoal é relevante nesta relação, e que o entrevistado 6 considera o marketing um elemento do sistema esportivo. Para o entrevistado 6, na relação deve haver convivência pacífica. Inferimos que os integrantes do sistema marketing esportivo devem passar por formação em área de conhecimento do fenômeno esporte, pois, segundo o entrevistado 6, o marketing faz propaganda do trabalho e tem importância na vida do esportista.

Entrevistado 7

O entrevistado 7 aponta que a relação muitas vezes é complicada se o técnico focar somente o desempenho da equipe. Para ele, tem que haver interação com todos os elementos do sistema esportivo, comissão técnica e atletas. Deve haver harmonia entre os objetivos do marketing e os da equipe, e as formas de execução do processo de treinamento. Inferimos que o marketing necessita de conhecimentos na área de Esporte, a fim de conhecer o fenômeno, entender o contexto de competição e treinamento, saber o que as pessoas fazem ali, tanto os técnicos, como os atletas, com a finalidade de conduzir objetivos para o mesmo referencial.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 diz que a relação é fundamental. Afirma que o marketing trabalha paralelo à equipe, e considera normal haver confrontos. Inferimos que na relação, fica evidente o uso das competências interpessoais. O entrevistado coloca que as atividades promovidas pelo marketing devem acontecer em sintonia, de forma programada, um não vive sem o outro. Para ele, o mundo esportivo nos dias de hoje tem relação intensa com o sistema do marketing esportivo. Inferimos que os membros que participam do marketing esportivo devem passar por formação em Esporte, pois assim podem entender da adequação de sua programação específica em sintonia com a programação da equipe, e assim evitar confrontos, como coloca o entrevistado 8.

3.5.2.13.3 Análise inferencial coletiva

O técnico deve integrar o Marketing esportivo ao treinamento esportivo e o Marketing entender o contexto do Esporte. Os relacionamentos do marketing esportivo com os elementos do fenômeno Esporte, tendo o técnico esportivo inserido neste ambiente, ainda se mostram um tanto incipientes. As estratégias de atuação dos profissionais da área de marketing esportivo e a sua importância para o Esporte ainda não estão claras para os envolvidos, e isto faz com que esse relacionamento ainda não esteja organizado de tal forma que o marketing esteja integrado ao fenômeno Esporte e seus elementos, em oposição à situação em que essa área de conhecimento traz seus fundamentos de um outro contexto, que não o esportivo, e simplesmente aplique suas técnicas. Fica evidenciado através das colocações dos entrevistados, que o marketing tem seus objetivos próprios, como também tem os técnicos com os atletas. No entanto, a relação deve ser pautada na colaboração, no entendimento das atividades de divulgação da marca patrocinadora da equipe, das intenções de aumentar a visibilidade da modalidade e também da equipe, pois isso é que sustenta a estrutura do esporte profissional. Como colocam os entrevistados 5 e 7, muitas vezes o técnico deve ceder seu espaço para eventos em que a marca do patrocinador é exposta, pois o essa dinâmica permite que o esporte profissional aconteça, porém sem que isso prejudique o desempenho da equipe. Como citou entrevistado 8, “um não vive sem o outro”, ou seja, a relação deve ser de sinergia.

3.5.2.14 Nos jogos coletivos, o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional nos últimos anos. Na sua opinião, a que se deve?

3.5.2.14.1 Descrição Analítica Individual

Entrevistado 1	<p>O entrevistado diz que o Brasil poderia ter conseguido melhores resultados do que conseguiu em virtude da grande população que tem, pois considera que os países que apresentaram os melhores desempenhos são os mais populosos. Diz que ficou atrás de países menores em termos de população. Afirma que existe no país um grande trabalho pela frente, e para isso deve se aguardar a política nacional do esporte. Afirma que deve haver uma massificação para dela tirar a melhor qualidade.</p>
Entrevistado 2	<p>O entrevistado considera que esses resultados se devem à atuação dos membros que fazem parte das comissões técnicas das modalidades, e diz que essas pessoas têm a capacidade de elevar a auto-estima do atleta, colocá-lo para jogar em condições de igualdade com outras seleções. Justifica essa afirmação em virtude da condição de treinamento existente no país, em posição inferior a outros países, segundo o entrevistado. Diz que as principais funções da comissão técnica para obtenção desses resultados estão levantar o moral e auto-estima do atleta e dar condições a ele para que desenvolva um bom trabalho.</p>
Entrevistado 3	<p>Diz que existem fatores diversos, gerais e específicos que indicam a conquista desses resultados e que funcionam de diferentes formas para as modalidades. Afirma que a estrutura administrativa e estrutura prática de algumas modalidades significam resultados melhores ou piores. Em outras, e cita como exemplo o futsal e o futebol, o que indica esses resultados está ligado a fatores como número de praticantes, tradição, clubes e entidades da modalidade, e afirma que o grande número de praticantes permite que se tire dali um grande número de atletas. Porém coloca que, essas modalidades são bastante desorganizadas, e seus dirigentes estão constantemente envolvidos em casos de corrupção. Acredita que o basquetebol teve grandes momentos em virtude da sua organização e que devido a problemas como vaidades pessoais, foi pelo mesmo caminho do futebol. Considera, citando o exemplo do basquetebol feminino, que com pequeno número de clubes e praticantes consegue resultados expressivos em âmbito internacional, que se “tira leite de pedra”. Aponta como exemplo bem sucedido de administração esportiva do voleibol. Através da atuação de um dirigente específico, que aplicou medidas antipáticas na época, conseguiu montar uma estrutura a partir da década de setenta e a bem sucedida estrutura perdura até hoje, com expressivos resultados internacionais já há vários anos. Relata que, a respeito do handebol, o Brasil tem o maior número de praticantes em idade escolar no mundo, porém não consegue traduzir essa massificação em resultados devido à falta de clubes e entidades que cuidem da modalidade, bem como da necessidade de apoio financeiro à confederação de Handebol. Afirma que a modalidade está em uma fase de transição, pela nova condição de estrutura financeira, com o surgimento de verbas para a confederação. Coloca que a modalidade conquistou resultados internacionais sem ajuda financeira e pondera se os resultados serão atingidos com a ajuda financeira, que é a transição atual, com atuações da administração da modalidade pelas instituições e se o apoio financeiro será utilizado para o esporte profissional.</p>
Entrevistado 4	<p>O entrevistado afirma que as modalidades obtêm resultados através do planejamento e da organização. Cita o exemplo dos resultados atingidos pelo voleibol e da atuação de sua confederação no planejamento e organização da modalidade. Afirma que as outras modalidades deviam seguir este exemplo.</p>
Entrevistado 5	<p>Afirma que os bons resultados são somente do futebol e do voleibol. Cita o exemplo do voleibol, que segundo o entrevistado é modalidade profissionalizada e bem estruturada há mais de vinte anos, existe trabalho</p>

de planejamento, estruturação, massificação. Afirma que no voleibol e no futebol cada vez mais as equipes se preparam bem. Nessas modalidades, segundo o entrevistado, existe a massificação, a formação de jovens, intercâmbio internacional, patrocínios, transmissão dos jogos pela televisão, existem bons técnicos que formam bem os jogadores e em virtude disso acontecem os bons resultados em competições internacionais no esporte profissional, como Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, aponta o entrevistado 5. Relata que o basquetebol já teve sua fase áurea, porém hoje não apresenta os mesmos resultados e não passa por um bom momento, pois há poucas pessoas jogando basquetebol e pouco investimento, segundo o entrevistado 5.

Entrevistado 6

O entrevistado 6 afirma que é o jeito brasileiro de ser. Afirma que os jogos coletivos não são linhas retas, sendo que é necessário que se use ali a improvisação, a criatividade. E o “jeitinho brasileiro”, segundo o entrevistado 6, é muito bons nessas coisas, embora considere que é ruim em outras, e cita aqui a situação da aplicação de leis. Acredita que nos jogos coletivos a estratégia de burlar, com o significado de fintar, é o que funciona. Exemplifica dizendo que no futebol acontece a situação de burlar a atenção do adversário e do seu esquema, no voleibol de burlar o bloqueio, no basquetebol de burlar a marcação. Transfere as situações do jogo coletivo dizendo que também no cotidiano o brasileiro burla suas dificuldades e acredita que isso o ajuda no esporte coletivo. Pondera dizendo que gostaria que isso fosse uma coisa positiva e não negativa, como sabe que é.

Entrevistado 7

O entrevistado começa falando do voleibol e aponta o trabalho como principal fator para o alcance de resultados. Diz que o investimento em categorias de base, renovação constante de atletas, investimento na estrutura de trabalho, grande quantidade de pessoas praticando a modalidade, tudo isso melhorou muito em relação ao passado. Afirma que não só o futebol cresceu no Brasil, mas também o handebol, que teve as equipes masculina e feminina participando dos Jogos Olímpicos. Cita também o exemplo do basquetebol, que, neste instante, segundo o entrevistado, não passa por um bom momento. Porém o masculino tem atletas na NBA, e acredita que resultados futuros estão por vir. Cita novamente o voleibol, que começou o processo de profissionalização anterior aos outros, na década de setenta, através da atuação de um dirigente específico da Confederação Brasileira de Voleibol. Cita a importância do investimento deste dirigente na continuidade das comissões técnicas das seleções nacionais, e nas gerações de base até dezessete anos, para participação em campeonatos mundiais. Relata que três gerações de atletas do voleibol masculino que conseguiram resultados internacionais expressivos são frutos desse trabalho, em um ciclo de vinte e cinco anos. Considera que em virtude dos resultados não se deve ter uma postura de acreditar que a equipe seja imbatível, deve-se investir no trabalho com o objetivo de resolver problemas que surgem. Afirma que ainda há muito por ser feito e que o grande “coringa” do Brasil não é o esporte coletivo, mas essencialmente a sua coletividade. Diz que existem atletas de outras modalidades que chegaram em finais olímpicas e que há um crescimento geral e consistente no esporte nacional embora acredite que falta muita coisa.

Entrevistado 8

O entrevistado credita esses resultados, em primeiro lugar, a pessoas, que considera heróis, que trabalharam e trabalham sem estrutura adequada, e continuam preparando atletas para o esporte profissional. Em segundo momento, falando do voleibol, cita a estrutura planejada desde 1975 através da Confederação Brasileira de Voleibol, com uma seleção masculina juvenil permanente. Considera como aquele momento como marco do processo com a revelação de talentos, o que gerou criação de condições de treinamento, associado ao referencial do exterior gerado pela oportunidade de intercâmbio internacional de técnicos, que puderam realizar, quando voltaram ao Brasil, trabalho “de ponta”, que continua a ser desenvolvido até os dias de hoje. Lembra da fala inicial, que tudo isso aconteceu na modalidade voleibol com pessoas que conjugavam, além da participação na modalidade, as atividades de trabalho e estudo. Diz que essas pessoas se dedicaram ao voleibol e puderam transmitir a gerações futuras o que era gostar do esporte, ser jogador, ter talento e aproveitar o talento para o bem comum.

3.5.2.14.2 Análise Inferencial Individual**Entrevistado 1**

O entrevistado 1 afirma que o Brasil poderia ter conseguido ter melhores resultados, em virtude de uma possível massificação do esporte e daí se tirar a qualidade dos praticantes. Para o entrevistado 1, o processo de melhoria de desempenho do esporte nacional deve ser focado na massificação esportiva, e corrobora sua fala com o aguardo de política nacional que dê conta disso.

Entrevistado 2

Para o entrevistado 2 os resultados das modalidades coletivas se devem à atuação dos membros

das comissões técnicas das modalidades, pois para ele os integrantes das comissões elevam a auto-estima do atleta, o que os leva a jogar em condições de igualdade com outras equipes que vêm de países com estruturas mais consistentes. É possível inferir daí que para o entrevistado 2, os resultados se devem à atuação das comissões e sua maneira de trabalhar, seja com procedimentos ou atitudes em treinamento, bem como à assimilação desses procedimentos por parte dos atletas.

Entrevistado 3

Para o entrevistado 3, a estrutura administrativa das modalidades, em que instituições esportivas como federações ou confederações administram o esporte, são as responsáveis pelos resultados das modalidades. Em exemplos que coloca, as instituições que tem em seu quadro exemplos de corrupção, conflitos internos por vaidades pessoais, tem seus resultados comprometidos, embora tenham um grande número de praticantes da modalidade, o que pode determinar bons resultados. É possível inferir que, para o entrevistado 3, o que determina o alcance de bons resultados da modalidade são as atitudes administrativas provocadas pela visão do administrador, em longo prazo, das estratégias de organização de que se utiliza para massificar a modalidade, agregar patrocinadores e alcançar resultados internacionais, caso específico que o entrevistado 3 traz em sua fala.

Entrevistado 4

O entrevistado 4 coloca que esse resultados conseguidos são frutos de planejamento e organização; traz o exemplo do voleibol e a atuação específica de sua confederação no planejamento e organização da modalidade. É possível inferir que a organização da modalidade deve ter em seu raio de ação o contexto da modalidade, e não somente a organização de campeonatos ou de treinamentos para seleções em disputas internacionais. O entrevistado 4 aponta que o modelo sugerido pela entidade do voleibol dá conta de planejar as ações da modalidade dentro do país, bem como organizá-la.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 aponta o exemplo do voleibol, a massificação provocada por planejamento de estratégias e construção de estrutura da modalidade. Entre os elementos presentes nas estruturas das modalidades, e que o entrevistado coloca como determinantes para o alcance de resultados, indica: as modalidades que alcançam sucesso em competições internacionais se preparam bem, tem intercâmbio internacional, os jovens são treinados e disputam competições internacionais; são estruturas que têm patrocínios, há a transmissão de jogos pela televisão, e bons técnicos que formam bem os jogadores. É possível inferir que outros elementos, além da massificação para que surjam atletas de qualidade, são significativos para que se alcance resultados internacionais com a modalidade, e o entrevistado aponta a formação de um contexto profissional de esporte, em que existe uma rede de fatores que se interdependem e que dão a possibilidade da prática, da profissionalização, da sustentação da estrutura, da visibilidade da modalidade e do patrocinador, da formação continuada de profissionais, de sua atuação junto a jovens que se prepara para futuros desempenhos, garantindo a longevidade da modalidade.

Entrevistado 6

O entrevistado afirma que o alcance de bons resultados em modalidades coletivas se deve ao jeito brasileiro de ser, pois o brasileiro está adaptado a enfrentar situações que exigem improvisação. Coloca que os jogos coletivos não são “linhas retas”, ou seja, tem em seu padrão o elemento imprevisibilidade, o que gera estratégias como o ato de fingir, enganar o adversário. O entrevistado faz uma analogia com o cotidiano do brasileiro, que para o entrevistado 6, vivencia isso constantemente. É possível inferir que, para o entrevistado 6, o motivo de se conseguir os bons resultados estão na adaptação do brasileiro e sua facilidade de interagir no contexto das modalidades coletivas, por vivenciar a imprevisibilidade, aleatoriedade, senso de jogo de equipe, de necessidade de cooperação em seu cotidiano, bem como da inteligência e manifestação de competências de tratar com essas situações.

Entrevistado 7

A respeito dos resultados conseguidos pelas modalidades coletivas, o entrevistado 7 aponta o exemplo do voleibol e o trabalho que há nele. Entre as estratégias para alcançar tais resultados, indica o investimento em categoria de base e no trabalho, renovação constante, grande quantidade de pessoas praticando, a profissionalização, o investimento na continuidade das comissões técnicas das seleções nacionais, como também o investimento nas gerações de base

até dezessete anos. É possível inferir que os elementos determinantes para o sucesso, na visão do entrevistado 7, se dirigem: às estratégias administrativas da confederação, na massificação, na atuação de técnicos capacitados, no aumento do número de atletas com nível de desempenho para participar de seleção nacional, no processo de treinamento esportivo específico para a modalidade, na preparação de jovens, na profissionalização dos participantes do contexto da modalidade.

Entrevistado 8

O entrevistado 8 confere esses resultados a diversos fatores, entre eles ao fato de que existem pessoas que trabalham sem estrutura adequada e continuam preparando atletas para o esporte profissional. Em outro momento, traz como exemplo, o voleibol, que na década de setenta organizou uma seleção masculina permanente juvenil, o que provocou condições de treinamento, intercâmbio internacional de técnicos. Este contexto gerou trabalho de ponta, que é desenvolvido até hoje. Considera que este contexto era composto por pessoas que gostavam do esporte e podem transmitir até hoje para os novos praticantes esses posicionamentos. É possível inferir que o entrevistado 8 considera de relevância a estrutura administrativa e suas estratégias de planejamento, como explica no caso do voleibol, porém considera de relevância também a aproximação ao trabalho por pessoas que estejam ligadas afetivamente pelo que fazem. Não basta o profissionalismo, a estrutura administrativa bem organizada, se não se gosta do que faz. O entrevistado considera importante também que essas pessoas passem a outras gerações esses sentimentos e atitudes que geram o sucesso de um processo, como coloca com a rede de relações de causa e efeito que geram os contextos futuros.

3.5.2.14.3 Análise inferencial coletiva

Os resultados alcançados pelas modalidades coletivas são frutos de atitudes e procedimentos construtivos dos agentes viabilizadores do Esporte. Todos os entrevistados concordam que os resultados surgem em uma modalidade ou no contexto esportivo quando a atuação da agente viabilizador do contexto, especialmente o técnico e pedagogo, mais o dirigente, é construtiva e eficiente. Essas atuações aparecem em muitos momentos de forma isolada. Para o entrevistado 2, os resultados se devem à atuação das comissões técnicas, com seus procedimentos e atitudes no treinamento atuações em jogos. Para outros entrevistados, algumas atitudes isoladas de administradores podem determinar sucesso ou fracasso de um processo, como aponta o entrevistado 3. É interessante citar a justificativa do entrevistado 6, que indica que o alcance de bons resultados nos jogos coletivos pelo atleta brasileiro, ou da sua mais específica atuação nestas modalidades esportivas, se deve à facilidade que o brasileiro tem em se adaptar ao imprevisível e encontrar soluções para os desafios que encontra, que já vêm de seu modo de vida cotidiana. Para ele, podemos inferir que o campo de jogo nada mais é do que uma representação do jogo da vida. Os entrevistados 4, 5, 7 e 8 citam o exemplo do voleibol e suas estratégias

de planejamento e organização e visão processual em longo prazo como modelo efetivo de sucesso de organização esportiva. Citam que, entre suas estratégias estiveram focadas na preparação das seleções nacionais e intercâmbio internacional. Em alguns exemplos de estratégias o futebol também pode ser visto como referencial de organização, com estruturas que têm patrocínios e transmissão de jogos pela televisão. Outras estratégias de referência, praticadas pelas modalidades bem sucedidas, são a presença de bons técnicos que formam bem os jogadores, preocupação da renovação constante, investimento em seleções de categorias de base, os jovens são treinados e disputam competições internacionais, existe a massificação, com significativo número de praticantes, o que culmina com o aumento do número de atletas capacitados para participar de seleções nacionais. Também apontam os entrevistados 4, 5, 7 e 8 que nesta estrutura bem sucedida existe um contexto profissional no esporte, na área mercadológica e as relações com o Marketing são eficientes e produtivas. Dentro do campo e da quadra, existem bons técnicos, que passam constantemente pela formação continuada, e as instituições administrativas investem na continuidade das comissões técnicas, caso específico do voleibol.

O entrevistado 8 coloca que o profissionalismo é importante, como também o trabalho de pessoas que tem exemplos de vida na modalidade, e preparam os atletas para o esporte profissional até hoje, transmitindo valores humanos na esfera esportiva, de atitudes adequadas e comportamentos que otimizam o desempenho de gerações futuras de atletas.

É possível inferir que a área de conhecimentos do treinamento, os técnicos esportivos brasileiros têm possibilidade de dominar, as comissões técnicas das seleções nacionais são formadas por profissionais competentes e atualizados. Nós temos a competência pedagógica, inserida no processo. Na visão da cultura esportiva do esporte profissional relativa aos jogos coletivos, é consenso que existe equipe de trabalho, não se aceita mais que no comando de uma equipe esteja somente o técnico, assistente e o preparador físico. É consenso a necessidade de uma comissão técnica multidisciplinar. Para conseguirmos dar consistência a um processo que envolva todas áreas de conhecimento do Esporte,

relativas principalmente ao seu ambiente externo, ou seja, as áreas de Administração e Marketing esportivo, principalmente, as instituições têm um modelo nacional de sucesso de como fazê-lo.

3.6 Síntese da Pesquisa: considerações sobre as análises

Diante das análises realizadas, percebemos os jogos desportivos coletivos como um sistema complexo, em que seus elementos, especificamente o técnico, se comportam e se relacionam de maneira a resolver problemas em que o sistema, na busca da solução, deve ser beneficiado. O técnico esportivo passa a conter, em seu significado para a equipe, um conceito amplo. É o líder que coordena o grupo de atletas e a comissão técnica e operacionaliza, junto a esses grupos, as ações dos elementos externos, como a imprensa, o agente do marketing esportivo e o dirigente. Tê-lo em algum recorte onde está separado e isolado do sistema, do ambiente em que atua, é dissociá-lo de seu poder pedagógico de interferência e dos fundamentos de sua função. Seja no treinamento ou em competição, seus comportamentos, atitudes ou procedimentos provocam ressonância ou algum tipo de resposta nos outros elementos, e em outros sistemas, em processo de adaptação constante. Essas relações têm diversos tipos de conexões, seja com movimentos, linguagem, ou qualquer tipo de comunicação não verbal.

Queremos aqui focar o técnico esportivo posicionado em contexto, podendo ver como se relaciona com outros elementos do sistema, e tiramos assim o foco do sujeito e passamos para as relações.

3.6.1 Entendendo a hipótese

Em cada uma das perguntas realizadas, o conjunto de respostas gerou uma análise inferencial de grupo, que por sua vez gerou uma proposição, síntese das outras análises e inferências individuais. Tratamos agora de compor, através do conjunto dessas proposições, o caminho para refletir sobre a hipótese inicial, em que *a ação pedagógica transcende o método*.

Inicialmente, é preciso entender o significado dessa afirmativa e de seus elementos constituintes, para podermos refletir onde e como a ação pedagógica transcende o método.

Ação, segundo Ferreira (1999), tem significados de agir, atuar, modo de proceder, manifestação de um agente que modifica a realidade. Para Comte-Sponville (2003), na *ação* existe a presença do sujeito, com seu corpo e sua história. Na referência à pedagogia, para compor a expressão *ação pedagógica*, como tratamos em outro momento, tomamos o significado de procedimento que estimula competências e habilidades no sujeito que aprende, sendo que esta ação contém a história de quem ensina, através de seus conhecimentos e capacidades, bem como de seu sistema de crenças e valores.

Transcender, para Ferreira (1999), tem o significado de passar além, exceder. Comte-Sponville (2003) nos fornece o significado de além da experiência possível, em superação do limite. Hegel (1992) apresenta outro significado para a compreensão dessa transcendência, como sintetizado na interpretação de Meneses (2003). Usando o significado que Hegel dá a transcendência, de maneira sintética, significa, aqui, preservar as ações ou níveis primários e avançar em outros níveis dessa ação ou níveis mais avançados do entendimento de algum fenômeno, incluindo os níveis anteriores. Exemplificando, tomemos um atleta de determinada modalidade de jogo desportivo coletivo e que participa de uma equipe. A sua identidade na posição de atleta e membro de uma equipe de competição se apresenta como uma espiral ascendente em que o ponto mais interno é o seu ser pessoal, depois vem a sua família, a sua equipe, a sua comunidade, a sua cidade, o seu estado, o seu país, e assim sucessivamente. Se o indivíduo serve à sua equipe, então serve à família, se serve à sua comunidade, serve à equipe e à família. As ações promovem a inclusão dos níveis que estão abaixo. Transcender a família significa servir o nível acima, ou seja, a equipe, e também a família e ao próprio sujeito. *Transcender*, então, nos remete a idéia de avançar para cima, ou para frente e validar, preservar o que está antes, considerando-o como elemento integrante do ato de transcender.

O método, segundo Ferreira (1999), é o programa que regula série de operações e direção a um resultado, ou caminho para se atingir um objetivo, ou mesmo processo técnico de ensino. Para Comte-Sponville (2003), é o conjunto, racionalmente ordenado, de regras ou princípios, tendo em vista obter resultados. De maneira mais específica para as intenções específicas de nossos estudos, os métodos de treinamento se constituem em procedimento planejado para alcançar os objetivos de treinamento (BARBANTI,1994), ou coloca-se também que é o conjunto de elementos inerentes à prática do exercício físico, repetida de maneira sistemática e padronizada, que de maneira processual visam o aperfeiçoamento do indivíduo para a prática de determinada modalidade.

Em síntese, entender que a *ação pedagógica transcende o método* significa compreender que o modo de proceder, a manifestação do agente pedagógico, em ambiente de prática esportiva, preserva e inclui inicialmente em seu processo regulador da série de ações que estimulam desempenho nos diversos domínios de competências dos atletas, o método, que é um conjunto ordenado de regras e princípios denominado método, como sintetizado na Figura 2, colocada na seqüência. A partir desta compreensão inicial, este agente, o técnico esportivo, excede, passa além, supera esses limites, através de sua atuação com procedimentos pedagógicos, do estímulo das competências corporais cinestésicas, espaciais, verbais lingüísticas, lógicas, interpessoais e intrapessoais, alcançando e atingindo outros níveis e sistemas, preservando e considerando o nível anterior, ou seja, o método.

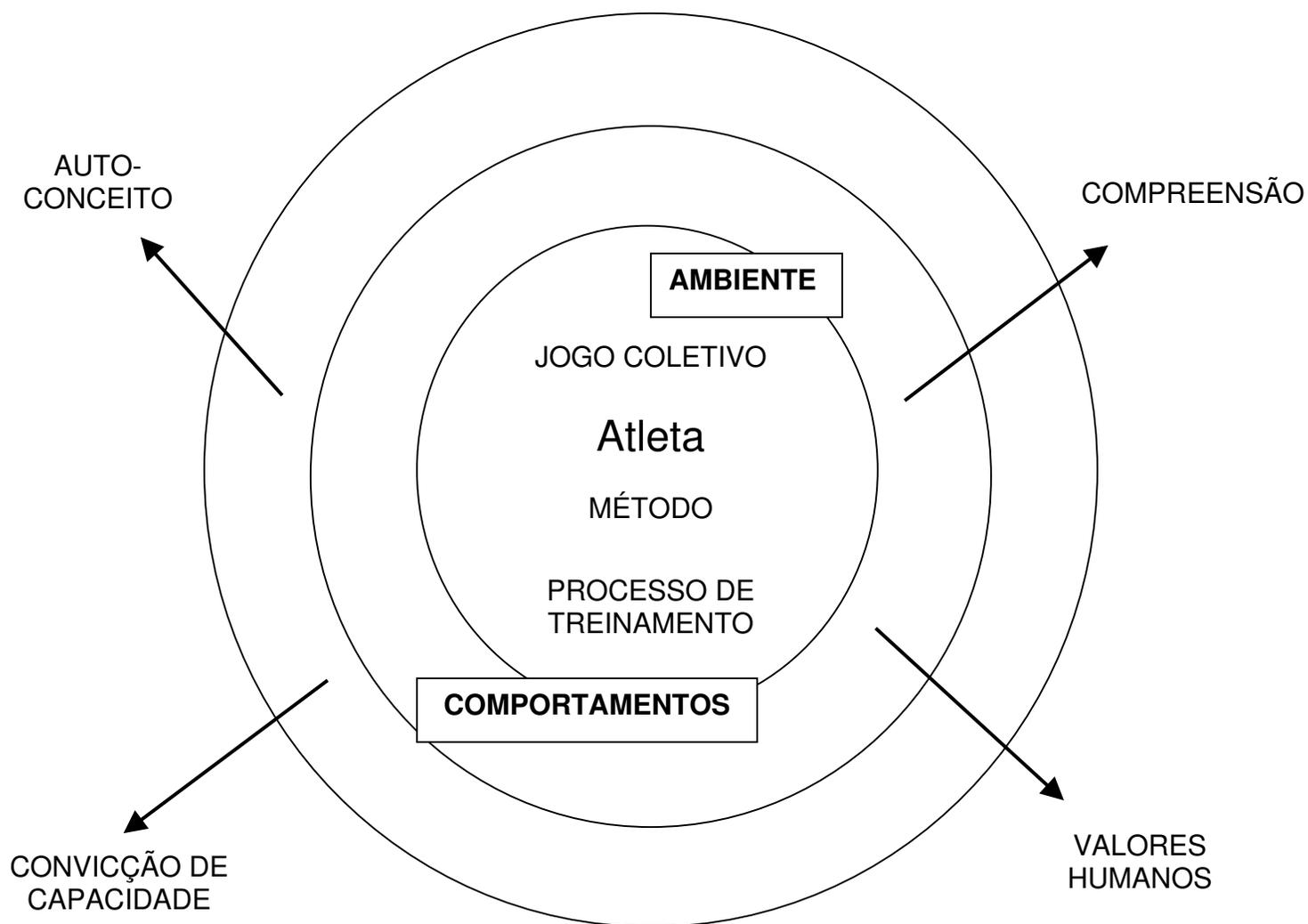


Figura 2 – Figura esquemática de círculos concêntricos que representam a ação pedagógica atuando no processo de treinamento de jogo coletivo, considerando o método e transcendendo sua atuação para outros níveis do atleta ou da equipe.

3.6.2 As proposições fundamentam a tese

Então, como especificamente a ação pedagógica transcende o método?

Inicialmente, a ação pedagógica valida o método, e se representa nesta conexão pelos objetivos do técnico, dos atletas, da equipe, da instituição esportiva, seja clube ou outro tipo de entidade e considera a técnica, a tática, as capacidades físicas. O método tem no planejamento do processo de treinamento a síntese da busca do desempenho ótimo do sistema equipe. Para que isso aconteça, existe um ambiente específico de atividades, otimizado pela estrutura logística, que se refere a locais e material de apoio, bem como todo aparato tecnológico disponível. Estabelece-se um processo de estímulo e desenvolvimento das competências do atleta. É possível afirmar que o método dá conta do ambiente e dos comportamentos observáveis, na dimensão física do atleta, ou seja, da organização do ambiente, em seu nível logístico e da orientação, regulação e estímulos de comportamentos do atleta e da equipe, no que se refere à técnica, à tática, às capacidades físicas. Temos assim que o desenvolvimento das competências dos atletas é um processo, norteado pelo método de treinamento, em seu primeiro nível de compreensão.

Na perspectiva de quem joga, os técnicos entrevistados apontaram as competências necessárias, em sua visão, para o atleta da modalidade. Ficou claro que os atletas devem manifestar múltiplas competências, não bastando apenas a competência física. Foram citadas também competências inter e intrapessoais, que são a base para estabelecer relacionamentos construtivos e produtivos; as relativas à compreensão da lógica do jogo, das ações possíveis e estratégias na tática, em alusão à competência de orientação espacial; competência para as diferentes maneiras de se comunicar, como também valores humanos, de respeito, cooperação, disciplina, respeito, dedicação.

Os técnicos elegem conhecimentos que devem dominar, e que se conectam as competências que colocam como significativas para os atletas. Ou seja, o técnico deve possuir conhecimentos para tratar de maneira adequada, no processo de treinamento, das competências dos atletas. O corpo de conhecimentos que tem base nas teorias e na experiência vivida da modalidade

dá conta das competências corporais cinestésicas, da lógica do jogo e de orientação espacial dos atletas; os conhecimentos da psicologia, da pedagogia, se referem à construção de relacionamentos produtivos, como também a sua competência em tratar dos seus próprios limites e recursos para administrar suas emoções em determinadas situações, como também para gerenciar as questões relativas aos valores humanos.

A ação pedagógica transcende o método na medida em que supre as necessidades de procedimentos elaborados em flexibilidade de atitudes, e entendimento de que as intervenções devem se dirigir a níveis que não são os do físico, ou que um programa de treinamento não prevê, pelo próprio padrão de imprevisibilidade dos jogos desportivos coletivos. Dirige-se à capacidade de compreensão dos problemas, ao sistema de valores dos atletas, em estratégias de tratamento das questões inter e intrapessoais de quem joga, ou mesmo da explicação de situações através de estratégias que envolvem metáforas e que não foram previstas no método de treinamento. Alguns mostram outras estratégias, entre elas o diálogo, dinâmicas de grupo, adequação de estímulos aos recursos internos das competências intrapessoais integrado a exercícios técnicos, desafios em práticas, uso de feed backs, comunicação não verbal.

Neste exercício de transcender, a ação pedagógica pode atingir níveis externos que estão acima do ambiente físico de treinamento e jogos. Os procedimentos com um atleta ou uma equipe podem ter significados para toda a vida daquelas pessoas, como alguns entrevistados apontaram. Alguns aprendizados se refletem para a história de vida do sujeito e pessoas próximas ao seu convívio também participam deste contexto de valores educativos. Nesta perspectiva o Esporte é um fenômeno de múltiplas dimensões e de alcance global. Seu valor educativo está nos aprendizados que as pessoas levam consigo, e no quanto conseguem transformar ambientes em que vivem com os ensinamentos aprendidos nas metáforas da vida que o Esporte compôs. Muitas pessoas passam a imitar seus modelos no esporte em gestos inseridos na prática da modalidade ou mesmo em vestimentas, ou o que é mais importante na visão pedagógica, passam a repetir de seus heróis esportivos as atitudes na vida cotidiana, que revelam

valores humanos em diversos tipos de ações. Cagigal (1981) identifica esse fenômeno como “efeito imitação”.

Fundamentalmente, os discursos do grupo de técnicos e o discurso da academia a respeito do entendimento do Esporte são congruentes. Nesta ótica, os significados, sejam eles de profissionalismo, participação ou educação, se confundem, pois todos tratam com os mesmos elementos constitutivos. O discurso para tratar com eles é o mesmo, embora colocados de maneira diferente. Os valores humanos, a educação, integração, cidadania, são temas comuns nas práticas dos técnicos entrevistados do esporte profissional, e reflete princípios que são essencialmente pedagógicos. Em sua história, cada um dos técnicos carrega consigo esses aprendizados, e percebem a importância de ensinar e conduzir o processo de treinamento nesta ótica. No grupo de técnicos do esporte profissional que participou do estudo, podemos dizer que manifestam uma pedagogia de intenções, pois tem como suporte os temas do esporte que educa, que prepara para a vida, que ensina ao indivíduo valores de cidadão.

O conhecimento científico, através das disciplinas que fazem parte da área de conhecimento das ciências do esporte, integra-se às práticas de treinamento esportivo e provoca a evolução do esporte. Essa integração, em referência às posições dos entrevistados, deve-se em grande parte à aceitação e participação do técnico esportivo na coordenação do grupo de especialistas que participam das comissões técnicas e da habilidade que o técnico tem em administrar as informações recebidas. Essa habilidade, que envolve a liderança da comissão técnica pelo técnico, é pautada em valores que promovem a união e harmonia do grupo de trabalho e a busca pelo desempenho máximo da equipe. Através desta perspectiva, o técnico é o agente que estimula o desempenho máximo do atleta, de maneira direta ou indireta. De maneira mais avançada, é o líder e coordenador do processo que busca esse desempenho máximo. Os estímulos são voltados para as múltiplas competências dos atletas, e, neste processo, a condição de imprevisibilidade do ambiente de jogos desportivos coletivos, e das próprias situações que não se repetem nas situações de jogo, exige do técnico a posse de conhecimentos para tratar dos fenômenos possíveis de acontecer em jogo ou

treinamento. Esse conhecimento deve ser plural, como aponta o estudo, por tratar o atleta em suas dimensões diversas.

Elementos do ambiente externo dos jogos desportivos coletivos também inferem no processo de treinamento, e o grupo de entrevistados demonstrou que o técnico esportivo participa ativamente ao viabilizar a atuação adequada desses elementos. O dirigente, o agente da imprensa e o agente do marketing esportivo, embora não sejam do contexto específico do jogo, têm significativa presença no contexto, pois suas ações têm reflexos intensos no ambiente de treinamento. O técnico esportivo, segundo podemos inferir diante das análises, necessita de habilidades em manifestar as competências interpessoais, lingüísticas e da lógica de pensamento para criar ambiente adequado com esses elementos externos, que olham o resultado *do jogo*, ou seja, ambiente e comportamentos, e não para o processo de treinamento, do foco do desenvolvimento das competências e de outros aspectos de *quem joga*. É possível inferir que esse foco restrito se deve ao fato de os elementos participantes deste ambiente não terem em seus procedimentos objetivos fundamentados na visão pedagógica, portanto não compreendem que a ação pedagógica tem amplitude que se dirige além da dimensão física e avança para os estímulos de competência, sistema de valores e crenças de capacidade do atleta, bem como para seu nível de identidade, do autoconceito e do retorno de múltiplos significados que esses atletas dão para a comunidade em que estão inseridos.

Ficou muito evidente nas colocações dos entrevistados, que eles se norteiam em suas relações com os diversos elementos que participam do sistema a que pertencem pela base em valores humanos, para que essas relações sejam produtivas. Elas estão presentes nas relações com: atletas, comissão técnica, dirigentes, agentes da imprensa e do marketing esportivo. É possível inferir que este é um ponto significativo no sucesso dos relacionamentos que estabelecem com esses elementos, e também da sua aceitação como líder e coordenador de um processo que busca desempenho máximo dos atletas e de uma equipe. Podemos imaginar que pelo próprio conceito de adaptação, que sugere na seqüência de esforços que provocam adaptações rumo ao desempenho máximo,

algum referencial em nível mais elevado que o nível anterior da resposta anteriormente adaptada. É de conhecimento geral que o treinamento promove “vida de sacrifícios”, como diz o entrevistado 2, e “tem um preço a ser pago”, como diz o entrevistado 6. Podemos concluir que o grupo de entrevistados manifesta uma habilidade muito grande em convencer essas pessoas, com suas estratégias, feed backs, exercícios, jogos, tarefas, diálogos, metáforas, feed backs, ou mais sinteticamente, com sua ação pedagógica, que estão no caminho de alcançar os objetivos que se propuseram a atingir.

Tendo a visão do processo em sua mais ampla forma, na perspectiva longitudinal, em intersecção com a análise de processo aplicado de treinamento, os resultados alcançados pelas modalidades coletivas do Brasil em competições internacionais ou mesmo na formação de um contexto nacional se dirigem a alguns tipos de compreensão. Foram indicadas causas pontuais como a atuação das comissões técnicas como o agente promotor do desempenho das equipes, que é a análise transversal. Em outra observação valida-se o processo de longo prazo que se estabeleceu para que os técnicos esportivos da modalidade tivessem evolução em conhecimento e atuação, traçando rumos para os processos de treinamento e competição da modalidade, em visão longitudinal. Temos a partir dessa ótica, o processo que é de longo prazo e o que é de atuação em curto prazo. Em ambos os casos, a evidência é a competência do técnico esportivo brasileiro. Em um outro viés de análise, a atuação dos elementos externos ao ambiente, mais especificamente os dirigentes, também se mostra relevante. Em análise pontual, os dirigentes também podem transformar, com seus procedimentos que visam resultados em longo prazo, como foi o caso do voleibol, citado por vários entrevistados. O que há de se notar é a somatória de procedimentos que foram tomados, envolvendo a promoção e facilitação de condições de realização do processo de treinamento para os atletas, a formação, atualização e valorização dos técnicos, a criação de um contexto favorável de integração do marketing à modalidade, e o investimento na profissionalização da modalidade.

Em síntese, agir pedagogicamente é estabelecer relações com os diversos elementos do sistema em diferentes níveis de relacionamento. Significa:

- Ter como eixo a proposição de que o esporte educa;
- Ter em conta o caráter de preparação para a vida que o Esporte possui, e aproximar as situações vividas em ambiente da prática esportiva para a vida de cidadão;
- Coordenar todo o grupo de atletas e comissão técnica;
- Ser o líder sistêmico, pautado em exemplos congruentes, no conhecimento da modalidade e de seus aspectos técnicos, táticos e físicos, bem como na autoridade sem autoritarismo;
- Integrar as ações dos elementos externos, casos específicos do agente de marketing esportivo, agente de imprensa e os dirigentes esportivos institucionais ao trabalho da equipe de treinamento, em atitude de base funcional;
- Estimular e desafiar o atleta, na busca de seu desempenho máximo;
- Considerar o atleta em sua dimensão plural, sendo ele uno, ou seja, é o mesmo indivíduo que participa das práticas dirigidas por diferentes especialistas;
- Comprometer-se com o trabalho, ter conhecimento e informações das ocorrências nas diversas áreas de conhecimento aplicado ao treinamento;
- Incorporar as várias áreas das ciências do esporte presentes no processo de treinamento, e integrar as informações geradas nessas áreas às práticas de treinamento, ou seja, praticar a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade;
- Promover e trabalhar com estratégias construídas tendo como base as múltiplas competências potenciais dos atletas;
- Estimular nos atletas o desenvolvimento e manifestação das múltiplas competências através de suas estratégias pedagógicas,

- ao invés de simplesmente exigir o cumprimento de tarefas propostas e referenciadas em modelos rígidos de execução;
- Estimular nos atletas o estabelecimento de sistema de crenças e de valores humanos formadores do auto-conceito do atleta, tendo em si um modelo construtivo de auto-realização;
 - Ter como base os valores humanos ao relacionar-se com os atletas;
 - Desenvolver, ele, o técnico esportivo, suas múltiplas competências;
 - Considerar que o desenvolvimento das competências nos atletas é um processo, pautado na fundamentação científica da metodologia do treinamento.

Por fim, como segue na Figura 3, a ação pedagógica considera o método, fruto de ações previstas no processo de treinamento, que busca conduzir o atleta ou a equipe ao desempenho desejado. Esse processo é alimentado pelos conhecimentos das ciências do esporte. Ao seu final uma série de novos problemas surge, e do processo de reflexão e busca de novas soluções, novos conhecimentos são produzidos e reiniciam o ciclo de evolução das ciências do esporte, e conseqüentemente do fenômeno Esporte. Na execução do processo de treinamento, está o seu agente, o técnico esportivo, em ação conjunta com especialistas. A partir de suas competências, que se integram às necessidades e possibilidades do ambiente e de seus elementos constitutivos, o técnico busca estimular as competências dos atletas ou da equipe, a partir do desempenho atual na direção do desempenho desejado. Para isso, utiliza estratégias diversas referentes ao método, e nas dimensões plurais do ser integral, traz no bojo de suas capacidades as competências que se integram às necessidades e competências dos atletas e da equipe, ou dos elementos participantes do sistema, seja ele referente aos sistemas internos do sujeito, na sua dimensão plural, ou referentes aos sistemas externos, em direção a comunidades maiores, transcendendo o método.



Figura 3 - Figura esquemática que representa a dialética do treinamento esportivo. As ciências do esporte dão suporte para o processo de otimização do desempenho, através da ação pedagógica do técnico esportivo, que considera e transcende o método, com o foco das ações nos sistemas internos do atleta ou nos sistemas externos do atleta e da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jogos desportivos coletivos constituem-se em ambiente repleto de possibilidades de desenvolvimento, sob vários aspectos. Nosso estudo se deu no ambiente do esporte profissional, com o foco nos seus aspectos pedagógicos. Procuramos tratar aqui de várias dimensões presentes em sua prática, desde os aspectos do físico, com princípios e indicativos para a construção do método de treinamento, como também outras dimensões que são determinantes para alcançar objetivos no contexto esportivo.

Vários técnicos brasileiros têm seus nomes ligados ao conceito de desempenho máximo, na medida em que alcançaram resultados em competições internacionais e tiveram sucesso no processo de treinamento com seus respectivos grupos. Grandes resultados não acontecem por acaso. Conhecer competências e habilidades que regem a concepção e condução do processo, com base nos relacionamentos estabelecidos no ambiente esportivo, foi um dos propósitos deste estudo.

Fica evidente que a atuação do agente transformador, o técnico esportivo, torna-se fundamental na interface do sistema esportivo formado nos JDC. A evolução do Esporte provocou a necessidade de contar com os conhecimentos das ciências do esporte a fim de permitir o incremento de práticas, elaboração de novos procedimentos que premiam o desenvolvimento e outras dimensões do atleta, além da dimensão física. Não bastam simplesmente a vivência na modalidade, a paixão, motivação e os bons propósitos para compor um processo de treinamento. O conhecimento e a visão que se apresentam exigem do técnico esportivo um empenho em se integrar à complexidade das informações, o conhecimento dos modelos de mundo, que não somente o seu, e o entendimento de que o sistema jogo esportivo coletivo, embora tenha seus possíveis previsíveis, contém em sua essência a instabilidade e a imprevisibilidade.

Das entrevistas realizadas com os técnicos esportivos, sujeitos da pesquisa, foram geradas proposições indicadoras de um conjunto de competências que dão suporte aos seus procedimentos pedagógicos em treinamento. Da mesma maneira que, diante do conhecimento de alguns de seus princípios que regem suas práticas, pudemos ter a visão de que o tratamento dado

ao ambiente de treinamento consolida a abordagem educativa do esporte, em seu âmbito profissional. Nesta ótica, incrementar as capacidades físicas, técnicas e táticas significa um estágio do desempenho, sendo que outros também são considerados. Exige uma outra abordagem e atuação do técnico esportivo, que oriente o desenvolvimento do amplo potencial de competências do atleta. O desempenho já não é mais somente para satisfazer as exigências do jogo, pois disso a visão fragmentada e racional do treinamento dá o tratamento adequado. Estamos na transição para a abordagem que considera a complexidade dos elementos intervenientes no sistema esportivo, da instabilidade de suas ocorrências e da consideração dos diferentes modelos de compreensão e percepção dos fenômenos referentes ao Esporte.

Fundamentos para um paradigma da Pedagogia do Treinamento

Estabelecer paradigmas pode significar somar aprendizados referenciados nos que já existem e trazer aspectos evolutivos para a formação de um outro paradigma que o contexto atual exige. Desconhecemos estudos que tratam especificamente do tema, entendendo também que o próprio conceito de pedagogia do esporte esteve por muito tempo ligado à fundamentação de práticas com foco nos exercícios, jogos, em comportamentos observáveis em processos de iniciação e especialização esportiva, principalmente. Diante das evidências observadas no estudo com o grupo de entrevistados, o conceito de pedagogia do esporte se amplia e necessita ser fundamentado por um corpo de conhecimentos que dê suporte às exigências que o processo de treinamento esportivo solicita através das relações existentes neste sistema, especialmente entre o atleta e o agente transformador, que é o técnico esportivo, e também os demais elementos integrantes.

Voltamos ainda à tese aqui apresentada, de que *a ação pedagógica transcende o método*. É de se considerar que o método trata com as variáveis que são fragmentadas, em recorte de um contexto ainda maior. Esse contexto exhibe grande número de fatores e variáveis intervenientes no desempenho do atleta, em diversidade de dimensões, e que não podem ser medidas, porém não devem ser

desconsideradas. Temos conhecimento do grande número de fatores e variáveis. Muitas são conhecidas, do padrão possível previsível. No entanto, a ordem de sua ocorrência, a intensidade em que ocorrem, que tipo de evento está por vir, a seqüência da ocorrência de fatos, desenham um quadro que torna o ambiente de treinamento complexo, instável e imprevisível. Transcender o método significa também tratar com a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade do esporte.

A ação pedagógica e sua transcendência podem ser consideradas desde que se tenha a visão do atleta como ser integral, em suas múltiplas dimensões. A atitude do técnico, quando tem como referência a redução do atleta ao ser biológico, torna o processo de treinamento previsível e seqüencial. Nesta perspectiva, faltam estratégias para tratar com a dimensão do desempenho total do atleta.

No espaço existente entre simplicidade, estabilidade, objetividade e complexidade, instabilidade, intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2002) é que a Pedagogia do Esporte avança em sua capacidade de atuação no Esporte, dando-lhe significado educativo, nas suas diversas dimensões.

Traçando o quadro de evolução que a Pedagogia do Esporte monta paralelamente à evolução do fenômeno esportivo, tinha-se o pressuposto da simplicidade, identificado pela análise, redução e fragmentação dos fenômenos esportivos, a separação dos gestos para entender habilidades motoras específicas, e a busca por relações lineares de causa e efeito, gerando intervenções pontuais, isolando-as de outras ocorrências no treinamento ou jogo.

O pressuposto da estabilidade se representa pela previsibilidade dos fenômenos, que permitiria ter a ilusão de controle dos eventos. Segue também com o fundamento de que o resultado de operações pode ser determinado pela aplicação de leis e regras. É o técnico que controla o contexto, o desempenho do atleta é predeterminado, bem como a idéia de que existe uma equipe que é a vencedora do jogo, antes de o jogo acontecer, ou seja, a previsibilidade do vencedor, do “favoritismo”.

O pressuposto da objetividade, em que o observador é dissociado do contexto observado, como em uma situação em que o técnico ignora a leitura que o atleta faz da situação ou imagina que o seu modelo de percepção das situações todos que pertencem ao ambiente possuem também, que sua comunicação reflete a realidade.

Ao considerar que a ação pedagógica transcende o método, entendemos que um novo paradigma se forma, e se torna significativa a posição de agente transformador do técnico esportivo, a sua participação no desempenho do atleta, e não somente no método aplicado. O técnico esportivo compõe o desempenho do atleta na medida em que sua ação pedagógica considera os diversos níveis e elementos componentes do Ser Integral, de sua dimensão total.

Os pressupostos componentes do novo paradigma devem ser referenciados na:

- **Complexidade:** relevância do considerável número de variáveis componentes de um sistema, o que nos leva a contextualizar os fenômenos, integrá-los em um ambiente, e reconhecer que os eventos estão sujeitos à ação de diversos fatores, em múltiplas dimensões, seja do físico, mental, emocional, social ou espiritual. Para o técnico esportivo, as informações se completam, todos os fatos são considerados, o que permite a reorganização da prática e consideração de novas estratégias.
- **Instabilidade:** a imprevisibilidade e aleatoriedade são características fundamentais dos jogos desportivos coletivos, em que situações iguais não ocorrem e fogem ao controle, porém respeitam padrão de possíveis previsíveis. A forma final do jogo está sempre por ser atingida. Não há modelo final a ser reproduzido. As dinâmicas de treinamento se integram a essa perspectiva de imprevisibilidade.
- **Intersubjetividade:** os modelos de compreensão da realidade, do contexto, se integram entre os sujeitos e formam o padrão único de uma equipe, em relação à sua participação na resolução

de problemas e construção do processo de treinamento. Exemplificando, na tática, não existe o modelo verdadeiro do técnico e os atletas tomam para si aquele tipo de compreensão. As movimentações de equipe ocorrem através da interação de todos os modelos de entendimento envolvidos, formando o padrão da equipe. Ou mesmo em resolução de problemas individuais, como coloca o entrevistado 7, busca-se “chegar a um denominador comum” para se alcançar soluções, ou que reuniões aconteçam entre atletas e técnicos e entre os membros da comissão técnica, e suas colocações sejam reconhecidas e validadas.

Aprendizados

O esporte alcança significado, ou seu verdadeiro sentido, quando está integralmente inserido no contexto da vida. Esse estudo trouxe-nos a experiência sensível de que os técnicos do esporte profissional tratam de problemas em ambientes esportivos se relacionam com os que são comuns ao cidadão que assiste a seus jogos pela televisão, e permite dar um outro enfoque à visão que se tem do atleta profissional, de seu caráter heróico ou mesmo de ser perfeito. O agente pedagógico, o técnico esportivo necessita dispor de várias competências para tratar com os problemas que ali surgem. Demonstra algumas características relevantes para ter sucesso nos seus projetos.

O que podemos aprender com esses técnicos, que estratégias ou princípios podem dar mais consistência às práticas em treinamento esportivo? É claro que as respostas são muito particulares e individuais. A partir do intenso jogo entre a realização das entrevistas, o contato com os entrevistados, a pesquisa e composição do corpo teórico, muitos aprendizados pessoais e profissionais se desenvolveram neste estudo. O pesquisador se permite neste instante a transferir algumas de suas impressões, e compartilhar tais aprendizados.

Transfiro-me para a primeira pessoa. Com o tempo fui construindo a imagem de um técnico que agregasse todos os conhecimentos necessários ao

exercício de sua função e que tivesse consigo recursos, princípios e a visão que os entrevistados demonstraram possuir. Aprendi com eles que o técnico esportivo:

- ✓ Acredita no poder transformador e evolutivo do processo de treinamento;
- ✓ Têm uma meta a ser atingida, sabe onde quer chegar;
- ✓ Tem estratégias para resolver os problemas, mais do que uma solução definitiva para tudo;
- ✓ Resolve com os atletas e a comissão técnica os problemas que são do grupo. Busca soluções e não culpados;
- ✓ Valoriza o conjunto de informações das várias disciplinas que compõem as ciências do esporte para elaborar estratégias, ou seja, o treinamento é um processo sujeito a adaptações constantes, é flexível;
- ✓ Busca tornar as relações do ambiente de trabalho produtivas e construtivas, investe em relações que têm como resultado a harmonia do grupo de trabalho;
- ✓ Têm como base estrutural de sua prática a premissa de que o Esporte educa;
- ✓ Estimula o desempenho individual para compor a coletividade, ou seja, trabalha com dois focos que aparentemente são antônimos, mas essencialmente são sinérgicos;
- ✓ Os objetivos do técnico, do atleta e do sistema se coadunam;
- ✓ Têm habilidade em se comunicar, em se fazer entender, é eloqüente, explica suas idéias com clareza, e convence as pessoas de que aquilo as levará ao desempenho máximo;
- ✓ Estimula o desenvolvimento do potencial de competências, ao invés de impor e exigir o cumprimento de tarefas;
- ✓ Sabe que o treinamento existe para o atleta e não o atleta para o treinamento;
- ✓ Tem consciência de que é o líder do processo e traça estratégias para que a liderança leve o grupo a atingir resultados desejados;

- ✓ Um dos valores mais considerados em todas as relações que estabelece em seu grupo de trabalho, atletas, membros da comissão técnica e outros é a confiança, em significado de “fiar com”. É tecer o mesmo tecido, estar em sinergia para construir algo juntos, em relação mútua que tem a base de outro valor, o respeito; um reconhece e valida o que o outro faz.

Fica a constatação de que o técnico esportivo do hoje precisa ter um conjunto de competências para dirigir processos de treinamento. Só o conhecimento empírico da modalidade não basta. Esses treinadores de sucesso são pedagogicamente qualificados para tal e demonstram que o treinamento esportivo é um processo de relacionamentos, de gestão de pessoas.

O significado humano e educativo do esporte, que muitos julgaram não existir, torna-se claro e perceptível quando cada elemento que participa de seu contexto avança nas suas capacidades e habilidades, transcendendo o físico, o lógico e o previsível. O papel do treinador ou técnico esportivo foco de nossas investigações atinge a dimensão de influenciar profundamente comportamentos, atitudes, princípios e valores dos atletas, como Bento (1991) afirma. Na linha do tempo que o técnico esportivo percorre, o presente recorre ao passado para reconhecer e enxergar a evolução visionária que novas abordagens trazem para o fenômeno Esporte. Podemos, agora, começar o exercício do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, C. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. 7. ed. Campinas: Papirus, 1998.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Temas de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAITSCH, H. et al. *El deporte a la luz de la ciencia: perspectivas, aspectos, resultados*. Madrid: INEF, 1974.
- BALBINO, H. F. *Basquetebol feminino: a especificidade do treinamento da equipe Nossa Caixa Ponte Preta para o campeonato mundial interclubes de 1993*. 1993. Monografia (Especialização em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- _____. *Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: uma proposta em pedagogia do esporte*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BARBANTI, V. J. *Dicionário da Educação Física e do esporte*. São Paulo: Manole, 1994.
- _____. *Dicionário da Educação Física e do esporte*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATESON, G. *Una unidad sagrada: pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- BAYER, C. *Técnica del balonmano*. Barcelona: Hispano Europea, 1987.
- BENTO, J. O. *Desporto, saúde, vida: em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
- _____. Contexto e perspectivas. In: _____, GARCIA, R.; GRAÇA, A. *Contextos da Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p 19 – 112.
- BOMPA, T. *Periodização: teoria e metodologia do treinamento*. São Paulo: Phorte, 2002.
- BOTA, I.; COLIBABA-EVULET, D. *Jogos desportivos coletivos: teoria e metodologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BROHM, J. M. *Sociologia política del deporte*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- BROUGÉRE, G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CAGIGAL, J. M. *Deporte, pulso de nuestro tiempo*. Madrid: INEF, 1972.
- _____. *Cultura intelectual y cultura física*. Buenos Aires: Kapelusz, 1979.
- CAGIGAL, J. M. *Oh deporte! Anatomia de um gigante*. Valladolid: Miñon, 1981.
- CALLOIS, R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DAMASIO, A. R. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DIETRICH, K. ; DURRWACHTER, G. ; SCHALLER, H-J. *Os grandes jogos: metodologia e prática*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- FERNANDES, J. L. *Futebol: ciência, arte ou... sorte! treinamento para profissionais – alto rendimento: preparação física, técnica, tática e avaliação*. São Paulo: EPU, 1994.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILIN, V. P. *Desporto juvenil: teoria e metodologia*. Londrina: Centro de Informações Desportivas, 1996.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano, 2003.
- GALLAHUE, D. L. *Teaching physical education in elementary schools*. 6th. ed. Philadelphia: Saunders, 1978.
- _____; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte, 2001.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- _____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *Mentes extraordinárias: perfis de quatro pessoas excepcionais e um estudo sobre o extraordinário em cada um de nós*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Inteligências: um conceito reformulado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARDNER, H.; KORNHABER, M. L.; WAKE, W. K. *Inteligências: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

_____. CSIKSZENTMIHALYI, M.; DAMON, W. *Trabalho qualificado: quando a excelência e a ética se encontram*. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos coletivos*. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998. p. 11-25.

_____. O treino da tática e da estratégia nos jogos coletivos. In: _____. (Ed.). *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos*. Lisboa: Universidade do Porto, 2000. 206p. p. 51-61.

GEBARA, A. *História do esporte: novas abordagens*. In: PRONI, M.; LUCENA, R. F. (Orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOMES, A. C. *Treinamento desportivo: estruturação e periodização*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRECO, P. J. *Iniciação esportiva universal*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

GROSSER, M.; BRÜGGEMANN, P.; ZINTL, F. *Alto rendimento deportivo: planificación y desarrollo*. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

GRUPPE, O. *Teoria pedagógica de la educacion física*. Madrid: INEF, 1976.

HAAG, H. *Theoretical foundation of sport science as a scientific discipline: - contribution to a philosophy (meta-theory) os sport science*. Schorndorf: Verlag Karl Holmann, 1994.

HADDAD, C. R. R.; DANIEL, J. F. Aspectos práticos da fisiologia do exercício no basquetebol. In: DE ROSE JR., D.; TRICOLI, V. *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri: Manole, 2005. p. 63-83.

- HAHN, E. *Entrenamiento com niños*. Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HOLMES, J. *Olimpíada – 1936: glória do Reich de Hitler*. Rio de Janeiro: Renes, 1974
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JABUR, M. N. *Reserva atual de adaptação da força explosiva em atletas das categorias de base da Seleção Brasileira de voleibol Feminino em dois macrociclos consecutivos de preparação*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- JACKSON, P.; DELEHANTY, H. *Cestas sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KIRKOV, D. V. *Entrenamiento del basquetbolista*. Buenos Aires: Stadium, 1984.
- KREBS, R. J. et al. *Desenvolvimento humano: uma área emergente da ciência do movimento humano*. Santa Cruz do Sul, 1996
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- LENK, H. Deporte y filosofia. In: BAITSCH, H. et al. *El deporte a la luz de la ciencia: perspectivas, aspectos, resultados*. Madrid: INEF, 1974.
- LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.
- LÓPEZ, J. R. *Deporte y ciencia: teoria de la actividad física*. Barcelona: INDE, 2003.
- LOVISOLO, H. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Ed. da Unimep, 2000. p. 15-24.
- MACEDO, L. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MACHADO, N. J. Sobre a idéia de competência. In: PERRENOUD, P.; THULER, G. (Orgs.). *As competências para ensinar no século XXI*. Porto Alegre: A2002. p. 137-155.
- MARINA, J. A. *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa: Caminho, 1995.

- MARTINELLI, M. *Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos*. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York: Harper and Row, 1970.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. G. *A árvore do conhecimento humano: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.
- MATVEEV, L. P. *Fundamentos del entrenamiento deportivo*. Madrid: Mir, 1980.
- _____. *Treino desportivo: metodologia e planejamento*. Guarulhos: Phorte, 1997.
- MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Educação física e esportes: tendências para o século XXI*. Campinas: Papyrus, 1992. p. 141-158.
- MEIRIEU, P. *Aprender... sim, mas como?* 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MENESES, P. Hegel & a fenomenologia do espírito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MESQUITA, I. *A pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- MONTAGNER, P. C. *A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva*. 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- OTAÑEZ, J. G. A. D. Deporte competitivo e espetáculo deportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES R. (Orgs.). *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2000. p. 25-32.
- PAES, R. R. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Ed. da Unimep, 2000. p. 33–39.

_____. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE, D. et al. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.89-98.

_____, BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE, D.; TRICOLI, V. *Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática*. Barueri: Manole, 2005.

PARLEBAS, P. *Perspectivas para uma Educacion Física moderna*. Andaluçia: Unisport, 1987.

RIZOLA NETO, A. *Uma proposta de preparação para equipes jovens de voleibol feminino*. 2003. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ROSSI, E. L. *A psicobiologia da cura mente-corpo: novos conceitos de hipnose terapêutica*. 2. ed. Campinas: Livro Pleno, 2003.

SANMARTÍN, M. G. *Manual sobre valores en la educación física y el deporte*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003

SCAGLIA, A. J. O futebol que se ensina e o futebol que se aprende. Faculdade de Educação Física. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1999.

_____. O futebol e os jogos/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. Faculdade de Educação Física. Tese de Doutorado. Unicamp, 2003.

TEODORESCU, I. *Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos*. Lisboa: Horizonte, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M.J. G. *Teoria geral do esporte*. São Paulo: IBRASA, 1987.

_____. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, W. W. *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas, Papyrus, 1992. p 125 – 139.

VALQUER, W.; BARROS, T. Preparação física no futebol. In: BARROS, T.; GUERRA, I. *Ciência do futebol*. Barueri: Manole, 2004. p 21-37

VASCONCELOS, M. J. E. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus, 2002.

VERKHOSHANSKI, Y. *Entrenamiento deportivo: planificación y programación*. Barcelona: Martinez Roca, 1992.

_____. *Treinamento desportivo: teoria e metodologia*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINECK, J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

WEINECK, J. *Treinamento ideal*. São Paulo: Manole, 1999.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humanos:
Resolução 196/96 conselho nacional de Saúde.
In: Ministério da Saúde/Fundação Nacional da Saúde.
Informe Epidemiológico do SUS. Suplemento 3, ano V, n.2 abril a junho, 1996.*

Projeto - Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos.

Pesquisadores: Prof. Ms Hermes Ferreira Balbino e Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Eu, _____, RG _____,
residente na cidade _____ Estado _____ no endereço
_____ Bairro _____

tenho pleno conhecimento que as informações colhidas a meu respeito poderão ser utilizadas para investigações referentes a Treinamento Desportivo. Trata-se de pesquisa qualitativa, para elaboração de tese de doutoramento, feita através de entrevistas semi estruturadas para que os pesquisadores possam discorrer sobre o assunto acima declarado. Os procedimentos para a aplicação da pesquisa envolvem:

- i) Participação do sujeito na entrevista, com respostas abertas a perguntas previamente elaboradas.

Considero-me suficientemente informado do tema que envolve a pesquisa. Declaro concordar em dar informações a meu respeito, sabendo que está garantido o esclarecimento do que quer que julgue necessário a respeito e que receberei cópia deste termo. Declaro permitir a divulgação de meu nome como sujeito da pesquisa, na condição de que estará assegurado o sigilo pessoal quanto aos dados obtidos, na omissão da autoria específica das respostas, não sendo associado meu nome de maneira direta às mesmas, bem como a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem penalização e prejuízo.

Assinatura

____/____/____
Data

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação recorrer a:
Prof. Ms. Hermes Ferreira Balbino ou Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Faculdade de Educação Física – Unicamp
Fone (19) 3788 6601
Comitê de Ética em Pesquisa – FCM/Unicamp
Fone (19) 3788 8936

ANEXO B

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevista 1

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil?

Não.

Você acha que isso teve influência em sua formação a respeito de não ter dirigido essas categorias?

Não, eu acho que não tem nada a ver.

Dentro de sua vivência e experiência qual a sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

Eu acho que o esporte é o agente fundamental da educação, porque ele colabora muito na formação do caráter, no burilamento da personalidade, propiciando ao seu praticante algumas virtudes que às vezes ele não consegue ter nem na sua casa e nem na escola, como o respeito, a disciplina, a convivência em grupo, tomada de uma atitude numa fração de segundos, cultivo da liderança, quer dizer, prepara melhor o jovem para enfrentar a vida.

Como você vê a evolução do esporte?

Eu acho que o esporte está experimentando um processo evolutivo muito grande em todo o mundo, justamente por causa desse aspecto educacional e formativo, porque todos aqueles que praticam, muito poucos acabam se transformando em profissional da área, mas uma maciça maioria tem essa vantagem de tirar proveito do esporte sobre o aspecto educacional.

Na sua compreensão o que é ser técnico da sua modalidade?

Todo técnico é aquele que procura fazer com que os seus jogadores produzam o máximo, porque é um esporte de alto rendimento, há a necessidade da busca do aperfeiçoamento, da excelência, e no exercício da profissão ele tem que procurar ter um relacionamento absolutamente autêntico, aspectos motivacionais para que o grupo se incorpore de uma personalidade coletiva, consciente de que é a individualidade que decide, mas sem se esquecer da obrigatoriedade de uma constância coletiva e fazendo com que a energia coletiva possa fazer com que ele individualmente se supere e procure o melhor resultado.

Para você quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Ter os conhecimentos técnicos daquele esporte, seus fundamentos, exercícios educativos, noções claras de pedagogia, didática e acima de tudo a psicologia no relacionamento motivando a todos na busca do objetivo a ser alcançado, criando um companheirismo e a parceria, para que nos desentendimentos a busca da solução seja conseguida com mais facilidade.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

Ele tem que acreditar no trabalho, ele tem que se cuidar dentro e fora da quadra, tem que ser disciplinado, tem que ser respeitoso e tem que se dedicar com uma intensidade total para seu melhor aperfeiçoamento.

Em sua opinião essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Na prática do dia a dia, com a convivência com os companheiros, na obediência ao técnico, na repetição constante dos fundamentos, porque a repetição é a mãe da perfeição, nas avaliações constantes para ter a noção clara do que tem que ser incrementado, do que tem que ser mudado e daquilo que tem que ser mantido.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e atleta?

Deve ser pautada pelo companheirismo, pelo respeito, pela sinceridade, pelo programa de trabalho coletivo visando os mesmos objetivos e acima de tudo uma consciência de que o time está acima de qualquer individualidade porque ele depende de todos para ser beneficiado.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

Eu acho que com a maior transparência, conscientes de um planejamento pré existente, as avaliações na execução desse planejamento, visando sempre o melhor para o grupo.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma Comissão Técnica?

De pessoas competentes, formados na área, com curso superior na área, para que eles possam desenvolver da melhor maneira possível o seu trabalho.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros dessas diferentes áreas de especialidades da Comissão Técnica?

Um relacionamento sempre produtivo, respeitando a autonomia de cada profissional da sua área e elaborando conjuntamente um planejamento visando o melhor rendimento da equipe.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Eu acho que o técnico tem que estar sempre disponível para dar as melhores informações, mais reais, mais concretas, dando uma interpretação bem clara para que a imprensa não desvirtue da interpretação daquilo que foi dito. Que a imprensa possa transmitir com clareza a interpretação do bem estar.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Eu acho que o técnico tem que se envolver juntamente com as empresas do marketing, com as empresas patrocinadoras, porque elas são a razão de ser da estrutura administrativa financeira, mas também respeitando cada uma na sua autonomia de cada área.

Em jogos coletivos o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional nos últimos anos, na sua opinião ao que se deve?

Eu acho que o Brasil poderia conseguir muitos melhores resultados do que tem conseguido. Nós vimos que nas ultimas Olimpíadas os países mais populosos foram os que ficaram com as primeiras colocações, como a Austrália, Japão, China, EUA e o Brasil lamentavelmente com a grande população que tem bem mais longe, bem mais atrás do que países muito menores em termos de população. Mas de qualquer forma eu acho que o Brasil tem um trabalho grande pela frente, tem que se aguardar a Política Nacional do Esporte para que haja realmente uma massificação e dela tirar a melhor qualidade, essa é a nossa expectativa.

Entrevista 2

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até o juvenil?

Sim, das escolinhas, iniciação até as categorias de base que é: mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil.

Dentro de sua vivência e experiência, qual a sua compreensão do fenômeno esporte?

Desde pequeno meus pais me incentivaram a praticar esporte, e isso fez parte do meu cotidiano, no meu dia a dia, a prática de alguma atividade física, como, logicamente, meu primeiro esporte foi a natação, depois foi o futebol, o tênis até eu chegar ao basquetebol, e a partir daí dessa visão sempre esportiva, eu passei, eu sempre fui líder das equipes as quais eu treinei, comecei a ter uma visão bastante ampla e uma mística em relação ao esporte como todo, até me formar em Educação Física.

Como você vê a evolução do esporte?

Eu vejo a evolução do esporte de uma maneira cada vez mais científica, então nós podemos notar que em quase todos os esportes hoje tem uma estatística, pode se avaliar vários tipos de fundamentos. Temos a preocupação total com a parte física do atleta, então, a preparação física cada vez tem um nivelamento quanto à parte técnica e tática. Temos as questões da parte eletrônica, isto é, os computadores, as máquinas de filmar, isso tudo trás subsídios aos treinadores cada vez mais desenvolver um bom trabalho.

Na sua compreensão, o que é ser técnico da sua modalidade?

É muita emoção, é emoção praticamente o tempo todo. Aqui no Brasil nós temos muitas dificuldades em dirigir determinadas equipes, porque geralmente os dirigentes desses esportes eles são pessoas que são ex-atletas, que não tem uma noção geral que possa vir a acrescentar um pouco na sua carreira, na verdade eu

sinto que eles têm a intenção até de atrapalhar e prejudicar o bom desenvolvimento do trabalho.

Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esportes?

Ter conteúdos básicos da sua modalidade, não precisa ser um bom praticante, mas que tenha noção daquilo que está falando e mostrando para os atletas, ter noção didática, ter uma seqüência pedagógica, ter uma certa noção de psicologia e ter acesso a todos os conteúdos técnicos e táticos para que se faça um bom trabalho.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

Primeiro é vontade de querer crescer dentro do esporte. Então o atleta tem que ter..., levar uma vida totalmente sacrificada, totalmente dedicada para que ele consiga ter os seus objetivos que é principalmente chegar a uma Seleção Brasileira e as competições internacionais, então o atleta tem que ter uma auto-estima muito grande e vontade de querer fazer algum tipo de mudança em sua vida.

Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Acho que tem alguns professores, técnicos, principalmente da categoria de base, que além de se formar um bom atleta, se formar um ser humano. Então que tenha um treinador que passe para esse atleta uma indicação, uma compreensão básica do que é o esporte para que sim, tenha um estudo suficiente, para ter um empenho, uma performance excelente.

Como você entende que deve ser a relação de técnico e atleta?

Praticamente a mesma relação de um pai para um filho, tem que ter sinceridade, honestidade nos princípios, no caráter e principalmente os valores de um ser humano, para que esse atleta tenha essa performance ideal.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

Extremamente profissional. Como eu falei anteriormente, alguns dirigentes não têm capacidade e condições de executar tal função. Então, geralmente são atletas frustrados ou treinadores frustrados e se aproveitam do poder para tentar exercer a função que ele não conseguiu na sua carreira.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deva ser estruturada a Comissão Técnica?

Primeiramente um bom supervisor, que poderá ter sido um atleta, um ex-treinador, que tem uma bagagem suficiente para que nos momentos adversos consiga dar tranquilidade a toda a equipe, um treinador, 2 assistentes técnicos, um preparador físico, um psicólogo, um nutricionista, um médico, uma comissão médica, médico e fisioterapeuta, incluída a parte de psicologia, massagistas e roupeiro. E a parte estatística que também eu acho que é ideal para a Comissão Técnica.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros dessas diferentes áreas de especialidades da Comissão Técnica?

Esse técnico tem que ter uma visão ampla de praticamente todas essas pessoas que farão parte da comissão técnica. Terão condições de escutar cada membro sem vaidade, principalmente sem vaidade, não ser o dono da verdade e que consiga manter a união, juntamente com o supervisor ou “manager” e que falem a mesma linguagem, sendo que a unidade desse grupo, tem que ter um líder, e esse líder tem que ser o treinador.

Como você entende que deve ser a relação do Técnico e a Imprensa?

Totalmente aberta, sem esconder nada, sem dar preferência para nenhum tipo de instituição dessa imprensa e não se envolver com amizades.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do Marketing Esportivo?

Acho que também é uma função fundamental, dependendo do estágio que esteja essa equipe, principalmente hoje em formação esses clubes empresa, eu acho que é uma parte que poderá fazer parte do grupo, mas eu digo sempre aquela história, que tem uma gíria, cada macaco no seu galho, se possível, tudo que se passa, esse treinador principal, independente de sua função, até do marketing esportivo, ele tem que ficar ciente.

Nos jogos desportivos coletivos, o Brasil tem alcançado relevantes resultados no âmbito internacional, em sua opinião a que se deve?

Eu acho que é o conjunto de todos esses membros que fazem parte dessa comissão técnica e que conseguem principalmente elevar a auto estima do atleta, nós temos aqui no Brasil, comparando com outras equipes fora do Brasil, internacional, conseguimos fazer que por falta de instalações, falta até de material humano, jogar de igual para igual com outras seleções. Então principalmente levantar o moral, levantar a auto-estima do atleta e dar condições para esse atleta que desenvolva um bom trabalho, são as principais funções.

Entrevista 3

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil?

Eu comecei minha carreira dirigindo equipe mirim, até 12 anos. É, eu trabalhei no Esporte Clube Banespa durante 6 anos, até que esses meninos chegaram a categoria adulto, né? E, a minha, o motivo da minha saída do Esporte Clube Banespa é que eu achava que alguns jogadores da equipe adulta inclusive eu, que também era atleta da equipe adulta, já deveriam estar parando de jogar e dando lugares pra jogadores é, juniores, com 19, 20 anos que já vinham já vinham sendo formados comigo desde 12 anos e como eu não conseguia essas, essa renovação eu resolvi, partir pra minha vida profissional, aonde eu não era assistente, aonde eu não era segundo treinador, pra que eu pudesse tomar as decisões.

Isso teve influência em sua formação?

É, com certeza. Eu recebi um convite pra ser técnico da Seleção Brasileira em 89 e eu era técnico de equipes juvenis e não aceitei a direção da Seleção Brasileira adulta porque eu não me julgava capacitado na época ainda.

Dentro da sua vivência e experiência, qual a sua compreensão sobre o fenômeno Esporte?

Ela, ela mudou bastante depois da minha vida profissional e da minha vida de sonho de eu ser um profissional de educação física, não é? Enquanto eu era atleta e sonhava em ser um profissional de educação física era uma coisa e hoje mudou muito, não é? Eu entendia o esporte como saúde, sinônimo de saúde e hoje o esporte de rendimento com certeza não é saúde, muito pelo contrário, é o antônimo de saúde. Eu entendo que o esporte de alto rendimento deixou de ser um esporte e passou a ser um negócio. Não entendo que não deva ser assim, acho que o mundo evoluiu pra essa, pra essa vertente, pra essa possibilidade do esporte. As interferências financeiras, as interferências de interesses políticos, interesses outros que não só a prática do esporte acabou desvirtuando um pouquinho a prática do esporte, mas acho que hoje nós temos dois tipos de

esporte: o esporte que busca saúde, o esporte que busca a manutenção da, da, de uma vida saudável, de uma vida de lazer, de qualidade de vida melhor; e um esporte de competição, um esporte de alto rendimento que virou performance, que virou lucro financeiro, que virou a qualidade de vida pro um outro caminho, né? Acho que as duas têm, tem sua importância, mas no meu caso específico nós tomamos alguns cuidados quanto à integridade física dos atletas. Não, não colocamos os atletas na quadra pra vencer uma competição ou pra tentar vencer uma competição a qualquer custo, sacrificando a vida pessoal do atleta. Nós preservamos a saúde. Eu acredito que em outros esportes deveria ser igual. O uso de drogas, o uso de outros componentes pra melhorar performance, não encontro, não encontro validade nesse tipo de comportamento.

Como você vê a evolução do Esporte?

Olha, eu acho que o esporte ele tem como de prática, né, como a sua base de melhoria a educação física. Eu acredito que no Brasil, no caso específico do Brasil o esporte evoluiu e a educação física não. Nós estamos numa educação física no Brasil mal resolvida, temos um grupo de, de professores de renome que defendem um tipo de esporte, outros que defendem outro tipo de, outra maneira de se praticar esporte e ficam com isso questionando a forma da educação física. Então nós temos um grupo ligados ao CREF, ligados ao Ministério da Educação e dos Esportes, ao Ministério dos Esportes que defendem práticas do esporte de formas diferenciadas, quando, na minha opinião eles deveriam estar centrando as suas atenções à prática de educação física, a forma de educação física e deixar com que os praticantes de atividade física, que os praticantes de esporte, os praticantes de outros de, de, que usem os instrumentos do esporte como atividade física, até porque nem toda atividade física é feita através de esporte optassem por sua vida particular, se querem dirigir-se ao esporte de competição, ao esporte de rendimento ou não, não é? Acho que o esporte de rendimento, o esporte de competição evoluiu muito por esse aspecto de negócio do esporte, é, envolvendo muito dinheiro, envolvendo muitas decisões de bastidores, mas a educação física no Brasil não evoluiu, a educação física no Brasil fica num conflito de interesses

particulares, de interesses pessoais, de vaidades, de pessoas que são contra o esporte de alto rendimento, é, aceitam ficar em cargos de secretaria, de ministério só pela vaidade, pela, pela vaidade pessoal, não é? E deixam de contribuir com o esporte segundo a sua filosofia, segundo a sua, a sua ideologia. E isso acaba tendo um conflito muito grande da educação física no país. Se nós tivéssemos um pouco mais de atenção pra educação física o grande beneficiado seria a população brasileira que teriam o hábito da prática de (...), de exercícios físicos, da prática de atividade física, da prática de educação física, poderia fazer, usar o esporte como um método de educação complementar, né, contribuindo na educação não formal dos jovens e aqueles que, quando chegassem no tempo certo poderiam, é, poderiam estar praticando o esporte de rendimento e aí com certeza o esporte de rendimento ganharia muito.

Na sua compreensão, o que é ser técnico da sua modalidade?

Eu divido o, a função de técnico de minha modalidade eu divido é (...), em três momentos, não é? Momentos distintos e que estão interligados um ao outro. No primeiro, é, o professor da modalidade, que trabalha com crianças, com adolescentes, com jovens, que usa o handebol como instrumento de formação; ajuda na, no desenvolvimento das qualidades físicas básicas, no crescimento natural do indivíduo, no fortalecimento dos músculos de uma forma equilibrada pra que ele tenha um desenvolvimento físico, um crescimento natural e se torne um cidadão adulto fisicamente bem equilibrado e ao mesmo tempo possa a prática do esporte ter mostrado a esse indivíduo algumas coisas e ajudado a compreender algumas coisas que a educação faz, não é? Como por exemplo, o respeito à hierarquia, respeito aos direitos, os direitos e deveres, porque na prática do handebol você tem um, se você quer uma boa recepção você tem que ter um bom passador, se que quer ter um bom lançamento, ser um bom lançador você tem que ter um bom corredor, um bom velocista que receba bem aquele lançamento e outros exemplos que poderiam estar falando. No segundo momento, eu entendo o, já na prática do handebol, do handebol de competição, eu entendo o treinador de handebol separado do técnico de handebol; o treinador de handebol é aquele

cara que ta no dia-a-dia dentro da quadra, desenvolvendo os projetos, os processos pedagógicos de treinamento, que se configura, que se consiga configurar uma, uma estrutura técnica-tática aonde os atletas possam estar tendo sua melhor performance individual e dentro de uma formação tática coletiva façam defensivamente ou ofensivamente uma coreografia, podemos chamar assim, que envolva o seu adversário ou que evite que o adversário envolva a sua equipe. Em um terceiro momento é o técnico de handebol, que eu entendo que é aquele que vai pro banco dirigir a sua equipe e que tem que ter discernimento de exigir da sua equipe aquilo que foi treinado, que tem que exigir que a sua equipe faça, é, coloque em prática as ações, os movimentos, é, tudo aquilo que foi colocado em treinamento e que seja permitido algumas alterações, algumas informações novas, em termos principalmente de estruturas táticas, que os atletas sejam, sejam capazes de compreendê-lo. Eu vejo que muitas vezes, é, o técnico confundindo, se confundindo com treinador, querendo que seus atletas realizem na quadra, no momento do jogo algo não treinado, algo não ensaiado; isso complica bastante e faz com que os atletas se confundam. Então eu acho que o estágio técnico-treinador apesar de serem muito, às vezes até pela mesma pessoa, feito pela mesma, pela mesma pessoa é muito distinto um do outro e que tem que viver em conjunto.

Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Eu acho que (...), é lógico que, começando pelo próprio esporte, não é? Os técnicos, os treinadores têm que ter conhecimento, o melhor conhecimento e mais atual possível do esporte, tem que conhecer a história e evolução do esporte pra saber por onde esse esporte passou pra se chegar a esse, ao momento em que se encontra hoje, não é? Acho que o treinador e o técnico têm que ter conhecimento das capacidades físicas que ele precisa pra que o atleta seja capaz de realizar os movimentos que ele propõe, daí eu entendo que o preparador físico é de suma importância e ele tem que estar trabalhando bem em conjunto, bem afinado com o treinador e junto com, com o preparador físico outras componentes

que dão subsídios tanto ao preparador físico como ao treinador; e eu falo de um médico fisiologista, de um bom fisioterapeuta, do bom acompanhamento de um médico ortopedista, de uma pessoa que eu to deixando por último mas sem (...), de uma nutricionista, dessas coisas assim, né? To deixando por último não que tenha a menor importância, mas muito pelo contrário, sinto que é a maior importância o acompanhamento de um psicólogo que possa estar ajudando no relacionamento, na homogeneidade da equipe no sentido de, de relações atleta-atleta, atleta-técnico, técnico-atleta, comissão técnica-técnico, técnico-comissão técnica, atleta-comissão técnica desde o roupeiro, do ajudante, do assistente, da pessoa que limpa a quadra, o patrocinador, o presidente da confederação, mas principalmente desenvolvendo um trabalho em que todos que fazem parte do processo tenham consigo a idéia da convivência com as diferenças; de aceitar que pessoas que pensam e agem de forma diferente podem estar juntos em prol de um mesmo objetivo.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

O primeiro deles é a disciplina, é o mais importante, o atleta não disciplinado não, (...); disciplina no sentido de, não só no sentido de “sim senhor, não senhor”, da disciplina formal da formação de casa, da escola. Mas uma disciplina técnica, uma disciplina tática, o respeito às informações do treinador; na base de uma disciplina democrática, né? De troca de informações, de diálogo, que atinja um bom senso, um consenso, aliás, de como se vai montar a equipe pra uma determinada jornada. É, acredito que o atleta tenha que ter uma preparação física de longo prazo, uma base física, um condicionamento físico que venha desde a primeira idade dele, antes ainda de se falar em condicionamento físico, quando se fala em educação física infantil, de educação física enfim, pra que ele tenha uma formação corporal, uma formação física adequada; que o condicionamento físico da competição esteja no máximo da sua capacidade, não é? Que os dois ou três últimos ciclos de condicionamento físico tenham sido bem feitos. Que tenha uma condição clínica perfeita, sem nenhum tipo de contusão, nenhum tipo de lesão que

possa limitar as suas ações. E, por último, que tenha uma compreensão do esporte, que tenha conhecimento teórico que não tem necessidade de ser tão grande e nos mesmos termos que o técnico tem, mas que ele consiga compreender o vocabulário, que ele consiga entender o que o treinador fala, mesmo que o treinador tenha que usar a linguagem que seja adequada para, para o atleta, mas que ele tenha que ter conhecimento de todas as suas, de todas as suas ações e daquilo que vai ser exigido dele em toda a competição.

Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Aí vem, eu acho que essa resposta é um resumo de tudo o que, o que eu te disse, não é? Desde o nascimento, mesmo antes de saber o que ela vai fazer, se ela vai praticar algum esporte, se vai ser um atleta ou não, mas com certeza sabemos... ela vai ser um cidadão adulto, ou uma cidadã adulta que através da educação física tenha um desenvolvimento natural, um crescimento natural, o desenvolvimento das capacidades físicas de forma natural e aquelas que forem partindo pra um, pro campo da prática esportiva de qualquer esporte, tenham (...) começassem, comecem os seus acessos ao conhecimento do esporte nas faixas etárias mais, mais adequadas, que são diferentes de esporte só esporte, as vezes na sua necessidade cognitiva, as vezes pela necessidade do próprio esporte que exige conhecimento precoce, né, pra ter uma melhor performance e eu acho que respeitar essas, a faixa etária, respeitar o período em que o aprendizado deve começar pra depois entrar na parte de treinamento e aperfeiçoamento. Seja respeitada a idade do, da criança, do adolescente, do adulto pra que quando chegue no alto rendimento o atleta esteja bem equilibrado, bem formado e tenha ainda interesse em continuar o seu aprendizado, porque eu entendo que o atleta só pára de aprender no dia em que ele parar de jogar, ele ainda continua aprendendo de forma teórica, mas de forma prática ele, ele deixa de aprender, de querer aprender movimentos novos, de querer fazer coisas novas e aqui no Brasil a gente percebe muito, é, ensinamentos e desenvolvimentos de forma precoce, né. Atletas por exemplo, no handebol, atletas com 15, 16, 17 anos que já tem formações que em outros países que os atletas ainda não tem e a gente costuma

ter resultados internacionais bons, mas quando chega na idade adulta, é, os resultados internacionais são fracos e na minha opinião é por causa disso.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e atleta?

Olha, eu sou democrata, né? Mas, entendo que a relação técnico-atleta tem que ter é, duas, duas posições distintas, duas posições geográficas distintas em momentos distintos. Eu acho que fora da quadra, fora do, do momento da ação prática a democracia fala um pouco mais baixo, a liderança e a, a organização do treino fica mais nítida que é o treinador quem decide; e fora da quadra nas reuniões teóricas, no bate papo, não necessariamente em reunião com o grupo todo, reuniões individuais às vezes num almoço, numa carona eu entendo que o atleta tem o direito de se expressar, de falar suas dificuldades pra que o técnico e que sua comissão técnica possam avaliar e verificar as possibilidades de mudanças de atitude pra que se possa atingir a melhor performance daquele atleta ou daquele grupo de atletas. Acho que democracia exagerada vira, vira bagunça, né? A liderança fica indeterminada e, como eu te disse antes, a principal qualidade do treinador, aliás, do atleta é a disciplina e quem impõe a disciplina, não pela definição da palavra impor, mas sim pelas suas próprias atitudes, pelos seus próprios métodos de trabalho é o respeito, é a disciplina, é a liderança, é a obediência aquilo que foi determinado.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente.

É, isso é muito complicado, viu... Isso é, parece assim meio, meio simples essa resposta, de respeito à hierarquia, de respeito à “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, mas isso é muito difícil, muito complicado. Eu, particularmente, tenho a sorte de trabalhar num clube que pertence a uma universidade, a Universidade Metodista de São Paulo em parceria com a prefeitura de São Bernardo, que nós temos liberdade, temos, bastante tranqüilidade na relação com os dirigentes. Mas, analisando de uma, de uma forma global, no Brasil o que eu vejo, não só no handebol, mas também em outros esportes, é, acho que a relação técnico-dirigente no Brasil é bastante difícil, é bastante complicado. Tanto técnicos

como dirigentes confundem as suas funções, confundem os seus limites e quando nós falamos de, de educação, quando nós falamos de comportamento uma das primeiras coisas que se vai falar é do respeito ao limite, do impor limites, que a criança tem que aprender, né (...), ela tem que saber identificar o limite, né, porque muitos não conseguem saber nem o significado do vocábulo não. Mas, é muito complicado, a gente vê treinadores querendo ser dirigentes e dirigentes querendo ser treinadores e isso é bastante difícil, né? Acho a relação com o dirigente muito difícil. Eu particularmente nunca tive problema, tenho 30 anos de carreira, porque eu nunca fiquei numa, num clube ou numa seleção ou num lugar aonde não fossem identificadas as funções e respeitadas as funções, né? Trabalho na Metodista há 13 anos, mas antes de trabalhar na Metodista eu nunca dirigi um time mais que 10 anos e todas as vezes que começaram a acontecer (...) é, tô dizendo na equipe adulta já que trabalhei 6 anos no Banespa trabalhando em equipe de formação, mas todas as vezes que começaram a haver interferências de dizer que aquele lá é filho do, do diretor, que o outro não sei o que, que o outro aquilo, que aquele jogador é bom, não veio treinar mas não faz mal, tem que jogar eu peguei o meu boné e fui embora. Eu não, (...) eu sou a favor de que os incomodados que se mudem. Não entendo a relação de dirigentes e técnicos como uma coisa fácil não, acho uma coisa muito complicada, acho que aqui no Brasil estamos longe de um dia termos uma relação adequada.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma comissão técnica?

Olha, eu vou de dar o exemplo da comissão técnica que eu levei, que eu usei pra trabalhar pra Atenas, né? Pra, pra, pra Atenas porque é a, é a comissão técnica mais recente que eu formei e é mais ou menos a comissão técnica dentro das funções que eu tenho no clube. Eu sou o treinador, eu era o treinador; tinha o Facina, Valmir Facina que era o primeiro assistente; Maurício Fonseca que era o preparador físico; Dr. Marcelo Espíndola que era o médico fisiologista; Dr. Sílvio Sacramento o ortopedista; Dr. Sueli Longo nutricionista; é, a equipe de fisioterapia da escola de fisioterapia da Universidade Metodista liderada pelo professor

Cláudio Monteiro e pelo professor Fernando na fisioterapia e nós trabalhávamos com grupos de fisioterapeutas em torno de 10 fisioterapeutas mais ou menos porque eles não conseguiam todos eles pela sua vida particular profissional acompanhar todos os períodos de treinamento, mas como todos pertenciam ao grupo de treinamento, de fisioterapeutas de estudo da Metodista eles se mantinham bem atualizados e pode nos atender bem; a Dr. Alessandra Dutra, que é a psicóloga; um cargo que é muito importante na comissão técnica que é o supervisor técnico que faz a parte, que também faz a parte administrativa; nós tivemos um problema de relacionamento muito grande, muito ruim com a Confederação Brasileira que não conseguimos determinar um, um supervisor que nos acompanhasse o tempo todo por problemas políticos; na metade do processo o supervisor foi trocado à revelia nossa, da comissão técnica, o supervisor que nós queríamos que era o Rogério Tudor que trabalhou com a gente até o campeonato Panamericano saiu por determinação do presidente, depois veio o professor Paulo Macaiane, que ficou conosco uns 4 meses mas também não deu certo, todos e (...), não deu certo não por problema pessoal, mas por problemas políticos, onde começou a ter interferências políticas da Confederação e da diretoria, da diretoria da Confederação dentro do trabalho, que esse foi um dos motivos da, do problema de relacionamento dentro da, da Seleção que você me perguntou na pergunta anterior, não é? E acho que, o restante, ah, a Dr. Alessandra Dutra eu já disse, né? Que é a psicóloga, que é a pessoa que acho que em termos de novidade foi a pessoa que mais me, mais contribuiu, porque nós conseguimos chegar com a equipe na, em Atenas num nível de stress muito baixo, com a equipe bem homogênea e, penso que basicamente são essas as funções e os conhecimentos que temos que ter na equipe.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros destas diferentes áreas de especialidades da comissão técnica?

Eu entendo o técnico o líder dessa, desse grupo de pessoas, que dirigem essas especialidades. Não acho que o técnico tem que ser especialista em todas, em todas essas partes, né, em todas essas áreas, mas deve ser esclarecido

especificamente em cada problema pelo responsável pelo setor. Então quando um atleta não pode jogar porque tem uma lesão eu acho que o treinador tem que saber o que é essa lesão, em que parte do corpo, o nome do músculo, a função do músculo se for muscular, a que tipo de movimento ele está limitado. Eu acho que o treinador da pessoa que tem que conhecer um pouquinho de todas essas áreas, mas sem a necessidade de um estudo prévio e sim no estudo de caso, no estudo do que vem acontecendo e depois de 30 anos, como é o meu caso, a gente acaba tendo tantos casos históricos vividos que a gente aprende um pouquinho de cada, de cada área. Mas é importante que o atleta, que o técnico ao conversar com a psicóloga saiba o que é colérico, o que é cada perfil das pessoas, do indivíduo possa saber qual o significado e qual a interferência que pode dar no grupo. Todas as, todos os componentes da comissão técnica devem manter o técnico bem informado sobre os problemas e qual a busca da solução desses problemas e isso requer muito trabalho, requer muito conjunto, muita união, muita liberdade, muito respeito dentro da comissão técnica.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Olha, eu acho que a relação da imprensa, do técnico com a imprensa ela deve ser igual a de cidadão e outro cidadão. Eu acho que tem que ser feita a base de verdade. Nunca na minha vida eu respondi a alguém da imprensa algo não verdadeiro. E quando tem algumas coisas que não estão no, na esfera da imprensa fazer que é uma coisa particular, uma coisa de fórum íntimo eu acho que talvez as pessoas tenham direito à sua individualidade. Aqui por exemplo nessa entrevista se você perguntar como é o relacionamento meu com a minha esposa eu vou falar: olha, você não tem nada com isso, não é pertinente ao que a gente tá conversando. Mas eu acho que tem que ser a base de verdade, quando a imprensa me pergunta alguma coisa que eu acho que não é a hora de falar para a imprensa eu simplesmente não respondo, falo: olha, não é a hora de vocês fazerem isso. Mas eu não minto e acho que a imprensa, é, gosta de pessoas que falem a verdade, que não tentam enganar ninguém, não tentam iludir ninguém, porque quando você, você busca na imprensa um adversário você tá fadado a ter

um inimigo muito poderoso, não é? E quando você trata a imprensa com a verdade você pode ter alguém da imprensa descontente com você, mas ele nunca vai ser seu inimigo e o único inimigo que eu não quero ter enquanto treinador é a imprensa.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Eu acho que o marketing esportivo é uma outra especialidade de um departamento esportivo, de um clube, de uma seleção, não é? E o marketing ele é o, ele é o responsável por divulgar e conquistar apoiadores, então acho que tem que ser um relacionamento muito franco, muito sincero, tem que se abrir as coisas que se faz no departamento técnico pro departamento de marketing pra que ele possa selecionar o que deve ser utilizado, a forma que deve ser utilizado. E tem que ser também um trabalho em conjunto, tem que ser um trabalho em que as pessoas tem que estar bem próximas umas das outras, tem que manter um diálogo pra que se evite mal entendidos.

Nos jogos coletivos, o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional nos últimos anos. Na sua opinião, a que se deve?

Bom, são... eu acho que são muitos fatores gerais, que valem pra todos os esportes e alguns específicos. Os gerais são a organização melhor dos esportes dentro da estrutura administrativa, dentro da estrutura da prática do esporte dentro do país, conforme melhor estruturado, conforme melhor organizado os resultados melhores ou piores, não é? E outros, especificamente, pela tradição, pelo tempo que, que se pratica o esporte no país, pelo número de praticantes que tem, pelo número de atletas que surgem, bem como pela quantidade de clubes e entidades que fazem o esporte, que praticam o esporte. Mas eu acredito que principalmente pela organização administrativa e aí sim eu gostaria de, de fazer um paralelo entre esses esportes que você citou. O caso do futebol e o futebol de salão pelo grande número de, de, não só de praticantes individualmente, mas de clubes, né, de todos os lugares; uma criança quando nasce já tem uma chuteira pendurada na

porta, já sabe que time vai ter que ser, então realmente o futebol é um país diferenciado no mundo e o Brasil é um celeiro, surgem quantos, quantos atletas surgem no Brasil devido à quantidade de atletas que se tem; mas é um esporte muito desorganizado e um esporte muito, é, por outros motivos que não o esporte, é, a gente vê na imprensa aí cada dia um dirigente, um cartola envolvido em escândalos, em corrupção e outras coisas mais que prejudicam muito o esporte. No caso do basquetebol uma organização que, que no passado foi muito boa, né, na década de 60, 70, quando começaram a surgir os grandes atletas tivemos uma organização muito grande e aí começou a ir meio que pelo caminho do futebol, as vaidades começaram a falar mais alto e o número de praticantes, o número de jogadores, atletas... quando eu falo de praticantes eu não falo só em número atletas, falo também em número de entidades que tem o esporte, né... houve uma queda aí, hoje o basquetebol ta, é, sobrevivendo de talentos, e, de poucos talentos, né, vê o basquete feminino por exemplo, que é o que tem melhores resultados entre masculino e feminino e atualmente tem 6, 7 equipes aí, com 10, 20 atletas de nível que conseguem resultado internacional; acredito que tão se tirando leite de pedra, né? O voleibol é o grande exemplo do esporte coletivo no país, é uma estrutura muito bem organizada que veio da, do final da década de 60, da década de 70 até os tempos de hoje, quando o Carlos Artur Nuzmann, atual presidente do COB, assumiu a Confederação Brasileira de Voleibol e tomou algumas medidas antipáticas como a proibição de atletas da Europa e outras coisas mais, mas se preocupou com a competição interna, com uma Liga Nacional forte, se preocupou com o fortalecimento dos clubes e a gente viu aí o Maracanãzinho e o próprio Maracanã e o Ibirapuera lotado de gente e criou-se uma febre de voleibol em, na década de 70 que perdura até hoje e faz hoje do Brasil uma das maiores potências do voleibol mundial. E no meu esporte, eu deixei por último para eu falar especificamente, até 3, 4 anos atrás tínhamos, somos, né, o maior número de atletas, o maior número de praticantes a nível escolar, temos muito, muitas crianças jogando handebol, em todas as escolas se joga handebol por esse país, mas temos muitos poucos clubes; e a Confederação nunca teve apoio financeiro, nunca conquistou patrocínio, nunca teve dinheiro pra

poder trabalhar e agora nós estamos numa fase de transição, o apoio da Lei Agnelo Piva, o apoio da Petrobrás, verbas internacionais como da Solidariedade Olímpica estão surgindo e a gente não tem ainda a, o conhecimento do que se vai fazer com o dinheiro; a gente sabe o que handebol fez sem dinheiro, porque nós chegamos até onde chegamos, no 10º lugar na Olimpíada de Atenas, campeão PanAmericano nos Jogos PanAmericanos de Santo Domingos sem o recurso financeiro; daqui pra frente, com o recurso financeiro, é que nós vamos poder saber se a administração é, vai melhorar na busca da performance ou não. Então o handebol é um esporte diferenciado porque ta vivendo uma transição que o voleibol viveu há 30 anos, que o basquete viveu há 30 anos e que o futebol nunca, é, passou, né, o voleibol, (...), o futebol sempre teve, sempre teve recursos e o handebol agora que ta começando a ter recursos; cabe saber se os nossos, vale saber se os nossos dirigentes vão saber usar esses recursos em prol da performance.

Entrevista 4

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil?

Sim. Áhh, eu comecei com as categorias mirim e infantil e infanto-juvenil aqui no município e também participei com a Seleção Brasileira Cadetes em um campeonato em 1999, campeonato Sul-Americano na Argentina.

Isso teve influência em sua formação?

Sem dúvida nenhuma. Eu acredito que esse trabalho tenha sido muito importante e vejo que hoje pra que se possa tornar a modalidade do handebol uma potência Olímpica passa também por um processo de reformulação desse trabalho de, de formação dos atletas. Eu acredito que esse papel tenha sido importante aqui do município também na nossa região porque formou inúmeros atletas e hoje, alguns deles até compõem a Seleção Brasileira masculina, principalmente.

Em que medida acha que isso influenciou.

Olha, eu acho, acredito que muitos desses técnicos que hoje compõem comissões técnicas de Seleção Brasileira seriam importantes nesse processo de formação porque eles estão, é..., com o topo, né, ou a elite do handebol, do handebol ou das outras modalidades no Brasil e a experiência desses técnicos seria importante nesse processo de formação, principalmente na nossa modalidade. Acho que o handebol precisa de uma reformulação, precisa de uma capacitação dos profissionais que trabalham nessa área, até em função de que não existe uma filosofia, uma concepção do handebol nacional. Se copia muita da, da prática da modalidade principalmente da Europa e acredito que nós possamos a partir duma, quem sabe duma criação de uma escola nacional de técnicos passar por essa capacitação e a partir daí ter uma concepção de filosofia do handebol nacional, visto que hoje nós temos um país muito grande, de, é..., de dimensões muito grande e que teríamos que ter uma, uma filosofia maior dentro das características da, dos indivíduos de cada região do nosso país.

Dentro da sua vivência, experiência, qual a sua compreensão sobre o fenômeno Esporte?

Olha, eu vejo que o esporte contribui nas mais variadas áreas, né. Hoje se fala muito da questão social e é um fator importante na questão da inclusão social também das... das pessoas mais necessitadas. Num segundo momento (...), também em função das oportunidades que o esporte deposita com as crianças, né, através da, da massificação e também da... quem sabe da continuidade dentro do esporte que possa se tornar, se transformar isso quem sabe até numa profissão, numa condição financeira melhor, e também tudo o que ele proporciona em termos de integração através das competições e através da prática esportiva.

Como você vê a evolução do Esporte?

Olha, eu acredito que o esporte vem evoluindo muito e, falando especificamente da modalidade vem evoluindo bastante em termos mundiais. Acredito que a proximidade cada vez maior da ciência, através dos pesquisadores, os “experts” que são os técnicos que vem, ãhh, tornando o esporte cada vez mais, mais importante para nossa sociedade e também do profissionalismo deles, acredito que, claro, nós possamos mudar em alguns aspectos, principalmente na área administrativa, em que também se possa ter uma lei de incentivo fiscal ao esporte que possa dar um crescimento muito maior e transformar o Brasil em uma, uma potência esportiva.

Na sua compreensão, o que é ser técnico da sua modalidade?

Olha, antes de mais nada, é trabalhar com uma modalidade que ainda não tem um respaldo tão grande, principalmente por parte da mídia; em consequência não traz a iniciativa privada mais próxima, mas também, ao mesmo tempo, a oportunidade de trabalhar com uma modalidade que é a segunda ou a terceira mais praticada em nível escolar, mas que infelizmente não tem uma estrutura, é, necessária para a continuidade desse trabalho, uma estrutura maior pra que a modalidade possa ser uma, ter um grande respaldo principalmente por parte da mídia, ãhh, e que tenha um conhecimento maior por parte da população brasileira. E... importante na

medida em que não só como técnico, mas como educador penso na importância nossa nos aspectos que se tem na pergunta anterior em relação à integração, à interação, em relação à inclusão social e na, na capa..., na condição de estar aí, ajudando na educação do jovem cidadão.

Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Olha, o mais variável de todos os aspectos que..., que, ligam o esporte, os aspectos técnicos e táticos, os aspectos físicos na área da fisiologia, os aspectos psicológicos, muito importante hoje não só pro atleta mas, ãhh, em termos de formação das crianças também, enfim, o aspecto social para que se possa integrar ela cada vez mais é importante que em todos os conteúdos ligados a essa área os profissionais que trabalham dentro da modalidade possam ter esse conhecimento.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

Olha, antes de mais nada, eu vejo que é importante a dedicação para que se possa atingir determinados objetivos e a conquista de grandes sonhos. E dentro da mais variada... variáveis que se tem para o esporte, a capacidade de coordenação, de agilidade, de força, de velocidade, que possa ter uma capacidade psíquica também social pra prática da modalidade, enfim, e antes de mais nada tenha essa condição, que ele tenha talento para tal, pra que a partir daí possa se aproveitar de, a partir do trabalho de um profissional habilitado ele possa ter condições de continuidade dentro da modalidade.

Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Olha, antes de mais nada ela tem que ser detectadas por profissionais da área e a partir daí, ter uma condição para que elas possam ser desenvolvidas. Hoje não é importante só se detectar o talento através dessas, dessas competências, mas que se possa ter condições de trabalho; e isso, infelizmente, ainda no Brasil não

se tem todas essas condições. A gente acredita que o Brasil possa ser... tem, é um grande celeiro, tem vários, múltiplos talentos nas modalidades, mas que infelizmente não possui ainda uma estrutura, uma condição de continuidade desse trabalho, então que através da criação, detecção desse talento, da criação de centros de excelência, de centros de treinamento se possa dar continuidade e que as pessoas possam, a partir daí ser direcionadas em função do seu talento para as modalidades esportivas.

Como você entende que deve ser a relação técnico e atleta?

Olha, antes de mais nada, uma relação de confiança, de respeito, né, dentro das capacidades de cada um, pra que se possa ter uma condição de trabalho. Eu acho que o importante realmente é isso, que tenha, que se possa ter confiança, o atleta no profissional e o profissional também no atleta e ter respeito antes de mais nada, para que a partir daí possa buscar os melhores resultados e a performance individual de cada um deles.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

Na mesma, na mesma situação, né. Infelizmente eu acredito que não só na área técnica haverá que ter uma profissionalização cada vez maior, uma capacitação também, mas principalmente por parte dos nossos dirigentes esportivos. Sabe, eu vejo que o esporte amador, de uma maneira geral, tem uma carência de pessoas que possam trabalhar cada vez mais, principalmente na área da administração esportiva. Então... mas antes de mais nada, que se tenha confiança, que se tenha respeito e antes de mais nada capacidade profissional para que se possa cada um deles estar atuando dentro da sua ação, dentro da sua área.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma comissão técnica?

Olha, hoje há uma necessidade muito grande de um trabalho multidisciplinar, né. Então eu vejo que uma comissão técnica deve ser formada através de um diretor, de supervisor, a partir daí um técnico, um auxiliar técnico, um preparador físico,

uma pessoa que possa também estar ajudando na questão da área da psicologia esportiva, um psicólogo do esporte, ãhh, um nutricionista, e que se possa ter uma estrutura de avaliação na área da fisiologia do exercício, enfim, que seja realmente um trabalho multidisciplinar.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros destas diferentes áreas de especialidades da comissão técnica.

Antes de mais nada que cada um saiba o seu papel dentro dessa comissão técnica e cada um, através desse papel possa contribuir para uma melhor performance de todos. Então eu acredito que, a partir de reuniões, cada um dentro de um planejamento maior defina a sua estratégia de ação, de que a partir daí cada um possa trabalhar e contribuir para um resultado expressivo do ano..., de, de uma comissão técnica.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Olha, eu vejo que hoje no esporte a imprensa contribui muito, principalmente pra dar um retorno, na questão da, do marketing, da mídia da modalidade, mas ao mesmo tempo se tem que ter uma preocupação em função de que eu vejo que a imprensa no Brasil ainda tem uma necessidade de estar, ãhh, noticiando em cima de fatos que venham principalmente às vezes, criar um tipo de atrito. A imprensa trabalha ainda muito no aspecto negativo do esporte. Que possa dar uma ênfase maior ao que a modalidade, ao que o esporte vem trazer de positivo à sociedade, enfim, aos praticantes da modalidade. Eu vejo que há uma, uma relação perigosa no aspecto de que a imprensa procura deturpar em alguns momentos as informações que são passadas a ela.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Eu vejo que o técnico é fator importante também nessa questão do marketing dentro de retorno pra modalidade. Como eu falei, há a necessidade de uma equipe multidisciplinar e essa também que haja pessoas ligadas à área do

marketing esportivo para que a modalidade, o clube, a confederação, enfim, as mais variadas áreas possam ter um retorno maior. E o técnico também é importante nesse aspecto porque ele, na minha maneira de ver, é a pessoa responsável num primeiro momento, pelo retorno em termos de resultado e em consequência em tudo que a, a... esporte ou a modalidade pode dar de retorno a uma determinada camada social ou camada da população.

Nos jogos coletivos, o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional nos últimos anos. Na sua opinião, a que se deve esse fato?

Olha, eu acredito que, realmente, se tenha resultados expressivos em algumas modalidades coletivas, fruto de planejamento, de organização e a prova disso, o exemplo disso é o que o voleibol vem conquistando, fruto muito de um planejamento, de uma organização maior de uma confederação e eu acho e acredito que seja em função disso que esta modalidade hoje é o que todas as outras estejam a procura de uma cópia para que se possa ter resultados expressivos. Eu acredito que as demais confederações ainda necessitam muito de um planejamento maior, né, para que se possa ter pessoas capacitadas para que se possa buscar, num primeiro momento, se igualar principalmente ao que o voleibol vem fazendo no Brasil. Acredito que das modalidades coletivas seja um exemplo a ser seguido e que, ãhh, o handebol, o basquete, enfim, outras modalidades venham buscar.

Entrevista 5

Você dirigiu categorias de iniciação e formação?

Nunca.

Dentro da sua vivência e experiência, qual a sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

Eu acho que ele é muito mais do que um fenômeno restrito à área esportiva, ele é social e cultural. Ele abrange segmentos da sociedade, ele é elemento de você poder extravasar, mostrar a cultura de um povo, de um país, através da atividade esportiva da dança, do esporte de um modo geral, do mesmo modo que a música e a dança.

Como você vê a evolução do esporte?

Como toda atividade técnica, científica, de criatividade, de gestão, como qualquer coisa do mundo atual, o esporte tem evoluído como toda humanidade, na parte física, na parte técnica, na parte tática, na parte científica, na parte financeira, então, houve uma evolução muito grande nos últimos 20 anos. Não foi só na parte técnica, ou na parte física, ou na parte tática, na própria Medicina Esportiva, em recursos materiais, financeiros, antes se investia muito pouco em Esporte, os recursos eram muito escassos, hoje o Esporte, ele movimenta no mundo todo recursos assim fabulosos, é segunda maior renda do mundo em termos de alavancagem de dinheiro, só perde para o Turismo, depois é o esporte, o marketing esportivo, não é verdade? Então eu acho que é fundamental nesse aspecto.

Na sua compreensão o que é ser técnico da sua modalidade?

Eu acho que não difere muito técnico de futebol, de voleibol, de basquetebol, você dirige esportes em que o mais fundamental, o mais importante é que haja uma equipe, todos direcionados para o mesmo objetivo e que você consiga dentro dessa coletividade extrair o máximo individualmente de cada jogador, todos

realmente estejam... , trabalho de equipe não é nada mais do que isso, é você direcionar talentos diferenciados para o mesmo objetivo. E o rendimento no esporte coletivo, a base da equipe é fundamental, o talento individual só floresce, só aparece quando existe um bom trabalho de equipe.

Para você quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Eu acho que o conhecimento empírico da própria profissão, da própria atividade em si é fundamental, a experiência de vida, o acompanhamento, é evidente que com essa evolução que houve no esporte, conhecimentos técnicos, como Fisiologia, Treinamento, o que é treinamento, o que é Fisiologia, o que é velocidade, os parâmetros da parte física, a própria evolução da Medicina Esportiva, a própria Psicologia, todos os conhecimentos que agregam valor para que haja um desempenho maior eu acho que tem que ser considerado. A Nutrição, tudo isso aí. Então o treinador não precisa conhecer isso tudo, por isso as equipes de trabalho... não é verdade? Então para o treinador em si é importante que ele conheça a atividade específica, então, ou seja, ele é técnico de futebol, que ele conheça futebol, é basquete, é o líder, é o motivador mas é importante o conhecimento da atividade específica, ou seja, a vivência desse esporte, a sua evolução no mundo, o contexto que ele ocupa e estar atualizado.

Na sua visão de técnico quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

No esporte coletivo, seja ela basquete, principalmente no futebol, ou o próprio voleibol, mas principalmente na minha atividade, o futebol, a competência é a qualidade técnica. A parte física, a parte emocional, a parte psicológica são importantíssimas, a gente sabe disso, num contexto geral, fazem parte do treinamento total, quando você divide o treinamento total ele, de físico, técnico, tático, psicológico, mas o mais importante para mim é o domínio das qualidades técnicas.

E essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Através do treinamento, porque o treinamento nada mais é do que uma repetição sistemática de uma atividade visando o desenvolvimento das qualidades físicas, morais, técnicas. Através do treinamento.

Como você entende que deve ser a relação de técnico e atleta?

Ela tem que ser de respeito, sobretudo, se eu acho que eles têm... não tem que ser na base do temor, não tem que ser na base da intimidação, tem que ser na base do respeito, tem que ser na base de um clima de harmonia, de equilíbrio, eu acho que assim treinador e atleta podem render muito mais, quando existe um clima de harmonia, um clima de satisfação, um clima de amizade, mas sobretudo de respeito. Não sou favorável à intimidação, a intimidação ela funciona por um período muito curto.

Como deve ser a relação do técnico e dirigente?

Eu acho que ela tem que ser transparente, não pode ser de temor, não pode sentir medo, ela tem que ser transparente. O dirigente tem a função dele, que é dar o apoio, dar os recursos necessários para que o treinador desenvolva a sua atividade, então tem que ser de respeito, tem que ser de apoio, o dirigente tem que apoiar, dar os recursos, dar o material, ele tem que estar junto, tem que estar remando para o mesmo lado, mas tem que ser uma relação muito transparente.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como é estruturada uma Comissão Técnica?

Isso praticamente eu respondi no início, que hoje é tão diferenciado e é importante você atender o atleta em tantas competências diferentes, é na parte física, é na parte médica, é na parte de alimentação, na parte psicológica, treinamento específico de força, de velocidade, técnico, alimentação, ou seja, nutricionista, o psicólogo, o preparador físico, eu acho que são atividades afins específicas e você tem que ter um responsável para cada área dessas, de bom nível.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros dessas diferentes áreas de especialidades da Comissão Técnica?

Eu acho que eles são inter dependentes, mas todos têm que estar subordinados ao treinador. O treinador tem que ter o controle de tudo, eu acho que na Comissão técnica, não é que ele deva ser centralizador, não é essa a idéia, mas ele tem que ter o controle de tudo para poder definir, agir, decidir, até mudar, aumentar, intensificar, mexer na estrutura, no treinamento, dar prioridade a uma área de determinada situação, determinado evento ou competição, no planejamento..., o treinador tem que ser a figura principal de uma Comissão Técnica.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Transparente e profissional. A imprensa tem deveres a cumprir, tem obrigação de informar, eu acho que o treinador e os próprios jogadores também tem que prestar esclarecimentos, não é que sejam obrigados, mas devem fazer com que essa relação seja muito transparente, respeitosa, que haja uma convivência sadia.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Olha ele tem que colaborar, o marketing esportivo é responsável para alavancar os recursos financeiros, os recursos financeiros são provenientes das atividades do time, dos jogadores, das aparições nos eventos, nas festividades, então eu acho que o treinador até onde não atrapalhar, até onde o marketing esportivo não intervir nas atividades diárias, eu acho que o treinador tem que colaborar para que isso seja feito de uma maneira em que todo mundo possa sair satisfeito e que o grupo possa se beneficiar de um bom entrosamento entre essas duas áreas importantíssimas, uma tem que render no campo, e outra tem que render fora do campo, se houver realmente um entrosamento muito bom, o treinador pode colaborar para que esse marketing esportivo seja cada vez mais eficiente e trazer mais recursos para o clube. Não só recursos. Como a publicidade, a divulgação, tudo isso.

Nos jogos coletivos o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional. Na sua opinião a que se deve?

Ele tem conseguido bons resultados no futebol e no voleibol só. No voleibol masculino e feminino, porque são profissionalizados, bem estruturados, são massificados, é um trabalho de planejamento, de estruturação, que já vem há mais de 20 anos, no futebol, no voleibol, e cada vez mais as equipes se preparam bem, há formação de jovens, há formação de base, há investimento, há televisão, há patrocínio, há bons técnicos, os jogadores são muito bem formados, o Brasil tem um intercambio muito grande, participa de tudo que é competição juvenil, e no futebol é a mesma coisa, são esportes massificados, bem estruturados, em que há profissionais que realmente trabalham bem, formam bem os jogadores, por isso esses esportes são muito... , tem tido resultados muito bons a nível internacional, seja em competições mundiais, seja em Olimpíadas e em Copas do Mundo. O basquete já teve sua fase áurea, caiu, há pouca gente jogando basquetebol, há pouco investimento, por isso o basquete não está tão bom assim, nesse momento.

Entrevista 6

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil?

Dirigi, quando eu comecei na Universidade no Clube Ginástico Esportivo do Rio de Janeiro, eu trabalhava com as categorias do mirim até o juvenil, depois eu trabalhei com o juvenil e juniores no Vasco da Gama, no Fluminense, no Olaria.

Isso teve influência em sua formação?

Eu acho que sim, porque você indo para o profissional, ainda mais essa tendência do homem que não vê o detalhe, o homem vê o todo, eu posso falar isso mais tranqüilamente agora que eu trabalhei com as mulheres, a tendência de quando você vai diretamente para o profissional é você continuar vendo o todo, com as crianças você tem que ver o detalhe do que é a formação, até porque você trabalhando com crianças você tem que se preocupar ainda com a formação geral dela, com a coordenação geral, o trabalho específico, dos gestos específicos, só fazem mais adiante, então óbvio que isso aí me deu uma formação melhor, eu tive que ser mais cuidadoso, tive que ter uma progressão pedagógica muito mais definida com as crianças, o que não aconteceria se eu tivesse começado já com os profissionais.

Em que medida então essa influência se deu em sua formação?

De conhecimento, há um detalhamento no progresso, são setores, você não pode queimar etapas, e o que acontece exatamente, principalmente no futebol que é a minha área, no treinamento esportivo, acontece isso também, mas no futebol, mais especificamente, é de que esses detalhes, essas fases são puladas, então quando você pula as fases você fica com um profissional incompleto, falta um detalhamento em alguma parte dele que isso vai acontecer quando ele for profissional. Existem profissionais no futebol trabalhando, que são incompletos, acha que eles foram mal trabalhados, não por culpa deles. Agora mesmo a gente vê uma declaração do Jean, jogador profissional do Flamengo, que ele acha que essa deficiência que ele tem da finalização, vem da parte de formação dele, o que

pode ser verdade e pode não ser verdade, é obvio que você pode corrigir isso, vai ter mais trabalho agora. Desentortar o que está torto é muito mais difícil do que manter reto o que está reto, mas há como corrigir.

Dentro de sua vivência e experiência, qual a sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

O esporte tem três fases dele, três segmentos que você tem que cuidar, é o esporte como educação, é o esporte como socialização e o esporte de alto nível. Então se você vê o esporte nesses três segmentos, você identifica as áreas de atuação de cada segmento da sociedade, que seria o projeto esporte em termos de Brasil de educação, de você educar através do esporte, que ele saiba que regras foram feitas para serem obedecidas, que é a regra não é para punir, mas antes de tudo para dar o direito a quem faz as coisas de forma correta, não ser prejudicado na sua execução, eu digo sempre nessa parte educacional que a gente pode ensinar que o guarda está lá e te multa quando você avança o sinal, não é porque ele não gosta de você, é para preservar o direito de quem está com o sinal verde passar sem ser abalroado, sem sofrer um acidente. O esporte dá essa noção de educação, o esporte na parte de socialização é obrigação de entidades, de governos municipais, ele tem que trabalhar dentro das comunidades, para que as pessoas aprendam a dividir o mesmo espaço, dividir e conviver com as mesmas dificuldades e depois então você tem o esporte de competição, que aí então você trabalha com a exceção e não com a regra. A educação é com regra, a socialização é com regra. O esporte de alto rendimento é com a exceção, são os melhores, aquele que nasceu com aquele dom para praticar natação, futebol, basquete, voleibol e aí já é parte das confederações, já é parte das federações, já é parte dos clubes.

Como você vê a evolução do esporte?

Com preocupação, eu acho que a gente fala muito agora em exceção, a gente não fala nos dois segmentos anteriores que precedem a essa exceção, porque na parte de desenvolvimento da criança como um atleta e não como um jogador de

futebol, um jogador de voleibol, um praticante de natação, você tem que ver a parte de formação geral dele, e essa parte está sendo queimada, a gente já está vendo crianças com 7 anos já definindo qual é o esporte que ele vai praticar e já praticando esse esporte com exercícios de coordenação específica, de gestos específicos, e isso tem uma deformação na sua formação geral, então eu vejo com muita preocupação essa falta de uma política esportiva no país, em que você se preocupa primeiro com a formação geral do atleta e depois então você vai fazer a identificação dele pelo esporte, qual é o talento que ele tem, em qual esporte ele vai se encaixar, então nós precisamos rapidamente definir uma política esportiva no país.

Na sua compreensão, o que é ser técnico de futebol?

Eu tenho uma definição toda minha, o técnico é aquela pessoa capaz de fazer com que o atleta produza cem por cento da capacidade que ele tem para produzir aquele esporte, ele sabe que tem, mas não consegue produzir cem por cento, então você tem que fazê-lo produzir cem por cento, e você tem que fazer com que ele produza cem por cento daquilo que ele não sabe de que é capaz, e você com a sua capacidade de ver o futuro, de você identificar o potencial de um atleta, você descobre que ele pode fazer e ele nem sabe. E aí você estimula e faz com que ele produza cem por cento do que ele já sabia, do que ele não sabia, se sinta produtivo, feliz e realizado. Eu acho que essa é a função do treinador.

Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Primeiro que ele tenha experiência e noção do esporte que ele vai ensinar, daí eu defender que ex-jogadores, ex-nadadores, possam ser treinadores, eu só não concordo com que eles saiam da prática para a teoria sem ter passado por essa teoria, porque eu sou um treinador de muito de teorização, não é só prática, você tem que teorizar, você tem que ter capacidade para teorizar e aí só o que te dá são os estudos acadêmicos, isso é que vai te dar teoria. Então eu acho que a teoria sem a prática cai no vazio, e a prática sem a teoria, ela pode ser algo burro,

ela pode ser algo que atrapalha, algo que deteriore grandes talentos, então eu não sou a favor de uma coisa só, nem de outra, eu sou a favor do casamento, que se pegue o ex-atleta e que se dê uma formação para ele, uma teorização e se pegue as pessoas que estão saindo de universidades com conhecimento teórico que se dêem estágios para eles, que já não se dê a possibilidade de logo pegar e ser dirigente de um time, que ele faça os estágios e com esses estágios ele adquira a prática e que quem tem a prática possa adquirir a teoria com os cursos, ensinamentos acadêmicos regulamentados e sistematizados. Então o curso que você dá para um estudante de Educação Física não é o mesmo curso que você tem que dar para um ex-atleta. Então eu acho que há que se sentar, estabelecer uma sistematização para essas coisas tão diferentes, porque quando você é um ex-atleta e teve oportunidade de sentar nos bancos é óbvio que você vai se tornar melhor.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

Primeiro ele tem que ter talento. É a primeira coisa que se pede, eu me lembro até de um curso que eu fiz uma vez e o treinador colocou as onze posições e começou a pedir características da posição. Aí o cara começou a dizer, não aqui tem que ser um jogador veloz, aqui tem que ser um jogador inteligente, aí ele começou a botar na posição, jogador alto ele botou um jogador de basquete, jogador rápido ele botou um velocista de cem metros. Aí o pessoal começou, não é por aí; bom, então a primeira coisa tem que ser talento, se tem talento, potencial para jogar aquilo, tem, então já é meio caminho andado. Depois então ele vai ter que saber primeiro lidar com uma série de fatores, primeiro ele vai ter que aprender a lidar com os medos dele, isso a gente sabe que todos nós temos medo, a diferença entre um ganhador e o perdedor é que o ganhador sabe lidar muito bem com os medos dele, administra bem e o perdedor não administra bem os medos dele, e depois ter capacidade de suportar e pagar o preço que aquele esporte cobra, se você vai fazer natação, quantas horas por dia você vai ter que trabalhar? Então é um trabalho muito árduo, você vai passar às vezes 10 horas

em uma piscina e esse treinamento dividido em partes diferentes, então é a capacidade e a disposição de você pagar o preço que aquilo te pede. Se você for jogar futebol, você vai perder sábado, domingo, feriados, nós somos quase que um camarada que trabalha numa boate. Nós trabalhamos enquanto os outros se divertem. Então nós temos que ter essa capacidade de pagar esse preço, e depois você ter o objetivo, eu acho que esse objetivo tem que traçar o que você quer da sua vida. Sonhar, sem sonhar você não tem o oxigênio, então eu acho que somando essas coisas todas você definir bem o perfil de um campeão. Tem que ter o potencial, que ele esteja disposto a pagar o preço, que ele saiba que tem o sacrifício ali e que ele tenha um sonho, que ele queira aquilo. Porque tem muitos aí que tem o potencial, que estão dispostos a pagar aquele preço, mas ele não sabe o que quer, o que querem, quando você não sabe o que quer é muito difícil você chegar em algum lugar, porque você fica que nem um isopor dentro d'água, você vai de acordo com a onda e aí você não é uma pessoa, você é um transeunte nessa vida aqui, sem saber o que você quer dela.

Essas competências devem se desenvolver de que forma?

Elas têm que ser direcionadas, porque todo mundo quer o melhor pra si mas não sabe como realizar, eu acho que tem que ter alguém que ponha ordem na casa sempre, então aí entra a figura do treinador, entra a figura do diretor técnico de um projeto, em que ele traça a filosofia e que ele traça o planejamento, que ele cobre a execução desse planejamento, ele que cobre as metas que devem ser atingidas, então essa potencialidade tem que ser direcionada, porque a pessoa por si só não vai saber, mas ela pode aprender, e aí você vai mostrando para ela o caminho e ela vai se auto descobrindo e se auto descobrindo ela começa a fazer as coisas até por si mesmo. No futebol é meio difícil o atleta, o jogador de futebol fazer por si mesmo, você tem que estar sempre conduzindo, estar sempre estimulando. Porque no futebol você não diz para ele, olha, hoje nós vamos fazer cem chutes a gol, trezentos cruzamentos, vamos fazer tantas voltas, vamos treinar tanto tempo, vamos defender, não, você tem que estar estimulando, já é cultura do futebol, outros esportes já são esportes mais retilíneos, que você dá certas tarefas e eles

fazem isso sem estar interagindo com outros. O futebol tem a parte de interação entre a comissão técnica e o atleta tem que ser muito desenvolvida, você tem que estar estimulando, tem que estar interagindo com ele o tempo todo.

Como que você entende que deve ser a relação de técnico e atleta?

Eu acho que tem que ser de pai para filho, agora pai para filho daquele que o pai sempre faz o reforço do aprendizado quando o filho cumpre com o seu dever, que ele estimula e parabeniza, que tem palavras de elogios, mas aquele pai também que cobra, que quando filho é reincidente que ele pune também, então tem que ser bem claro, o filho tem que saber quando acerta e tem que saber quando erra. O pai não tem que ser aquele que grita o tempo todo, não tem que ser aquele pai que fala o tempo todo baixinho, ele tem que ter uma variação da forma de falar com o filho para que o filho não caia na rotina, sempre levo bronca do meu pai, ou também eu sempre levo elogios do meu pai. Então não é isso, porque nem todo mundo acerta o tempo todo e nem todo mundo erra o tempo todo, então essa alternância que você faz em termos de tom de voz, de força na cobrança, e é na cobrança e no elogio que faz ele saber a diferença dele, se ele está certo, se está errado, se está no caminho. Eu me lembro até uma época em que eu trabalhei como gerente do Flamengo, e eu tinha um jogador, em que o jogador passou muito tempo absolutamente em que não se ouvia falar dele, de repente ele começou a dar alterações, e o treinador veio reclamar comigo. Eu disse para ele, claro, ele passou muito tempo fazendo as coisas certas e jamais ouviu a sua voz, você jamais elogiou, jamais parabenizou ele, jamais estimulou a ele continuar a fazer as coisas na frente dos outros, óbvio que ele chamou a sua atenção, porque você falava com os outros e não dava atenção para ele, todo ser humano tem uma necessidade, tem uma carência, de receber atenção, de ser estimulado, e alguns até por vaidade, então o treinador só lembrou dele quando ele começou a fazer as coisas erradas, ele passou a fazer para chamar a atenção do treinador. Nós mesmos adultos às vezes agimos como crianças, precisamos de uma atenção e aí vamos chamar a atenção fazendo alguma coisa errada.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

É uma relação muito complicada, ela é muito complicada porque o Brasil... ele tem projetos com início e fim, ele não tem projetos com meio. Lançam cada projetos maravilhosos no Brasil, principalmente, eu falo da minha área, futebol, vamos fazer um projeto de longo prazo, trabalhar uma geração de ouro, daqui a quatro, cinco anos e na quinta derrota você já está demitido. Eu me lembro uma vez que o Santos foi me contratar e o dirigente falou, você tem o perfil que nós queremos, você sabe trabalhar com os jovens e nós estamos querendo fazer uma reformulação e eu disse “que ótimo, esse é o meu perfil, eu só não sei se esse é o seu perfil, vamos ver se é o seu perfil. Na quinta rodada do Campeonato Paulista eu perdi os cinco jogos, eu ainda sou seu treinador?” Aí ele disse “mas aí é muito difícil, porque a torcida vai cobrar”, então eu disse, “você não tem o perfil que eu quero, nós vamos ter início e não vamos ter o meio”, não aceitei o convite dele. Então esse relacionamento difícil porque você não sabe até onde ele está contigo, então, ele está contigo nas vitórias, ele está contigo nas derrotas? Então é difícil você saber, o treinador passa a ser uma figura muito solitária, muito solitária, até mesmo em termos do que eles andam fazendo atualmente, de manter as comissões técnicas e só contratar o treinador e o assistente, o que eu não sou contra, eu acho que tem uma certa lógica, porque você tem um desenvolvimento do trabalho com os atletas, você não quebra todo o relacionamento dos atletas, mas tem esse problema de cumplicidade. O treinador passa a ficar realmente sozinho, porque a comissão técnica sabe que as vitórias são de todos e as derrotas ficam sendo só do treinador e o assistente que assumiu. Então essa falta de cumplicidade, de insegurança que dá ao treinador é ruim, então o relacionamento com o dirigente fica prejudicado também. Alguns dirigentes usam até essa estruturação que eles estão dando, essa segurança que eles dão a alguns membros da comissão técnica, alguns profissionais, utilizam isso até para terem mais informações, eles ficam mais íntimos da comissão técnica e isso eles conseguem ter informações do que está acontecendo, então usam isso de uma forma negativa.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com a Ciência do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma comissão técnica?

Tem que ser multidisciplinar, exatamente como nós fizemos na Seleção Feminina agora, que nós tratávamos o atleta como um pilar, com três pilares, uma estrutura com três pilares. Ele é físico, ele é psíquico e ele é espiritual. E nesse físico você tem que tratar de tudo que você pode imaginar, agora nós tínhamos ginecologista, nós tínhamos oftalmologista, nós tínhamos dentista, nós tínhamos cardiologista, nós tínhamos ortopedistas, nós tínhamos a nutricionista, nós tínhamos duas fisioterapeutas, uma de recuperação, a outra de produção, uma de estruturação postural, preparador físico, fisiologista, o técnico, assistente, roupeiro, massagista. Completa, uma comissão técnica completa e que a atleta seja cercada de todos os cuidados e cercada de todas as observações e que ela entre dentro de campo e possa produzir, ela não tem que pensar em absolutamente mais nada, ela tem que entrar lá dentro de campo e produzir, e que ela ou ele saiba de que tudo foi cuidado, que tudo foi cuidado, que nada ficou faltando, então ela pode ir com confiança. Além disso, tem uma estrutura administrativa de que ela sabe que se ela tiver uma contusão ela vai ter todo o apoio, ela vai ser recuperada, vai continuar recebendo, vai continuar dentro dos planos da comissão. Então onde você dá essa estabilidade o atleta pensa só em jogar e joga bem.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros destas diferentes áreas de especialidades da comissão técnica?

Primeiro eles precisam entender que a cabeça que rola primeiro é o treinador ali. Então quem manda é ele mesmo, e ele tem que entender que não é porque ele mande que só ele está correto. Ele às vezes não é, ele não pode entender de tudo, ele não sabe de tudo. Agora esse é grande segredo, apesar de não entender de tudo, você saber escolher as pessoas e saber administrar essas diferenças de personalidades, de conhecimentos, essa multiplicidade de conhecimentos ali, porque quem sabe lidar com a informação tem o poder, então o grande segredo do treinador é saber lidar com essas informações todas.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

A mais séria possível e profissional, porque os dois tem que entender que os dois são importantes, quem tem a informação é o treinador, a imprensa precisa do treinador, mas é a imprensa que promove o treinador e valoriza ele, seus contratos e suas possibilidades. Então tem que ser uma troca com muito respeito e muito profissionalismo.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Hoje em dia o sistema profissional exige o seu marketing, então nós temos que entender que tanto o jogador profissional como o treinador tem obrigações com isso. Você hoje em dia não vive só do seu trabalho que você realiza, você é fruto da sua imagem. Então a imagem é importante, você tem que saber que para essa imagem ser mais valorizada. Você tem que entender que existe um marketing por trás disso. Agora você também não pode viver só de marketing, você tem que viver de trabalho mesmo, não se pode confundir. As coisas se casam, mas uma coisa não sobrepõe a outra, uma não é mais importante do que a outra, mas tem que viver pacificamente.

Nos jogos coletivos o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional, na sua opinião ao que se deve?

O jeito brasileiro de ser. Os jogos coletivos não são linhas retas, os jogos coletivos você tem que usar a improvisação, a criatividade, e ninguém é mais criativo... o jeitinho brasileiro é muito bom nessas coisas e é ruim nas outras, porque nós damos jeitinho em tudo. As leis no Brasil não são leis que são retas, são leis que existem jeitinhos nelas, então quem tem mais criatividade... Às vezes quem tem mais poder, quem tem mais bala na agulha, como se diz, está fora dessa lei. E o esporte coletivo é isso, é jeito mesmo, é esporte de burlar. No futebol você tem que burlar a atenção, você tem que burlar o esquema que o outro montou. No voleibol você tem que burlar o bloqueio, no basquetebol você tem que burlar com a finta, a marcação, no futebol é a mesma coisa, então o Brasil, o brasileiro nasce

aprendendo a burlar e burla tudo, ele burla até a falta de esperança que tem aqui, ele burla a falta de comida, ele burla a falta de teto, então eu acho que o grande jeitinho do brasileiro em burlar, ajuda ele no esporte coletivo. Mas a gente gostaria que isso fosse uma coisa positiva e não uma coisa negativa como a gente sabe que é.

Entrevista 7

Você dirigiu categorias de iniciação e formação até juvenil?

Eu fazia, quando eu cheguei na Itália e comecei a dirigir eu treinava também as equipes de base daquela mesma equipe, desde o mini voleibol, eu supervisionava, eventualmente treinava o mini voleibol, ou seja, 2 contra 2, 3 contra 3, 4 contra 4, que é a parte de iniciação na Itália, e tinha uma equipe B que é um misto, não é por idade, é um misto de infantis e juvenis e algumas veteranas pinçadas ali, é uma quarta categoria, não é por idade, mas enfim, por competência, seria a 4ª. categoria do Campeonato italiano, ali eu dirigi. E no Projeto Rexona, no Paraná, nós temos além da equipe principal nós temos as categorias de iniciação, nós criamos uma categoria chamada baby vôlei, que é menorzinho, vai até o voleibol propriamente dito, desde 2 x 2 nós vamos até o 6 x 6 evoluindo, dali também eu ministrava aula, eventualmente, como supervisor, 7 anos que eu passei em Curitiba, mas eu nunca dirigi uma equipe infante ou uma equipe juvenil, a única menor foi essa equipe B2 do Campeonato Italiano.

Dentro da sua vivência e experiência qual a sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

Eu vejo o esporte principalmente como uma atividade realmente que requer um empenho, um envolvimento físico, mas fundamentalmente eu acredito muito nos valores que o esporte pode nos ensinar, certamente no espaço de alguma forma, ou se a gente não aprende, pelo menos passa pela gente, quer dizer, não sabem como aproveitar isso, então no nosso caso especificamente, quando eu falo do voleibol, o fenômeno voleibol, para especificar a minha área de atuação, a nossa área de atuação, eu vejo que por ser esporte eminentemente coletivo, eu considero o mais coletivo dos esportes coletivos, eu acho que há coisas que são, valores que podem ser muito educativos, nesse fenômeno todo. Você saber trabalhar em equipe, respeitar as normas que um trabalho em equipe requer desenvolver a capacidade de liderança, num trabalho em conjunto é importante que você tenha liderança, tudo isso para mim compõe o fenômeno esporte, não

vejo o esporte apenas como resultado esportivo, você ganha ou você perde, no caso do voleibol não tem nem empate, eu vejo como muito mais do que isso, então quando eu inicio um trabalho, antes de qualquer coisa eu quero é formar um grande grupo, claro que a gente quer ganhar, é o objetivo final, mas eu acho que você só ganha se você tiver isso, com consistência, você pode ganhar eventualmente não tendo um grande grupo, mas tendo alguns talentos, mas eu digo a você que para ganhar com consistência tem que ter grandes grupos, grandes grupos absolutamente comprometidos, cúmplices de um projeto, as pessoas tem que estar todas elas envolvidas, numa mesma sintonia de esforço, eu acho que o fenômeno esporte passa uma coisa muito importante que é disciplina, trabalho, ninguém é bem sucedido se não tiver por trás dele uma base de trabalho, de dedicação importante; você pode não ter o maior talento do mundo, e no esporte muitos que não tem vencem, mas vencem porque trabalham muito, são muito dedicados, perseverantes, eu acho que isso é uma lição que o esporte o tempo todo está nos passando.

Como você vê a evolução do esporte?

Vejo principalmente no esporte de alto rendimento se tornou uma coisa um pouco mercantil, é obvio, você tem envolvimento de dinheiro, então muitas vezes as pessoas se afastam dos valores principais do esporte, valores essenciais do esporte, eu acho isso muito ruim. É claro que você poder viver do esporte é muito bom, mas eu acho que você não pode viver do esporte e esquecer a essência dele, porque senão você acaba entrando em uma trajetória errada e você acaba perdendo, você pode ganhar algum dinheiro, mas deve perder muitas coisas e não deve ganhar dinheiro por muito tempo, se você esquece a essência da base que te leva aquela condição. Eu espero que o esporte de uma forma geral, é claro, que ele traga e possibilite uma remuneração, que ele seja um meio de vida, mas fundamentalmente que ele não deixe de passar os valores essenciais, enfim, de continuar trabalhando as pessoas antes de qualquer coisa, não é só trabalhar atletas, trabalhar pessoas, eu acho que no esporte você tem uma boa opção de trabalhar pessoas que em nenhuma outra atividade você tem, você lida com elas

no esforço físico, no dia a dia, são coisas que você vive, o esporte te faz essa coisa de conviver muito mais intensamente com as pessoas do que numa outra atividade empresarial, numa empresa você trabalha de 9 às 5, aqui você fica 6 meses, 8 meses convivendo, vivendo, então são atividades diferentes que o esporte trás.

Na sua compreensão, o que é ser técnico da sua modalidade?

Ser técnico de voleibol, fundamentalmente é o seguinte, numa forma mais nua e crua, é extrair das pessoas, dos atletas, no caso, o que de melhor eles tem a dar. Essa é a nossa função essencial. Como? Aí nós vamos trabalhar, nós vamos ver, os que são mais capazes, menos capazes, uma estratégia com uma pessoa dá certo, com outra não dá, então ai você tem que desenvolver os seus instrumentos de trabalho, você tem que desenvolver a sua capacidade de gestão, mas fundamentalmente é você dar as condições para que você possa extrair delas o melhor possível. Ah, mas os treinadores são muito duros, exigentes, mas para ser exigente há duas condições, de trabalho, de saúde, quer que seja, a gente possa exigir, eu acho que as pessoas estão no mundo para usufruir do seu potencial, de uma certa forma, um técnico de esporte é um cara que tenta fazer com que as pessoas usem todo o seu potencial aí no âmbito esportivo, mas também no âmbito humano, eu não quero apenas ter um atleta que jogue porque quer ganhar e jogar e não se importa com os outros, até porque eu acho que ele não vai ganhar consistentemente, não vai fazer muito tempo parte de um grupo se ele não também cultivar esses valores humanos que eu acho que são importantes na formação de um grande time.

Para você, quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Fundamentalmente, primeiro, conhecer um pouco sobre gestão de pessoas, desenvolver essa capacidade, você pode ler a respeito, com certeza, deve ler, mas deve antes de qualquer coisa, se avaliar constantemente, ver as experiências que estão à sua volta, tem treinadores que lidam com jovens ou com menos

jovens ou com atletas seguras ou mais inseguras, com atletas que gostam de ser desafiadas, aquelas que precisam ter a sua auto estima melhorada, tudo isso é uma avaliação constante, é um estudo permanente que o treinador tem que fazer, eu vejo que fundamentalmente isso é a essência, depois obviamente conhecer os instrumentos técnicos da sua profissão, que são as questões dos fundamentos, as estratégias possíveis ou não, para mais uma vez poder extrair delas ou deles, atletas, o melhor que eles tenham a dar, você tem que realmente trabalhar os fundamentos que são a base do nosso esporte para que depois então você possa utilizá-los numa certa estratégia que você monte para aquela equipe, não existe uma estratégia estabelecida, a melhor estratégia, você monta uma estratégia para um determinado tipo de time, não existe uma melhor para todos os times, não, eu tenho esse grupo eu acho que essa aqui é melhor para esse tipo de grupo, então é lógico que você vai montar uma estratégia, então fundamentalmente eu acho que essa é a nossa função e esses são os nossos atributos para que a gente possa trabalhar bem.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade voleibol deve manifestar?

Claro que tem que algumas avaliações físicas que são essenciais, no caso de uma certa destreza motora, você tem que desenvolver isso, se ela não tiver nenhuma média, média alta, senão no alto nível você não chega, então algumas valências essenciais, alguns talentos especiais, de constituição física, desenvolver alguma coisa não só técnica, é um esporte de bola então você tem que ter afinidade com a bola, tem seres, tem pessoas que não tem, que a bola não é ... um ser de água, então é uma coisa diferente, então eu acho que essas condições naturais são importantes, não que tenha que ser um super talento, não que ele tenha que ter um biotipo super especial, mas tem que ter uma base, senão o técnico vai ter que fazer milagre, não vai fazer milagre nenhum, ele simplesmente vai desenvolver aquilo que aquela pessoa tem, a partir daí você começa a avaliar aquilo que é mais importante. Eu por exemplo digo sempre, eu quero ter no meu time um “team player”, um jogador de equipe, jogadores de equipe, não adianta o

cara ter talento, mas ser aquele cara que eventualmente vai ter que decidir uma partida e não vai poder se perder um campeonato porque ele vai atrapalhar a dinâmica do grupo. O grande jogador é aquele que faz com que o grupo jogue bem, então esse tipo de jogador que a gente quer ter, o talento que faça com que o seu time jogue, a personalidade forte, marcante, exige que você possua uma postura de autoconfiança postura de personalidade, para você desenvolver esse tipo de situação é importante para um jogador de voleibol porque você lida o tempo todo com situações de stress, ponto não ponto, decisão, não decisão, se errar é ponto, então essas questões todas é que tem que desenvolver essa questão da autoconfiança, são pessoas que no geral tem essas tendências de terem determinadas características de autoconfiança, de auto estima, capacidade não apenas de reação física, de adaptações físicas, biológicas, mas também de mentalmente ter essa capacidade de avaliar essas situações porque o jogo de voleibol é um jogo muito dinâmico, portanto ter essa capacidade de percepção, de avaliação, de análise, eu acho que isso é muito importante. Isso é uma coisa que também é trabalhada, com certeza, mas você tem que ter um mínimo de capacidade nesses quesitos todos aí.

Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Fundamentalmente com exercícios. Nós podemos falar, nós podemos conversar, às vezes é importante que se fale, que se converse, mas às vezes, porque o nosso divã, onde você avalia as pessoas e conhece é a quadra, pode ser a quadra, pode ser a sala de musculação, ou seja o nosso habitat de trabalho, e ali que você realmente vai conhecer as pessoas, onde elas vão dar mais ou menos, onde elas podem chegar ou não, é ali que a gente tem que desenvolver isso tudo, portanto eu acho que fundamentalmente que a gente tem que fazer é desenvolver através da dinâmica do trabalho essas valências, se você tem que criar exercícios para desenvolver a concentração das pessoas, vai fazer uma seqüência de trabalho que desenvolvam essa capacidade de concentração e que elas não se desliguem porque, no caso do feminino, onde há “rallyes” longos é importante uma concentração elevada, que você possa continuar avaliando, avaliando para

que não se desligue depois de uma certa fração da jogada, então essa concentração eu acho que é fundamental você estar o tempo todo desenvolvendo através de exercícios. Há uma jogadora que está com a auto-estima baixa, você fazer exercícios que propiciem a ela a execução com sucesso, porque aí ela vai se sentir confiante, a jogadora que está se sentindo extremamente confiante, uma auto confiança excessiva, na minha opinião, você tem que mostrar a ela, ou seja, vou propor exercícios a ela onde ela começa a não ter muito sucesso que ela se sinta insegura, pra que ela veja que ela tem que trabalhar para ela poder passar por essas barreiras, quando ela começa a dizer, não preciso mais porque já cheguei, então é o excesso de confiança, então essas coisas todas nós temos que trabalhar e avaliar no dia a dia. Eu não conheço outra forma de você desenvolver as pessoas que não seja através de um trabalho metódico, diário, insistente, não há outra forma de você fazer com que elas se desenvolvam.

Como você entende que deve ser a relação entre o técnico e o atleta?

Antes de qualquer coisa uma relação de confiança, qualquer relação é pautada na confiança, você pode ser exigente, menos exigente, se não houver confiança não há como essa relação florescer, frutificar, dar em alguma coisa. Eu acho que ser entendido através dessa confiança, que a função do treinador é uma função de exigência, portanto, muitas vezes o treinador pode ser mal compreendido, porque ele vê o potencial, ele vê mais potencial no seu atleta do que o próprio atleta imagina que tenha, no caso se ele queira tirar mais. Sabemos que essa relação nem sempre será, diria, tranqüila, ela vai ter os seus altos e baixos, mas você não pode perder nunca essa base da confiança. Eu acho que ela tem que ser uma relação transparente, se você está chateado porque acha que fez de menos e ela acha que você fez demais, tem que ter transparência, a consciência de que há uma relação, vamos chegar a um denominador comum para que a gente possa continuar trabalhando. O dia, eu acho que a atleta nota que o treinador mostra uma artificialidade qualquer, uma coisa que não seja essencialmente natural sua, transparente, ela vai perder essa confiança que é a base de qualquer coisa. Podemos ter mil formas de nos relacionar, mas fundamentalmente tem que ser

uma relação de confiança, uma relação de parceria. Já sabemos tudo e vamos injetar informações, não, a gente tem que ouvir também, isso é que são as barricadas, realizando as coisas que nós estamos propondo, nós temos também que aprender com elas, nos adaptarmos, moldarmos novas estratégias, para que a gente possa dar confiança e dar credibilidade ao nosso trabalho.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e dirigente?

Eu acho que deve ser, obviamente, também pautado na confiança, mas os dirigentes têm que ser, assim como o treinador tem que ser o instrumento, o viabilizador. O que é a palavra coach? É aquele que viabiliza, que mostra o caminho, que é o que o treinador tem que fazer com as suas atletas. A relação treinador/dirigente é um pouco diferente, o treinador vai mostrar ao dirigente aquilo que são as suas necessidades para desenvolver um trabalho técnico, aquilo que ele necessita. Cabe ao dirigente viabilizar esses meios para que o trabalho técnico seja feito. Fundamentalmente essas são as funções, ele como viabilizador da estrutura para que o trabalho seja realizado pelo técnico. Se ele é um técnico que é apenas técnico, de uma forma geral os técnicos se tornam dirigentes, fazem tudo, batem córner, cabeceiam, ele perde a sua essência apenas como treinador, ele se torna um pouco um faz tudo que é, e em torno das carências que nós temos isso é muito comum. Não pense que é só nas divisões de base, até na seleção brasileira acontece. Mas fundamentalmente isso seria, na minha opinião, a relação essencial, ideal, o técnico mostrando a necessidade, o que é necessário para que o trabalho técnico seja feito da melhor maneira possível e o dirigente tentando viabilizar aquelas condições, eu acho que isso seria o essencial.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com a Ciência dos Esportes, como você entende que deve ser estruturada uma Comissão Técnica?

Acho que nós temos que ter alguém da parte administrativa, quer dizer, um dirigente que cuida da parte burocrática, viagens, horários, material, então, aquele dirigente que tem às vezes um assistente que possa tocar o dia a dia, um faz tudo, que está ali montando e monitorando as questões materiais do trabalho, esse

dirigente é aquele que programa isso. Um treinador principal, que é o treinador, que é o “head coach”, o treinador chefe da história, que vai comandar essa equipe multidisciplinar, que é aquele que pensa a estratégia, que delega funções em termos de treinamentos técnicos e estratégicos. Eu utilizo sempre dois auxiliares, que são dois técnicos, vira um triunvirato, não tem, é o head coach, se tivermos um impasse a decisão cabe ao “head coach”, mas tentamos trabalhar buscando o consenso em nossas funções e mesmo em nossas divergências, se pudermos ter mais, melhor, porque você pode com isso especificar, você, enfim, focar mais o trabalho de cada treinador, o “head coach” aqui e os treinadores que ele vai se concentrar e focar o trabalho dele na administração do jogo. Se você tem um cara que só pensa na relação bloqueio/defesa, um cara que só pensa no desenvolvimento técnico dos jogadores, no que diz respeito a passe, saque, técnica de que nós estamos falando, se tem alguém que trabalhe só com os levantadores, que é um pouco o distribuidor do sistema ofensivo todo, seria o ideal, seria como o futebol americano uma equipe pensando só naquilo e passando as informações, trocando com aquele que administra isso e coloca essas condições todas juntas. Um preparador físico que pensa única e exclusivamente no desenvolvimento físico do trabalho, isso aí nós na seleção temos uma fortuna de ter um grande preparador, a sorte de ter um grande treinador, não só um grande preparador, que é um cara estudioso, que se envolve, enfim, e é uma pessoa que está intimamente ligada ao trabalho técnico, o trabalho físico não é um trabalho dissociado do trabalho técnico, ele é extremamente coligado, totalmente com o trabalho técnico, é um trabalho de força, é um trabalho de velocidade, é um trabalho que é voltado para o desenvolvimento técnico, isso para que a execução do técnico seja a melhor possível. Um fisioterapeuta, que é fundamental no esporte de impacto como o nosso, esteja “full time”, pensando, reiterando, trabalhando, prevenindo que é a coisa mais importante nos dias de hoje, um médico, obviamente, a estatística, um ou uma equipe que possa filmar e com isso ter o máximo de dados possíveis do seu adversário e do próprio desenvolvimento dos programas do nosso time também, que possa nos dar essas informações, fundamentalmente é isso. Agora os jogadores também estão

querendo um massagista, mas eu não vejo isso como uma coisa de luxo não, isso é uma coisa muito importante em competições muito estressantes, um massagista, não apenas um fisioterapeuta, aquele que tenha a noção onde é a massagem, é uma coisa relaxante para os jogadores que vivem sob stress, jogam jogos seguidos, sucessivos, podem ajudá-los a relaxar, dormir e tal, eu acho que isso é uma coisa importante, que seria um pouco na área de fisioterapia, digamos assim, outra pessoa que tivesse mais essa capacidade.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros dessas diferentes áreas de especialidade da Comissão Técnica?

Um contato estreito, o mais estreito possível, tem que estar o tempo todo trocando informações, sabendo o que está acontecendo ali, reprogramando e reprogramando as coisas em função das informações que são diversas áreas que passam, e tem que ter atenção porque há um problema sendo detectado, vamos diminuir a carga de trabalho aqui, vamos por aqui, com isso eu posso montar, então as jogadoras começam a sentir um pouco um problema qualquer de joelho, então nós vamos coloca-la em cima de um plinto para que ela possa trabalhar o braço dela, ou seja, buscar subterfúgios que minimizem o dano da repetição, são determinadas lesões que estejam acontecendo, se manifestando, mas continuar o trabalho, com os treinadores essa troca constante sobre as carências da equipe, onde a equipe cresceu ou não, individual ou coletivo, então é fundamental, com o preparador físico é a mesma coisa, não apenas a delegação que delegue e faça não, há uma integração constante. O treinador não é aquele que delega e vai então para um posto de comando, subir a montanha e ficar assistindo tudo, tem que estar envolvido em todas as diversas ações, as diversas áreas de atuação, trocando idéias, dando informações, dando referências e ter também essas informações, que ele possa traçar o quadro, o marco, o quadro inteiro dessa situação dessa equipe toda.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Eu vejo a imprensa como, infelizmente no Brasil, a imprensa é aquela que quer nos fazer crer que nós somos os melhores do que nós somos quando ganhamos. Nós não somos tão bons. E pior do que nós somos quando perdemos. Nós não somos tão ruins. Estamos no meio do caminho, mas é um pouco a cultura. Infelizmente, na minha opinião, a imprensa ela foi contagiada por esse vírus comercial, capitalista, de grana, grana, grana. Você precisa vender, então criam mitos com uma velocidade espantosa e destroem numa velocidade duplamente espantosa. Portanto essa é a função que eles tomaram para si, não deveria ser, mas enfim, mais investigativa no sentido de entender o trabalho como um todo, pesquisar, informativa, eu não vejo dessa maneira. Quantos da imprensa você vê durante um treinamento, durante uma temporada de treinamento. Nada, ninguém. No jogo eles estão ali, para que, para ver o resultado final, independente de tudo aquilo que foi feito, você será avaliado apenas no que eles encontraram ali, na minha opinião isso está errado, então mais uma vez, a relação não deveria ser assim, ela se torna uma coisa meio que defensiva, eu tenho que prestar atenção no meu time para que eu não dê material para que a imprensa acabe jogando de alguma maneira aquilo, ou usando para que se criem fatos inflados, inchados, que gerem polêmica, que é o que eles gostam disso, e é o que vende na opinião deles. E ao mesmo tempo eu tenho que ter uma relação de respeito porque eles cumprem uma função que é importante, que é dar visibilidade ao esporte, para que a gente possa ter patrocinadores, possa enfim expor o nosso trabalho, quer dizer, é uma relação bastante complicada. Deveria ser uma relação muito mais interessante, uma relação muito mais sincera, porque eles vivem do esporte, uma parte dela, nós queremos um esporte melhor, mais maduro, eles contribuindo com esse crescimento, (...) mas uma forma consciente que, com conhecimento de causa, você não pode criticar alguém que você nunca viu, eu acho que..., então começa a fazer, eu acho que essa é uma relação que precisa muito se trabalhar, eu acho que é uma relação atualmente muito imatura, ficar na defensiva na parte desportiva e deles visando buscar temas polêmicos que possam vender.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Essa é uma relação que muitas vezes ela é complicada, porque os técnicos eles se preocupam apenas com a questão da performance da equipe, da atuação, então eu não quero ceder espaço para isso ou para aquilo, não, não pode fazer uma atividade dessa natureza para expor o nome da marca do patrocinador, com o tempo você vai vendo que isso é fundamental, porque vai dando condições para que a gente produza, para que a gente permaneça, enfim que o esporte possa ter a possibilidade de estar acontecendo, e as equipes terem esse patrocínio, enfim, isso é possível, então você tem que dar espaço, é necessário, então o que eu acho é que tem que ter a interação, é o seguinte, o que é importante? É a visibilidade. Sem que você prejudique o que é essencial, que é a performance da equipe. Você não pode ter atividades paralelas que gerem aquilo que é o marketing esportivo, que dá essas séries de ações, de marketing, que isso prejudique o crescimento da equipe, que isso prejudique a performance da equipe, porque a performance é a base de tudo, porque o que vai dar mais visibilidade é o resultado esportivo, depois o trabalho, os astros e as estrelas que você possa ter no time, são importantes que eles sejam vistos, usem a marca, que eles possam dar testemunhal do produto, e isso deve ser bem visto. E nós técnicos também temos que ter a consciência que isso é importante, por mais que possa parecer uma coisa tipo “oba oba”, “puxa, eu não quero”, mas é fundamental que a gente respeite o espaço, que dê esse espaço aos patrocinadores que são os viabilizadores da nossa atividade.

Nos jogos coletivos o Brasil tem alcançado relevantes resultados em âmbito internacional nos últimos anos, na sua opinião, a que se deve?

Eu não vejo outra razão para os resultados virem, a não ser trabalho. Eu acho que investimento em categorias de base, eu acho que tudo isso está melhorando muito, nós já crescemos em relação ao passado. Há um investimento, uma continuidade do trabalho, pode não ser o trabalho ideal ainda, mas já melhorou em relação ao passado, você tem renovações constantes, você tem investimentos em

estrutura de trabalho, você tem uma quantidade maior de onde você tira alguma qualidade. O Brasil foi um país que não apenas se desenvolveu no futebol, mas alguns outros esportes foram ao longo do tempo, mesmo com alguma dificuldade, mas com crescimento, principalmente no caso do voleibol, acho que isso cresceu muito. O voleibol cresceu, cresceu, as duas seleções foram a Olimpíadas não conquistaram medalhas, mas já estão nos Jogos Olímpicos, já é uma conquista, mostra um crescimento. O basquete masculino caiu um pouco, mas já há jovens talentos surgindo, na NBA e em grandes campeonatos, o que demonstra, sinaliza um crescimento futuro, os resultados futuros por vir, eles estão aí crescendo esses jovens. O voleibol já é aquele que vem de uma forma mais consistente porque ele começou esse processo de profissionalização mais cedo, lá atrás, no final dos anos 70 com a ascensão do Nuzmann à frente da Confederação Brasileira, começou a investir, primeiro, na continuidade do trabalho das Comissões Técnicas das Seleções, segundo, nas gerações de base no I Campeonato Mundial Juvenil realizado no Brasil até 17, masculino e feminino, então isso tudo foram investimentos que começaram a dar frutos, a geração de 80 veio em função disso, a geração de prata, como foi chamada, nenhum outro país do mundo por mais jogadores que tenham, tem 3 gerações, no caso do masculino, que obteve tanto sucesso, com a geração de prata, de ouro e agora com essa geração que eu não sei qual é o rótulo que ela vai levar, mas que certamente são momentos importantes dentro de 20 anos. Mais ou menos em 25 anos tivemos 3 gerações aí. Acho que essa última geração, do ano 2000, a que teve o maior ciclo de vitórias, que demonstra que os frutos continuam os mesmos de uma forma mais consistente, agora não pode deixar, “bom agora que chegamos a isso, todas as coisas estão resolvidas e o Brasil agora se tornou imbatível” Não, continuar investindo no trabalho, na busca de novas soluções para problemas que surgem. Podemos melhorar muito. Sem defeitos? Longe disso, mas acho que o voleibol deu um pouco mostras de que o caminho a ser tomado que alguns outros esportes estão tomando, o maior coringa do Brasil não é o esporte coletivo, mas essencialmente coletivo, embora se tenha um trabalho coletivo muito forte de equipe ali, mas deu passos importantes também, vários atletas chegando em

finais olímpicas que nunca tinham acontecido, então há um crescimento de uma forma geral e consistente, é claro que ainda falta muita coisa.

Entrevista 8

O fato de você ter dirigido categoria de iniciação e formação na sua modalidade, na sua opinião, isso teve influencia na sua formação?

Teve e tem influencia até hoje, eu acho que todos os técnicos devem passar por essa experiência, eu acho que é a mais rica que um técnico pode ter na carreira, é extremamente importante porque ele aprende a conviver com uma série de situações e dificuldades, de como você tem que iniciar alguém que nunca tocou numa bola de voleibol, que tem que entender sobre coordenação, como tem que ser a coordenação para um determinado fundamento, a velocidade de reação, enfim, tudo que engloba o que, a dificuldade que o iniciante tem pra depois se tornar um grande jogador de voleibol. Mas... esse fato faz com que o técnico consiga compreender principalmente o âmbito desse sentimento do que é iniciar, quais são as dificuldades que os atletas vão passar pelo esporte durante a vida inteira.

Dentro de sua vivência e experiência qual a sua compreensão sobre o fenômeno esporte?

Eu acho que esse é um fenômeno realmente mundial, eu acho que as pessoas hoje não vivem sem esporte, mas isso é uma coisa que eu dizia quando eu me formei, eu estava me formando em Ed. Física, que a minha mãe não aceitava o fato de eu fazer, de eu partir para essa área, e eu dizia para ela que num espaço de 20 anos ela veria a mudança no comportamento das pessoas em função da necessidade da prática esportiva, do alívio do stress, dos próprios talentos que iam acontecer para a prática do esporte de alto nível, enfim num âmbito geral hoje faz parte do nosso cotidiano e graças a Deus as pessoas se identificam, se transformam e se dão muito quando estão praticando algum esporte ou torcendo por algum esporte, hoje eu acho que nós não saberíamos viver sem a prática esportiva.

Como você vê a evolução do esporte?

Eu acho que a cada minuto, a cada hora se tem uma evolução, pessoas que estudam permanentemente detalhes dentro de áreas esportivas e que não só ajudam o profissional de Ed. Física, mas todos aqueles que participam dentro de uma Comissão Técnica e contribuem para que cada vez mais as performances sejam melhores e mais adequadas aos atletas de alto nível. Então a evolução hoje ela é constante, ela é fato consumado.

Na sua compreensão o que é ser técnico de voleibol?

Bom, primeiro eu acho que é um estado de espírito, é uma coisa que está no sangue, aquilo é uma paixão que nasceu quando eu descobri o vôlei, quando eu me conheci por gente, que eu achei que eu ia praticar uma modalidade, ser técnico de vôlei é amor, é dedicação, é se dar sempre, é estar o tempo todo sintonizado nas atitudes, na postura, na conduta das pessoas, é também além de ensinar a pratica do esporte é tentar sociabilizar e tornar as pessoas que praticam melhores como cidadãos ou cidadãos.

Para você quais os conhecimentos que devem estar presentes no exercício da função de técnico de esporte?

Eu acho que essa é uma pergunta complicada porque, eu acho que eu sou um técnico muito sensível, eu acho não só o conhecimento técnico da modalidade, sobre os fundamentos, a parte física, enfim, técnica, tática, psicológica, mas eu acho que você tem que entender muito de pessoas. Eu acho que isso é o principal hoje para você ser um técnico de alto nível, é os relacionamentos, as percepções, a sensibilidade, então o tempo inteiro falando mais alto, porque o atleta de alto nível hoje ele sabe jogar voleibol, então você lapida um pouco, mas você coloca as suas idéias, mas você tem que saber essas pessoas juntas para um objetivo único que é vencer. Então eu acho que hoje o técnico de alto nível ele mais participa dessa situação de aglutinar, de tentar unir, de tentar melhorar a condição do grupo além de outras coisas, é lógico, mas a atuação dele hoje é muito nesse sentido.

Na sua visão de técnico, quais as competências que o atleta da modalidade deve manifestar?

Primeiro, eu sempre falo que o atleta de voleibol ele vai ser tão bom, bom dependendo do tamanho do seu coração. Porque eu acho que quando você faz a coisa com paixão, com amor, com dedicação, não há como dar errado, e isso depende muito do sentimento do atleta, da vontade dele de querer ser alguma coisa e de querer aprender. Agora, eu admiro muito aquele atleta que além de predestinado ele é corajoso. Eu acho que essa é uma atribuição fundamental nos dias de hoje para você conseguir ter um grande atleta do seu lado e uma grande equipe, então, além de outras, mas essa para mim é fundamental.

Essas competências devem ser desenvolvidas de que forma?

Eu acho que essas competências elas começam, muita coisa eu acho que já vem do interior do indivíduo, quer dizer, uma coisa que já nasce com ele, e isso vai se desenvolvendo, vai melhorando, os professores que ele encontra pelo caminho, as pessoas que ele encontra pelo caminho, os técnicos que ajudam a desenvolver determinadas situações, porque o desenvolver velocidade, ajudar a desenvolver velocidade, flexibilidade, alongamento, enfim, tudo isso tem meio que uma receita para se construir, agora, também o preparador, enfim que tem essas receitas, tem que ter a sensibilidade de como trabalhar as individualidades. E o fato desse trabalho que existe normalmente, mas essas competências que eu acho que mais me preocupam hoje, são essas competências fora de quadra, com relação ao comportamento, conduta, postura, eu acho que isso que o técnico tem que agir, é o que eu sinto que o Brasil hoje está muito carente nesse sentido, eu acho que a gente chega aos títulos a medida que a gente tem essas posturas, principalmente fora das quadras, de cuidados pessoais, com vida pessoal, com a própria imagem, ir se dedicando, porque as coisas não combinam, quer dizer, você não pode ser um atleta de alto nível combinando com noite. Eu acho que é um sacrifício constante, isso depende muito do técnico, das pessoas que estão ao redor, de uma Comissão Técnica, e também na cabeça do atleta, então eu acho que essa

parte é fundamental. O desenvolvimento do esporte em si, ou da preparação física, isso tudo pode se construir, pode se arrumar, mas essas competências fora é que são mais difíceis, mais complicadas.

Como você entende que deve ser a relação entre técnico e atleta?

Eu acho que ela deve ser muito franca, muito aberta, muito direta. Infelizmente muitos atletas ainda não entendem essa, esse tipo de relação, não são diretos, alguns técnicos também não tem uma relação franca, quer dizer, falam uma coisa por trás e outra coisa na frente do atleta e as coisas acabam terminando mal. Mas eu acho que para ser um time vencedor, ele tem que ter uma relação muito aberta, muito franca, direta, rápida e objetiva, principalmente rápida, porque no alto nível, principalmente, não se pode perder tempo.

Como você entende que deva ser a relação do técnico e dirigente?

Também deve ser muito franca, muito direta, e de muito diálogo a respeito do trabalho que está sendo feito, porque eu acho que o grande problema do dirigente no Brasil é de que muitos não entendem da modalidade, não conhecem a fundo, enfim, como ou o que é preparar um atleta, o que é participar de uma Comissão Técnica, o que é participar de uma competição de alto nível, eu acho que quanto mais você puder clarear a cabeça dos dirigentes e ele estar integrado no contexto do grupo, da equipe, mais ele vai entender os porquês se estão fazendo determinadas coisas dentro do trabalho. Então eu acho que por isso que ela tem que ser muito direta e o dirigente dizer realmente aquilo que pensa, aquilo que está vendo, não só estar lá pensando em outras coisas, mas realmente participando direta e efetivamente do trabalho.

Considerando as diferentes áreas envolvidas com as Ciências do Esporte, como você entende que deve ser estruturada uma Comissão Técnica?

Bom, hoje eu acho que nós temos o favorecimento de ter pessoas dirigindo, principalmente a nossa modalidade que é o vôlei, que sabem a importância de uma Comissão Técnica, mesmo que ela seja grande, mas que cada um tem seu

trabalho pré-estabelecido, cada um tem a sua prática dentro da sua especialidade para o bem comum. Então eu acredito que hoje é fundamental que você tenha um preparador físico, até um assistente de preparação física, porque o grupo é grande; que você tenha uma nutricionista, que você tenha uma psicóloga, que você tenha o pessoal da estatística, médico, fisioterapeuta, dois assistentes técnicos que eu acho que são importantes, além do técnico. Eu acho que também são importantes os braços... nós chamamos assim, as pessoas da retaguarda que ajudam no treinamento, que ajuda a movimentação do treinamento, bem como, as pessoas que cuidam da limpeza, enfim tudo, todos tem uma importância muito grande dentro do contexto de uma performance de um time.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e os demais membros dessas áreas diferentes e especialidades da Comissão Técnica?

Eu acho que cada técnico deve coordenar todas essas áreas, mas acho que também o técnico deve dar abertura para esses profissionais possam desenvolver o seu trabalho. Lógico que com reuniões, enfim, rápidas, porque todo mundo está próximo, então tudo facilita esse tipo de ação, para que todo mundo consiga dar o seu “feed back”, para que todos os membros da Comissão Técnica possam trocar opiniões a respeito do que está acontecendo dentro do contexto do time, ou individualmente dentro do grupo, então eu acho que a abertura é total, eu pelo menos gosto de trabalhar assim, não me envolvo nas especialidades, eu acho que é importante que cada um desenvolva o seu trabalho, se me pedirem opinião eu dou, mas o importante eu acho que é você deixar que cada um realmente possa se colocar, possa mostrar o seu valor, possa atender as reivindicações, vamos dizer assim, da Comissão Técnica, dos atletas, dando o seu melhor e também reuniões periódicas, ajudar, se ajudar mutuamente, eu acho que isso é fundamental.

Como você entende que deve ser a relação do técnico e a imprensa?

Eu acho que também de uma confiança grande, eu acho que é importante que a imprensa tenha exatamente o perfil do técnico e que o técnico o perfil da

imprensa, ou seja, lógico que com todo o tempo de trabalho tanto da imprensa, como do treinador, eles aprendem a se conhecer, mas eu acho que quando essa relação é direta, quando essa relação realmente ela é importante, porque o técnico responde o que realmente a imprensa pergunta, não foge das respostas, fica uma relação muito legal. E isso é difícil porque normalmente quem bota a cara nessa relação pública, enfim é que realmente assume as conseqüências ou assume toda a carga, mas acho que é importante porque muitas vezes você consegue que a própria imprensa te ajude no contexto da equipe. E outra coisa importante que eu acho, é que a imprensa está ali para fazer o trabalho dela e você o teu trabalho, então quando você coloca limites e a imprensa sabe desses limites, e que você procura conversar com o pessoal e explicar o que pode e o que não pode, eu não tenho a menor dúvida de que você vai ser respeitado assim como você vai respeitar também o trabalho dos profissionais da imprensa, então essa relação é importante, eles sabem até onde é o limite de um, até onde é o limite do outro, eu acho que aí é uma relação muito boa.

Como você entende que deve ser a relação do técnico com o sistema do marketing esportivo?

Hoje é fundamental. O marketing ele trabalha paralelamente com a equipe, logicamente que muitas vezes há um confronto entre a parte, nós vamos chamar de técnica, relativo à equipe, treinamentos que a equipe tem que fazer, descansos, enfim de resguardos, de alimentação e muitas vezes tem a parte do marketing que você tem que fazer um determinado evento, você tem que participar de um determinado evento em relação ao patrocinador, mas isso tem que ser uma coisa de comum acordo, bem programada, e tem que acontecer, porque hoje um não vive sem o outro. É fundamental você ter essa área de marketing atuando diretamente na promoção da equipe, na promoção da empresa, dos profissionais da empresa e da equipe e essa é a vida que hoje move o mundo esportivo.

Nos jogos coletivos o Brasil tem alcançado relevantes resultados no âmbito internacional nos últimos anos, na sua opinião a que se deve isso?

Eu sempre começo dizendo que primeiro há muitos abnegados do esporte e eu chamo de heróis, que começaram sem condições nenhuma, continuam sem condições nenhuma, continuam trabalhando e sempre aparecendo talentos, gente, enfim o que é muito importante. A outra, logicamente, é o fato de se ter tido um planejamento dentro da nossa área, a partir de 19875 com a criação de uma seleção juvenil permanente, onde se deu o pontapé dentro do Brasil de um treinamento de nove meses, onde nós começamos ali a revelação de vários talentos e aí foi uma coisa que veio em cadeia, nós fomos criando mais possibilidades em condições dentro do Brasil de treinamentos, o intercâmbio internacional foi outra coisa que ajudou muito, porque o parâmetro era lá fora, lá fora nós víamos o que nós estávamos precisando aqui dentro, profissionais que foram fora e que viram e puderam trazer muitas informações e dessas informações os técnicos puderam ter acesso ao trabalho de ponta e aí a gente continuou esse desenvolvimento até os dias de hoje. Mas começou com pessoas que trabalhavam, estudavam e treinavam três vezes por semana, mas amavam o voleibol e se deram, se dedicaram e puderam transmitir para gerações futuras o que era gostar do esporte, o que era ser um jogador, o que era ter talento e o que era aproveitar esse talento para o bem comum.